

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

RAPHAEL MARCO OLIVEIRA CARNEIRO

**DISCURSO LITERÁRIO DE FANTASIA INFANTOJUVENIL: PROPOSTA DE
DESCRIÇÃO TERMINOLÓGICA DIRECIONADA POR *CORPUS***

**UBERLÂNDIA
2016**

RAPHAEL MARCO OLIVEIRA CARNEIRO

**DISCURSO LITERÁRIO DE FANTASIA INFANTOJUVENIL: PROPOSTA DE
DESCRIÇÃO TERMINOLÓGICA DIRECIONADA POR *CORPUS***

Dissertação apresentada à banca examinadora
do Programa de Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos (PPGEL) da Universidade
Federal de Uberlândia (UFU), como requisito
parcial para a obtenção do título de Mestre em
Linguística e Linguística Aplicada.

Área de Concentração: Linguística e
Linguística Aplicada

Linha de Pesquisa 1: Teoria, Descrição e
Análise Linguística

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Fromm

UBERLÂNDIA
2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

C289d Carneiro, Raphael Marco Oliveira, 1992-
2016 Discurso literário de fantasia infantojuvenil : proposta de descrição
terminológica direcionada por corpus / Raphael Marco Oliveira
Carneiro. - 2016.
281 f. : il.

Orientador: Guilherme Fromm.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.
Inclui bibliografia.

1. Linguística - Teses. 2. Linguística de corpus - Teses. 3.
Terminologia - Teses. 4. Literatura infantojuvenil - Vocabulários,
glossários, etc. - Teses. I. Fromm, Guilherme. II. Universidade Federal
de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.
III. Título.

Raphael Marco Oliveira Carneiro

Discurso literário de fantasia infantojuvenil: proposta de descrição terminológica direcionada
por *corpus*

Dissertação aprovada para a obtenção do título
de Mestre em Linguística e Linguística
Aplicada no Programa de Pós-Graduação em
Estudos Linguísticos (PPGEL) da
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
pela banca examinadora formada por:

Uberlândia, 29 de julho de 2016.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Guilherme Fromm – ILEEL/UFU/MG
(orientador)

Prof. Dr. Ariel Novodvorski – ILEEL/UFU/MG

Profa. Dra. Maria José Bocorny Finatto – Instituto de Letras/UFRGS/RS

Esta dedicatória é
dividida em sete partes:
 à minha mãe, pela vida,
 ao meu pai, pela vida também,
 à minha irmã, por fazer dessa
 vida uma grande alegria.
 À minha madrinha,
 por instigar em mim
 o gosto pela leitura.
 Ao meu orientador,
 pelos incentivos constantes.
 À J. K. Rowling,
 pela sua criação.
 E a você que,
 assim como eu,
 esteve com Harry
 até o final.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela maior, mais bela e mais perfeita criação. Sem ela nenhuma outra seria possível.

Na tentativa de conduzir esta pesquisa, em suas várias etapas de desenvolvimento, surgiram diversas incertezas e desafios, com os quais só pude lidar devido às contribuições diretas ou indiretas de vários parceiros. A eles, deixo aqui os meus mais sinceros agradecimentos.

Aos meus pais e à minha irmã, pelo apoio incondicional. Sem vocês minha caminhada teria sido muito mais difícil. A vocês, nada menos do que o mais genuíno e puro amor.

À minha madrinha, que sempre incentivou a leitura e presenteou-me com os meus primeiros livros. Considere-se culpada por ter me tornado um leitor voraz.

Ao meu orientador, Guilherme Fromm (UFU), por aceitar minha proposta de trabalho. Pela paciência e pelos incentivos constantes ao longo de minha jornada acadêmica, desde o meu primeiro ano na graduação e nos anos seguintes, até no mestrado. Exemplo de dedicação e comprometimento acadêmico, sem cujo apoio, competência, disponibilidade e diligência esta pesquisa não teria sido possível.

Ao professor Ariel Novodvorski (UFU) que, quase como co-orientador, acompanhou o desenvolvimento desta pesquisa. Pelas três disciplinas ministradas que foram sempre produtivas e agregaram contribuições importantes para esta pesquisa, além de suas observações, nas bancas de qualificação e defesa, que contribuíram para melhorar este trabalho.

À professora Maria José Bocorny Finatto (UFRGS), pela colaboração inicial e comentários que tanto contribuíram para os direcionamentos dados a esta investigação. Agradeço pelas sugestões na banca de defesa, que certamente fizeram a diferença no fechamento dado à pesquisa. Foi uma honra tê-la na banca examinadora.

Às professoras Claudia Zavaglia (UNESP) e Eliana Dias (UFU), pelo aceite na participação como membros suplentes da banca de defesa.

À professora Marileide Dias Esqueda (UFU), pela participação na banca de qualificação.

À Elisa Duarte Teixeira, pela participação no debate deste trabalho quando da realização do Seminário de Pesquisa em Linguística e Linguística Aplicada (SEPELLA) em 2015.

À Isabela Beraldí Esperandio pela colaboração inicial na pesquisa de fontes bibliográficas na composição do referencial teórico.

Aos professores das disciplinas cursadas no mestrado, Alice Cunha de Freitas (UFU), Dilma Maria de Mello (UFU), Fernanda Costa Ribas (UFU), que contribuíram para a minha formação, não só como pesquisador, mas como professor também. Aos funcionários do PPGEL que contribuem para o bom andamento das atividades do mestrado e do doutorado.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, tive a oportunidade de conhecer outras cidades, Assis, Campinas, Paris, Rio de Janeiro, São João Del-Rei e São José do Rio Preto, devido aos congressos nelas realizados. Essas viagens não teriam sido as mesmas sem os amigos Daniela Faria Grama, Lucas Maciel Peixoto, Márcio Issamu Yamamoto, Neubiana Silva Veloso Beilke e Solange Aparecida Faria Cardoso, companheiros de disciplinas e de aventuras nessas cidades. Um agradecimento especial à Dani e à Neubi por todas as angústias e inseguranças compartilhadas, e pelos momentos de descontração também, que foram tão importantes para darem mais levaza a esse percurso, às vezes, tão austero e intimidador; só muito maracujá mesmo para aliviar a tensão. Agradeço também ao Lucas, pela ajuda valiosa no processo de etiquetagem do *corpus*, e à Solange, pela participação na banca de qualificação.

Aos membros do GPELC (Grupo de Pesquisa e Estudos em Linguística de *Corpus*) e do Plex (Grupo de Pesquisas em Léxico), pelas discussões proveitosas.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

Muitos foram os Dementadores que ameaçaram tolher as esperanças e expectativas de êxito ao longo da pesquisa. Contudo, graças às ajudas que tive, pude reunir lembranças felizes para conjurar um Patrono sólido o suficiente que os espantassem. Agora, com a pesquisa concluída, adoraria dizer que os desafios e as incertezas iniciais foram superados. Posso afirmar apenas que eles foram, pelo menos, amenizados. A verdade é que incertezas são inerentes a qualquer atividade humana, e sem desafios permaneceríamos estagnados, e qualquer perspectiva de evolução ou desenvolvimento seria inconcebível.

He'll be famous – a legend – [...] – there will be books written about Harry – every child in our world will know his name! (ROWLING, 2004, p. 15).

As no better man advances to take this matter in hand, I hereupon offer my own poor endeavors. I promise nothing complete; because any human thing supposed to be complete, must for that very reason infallibly be faulty (MELVILLE, 1994, p. 139).

O trabalho de conhecimento visa a uma verdade aproximativa, não a uma verdade absoluta. [...]. A imperfeição é, paradoxalmente, uma garantia de sobrevivência (TODOROV, 2008, p. 27).

RESUMO

CARNEIRO, R. M. O. **Discurso literário de fantasia infantojuvenil:** proposta de descrição terminológica direcionada por *corpus*. 2016. 281 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

Ao propor uma perspectiva analítico-descritiva para o enfoque terminológico de unidades lexicais ficcionais, na qualidade de unidades multifuncionais ou vocábulos-termos, usadas no discurso literário de fantasia infantojuvenil da série Harry Potter, este trabalho pretende contribuir para o reconhecimento do estatuto terminológico desse tipo de unidades no escopo do desenvolvimento dos estudos terminológicos. Em uma proposta transdisciplinar, articulamos saberes oriundos de campos diversos do conhecimento na composição de nosso quadro teórico-metodológico. Tendo em vista os pressupostos teóricos de quatro vertentes dos estudos terminológicos, Etnoterminologia, Teoria Sociocognitiva da Terminologia, Terminologia Cultural e Terminologia Textual, em articulação à semântica de mundos ficcionais, integramos procedimentos terminográficos direcionados por *corpus*, na sistematização do referencial teórico-metodológico, que nos permitiu não só compreender as especificidades dos termos ficcionais, como também gerar um glossário de possível interesse, principalmente, para folcloristas. Para tanto, partimos de um *corpus* de estudo composto pelos sete volumes da série literária Harry Potter e de outros três volumes, em inglês, que detalham o mesmo mundo ficcional criado por J. K. Rowling. Esse *corpus*, quando processado pelo programa *WordSmith Tools 6.0* e suas três ferramentas: *Concord*, *KeyWords* e *WordList*, permitiu a identificação dos termos e o acesso aos seus contextos linguísticos de ocorrências. Descrevemos a macroestrutura e a microestrutura textual, construímos uma representação da organização conceptual subjacente à temática das obras e elaboramos uma ficha terminológica, preenchendo quinze fichas para demonstrar a viabilidade de nossa proposta. Concluímos que o discurso literário de fantasia infantojuvenil conforme manifestado nas obras de Harry Potter apresenta especificidades no interior do universo de discurso literário de fantasia e interdiscursividade com o universo de discurso etnoliterário, como o folclore. As unidades lexicais ficcionais atualizam estatuto terminológico no discurso literário de fantasia infantojuvenil da série Harry Potter devido aos seguintes aspectos: elas fazem parte de um sistema conceptual estruturado dentro de uma temática específica, *Witchcraft and Wizardry*; atuam na composição de um mundo ficcional semioticamente construído pela força modelizante da linguagem literária; possuem intertextualidade e interdiscursividade intra e interuniverso de discurso com discursos etnoliterários; atualizam um sistema de valores em investimentos axiológicos positivos e negativos; designam conceitos formados com semas do universo de discurso em que são usadas; referem-se aos particulares de um mundo ficcional; quanto à função simbólica, atuam no plano do imaginário, de maneira que é nas narrativas ficcionais que encontramos as razões para conceber as relações simbólicas.

Palavras-chave: Terminologia. Linguística de *Corpus*. Discurso Literário de Fantasia. Glossário. Harry Potter.

ABSTRACT

Carneiro, R. M. O. (2016). **Children's fantasy literary discourse**: proposal of a corpus-driven terminological description. (Master's thesis). Institute of Letters and Linguistics, Federal University of Uberlandia, Uberlandia.

As we have proposed a terminological perspective for the description of fictional lexical units, as multifunctional units or vocab-terms, used in children's fantasy literary discourse of the Harry Potter series, this dissertation intends to contribute first and foremost to the acknowledgment of the terminological status of this kind of units in the scope of terminology studies. In a transdisciplinary approach, we have articulated precepts from diverse branches of study in order to compose our theoretical and methodological framework. Our work is grounded on four lines of enquiry within terminology studies, Ethnoterminology, Sociocognitive Theory of Terminology, Cultural Terminology and Textual Terminology, along with fictional worlds' semantics and corpus-driven terminographic procedures, which allowed us to not only understand the specificities of fictional terms, but also generate a glossary of possible interest mainly to folklorists. To these ends, we used a study corpus made up of the seven volumes of the literary Harry Potter series and the other three companion volumes, in English, which expand on the same fictional world created by J. K. Rowling. This corpus, when processed by the program WordSmith Tools 6.0 and its three tools: Concord, KeyWords and WordList, allowed term identification and retrieval of the linguistic contexts of the terms' occurrences. The textual macrostructure and microstructure were described, a conceptual system that underlies the theme of the books was built and a terminological record was created, of which fifteen were filled out so as to demonstrate the feasibility of our proposal. We have found that children's fantasy literary discourse, as manifested in the Harry Potter books, is endowed with specificities in the interior of the universe of fantasy literary discourse and with interdiscursivity with the universe of ethnoliterary discourse, such as folklore. The fictional lexical units fulfil terminological status in children's fantasy literary discourse of the Harry Potter series on account of the following aspects: they are part of a conceptual system structured within a specific theme, that is Witchcraft and Wizardry; are part and parcel of the composition of a fictional world semiotically built by the modelling force of literary language; are endowed with intertextuality and interdiscursivity intra- and interuniverse of discourse with ethnoliterary discourses; establish a system of values in positive and negative axiological investments; designate concepts made up of semes from the universe of discourse they are used in; refer to particulars of a fictional world; regarding their symbolic function, they work in the imaginary plane, in a way that it is in the fictional narratives that we find the reasons to conceive the symbolic relations.

Keywords: Terminology. Corpus Linguistics. Fantasy Literary Discourse. Glossary. Harry Potter.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| FIGURA 1 – Representação da estrutura semântica fundamental do discurso literário ficcional | 55 |
| FIGURA 2 – Representação esquemática da abrangência linguística de repertórios lexicais | 102 |
| FIGURA 3 – Lista de palavras-chave com as 12 primeiras lematizadas e codificadas com o código T na coluna <i>Set</i> | 112 |
| FIGURA 4 – Visualização do n-grama <i>corpus linguistics</i> de 1800 a 2008 | 123 |
| FIGURA 5 – Detalhe, com o nome das ferramentas, da interface inicial do <i>WordSmith Tools 6.0</i> | 125 |
| FIGURA 6 – Árvore de domínio da especialidade Literatura Infantojuvenil | 134 |
| FIGURA 7 – Classificação da série Harry Potter | 135 |
| FIGURA 8 – Exemplo de cabeçalho a ser removido destacado em azul no topo da página à direita | 137 |
| FIGURA 9 – Etiquetagem de itálicos | 138 |
| FIGURA 10 – Exemplo de cabeçalho do <i>corpus</i> | 139 |
| FIGURA 11 – Arquitetura e armazenamento do <i>corpus</i> | 140 |
| FIGURA 12 – Lista das vinte primeiras palavras do <i>corpus</i> de estudo | 140 |
| FIGURA 13 – Lista das vinte primeiras palavras-chave do <i>corpus</i> de estudo | 142 |
| FIGURA 14 – Linhas de concordâncias do <i>corpus</i> de estudo do verbo de elocução <i>said</i> | 144 |
| FIGURA 15 – Lista das linhas de concordâncias do termo <i>Horcrux</i> com destaque na posição 4 para um enunciado definitório | 145 |
| FIGURA 16 – Lista de agrupamentos lexicais do termo <i>Patronum</i> em um horizonte de 1L-1R | 146 |
| FIGURA 17 – Lista de padrões linguísticos em torno da unidade lexical <i>Eaters</i> | 147 |
| FIGURA 18 – Lista de linhas de concordâncias automatizadas por meio da busca pela etiqueta <i> * </i> | 148 |
| FIGURA 19 – Exemplo de trecho grafado em itálico | 148 |
| FIGURA 20 – Representação gráfica de parte do sistema de conceitos da série HP | 158 |
| FIGURA 21 – Visualização do n-grama <i>Horcruxes</i> | 174 |
| FIGURA 22 – Exemplo de verbete | 190 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|-----|
| QUADRO 1 – Comunicação Funcional | 45 |
| QUADRO 2 – Tipologia de processos de constituição de conjuntos terminológicos e vocabulares | 91 |
| QUADRO 3 – Tipologia de obras lexicográficas e terminográficas conforme Barbosa (2001) | 99 |
| QUADRO 4 – Proposta de classificação tipológica de repertórios lexicais conforme Barros (2004) | 100 |
| QUADRO 5 – Tipologia do <i>corpus</i> de estudo | 132 |
| QUADRO 6 – Títulos dos capítulos de HP 1 | 161 |
| QUADRO 7 – Títulos dos capítulos de HP 2 | 162 |
| QUADRO 8 – Títulos dos capítulos de HP 3 | 163 |
| QUADRO 9 – Títulos dos capítulos de HP 4 | 163 |
| QUADRO 10 – Títulos dos capítulos de HP 5 | 164 |
| QUADRO 11 – Títulos dos capítulos de HP 6 | 165 |
| QUADRO 12 – Títulos dos capítulos de HP 7 | 166 |
| QUADRO 13 – Títulos dos capítulos de FB | 167 |
| QUADRO 14 – Títulos dos capítulos de QA | 168 |
| QUADRO 15 – Títulos dos capítulos de TB | 168 |
| QUADRO 16 – Configuração das entradas de obras lexicográficas e terminográficas | 187 |
| QUADRO 17 – Caracterização do glossário | 191 |
| QUADRO 18 – Síntese do preenchimento das fichas terminológicas | 192 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|-----|
| TABELA 1 – Dados estatísticos do <i>corpus</i> de estudo | 111 |
| TABELA 2 – Características dos livros que compõem o <i>corpus</i> de estudo | 132 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DT – Definição terminológica

ET – Etnoterminologia

FB – *Fantastic Beasts and Where to Find Them*

HP – Harry Potter

HP 1 – *Harry Potter and the Philosopher's Stone*

HP 2 – *Harry Potter and the Chamber of Secrets*

HP 3 – *Harry Potter and the Prisoner of Azkaban*

HP 4 – *Harry Potter and the Goblet of Fire*

HP 5 – *Harry Potter and the Order of the Phoenix*

HP 6 – *Harry Potter and the Half-Blood Prince*

HP 7 – *Harry Potter and the Deathly Hallows*

LC – Linguística de *Corpus*

LIJ – Literatura Infantojuvenil

OED – *Oxford English Dictionary*

QA – *Quidditch Through the Ages*

SF – Semântica Ficcional

ST – Socioterminologia

TB – *The Tales of Beedle the Bard*

TC – Terminologia Cultural

TCT – Teoria Comunicativa da Terminologia

TGT – Teoria Geral da Terminologia

TSCT – Teoria Sociocognitiva da Terminologia

TT – TerminologiaTextual

WST – *WordSmith Tools*

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1 INTRODUÇÃO | 17 |
| 1.1 Tratamento transdisciplinar das unidades lexicais no discurso literário de fantasia infantojuvenil | 17 |
| 1.2 Perspectiva teórico-metodológica e conceitos fundamentais | 21 |
| 1.3 Hipótese e Questões de Pesquisa | 29 |
| 1.4 Objetivos | 30 |
| 1.5 Estrutura da dissertação | 31 |
| 2 LITERATURA DE FANTASIA INFANTOJUVENIL E MUNDOS FICCIONAIS: A SEMIOTIZAÇÃO TEXTUAL..... | 33 |
| 2.1 Harry Potter e a Literatura de Fantasia Infantojuvenil | 33 |
| 2.2 Linguagem Literária e Comunicação Social | 43 |
| 2.3 Mundos Ficcionais e a Semiose da Fantasia Literária | 49 |
| 3 PERSPECTIVAS ANALÍTICO-DESCRITIVAS NOS ESTUDOS TERMINOLÓGICOS: CONCEITOS BÁSICOS DE DIFERENTES BASES EPISTEMOLÓGICAS..... | 59 |
| 3.1 Terminologia..... | 59 |
| 3.1.1 Universo de discurso..... | 59 |
| 3.1.2 Linguagem especial | 63 |
| 3.1.3 Texto..... | 65 |
| 3.1.4 Enunciado definitório | 66 |
| 3.1.5 Fraseologia | 70 |
| 3.1.6 Termo | 73 |
| 3.2 Por novas propostas de descrição em Terminologia..... | 75 |
| 3.2.1 Teoria Comunicativa da Terminologia | 77 |
| 3.2.2 Sociotérminologia | 79 |
| 3.2.3 Teoria Sociocognitiva da Terminologia | 80 |
| 3.2.4 Terminologia Textual | 82 |
| 3.2.5 Terminologia Cultural | 84 |
| 3.2.6 Etnoterminologia | 88 |
| 3.3 Terminografia | 98 |
| 3.3.1 Caracterização de obras Lexicográficas e Terminográficas | 99 |
| 3.4 Consolidação teórica | 103 |
| 4 ENSAIO DESCRIPTIVO | 110 |
| 4.1 Metodologia..... | 110 |
| 4.2 Resultados | 110 |
| 4.2.1 Contextos | 112 |
| 4.6 Comentários finais..... | 119 |

| | |
|---|------------|
| 5 IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO DE TERMOS EM CONTEXTOS: PERCURSO METODOLÓGICO DA ABORDAGEM DIRECIONADA POR <i>CORPUS</i> | 122 |
| 5.1 Linguística de <i>Corpus</i> | 122 |
| 5.1.1 O uso de <i>corpora</i> na pesquisa terminológica | 127 |
| 5.2 Etapas do percurso metodológico | 129 |
| 5.2.1 Do objeto de pesquisa | 129 |
| 5.2.2 Planejamento | 132 |
| 5.2.2.1 Determinação da área de pesquisa | 133 |
| 5.2.2.3 Compilação do <i>corpus</i> | 135 |
| 5.2.2.4 Preparação do <i>Corpus</i> | 136 |
| 5.2.2.5 Arquitetura e armazenamento do <i>corpus</i> | 139 |
| 5.2.2.6 Lista de palavras | 140 |
| 5.2.2.7 Lista de palavras-chave | 141 |
| 5.2.2.8 Listas de concordâncias | 144 |
| 5.2.2.8.1 Listas de agrupamentos lexicais e padrões linguísticos | 145 |
| 5.2.2.8.2 Linhas de concordâncias com etiquetas | 147 |
| 5.2.2.9 Identificação de candidatos a termos | 149 |
| 5.2.2.10 Construção do sistema conceptual | 149 |
| 6 ANÁLISE E DESCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i>: MACROESTRUTURA E MICROESTRUTURA TEXTUAIS | 160 |
| 6.1 Análise da macroestrutura textual..... | 160 |
| 6.2 Análise da microestrutura textual..... | 169 |
| 6.2.1 Notas de rodapé | 169 |
| 6.2.2 Estrutura e formação do conceito: um exemplo..... | 173 |
| 7 O CONJUNTO TERMINOLÓGICO DE HARRY POTTER: ELABORAÇÃO DA FICHA TERMINOLÓGICA E DO VERBETE..... | 176 |
| 7.1 Glossário..... | 176 |
| 7.2 Público-alvo..... | 176 |
| 7.3 Ficha Terminológica..... | 178 |
| 7.3.1 Informações básicas sobre o termo | 180 |
| 7.3.2 Contextos de uso | 181 |
| 7.3.3 Análise semântico-conceptual | 182 |
| 7.3.4 Padrões Colocacionais e Expressões Idiomáticas | 184 |
| 7.3.5 Informações Enciclopédicas | 186 |
| 7.4 Verbete | 186 |
| 8 SÍNTESE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS | 192 |
| 8.1 Outras denominações | 193 |
| 8.2 Análise semântico-conceptual..... | 193 |
| 8.3 Termos dicionarizados | 193 |
| 8.4 Colocações e expressões idiomáticas | 194 |
| 8.5 Isotopia | 195 |

| | |
|---|------------|
| 8.6 Comentários finais..... | 196 |
| 9 OBJETIVOS, QUESTÕES DE PESQUISA E HIPÓTESE REVISITADOS197 | |
| 9.1 Objetivos | 197 |
| 9.2 Questões de pesquisa | 198 |
| 9.3 Hipótese | 208 |
| 10 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....210 | |
| REFERÊNCIAS | |
| Referências do <i>Corpus</i> de Estudo | 225 |
| APÊNDICES | |
| APÊNDICE A – Registro de séries literárias de fantasia..... | 226 |
| APÊNDICE B – Fichas Terminológicas | 228 |
| ANEXOS | |
| ANEXO A – Capa das edições das obras que compõem o <i>corpus</i> de estudo | 280 |

1 INTRODUÇÃO

1.1 Tratamento transdisciplinar das unidades lexicais no discurso literário de fantasia infantojuvenil

O léxico é um componente fundamental na organização das manifestações linguísticas humanas. Configura-se como um sistema aberto, sendo assim, passível de mudanças ao longo do tempo, e se relaciona a diversas instâncias da vida humana, o que o torna complexo, heterogêneo e multifacetado. Por isso, as possibilidades de estudos sobre o léxico são inúmeras, justificando, assim, “as várias possibilidades de teorias e abordagens a ele relacionadas” (KRIEGER, 2010, p. 168). Nesse sentido, tendo em vista a observação das peculiaridades dos usos de unidades lexicais em textos literários de fantasia, esta dissertação dedica-se ao estudo do discurso literário de fantasia infantojuvenil, bem como de seus termos e fraseologias ficcionais, na qualidade de vocábulos-termos, e do engendramento conceptual dessas unidades, que integram as obras da série Harry Potter de J. K. Rowling.

A série Harry Potter¹ é composta por sete livros publicados em língua inglesa entre 1997 e 2007. As vendas dos livros ultrapassaram a marca de 450 milhões de cópias distribuídas em mais de 200 territórios, tendo sido traduzidos para 73 línguas e adaptados em oito filmes (ROWLING, 2012). Além dos sete livros, Rowling também escreveu “Animais Fantásticos e Onde Habitam” (*Fantastic Beasts and Where to Find Them*), “Quadribol Através dos Séculos” (*Quidditch Through the Ages*) e “Os Contos de Beedle, o Bardo” (*The Tales of Beedle the Bard*). Tais títulos também fazem parte do *corpus* de estudo desta pesquisa, os quais, apesar de não serem volumes integrantes da série, estão diretamente relacionados ao mundo ficcional criado por Rowling em Harry Potter. Em resumo, a série Harry Potter é uma das mais populares da ficção de fantasia infantojuvenil. Segundo Stableford (2005), *Harry Potter and the Philosopher's Stone* gerou uma febre mundial de um tipo nunca associada a um livro.

Knapp (2003, p. 78) defende que os livros de Harry Potter têm três características essenciais de grandes livros infantojuvenis: “são altamente envolventes; têm significativo valor literário; e abordam questões de profunda significância para o desenvolvimento social e

¹ Título dos livros em português e inglês respectivamente em ordem cronológica: Harry Potter e a Pedra Filosofal (*Harry Potter and the Philosopher's Stone*; *Harry Potter and the Sorcerer's Stone*, na edição norte-americana), Harry Potter e a Câmara Secreta (*Harry Potter and the Chamber of Secrets*), Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban (*Harry Potter and the Prisoner of Azkaban*), Harry Potter e o Cálice de Fogo (*Harry Potter and the Goblet of Fire*), Harry Potter e a Ordem da Fênix, (*Harry Potter and the Order of the Phoenix*), Harry Potter e o Enigma do Príncipe (*Harry Potter and the Half-Blood Prince*), Harry Potter e as Relíquias da Morte (*Harry Potter and the Deathly Hallows*).

ético das crianças.”² Nesse sentido, “[...] a literatura infantil (e as crianças) é uma parte da cultura que não podemos ignorar” (HUNT, 2010a, p. 15). A literatura infantojuvenil³ (LIJ) representa um segmento específico do sistema literário de grande influência social e educacional. “Em termos de valor educacional, a literatura infantil tem muito a contribuir para a aquisição de valores culturais” (HUNT, 2010a, p. 46-47). Os livros para crianças também são importantes tanto em termos políticos como comerciais, além de serem contribuições valiosas à história social, literária e bibliográfica (HUNT, 2010a). Apesar do relativo desprestígio da LIJ nos círculos acadêmicos, sendo considerada muitas vezes inferior em relação à literatura dita para adultos, não há justificativa para não considerá-la digna de ser abordada como um objeto de pesquisa científica (FRÍAS, 2014, p. 15). Segundo Hunt (2010a, p. 48), “a suposição de que a literatura infantil seja necessariamente inferior a outras literaturas [...] é, tanto em termos linguísticos como filosóficos, insustentável.”

Além dos motivos já mencionados que justificam a escolha⁴ da série Harry Potter como objeto de pesquisa, tem-se que, a partir da leitura dos livros, é possível notar, ainda que superficialmente, o uso peculiar do léxico. A esse respeito, Nikolajeva (2009, p. 226) faz referência aos “elaborados jogos linguísticos”⁵ presentes no texto. Além disso, conforme Crystal (2011), a palavra *Muggle*⁶, usada em Harry Potter (*trouxa*, na tradução brasileira de Lia Wyler), foi incluída em sua lista que conta a história da língua inglesa, no livro *The Story of English in 100 Words*. Segundo Crystal (2011), a palavra *Muggle* viajou para além dos livros e dos filmes na virada do milênio, popularizando-se, o que resultou na inclusão do lexema no *Oxford English Dictionary* (OED). *Muggle*, considerada uma palavra do século XXI, ocupa a 97^a posição na lista, classificada como *a fiction word*; em português, “uma palavra ficcional” ou “uma palavra da ficção”.

Tendo o léxico como nosso foco de investigação, o presente estudo está assentado epistemologicamente nas Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Terminografia e Onomástica. Mais especificamente, inserimo-nos na subárea dos estudos terminológicos que se ocupa do estudo das unidades lexicais dos discursos das linguagens especiais com baixo grau de científicidade e tecnicidade, além dos discursos etnoliterários,

² No original: [...] *they are intensely engaging; they have significant literary worth; and they raise questions of deep significance to children's social and ethical development* (todas as traduções constantes nesta dissertação são de nossa autoria).

³ Adotamos o termo “literatura infantojuvenil” por ser o termo comumente usado no Brasil para a produção e comercialização editorial de livros para crianças e adolescentes.

⁴ Também não podemos deixar de mencionar que, o fato de estarmos incluído na geração de leitores que se formou ao longo da publicação da série Harry Potter motivou o interesse pessoal pela realização deste estudo.

⁵ No original: *elaborate linguistic games*.

⁶ Quem não é bruxo.

compreendendo fábulas, folclore, lendas, literatura de cordel, literatura oral, literatura popular e mitos, denominada Etnoterminologia (BARBOSA, 2005, 2006, 2007, 2010).

O discurso literário de fantasia infantojuvenil e seus discursos-ocorrência utilizam frequentemente elementos provenientes do folclore, de lendas e mitos de uma cultura, com os quais estabelecem diálogos intertextuais e interdiscursivos. Assim, entendemos que a série Harry Potter, apesar de se configurar como um produto cultural das chamadas sociedades industriais, constitui um objeto de pesquisa legítimo em Etnoterminologia, devido às suas relações intertextuais e interdiscursivas com o universo de discurso etnoliterário.

A literatura de fantasia infantojuvenil é um universo de discurso ainda pouco explorado em Etnoterminologia. Por isso, acreditamos que o estudo dos termos ficcionais usados nesse universo pode resultar em contribuições para a área, a fim de se compreender tanto o funcionamento linguístico desses termos, quanto os papéis cultural e social que desempenham. Destarte, pretendemos contribuir para uma melhor sistematização dos estudos sobre termos ficcionais em Etnoterminologia. Afinal, devido à complexidade do tema, há muito a ser explorado, principalmente quando se considera a infinidade dos universos de discurso que compõem a vasta gama de produções culturais humanas.

Dessa maneira, a proposta descritiva que desenvolvemos adiante está alicerçada na percepção de que conjuntos terminológicos não são exclusivos dos domínios científicos e técnicos; é possível encontrar o uso de unidades lexicais com o estatuto de quase-termos técnicos na literatura também (BARBOSA, 2010). Essa percepção foi gerada a partir da observação de obras, não só literárias, mas também audiovisuais, como séries televisivas, dentre outros tipos de franquias, que constroem o seu enredo em torno de uma temática específica (cf. CARNEIRO, 2012; ESPERANDIO, 2015; ESPERANDIO, FINATTO, 2014; FROMM, 2011). Observa-se também, a tendência de obras de fantasia infantojuvenil de ambientarem as suas narrativas em mundos ficcionais altamente detalhados e críveis, o que influencia a constituição semântica do texto, o qual geralmente contém unidades lexemizadas a partir do sistema semântico-conceptual próprio desses mundos, constituindo termos ficcionais. O que nos leva à noção de que “[...] as palavras não são simplesmente nomes de objetos de nossa experiência”⁷ (PALMER, 1981, p. 19). Isto é, algumas unidades lexicais designam elementos que não fazem parte do mundo experimentado fisicamente, de forma que a existência dos elementos por elas designadas está condicionada ao texto, além de depender parcialmente ou totalmente da cognição.

⁷ No original: [...] words are not simply names of the objects of our experience.

Entendemos que a Etnoterminologia enseja uma interface produtiva entre Terminologia e Literatura. Uma vez que as unidades multifuncionais de interesse à Etnoterminologia ocorrem em ambientes textuais literários, faz-se necessário buscar na Literatura subsídios que nos auxiliem a desenvolver uma melhor compreensão do funcionamento dessas unidades em contexto. Assim, propomos um olhar para o texto literário tendo em vista o funcionamento de seu componente lexical, textual e discursivamente constituído. Dessa forma, nosso trabalho deve ser visto também como uma forma de colaboração para o reconhecimento de novas possibilidades que nos levem a uma melhor descrição, na esfera dos estudos etnoterminológicos, das características do comportamento linguístico do discurso literário de fantasia infantojuvenil.

Assim, para abordar o fenômeno que esta investigação propõe, torna-se necessária uma postura transdisciplinar. Conforme Barbosa (2005) salienta, as relações intertextuais e interdiscursivas de certos universos de discurso são tais que impõem um tratamento transdisciplinar. Podemos dizer que o tratamento desses discursos apenas a partir dos pontos de vista compartmentalizados das disciplinas não é capaz de tratá-los adequadamente dentro de nossa proposta de pesquisa, tendo em vista a complexidade das relações textuais e discursivas que os constitui, sendo necessário, portanto, estabelecer um metaponto de vista que atravesse as disciplinas na construção de um novo olhar para o tratamento desses universos de discurso e de seus discursos manifestados.

A partir da exigência transdisciplinar imposta pelo fenômeno aqui em estudo, nossa investigação se realizará, de modo amplo, a partir do confronto e dos atravessamentos para além dos seguintes campos de estudo: Etnoterminologia, Linguística de *Corpus*, Literatura de Fantasia Infantojuvenil, Semiótica, Semântica Ficcional, Teoria Sociocognitiva da Terminologia, Terminologia Cultural e Terminologia Textual. Em suma, esta pesquisa situa-se na interface entre Literatura e Terminologia. Dessa forma, apresentamos, a seguir, resumidamente, algumas considerações referentes à construção de um arcabouço teórico-metodológico, com vistas à sistematização de uma perspectiva analítico-descritiva para fins de análise e descrição da constituição lexicogramatical, funcional e semântica das unidades lexicais que integram o discurso literário de fantasia infantojuvenil, conforme manifestado na série Harry Potter, de J. K. Rowling. Além disso, alguns esclarecimentos também se fazem necessários quanto aos conceitos basilares utilizados ao longo deste trabalho, aos objetivos deste estudo, à hipótese norteadora e às questões de pesquisa desta investigação, bem como à estrutura da dissertação, os quais serão apresentados em suas respectivas seções.

1.2 Perspectiva teórico-metodológica e conceitos fundamentais

Esclarecemos neste tópico a perspectiva teórico-metodológica adotada para abordar nosso objeto de pesquisa, bem como algumas concepções sobre as quais fundamentamos nossa investigação. Damos destaque, primeiramente, à nossa concepção de *linguagem* e *língua* a partir das noções de Benveniste (1988, p. 20), para quem “[...] a linguagem, faculdade humana, característica universal e imutável do homem, não é a mesma coisa que as línguas, sempre particulares e variáveis, nas quais se realiza.” Enfatizamos também “[...] o poder fundador da linguagem, que instaura uma realidade imaginária, anima as coisas inertes, faz ver o que ainda não existe, traz de volta o que desapareceu” (BENVENISTE, 1988, p. 27). Tal concepção de linguagem reforça o *princípio da imaginação criadora*⁸, ou seja, a *linguagem* é capaz de instaurar, animar, fazer ver e trazer de volta realidades e mundos que de outra forma não seriam possíveis; e nesse processo, a *língua*, manifestada em textos, é um dos meios pelo qual podemos materializar e acessar tais mundos. A partir dessas concepções, entendemos que a ficção literária é um fenômeno cognitivo e linguístico decorrente do poder criador da linguagem e da capacidade da língua de codificar linguisticamente os mundos ficcionais possíveis de serem instaurados pela linguagem.

Decorrente de nossa concepção de linguagem, apoiamo-nos em Steger (1987, p. 131) em relação ao que entendemos por *literatura* e *linguagem literária*.

Literatura deve, portanto, ser vista como um mundo linguístico sintético (fictício) criado por um autor motivado e trazido juntamente com o receptor para dentro de um discurso. Nela podemos eventualmente encontrar indícios interpretativos. Ela se opõe, como um mundo de contraste ('mundo possível') a outros mundos possíveis – cotidiano, ciência, instituições, religião. Suas formas de ação e objetos abrangem tudo aquilo que pode ser expresso através de uma forma linguística estética; nela é verdadeiro tudo aquilo que parece verdadeiro através de sua forma linguística.

[...]

Linguagem literária é então a composição estética dos subsistemas/variantes, elementos e regras de uma língua utilizados na elaboração de tais mundos linguísticos sintéticos que se transformam no processo da composição de maneira funcional e/ou conteudística.

⁸ Tal princípio é decorrente da capacidade humana de simbolizar. Nas palavras de Benveniste (1988, p. 27-28; grifo nosso), “a faculdade simbolizante permite de fato a formação do conceito como distinto do objeto concreto, que não é senão um exemplar dele. Aí está o fundamento da abstração ao mesmo tempo que o *princípio da imaginação criadora*. Ora, essa capacidade representativa de essência simbólica que está na base das funções conceptuais só aparece no homem. Desperta muito cedo na criança, antes da linguagem, na aurora da sua vida consciente. Mas falta no animal.”

Depreende-se das concepções acima que, a linguagem literária não se configura como uma linguagem à parte. Pelo contrário, ela faz uso de elementos, regras e variantes do sistema linguístico como um todo, de acordo com os propósitos estéticos e comunicativos de determinada obra literária, na criação de mundos linguísticos sintéticos. Tal concepção insere a linguagem literária no âmbito da comunicação social e a caracteriza como um funcioleto. Essa caracterização foi formulada a partir da Teoria Funcional da Comunicação (STEGER, 1987) de base sociolinguística. Entende-se que a linguagem literária pode incorporar variantes, tanto da comunicação cotidiana, quanto da comunicação especializada. Em momento oportuno, detalharemos a Teoria Funcional da Comunicação que fundamenta esse conceito de linguagem literária.

Para descrever um mundo cuja realidade se distancia daquela experimentada por seres humanos cotidianamente, faz-se o uso de termos específicos para designar elementos próprios desse mundo; tais termos são denominados *termos ficcionais*. Ao longo deste trabalho, ao fazermos uso de *termos ficcionais*, o fazemos na qualidade de unidades multifuncionais ou vocábulos-termos (a caracterização desse tipo de unidade lexical será abordada em momento oportuno).

Damos preferência ao uso dos termos *linguagem especializada* e *linguagem especial*, em vez de *linguagem de especialidade*, uma vez que, assim como Finatto (2004, p. 342), entendemos que não há

[...] uma “posse” estrita dessa linguagem pelo usuário ou pela área de saber/conhecimento. [...] é a linguagem que se faz diferenciada; ela se altera em alguns de seus formatos pela ação dos sujeitos envolvidos e pelas condições pragmático-lingüísticas e situacionais da comunicação [...].

Também nos apoiamos em Benveniste (1988, p. 32) quanto à nossa concepção de *cultura*, a qual constitui o meio humano inerente à sociedade dos homens, e independente do nível de civilização, dá forma, sentido e conteúdo à vida. Constitui um universo de símbolos integrados em uma estrutura específica, manifestada e transmitida pela linguagem, de modo a permitir a sua assimilação, perpetuação ou transformação.

Por *texto* compreendemos a concatenação de elementos verbais e não verbais em um objeto semioticamente construído; é ao mesmo tempo objeto de significação e de comunicação (BARROS, 2011). Enquanto objeto de significação, o texto se constitui como um todo de sentido, isto é, a partir da organização e estruturação interna das manifestações textuais, uma miríade de sentidos pode ser engendrada em sua interpretação. Tais

manifestações textuais não se concretizam em um vácuo, pelo contrário, há uma série de fatores externos que influenciam a construção de sentidos dos textos, já que são produzidos e recebidos em sociedades marcadas por contextos sócio-históricos e formações ideológicas, constituindo-se, portanto, como objetos culturais. Assim, essa concepção gera dois tipos de descrição textual: a análise interna ou estrutural do texto e a análise externa do texto (BARROS, 2011). Para esta pesquisa focaremos mais na análise da estrutura interna do texto.

Ainda ressaltamos o papel do sujeito na construção de textos, e nessa ótica o texto é

[...] um objeto cuja estrutura [...] é fruto da ação perceptiva e transformadora de um sujeito enunciador, um sujeito simultaneamente individual e múltiplo. E, sendo produto de uma ação de apropriação da linguagem, torna-se, ao mesmo tempo, enunciado e enunciação (FINATTO, 2004, p. 449).

Assim, o autor do texto literário, histórica e culturalmente constituído, influencia a composição do texto, uma vez que se apropria da língua e a usa a partir do modo como percebe o mundo. Sendo o texto um enunciado, produto da enunciação, o discurso se configura como um processo discursivo de produção, o qual inclui uma enunciação de codificação e uma enunciação de decodificação (PAIS; BARBOSA, 2004). Nesse percurso, o autor se coloca como sujeito de codificação e o leitor como sujeito de decodificação.

Esclarecemos acima os conceitos mais basilares de nossa proposta investigativa. Ao longo do trabalho fornecemos mais explicações e detalhamentos conforme necessário. Cabe ainda explicitar nossas considerações face à sistematização das teorias e vertentes de estudos que compõem nosso arcabouço teórico-metodológico.

Como já mencionado, para a realização deste estudo, partimos de uma abordagem transdisciplinar. Basicamente, a transdisciplinaridade reconhece a existência de vários níveis de realidade e não apenas um nível, elevando a compreensão para um patamar mais abrangente e sempre em aberto; reconhece verdades sempre relativas e passíveis de mudanças no decorrer do tempo; aborda o conhecimento como uma rede de conexões, gerando a multidimensionalidade do processo cognitivo; exige uma postura de democracia cognitiva, ou seja, todos os saberes são igualmente importantes e válidos, superando, assim, os preconceitos e as fronteiras epistemológicas rígidas; promove a articulação de percepções diversas com vistas à produção mais significativa e abrangente do conhecimento (SANTOS, 2008). Tendo esses aspectos em vista, Santos (2008) assim caracteriza o conhecimento transdisciplinar:

O conhecimento transdisciplinar associa-se à dinâmica da multiplicidade das dimensões da realidade e apoia-se no próprio conhecimento disciplinar. Isso

quer dizer que a pesquisa transdisciplinar pressupõe a pesquisa disciplinar, no entanto, deve ser enfocada a partir da articulação de referências diversas. Desse modo, os conhecimentos disciplinares e transdisciplinares não se antagonizam, mas se complementam (SANTOS, 2008, p. 76).

A partir desse princípio transdisciplinar do conhecimento, buscamos uma aproximação entre Linguística e Literatura, de modo a explicar a organização e o funcionamento do discurso literário de fantasia infantojuvenil em Harry Potter, sob o prisma da descrição lexical de seus termos ficcionais, enquanto vocábulos-termos, além das fraseologias e engendramento conceitual. Assim, referendamos o posicionamento de Fiorin quando afirma que:

É necessário colocar o texto literário e os estudos literários no coração da lingüística para pensar a natureza da linguagem humana como um mecanismo que contém as regras de sua própria subversão, bem como para ampliar a compreensão da linguagem e dos mecanismos linguísticos (FIORIN, 2008, p. 50).

Sinclair (2004, p. 51) também reconhece a importância da literatura para os estudos linguísticos ao afirmar que “a literatura é uma excelente amostra da língua em uso; nenhum aparato sistemático pode afirmar que descreve uma língua sem levar em conta a literatura também [...].”⁹ Neves (1993) aponta que o campo da abordagem linguística da obra literária tem tido grande desenvolvimento em alguns países, principalmente na Alemanha. Contudo, a pesquisadora reconhece que no Brasil não há muitas obras ou pesquisas que se dediquem à elaboração de bases teóricas de investigação e procedimentos efetivos de trabalho no que concerne ao estudo linguístico da literatura. Nesse sentido, nosso estudo pretende colaborar com a sistematização de uma possível base teórico-metodológica para a descrição do discurso literário de fantasia infantojuvenil, tendo em vista o seu componente lexical constituído no todo do texto e do discurso.

Tal aproximação pretende evidenciar características e aspectos do uso terminológico em textos literários, os quais, *a priori* são tradicionalmente considerados pela comunidade científica como terminologicamente não marcados (BARROS, 2006). Dessa forma, podemos dizer que a terminologia é comumente vista como um fenômeno linguístico não pertencente a textos literários. Pretendemos, contudo, a partir de evidências empíricas extraídas de um *corpus* eletrônico, demonstrar que certas unidades lexicais adquirem caráter terminológico, tendo em vista o seu uso em determinado universo de discurso e em ambientes textuais

⁹ No original: *Literature is a prime example of language in use; no systematic apparatus can claim to describe a language if it does not embrace the literature also [...].*

literários específicos. Buscamos, portanto, promover diálogos entre áreas diferentes, articulando saberes para melhor compreender nosso objeto de pesquisa. Assim, “quando se muda o ponto de vista obtém-se uma vista diferente, um outro panorama dos fenômenos em observação” (SANTOS, 2008, p. 77). E como bem ressaltado por Finatto (2011, p. 168), “[...] é o esforço de cada um e de todos, consideradas e respeitadas todas as diferenças de ponto de vista e de objetivos, que nos permite avançar.” Nossa proposta transdisciplinar também é corroborada por Fořt e Sládek (2012, s/p) quando dizem que “[...] Doležel afirma que obras literárias são objetos semióticos específicos criados pelo poder da *poiesis*¹⁰ e podem ser empiricamente analisados – por meio da combinação de pressupostos emprestados da linguística, semiótica, poética, filosofia e outras disciplinas.”¹¹

Entendemos que, por mais que se escolha descrever aspectos pontuais de um texto, como as terminologias que o constitui, a separação feita entre termos, textos e língua é artificial; são instâncias que se imbricam e se complementam na construção dos significados. Assim, Krieger e Finatto (2004, p. 199-200) salientam que, “[...] quaisquer referenciais teóricos relativos à textualidade que se ocupam do objeto-texto em diferentes dimensões são muito úteis como embasamento às descrições.” Nesse sentido, em uma busca pela complementaridade de diferentes campos de estudos que se ocupam do texto, propomos uma investigação lexical, a partir de um *corpus* composto pelas sete obras da série literária de fantasia infantojuvenil Harry Potter e outros três volumes que detalham aspectos do mundo ficcional criado por J. K. Rowling. Desse modo, por meio de um pensamento organizador e integrador característico da transdisciplinaridade, estabelecemos, a seguir, resumidamente, a linha de raciocínio que integra os pressupostos teórico-metodológicos nos quais apoiamos nossa perspectiva descritiva.

Em primeiro lugar, nosso objeto de pesquisa caracteriza-se como uma coletânea de textos literários de uma mesma autora, inseridos no universo de discurso literário de fantasia infantojuvenil. Os discursos-ocorrência desse universo são geralmente conhecidos como propensos a estabelecerem diálogos com discursos etnoliterários, ou seja, eles incorporam elementos tipicamente encontrados no folclore, nas lendas e nos mitos que constituem uma cultura. Isso porque as origens da fantasia podem ser traçadas a partir do folclore e da tradição oral de se contar histórias, características típicas das sociedades arcaicas que se consolidaram

¹⁰ Atividade criativa da imaginação poética (DOLEŽEL, 1989, p. 236).

¹¹ No original: *Doležel claims that literary artworks are specific semiotic objects which are created by the power of poiesis and can be empirically analyzed – by using a combination of means borrowed from linguistics, semiotics, poetics, philosophy and other disciplines.*

como a base para as manifestações literárias da fantasia nas sociedades industriais. Por isso, é de se supor que elas façam uso de unidades lexicais comumente encontradas em textos etnoliterários. Além disso, tem sido marcante a ambientação das narrativas de fantasia infantojuvenil em mundos ficcionais altamente detalhados nos mais diversos aspectos de sua constituição, como territoriais e de localização desses mundos, relativos à fauna e à flora, à estruturação das sociedades, à culinária, aos hábitos comportamentais, éticos, morais, linguísticos, enfim, há uma tendência cada vez maior na literatura de fantasia de se construírem mundos ficcionais, que se destacam por apresentarem uma série de elementos que, ao mesmo tempo, os particularizam e os integram em um universo de discurso anterior, histórica e culturalmente já constituído, de maneira que se pode inclusive recuperar elementos de um arquidisco (características discursivas em intersecção com os discursos-ocorrência). Isso interfere, consequentemente, na constituição semântica e na estruturação linguística por meio da qual tais mundos são semiotizados no texto literário.

Essa caracterização inicial de nosso objeto de pesquisa já nos aponta para diferentes vertentes de estudos que se conectam. A Etnotermologia (BARBOSA, 2005, 2006, 2007, 2010), por se dedicar ao estudo das unidades multifuncionais dos discursos etnoliterários, é de base eminentemente cultural, uma vez que as manifestações literárias por ela analisadas revelam os valores e a visão de mundo de uma cultura; a Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TEMMERMAN, 1997, 2000), que considera a historicidade e a evolução conceptual de unidades de compreensão, além do papel criativo, imaginativo e metafórico nas denominações terminológicas; a Terminologia Cultural (DIKI-KIDIRI, 2007, 2009), que busca evidenciar que as escolhas terminológicas para se expressar um conceito são culturalmente dependentes e se dão de acordo com o acervo linguístico e a percepção do real de dada cultura; e a Terminologia Textual (FINATTO, 2004, 2007, 2011; HOFFMAN, 2015; PEARSON, 1998), cujo foco de análise-descrição é o texto, ou seja, para além dos termos, há uma série de outros aspectos que devem ser considerados na descrição do texto e que culminam por condicionar o estatuto terminológico de suas unidades lexicais constituintes. Tais vertentes da Terminologia são de natureza descritiva, ou seja, não há pretensão de normalização conceptual e terminológica a fim de se prescrever uma norma linguística das linguagens especiais e especializadas. Busca-se, pelo contrário, o estudo das terminologias *in vivo*, ou seja, em suas ocorrências textuais, que representam a forma como são efetivamente usadas na comunicação.

Uma vez que os mundos ficcionais da literatura de fantasia tomam forma a partir da semiotização desses mundos em textos, buscamos na Semântica Ficcional (DOLEŽEL, 1998;

RYAN, 2014) e na Teoria Semiótica do Texto (BARROS, 2011) subsídios para explicarmos a constituição semântica de tais mundos, bem como a forma como os signos linguísticos funcionam na condição de termos ficcionais na semiose da fantasia literária (JEHA, 1993, 2001). A questão de como o conceito de termos ficcionais é engendrado é de importância singular, já que em seus aspectos referenciais, os termos ficcionais são notadamente diferentes, porque se referem a elementos total ou parcialmente dependentes da cognição, ou seja, os seus referentes devem ser imaginados. Além disso, são termos cujos *semas*¹² são derivados do mundo ficcional em questão, o que torna a construção de seus conceitos casos particularmente interessantes e merecedores de análise.

Devido à caracterização de nosso objeto de estudo como parte do universo de discurso literário de fantasia infantojuvenil, buscamos em estudos de Literatura de Fantasia (FERGUSON, 2010; GAMBLE; YATES, 2002; HUNT, 2010a; STABLEFORD, 2005) uma compreensão das características de composição estética das manifestações literárias desse universo, principalmente em relação à criação de mundos ficcionais e à interdiscursividade e intertextualidade com o folclore. Dado o crescente interesse que a literatura de fantasia tem despertado tanto entre crianças e adolescentes, quanto entre adultos, estudos sobre *crossover fiction* (FALCONER, 2009) auxiliaram-nos no entendimento do contexto social de produção e recepção desse fenômeno. Também procedemos a uma análise dos paratextos editoriais (GENETTE, 2009), em um reconhecimento macrotextual e microtextual das obras.

Visto que as dez obras que compõem nosso objeto de pesquisa foram compiladas como um *corpus* textual eletrônico, utilizamos, portanto, o arcabouço teórico e o instrumental metodológico da Linguística de *Corpus* (BERBER SARDINHA, 2004, 2009; BOWKER, PEARSON, 2002; SCOTT, 2012; SINCLAIR, 1991, 2004; TOGNINI-BONELLI, 2001). Entendemos que a Linguística de *Corpus* (LC) não é apenas uma metodologia, posto que “a produção de conhecimento de natureza distinta, e até contestatória” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 37) é frequentemente resultante de pesquisas que partem da análise de *corpora*. Em outras palavras, pesquisas realizadas em LC produzem conhecimentos que dificilmente seriam produzidos de outra forma, de modo que reduzi-la a um conjunto de ferramentas de análise e procedimentos metodológicos é um tanto quanto simplista. Além disso, a LC fundamenta-se em uma concepção própria de língua de natureza funcionalista, ou seja, “a língua é o uso e não é uma dimensão abaixo dele” (FINATTO, 2007, p. 452); além de se constituir como um sistema probabilístico de combinatorias entre os seus elementos que adquirem significado a

¹² Semas são os elementos mínimos do conteúdo (VOLLI, 2012).

partir da coocorrência com outros. Ademais, o conjunto de ferramentas usado em LC permite-nos gerar listas de palavras, palavras-chave e concordâncias, verificar a frequência de itens lexicais, padrões de coocorrências, etiquetar os *corpora*, dentre muitas outras funcionalidades. O *WordSmith Tools 6.0* (SCOTT, 2012), que será usado nesta pesquisa, é o *software* mais popular e difundido no Brasil, em relação às pesquisas que se valem de *corpora* eletrônicos.

Apesar de partirmos de uma hipótese norteadora (a ser mencionada), uma vez que não há indução pura (TOGNINI-BONELLI, 2001), as considerações teóricas resultantes desta investigação serão derivadas de observações de usos das unidades lexicais em contextos presentes no *corpus*, configurando uma abordagem direcionada pelo *corpus*. Tal abordagem é de caráter ascendente e “tem como doutrina a não-categorização *a priori*” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 36), e uma vez que as considerações resultantes desta pesquisa pretendem, em certa medida, questionar pressupostos tradicionalmente estabelecidos em Terminologia, a abordagem direcionada pelo *corpus* configura-se como mais adequada. O conceito de *corpus* assume, pois, grande relevância nessa abordagem enquanto um conceito teórico que determina os desdobramentos da pesquisa. É a partir do *corpus* que temos condições de observar os fenômenos que nos ocupam, para então tirarmos nossas conclusões. Foi a partir de um ensaio descritivo (cf. Capítulo 4), de observações de nosso *corpus* de estudo, a fim de se ter conhecimento das condições linguísticas de nosso objeto de pesquisa, que pudemos propor o modo como ele seria abordado e quais elementos de sua constituição textual seriam focalizados nesta investigação. Em outras palavras, os direcionamentos dados à pesquisa, como a escolha de um norte teórico, só foram possíveis a partir da observação prévia do *corpus*, caso contrário poderíamos incorrer em aplicar categorias por demais rígidas que não se adequariam aos fenômenos em análise.

Em resumo, nosso aporte teórico-metodológico é de base empírica e textual, caracterizado pela transdisciplinaridade, pela articulação de saberes. Pela integração de diversas referências, buscamos abarcar nosso objeto de pesquisa em sua complexidade para termos condições de tratá-lo adequadamente de acordo com nossos objetivos. Assim, integramos quatro correntes descritivas da Terminologia (Etnoterminologia, Teoria Sociocognitiva da Terminologia, Terminologia Cultural e Terminologia Textual) para descrevermos as questões textuais e culturais envolvidas na formação de conjuntos terminológicos na literatura de fantasia infantojuvenil. A Semântica Ficcional e a Teoria Semiótica do Texto nos auxiliaram na descrição da estruturação semântica e da geração dos conceitos dos termos ficcionais. Partindo do texto como nosso objeto primário de análise, integramos as perspectivas da Terminologia de base textual com a Teoria Semiótica do Texto

e os procedimentos metodológicos de compilação e análise de *corpora* textuais da Linguística de *Corpus*, além de uma abordagem textual de interpretação do texto literário infantojuvenil, para analisarmos a constituição macro e micro textual. Considerações advindas dos campos da Literatura Infantojuvenil e da Literatura de Fantasia nos auxiliaram na análise extratextual, ou seja, nos aspectos sociais de produção e recepção da literatura de fantasia infantojuvenil com foco nas obras de Harry Potter.

A partir de nossa base teórico-metodológica assim proposta, acreditamos que a pesquisa desenvolvida representa uma contribuição aos estudos terminológicos no tocante ao tratamento de aspectos linguísticos de natureza terminológica presentes em textos literários; também esperamos que nossa proposta descritiva possa ser replicada em pesquisas que levem em conta outros textos literários de fantasia, bem como outros universos de discurso passíveis de serem abordados terminologicamente. Partindo da descrição de alguns fenômenos da linguagem literária, especificamente o uso de termos e fraseologias ficcionais, conforme manifestados no discurso de fantasia infantojuvenil da série Harry Potter, almejamos ampliar nossa compreensão a respeito do funcionamento da língua em ambiências textuais literárias, integrando-a ao conjunto das descrições da língua geral e das linguagens especializadas, contribuindo assim, para o reconhecimento do texto literário, em particular o texto literário de fantasia infantojuvenil, como objeto digno e merecedor de escrutínios investigativos em Terminologia, particularmente em Etnoterminologia.

Tendo esclarecido algumas concepções adotadas nesta investigação, retomaremos algumas delas, bem como explicitaremos outras quando necessário ao longo do trabalho. Passemos à hipótese e às questões de pesquisa.

1.3 Hipótese e Questões de Pesquisa

Para guiar a investigação aqui proposta, partimos da seguinte **hipótese norteadora**: no discurso literário de fantasia infantojuvenil da série Harry Potter, determinadas unidades lexicais adquirem estatuto terminológico ao serem usadas nesse universo de discurso específico. Ressaltamos que essas unidades lexicais são determinadas devido ao recorte temático dado ao universo de discurso, bem como devido à pertinência temática. Elas podem ser substantivos, verbos, adjetivos, unidades fraseológicas, dentre outras configurações lexicogramaticais, desde que sejam tematicamente pertinentes. Observa-se que, ao longo da série, é usado um conjunto terminológico dentro de uma temática específica do discurso literário de fantasia, *Witchcraft and Wizardry* (Magia e Bruxaria), o que nos leva a supor que

há uma terminologia usada para a construção do mundo ficcional de Harry Potter. Pressupomos que tais termos, em conjunto com outros elementos da textualidade, longe de serem puramente ficcionais, refletem um sistema de valores culturais que são assimilados pelo leitor em desenvolvimento, ou seja, a criança e/ou o adolescente, contribuindo em certa medida para a aprendizagem das estruturas sociais, bem como para sua formação cultural.

Em decorrência de nossa hipótese, chegamos às seguintes questões de pesquisa:

1. Quais aspectos condicionam o estatuto terminológico das unidades lexicais, relacionadas ao campo temático *Witchcraft and Wizardry*, no discurso literário de fantasia infantojuvenil da série Harry Potter, de J. K. Rowling?
2. Em que posição do *continuum* de especialização de unidades lexicais devem ser classificados os termos ficcionais?
3. Como é engendrado o conceito/significado dessas unidades lexicais ao longo do texto narrativo?
4. Há semelhanças entre o uso dos termos na literatura e o uso de termos em áreas científicas, como a das ciências da natureza?
5. Como deve ser estruturada uma obra de referência que auxilie folcloristas, estudiosos de literatura e produtores de textos de fantasia?

1.4 Objetivos

Para responder as questões acima, pretendemos, de modo **geral**, propor uma base teórico-metodológica para a análise e descrição de aspectos lexicogramaticais e conceptuais de textos que integram o universo de discurso literário de fantasia, utilizando como *corpus* os sete volumes em inglês da série Harry Potter e mais três obras da escritora J. K. Rowling: *Fantastic Beasts and Where to Find Them* (“Animais Fantásticos e Onde Habitam”), *Quidditch Through the Ages* (“Quadribol Através dos Séculos”) e *The Tales of Beedle the Bard* (“Os Contos de Beedle, o Bardo”).

Tendo em vista a hierarquia de recortes do nosso objeto-texto e o escopo desta investigação, pretendemos de modo mais **específico**:

- a. analisar e descrever para além das unidades lexicais, a macroestrutura textual, as fraseologias e o engendramento conceptual de termos ficcionais;
- b. propor um desenho terminográfico para a construção de um glossário que leve em conta as especificidades lexicais, fraseológicas e conceptuais características do

universo de discurso literário de fantasia infantojuvenil, conforme manifestado na série Harry Potter e nos outros três volumes complementares;

c. preencher quinze fichas terminológicas e elaborar um modelo de verbete para demonstrar a viabilidade de aplicação da proposta terminográfica, utilizando o *corpus* Harry Potter como exemplo.

1.5 Estrutura da dissertação

Dada a proposta de pesquisa apresentada acima, a presente dissertação está organizada nos seguintes capítulos:

O capítulo 2, *Literatura de fantasia infantojuvenil e mundos ficcionais: a semiotização textual*, discute questões pertinentes à situação da literatura infantojuvenil de língua inglesa, à caracterização da literatura de fantasia, à linguagem literária enquanto funcioleto, à semiotização de mundos ficcionais enquanto construtos textuais literários, à ilusão estética e imersão, ao funcionamento do signo linguístico em relação aos objetos por ele designados na ficção de fantasia, bem como ao funcionamento de termos ficcionais. Apesar de tratarmos de alguns aspectos da semântica ficcional neste capítulo, está além do escopo desta investigação discutir em profundidade as implicações lógicas e filosóficas decorrentes da noção de mundos ficcionais.

O capítulo 3, *Perspectivas analítico-descritivas nos estudos terminológicos: conceitos básicos de diferentes bases epistemológicas*, busca traçar um breve panorama das perspectivas mais recentes em Terminologia com foco na análise e descrição de textos e seus elementos constituintes, dando principal atenção aos estudos descritivos sobre a constituição de conjuntos vocabulares/terminológicos em textos literários.

No capítulo 4, *Ensaio descritivo*, apresentamos um estudo-piloto realizado no intuito de identificar as condições linguísticas de nosso *corpus* de estudo que viabilizasse a sistematização de um referencial teórico-metodológico. A partir desse estudo, pudemos atestar a presença de elementos definitórios, indicativos da presença de unidades lexicais com estatuto diferenciado.

O capítulo 5, *Identificação e descrição de termos em contextos: percurso metodológico da abordagem direcionada por corpus*, apresenta os procedimentos metodológicos utilizados na realização desta pesquisa. São detalhadas as etapas de planejamento, compilação e análise do *corpus* de estudo com foco na observação do entorno textual em que os termos se encontram. Também será descrito o processo de geração das

listas de palavras, palavras-chave e concordâncias pelo programa *WordSmith Tools*, além de uma caracterização da abordagem direcionada por *corpus*. Apresentamos também o sistema conceptual elaborado para a identificação dos termos.

O capítulo 6, *Análise e descrição do corpus: macroestrutura e microestrutura textuais*, apresenta a análise do *corpus* em termos de macroestrutura e microestrutura textual. A análise parte do texto como um todo, caracterizando-o em suas subdivisões, propósito comunicativo, peritextos, para então caminhar para a análise mais pormenorizada das notas de rodapé e de um exemplo de engendramento conceptual.

No capítulo 7, *O conjunto terminológico de Harry Potter: elaboração da ficha terminológica e do verbete*, caracterizamos nossa proposta de glossário e o público-alvo. Explicamos a composição dos campos de preenchimento da ficha e dos paradigmas terminográficos que compõem o programa de informações do verbete.

No capítulo 8, *Síntese e Discussão dos Resultados*, apresentamos e comentamos uma visão geral da amostra de glossário, produzida em um cotejo dos campos das fichas terminológicas, a fim de consolidar nossa proposta terminográfica.

O capítulo 9, *Objetivos, Questões de Pesquisa e Hipótese Revisitados*, retoma esses elementos da proposição da pesquisa, a fim de realizar uma apreciação geral do desenvolvimento da pesquisa.

Por fim, uma apreciação final do percurso investigativo, incluindo um resumo dos resultados obtidos, dificuldades, limitações da pesquisa e indicações de futuras investigações, é realizada nas *Considerações Finais*. Após as *Referências* dos trabalhos citados ao longo da dissertação, também incluímos *Apêndices*, com uma lista de séries literárias de fantasia e as fichas terminológicas, e um *Anexo*, com as capas das edições dos livros que compõem o nosso *corpus* de estudo.

2 LITERATURA DE FANTASIA INFANTOJUVENIL E MUNDOS FICCIONAIS: A SEMIOTIZAÇÃO TEXTUAL

Este capítulo objetiva traçar algumas considerações a respeito do que entendemos por literatura infantojuvenil à medida que discutimos aspectos pertinentes à produção e circulação de obras infantojuvenis, particularmente em relação às obras de língua inglesa, e o modo como a série Harry Potter se insere nesse contexto. Também buscamos identificar traços do discurso literário infantojuvenil propícios à criação linguística e à criação de mundos ficcionais. Abordamos também o percurso teórico que culminou com a conceituação da linguagem literária como funcioleto, além de tratar da semiose da fantasia literária.

2.1 Harry Potter e a Literatura de Fantasia Infantojuvenil

A Literatura Infantojuvenil (LIJ) representa um segmento específico e expressivo do sistema literário como um todo. Esse segmento é distintamente encontrado em livrarias, no ensino, na crítica literária, no mercado editorial, dentre outros setores, que o distingue da “literatura adulta”. Em outras palavras, a LIJ é considerada como um campo específico de atividade humana de diversos pontos de vista, sejam eles acadêmico, comercial, histórico ou literário. Mesmo sendo a LIJ um segmento comumente tratado separadamente do amplo campo da literatura, compartilhamos da concepção de Coelho (2000, p. 27) de que:

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização...

Apesar de a LIJ ter como leitor implícito crianças e adolescentes, há que se compreender que, do ponto de vista de sua composição, trata-se de literatura, de arte, como qualquer outra manifestação artística, cuja contribuição é sentida em termos comerciais, culturais, literários e sociais.

Do ponto de vista histórico os livros para criança são uma contribuição valiosa à história social, literária e bibliográfica; do ponto de vista contemporâneo, são vitais para a alfabetização e para a cultura [...]. Em termos literários convencionais, há entre eles “clássicos”; em termos de cultura popular, encontramos *best-sellers* mundiais, como a série Harry Potter, e títulos transmitidos por herança de famílias e culturas locais. Estão entre os textos mais interessantes e experimentais no uso de técnicas de multimídias, combinando palavra, imagem, forma e som (HUNT, 2010a, p. 43).

De acordo com a perspectiva acima, a LIJ, em toda a sua diversidade, atua na formação linguística, social e cultural das crianças, além de se constituir como um registro histórico e cultural de determinada sociedade.

Hunt (2010a), ao buscar um entendimento para o que é literatura infantil, conclui que talvez o melhor seja dizer *textos para criança*, visto que manifestações textuais diversas caracterizam a literatura infantil. Segundo o autor, “tem-se presumido que a literatura infantil abrange formas orais, contos populares, contos de fadas, e lendas [...], o texto ilustrado, o texto altamente ilustrado e o livro-ilustrado” (HUNT, 2010a, p. 288), além de filmes, prequelas¹³, sequelas¹⁴, séries de televisão, dentre outras formas de comunicação que fazem parte da “experiência” daquilo que, por redução, chamamos de ‘texto’” (HUNT, 2010a, p. 287). “Sequelas e séries são de importância particular na fantasia, porque a extração de histórias existentes é uma forma elementar da geração de histórias na cultura oral, que foi levada para vários tipos de literatura de fantasia baseada em mito, lenda e folclore”¹⁵ (STABLEFOR, 2005, p. 367). A serialização na ficção de fantasia pode ser exemplificada por séries como *The Lord of the Rings* (três volumes), *His Dark Materials* (três volumes), *Inheritance Cycle* (quatro volumes), *Percy Jackson and the Olympians* (cinco volumes), *The Chronicles of Narnia* (sete volumes), *Harry Potter* (sete volumes), *Discworld* (41 volumes), dentre muitas outras (cf. Apêndice A).

A literatura infantil possui em si gêneros específicos: a narrativa para a escola, textos dirigidos a cada um dos sexos, propaganda religiosa e social, fantasia, o conto popular e o conto de fadas, interpretações de mito e lenda, o livro-ilustrado (em oposição ao livro com ilustração) e o texto de multimídias. O reconto de mitos e lendas é pouquíssimo encontrado fora do universo da literatura infantil. Existem obras de tamanha sutileza e complexidade que podem ser lidas com os mesmos valores de estilo e conteúdo que os “grandes livros” para “adultos” – na Grã-Bretanha,

¹³ “Prequela ou prequência (em inglês: *prequel*) é um termo não-dicionarizado em português para se referir a uma obra narrativa que contém elementos ambientados no mesmo universo ficcional, cuja história antecede ao trabalho anterior, apresentando eventos que ocorreram antes da obra original. Trata-se de um neologismo surgido em inglês originado no mundo cinematográfico, formado por *pre* — que pode significar antes — e *sequel* — um trabalho realizado após outro, sequência. Como as sequências, as prequelas podem debruçar-se ou não sobre a mesma trama do qual são derivadas. Muitas vezes, elas explicam o passado que levou os eventos na narrativa original a acontecer, mas às vezes as conexões entre as obras não são explícitas.” Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Prequela>>. Acesso em: 21 abr. 2016.

¹⁴ “Continuação, sequência.” Disponível em: <http://www.aulete.com.br/sequela>. Acesso em: 21 abr. 2016

¹⁵ No original: *Sequel and series are of particular importance in fantasy, because the extrapolation of existing stories is an elementary form of story generation in oral culture, which was carried over into various kinds of fantasy literature based in myth, legend, and folklore.*

escritores como Lewis Carroll, Alan Garner e Philip Pullman entram nessa categoria (HUNT, 2010a, p. 44).

Destacamos de acordo com o trecho acima que, do ponto de vista de sua composição artística, não podemos desconsiderar que a LIJ está relacionada ao folclore e às manifestações que o constitui, como contos de fadas, lendas e mitos, ou seja, essas manifestações discursivas etnoliterárias contribuem para a constituição da matéria prima das manifestações literárias de fantasia infantojuvenil modernas. Em outras palavras, o folclore estabelece relações intertextuais com o universo de discurso literário de fantasia.

Neste trabalho, tomamos o termo ‘folclore’ de modo bem amplo. Conforme a própria etimologia do termo, entendemos que folclore é constituído pelo conhecimento de um povo. Na definição da *American Folklore Society*, entende-se que “folclore é a arte, a literatura, o conhecimento e as práticas tradicionais disseminadas largamente por meio da comunicação oral e de exemplos comportamentais.”¹⁶ Assim, para nós o folclore inclui diversas manifestações textuais e culturais, como a literatura. Entendemos também, conforme Ben-Amos (1971, p. 14), que “[...] textos orais interpenetram-se no domínio da literatura escrita [...].”¹⁷ Em outras palavras, elementos folclóricos circulam não só em manifestações linguísticas orais e tradicionais. Esses elementos do conhecimento popular também integram práticas discursivas contemporâneas, caracterizando a interdiscursividade estabelecida entre discursos etnoliterários orais e o discurso literário escrito.

Volli (2012, p. 253) reconhece que as narrativas folclóricas têm “[...] uma grande capacidade de condensar significados e estruturas conceituais.” O mesmo autor comprehende que a fantasiosidade aparentemente intangível dos elementos que compõem essas narrativas “[...] oculta uma lógica determinada, um discurso que alude à lógica da estrutura social, ao valor reconhecido de certos rituais ou de certas instituições, à explicação de algumas aparentes anomalias do universo em que se vive” (VOLLI, 2012, p. 253). Assim, dadas as relações intertextuais e interdiscursivas estabelecidas, entendemos que as manifestações literárias contemporâneas adquirem indiretamente características da literatura oral.

É importante destacar a noção de conhecimento que o termo ‘folclore’ inclui, visto que, enquanto uma classe, o folclore congrega conhecimentos diversos. A expressão desse conhecimento é feita pela língua, por meio de unidades lexicais; essas unidades denominamos

¹⁶ No original: *Folklore is the traditional art, literature, knowledge, and practice that is disseminated largely through oral communication and behavioral example.*

¹⁷ No original: [...] oral texts cross into the domain of written literature [...].

unidades de significação folclórica. Retornaremos a essas considerações em momento oportuno.

A literatura de fantasia infantojuvenil, pode ser assim caracterizada, tendo em vista alguns aspectos que constituem as suas manifestações:

Frequentemente utilizando aspectos emprestados de tradições míticas e folclóricas, a fantasia infantil geralmente oferece universos coerentemente realizados que desviam da realidade normativa por meio do enredo, do espaço, da caracterização, ou história, como um veículo para a imaginação de uma criança¹⁸ (FERGUSON, 2010, p. 21).

Entendemos, portanto, que dentre as marcas caracterizadoras das manifestações discursivas literárias de fantasia infantojuvenil, há o uso de elementos provenientes de mitos e folclore, bem como da construção de universos ou mundos diferentes daquele que conhecemos, e no qual interagimos em sociedade. Em relação aos elementos de tradições míticas e folclóricas, o trecho seguinte permite-nos perceber a influência cultural de povos, como os celtas, romanos, germânicos, cujas contribuições culturais fizeram da literatura inglesa um campo profícuo para as manifestações literárias contemporâneas, não só do horror, do romance policial e de mistério, e da ficção-científica, mas da fantasia também.

As ilhas britânicas receberam a migração de povos de origem celta ainda durante a Idade do Ferro, e deles herdaram o folclore das fadas. Os romanos trouxeram a seguir os mitos clássicos da tradição greco-latina. Os povos germânicos presentearam a literatura inglesa com narrativas de viagem, de aventura, e toda a sorte de monstros e criaturas sobrenaturais. A fusão desses imaginários distintos fez com que as literaturas de expressão inglesa se constituíssem como um terreno fértil para as ficções do insólito, apresentando tradição significativa em gêneros como o horror (que tem como alguns de seus expoentes Edgar Allan Poe, Stephen King e Bram Stoker), o romance policial e de mistério (Agatha Christie, Sir Arthur Conan Doyle e, novamente, Poe), a fantasia (J. R. R. Tolkien, J. K. Rowling) e a ficção científica, como nas obras de H. P. Lovecraft e H. G. Wells, por exemplo. Foram obras produzidas originalmente em língua inglesa que trouxeram à dimensão ficcional personagens como Victor Frankenstein e sua criatura, Professor Moriarty, Conde Drácula, Lorde Voldemort e o Senhor Hyde (ZANINI, C. V.; MAGIO, S. S., 2015, p. 7).

Ferguson (2010) ressalta que, apesar de a tradição literária da fantasia infantojuvenil estar calcada em um acervo cultural de lendas e folclore, a fantasia moderna surgiu no período

¹⁸ No original: *Often utilizing aspects borrowed from mythic and folkloric traditions, children's fantasy generally offers coherently realized universes that deviate from normative reality through some facet of plot, setting, characterization, or story as vehicles for a child's imagination.*

do Romantismo, em que se enfatizava a capacidade imaginativa da mente. A autora cita como precursores da fantasia obras satíricas como *Gulliver's Travels*, de Jonathan Swift e as traduções das obras dos irmãos Grimm, Charles Perrault e Hans Christian Andersen, as quais se afastavam do realismo que dominava o período. A mesma autora aponta que *Alice's Adventures in Wonderland*, de Lewis Carroll, destacou-se pela criação de um mundo internamente consistente (ou consistentemente inconsistente) para além das fronteiras de nosso próprio mundo – o que marcou o desenvolvimento da fantasia infantojuvenil no século XX. As manifestações literárias que se sucederam, como *Peter Pan*, de J. M. Barrie e *The Wonderful Wizard of Oz*, de L. Frank Baum, abriram caminho para séries de alta fantasia como *The Chronicles of Narnia*, de C. S. Lewis e *The Lord of the Rings*, de J. R. R. Tolkien, que, dentre outras, ambientam suas histórias em mundos secundários intrincadamente concebidos, em que o bem e o mal são claramente delineados, elementos esses que são comumente presentes nas manifestações modernas da fantasia.

A fantasia, no Brasil, é “[...] a configuração discursiva preferida pelo público infanto-juvenil no período entre 1994 e 2004[...]” (BIASIOLI, 2008, p. 120), período esse em que parte da série Harry Potter foi publicada. Além disso, Ferguson (2010) destaca que, a fantasia tem nutrido grande popularidade entre autores contemporâneos, como J. K. Rowling, Philip Pullman, Eoin Colfer, Cornelia Funke, Terry Prachett e Robin McKinley. Cada um à sua maneira, esses autores, dentre outros, ambientam as suas histórias em mundos secundários cada vez mais detalhados e críveis.

A construção de mundos secundários presente na literatura de fantasia leva-nos a uma classificação, assim proposta por Gamble e Yates (2002, p. 101): “baixa fantasia, que ocorre no mundo primário (nossa mundo); alta fantasia, que ocorre em mundos alternativos. Estes são também referidos como mundos secundários ou imaginários.”¹⁹

Na alta fantasia o mundo secundário pode ser acessado de modos diferentes: 1 *O mundo primário não existe*. Nesse tipo de fantasia o leitor é transportado diretamente para o mundo alternativo. Por exemplo, a Terra-Média de J. R. R. Tolkien em *O Senhor dos Anéis* ou os romances de *Discworld* de Terry Prachett. [...] Nos livros de Tolkien e Ursula Le Guin a geografia de seus mundos é descrita em detalhes precisos que criam a ilusão de autenticidade. [...] Apesar dos mundos da fantasia de Tolkien, Le Guin e Pullman poderem ser chamados de ‘secundários’, ‘alternativos’ ou ‘imaginários’, eles são geralmente baseados em características reconhecíveis do mundo humano e podem até serem vistos como representações simbólicas do mundo primário.

¹⁹ No original: *low fantasy, which takes place in the primary world (our world); high fantasy, which takes place in alternative worlds. These are sometimes referred to as secondary or imaginary worlds.*

2 *O mundo secundário é acessado por um portal no mundo primário*. Esse tipo de fantasia permite que o escritor faça uma comparação direta entre os dois mundos. Provavelmente o exemplo mais conhecido é o guarda-roupa, em *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa* de C. S. Lewis, pelo qual Lúcia, Pedro, Susana e Edmundo entram na terra mágica de Nárnia. [...]

3 *O mundo secundário é um mundo-dentro-de-um-mundo, separado por fronteiras físicas*. Esse parece ser o que mais se aproxima do mundo de Hogwarts na série Harry Potter. Apesar de haver uma barreira invisível que Harry precisa atravessar para embarcar no Expresso de Hogwarts, a escola ainda está em nosso mundo. Trouxas e bruxos habitam o mesmo espaço, mas há áreas que os trouxas não conseguem acessar por não terem os poderes necessários²⁰ (GAMBEL; YATES, 2002, p. 102-103).

Diferentemente de Tolkien que, em *O Senhor dos Anéis*, criou uma mitologia autossuficiente, em *Harry Potter*, Rowling faz uso de diferentes fontes folclóricas, assim como Lewis em *As Crônicas de Nárnia*. Prova disso é que, no mesmo mundo ficcional, criaturas como os clássicos *centaur*, *unicorn* e *phoenix* convivem com criações de Rowling, como a criatura *Blast-Ended Skrewt*. Ao conceber o mundo mágico de Harry Potter como um mundo dentro do nosso próprio mundo, Rowling cria um contexto propício para a sátira do mundo real. De modo geral, essa paródia do mundo real se dá principalmente em relação aos personagens denominados *Muggles*, que constantemente preferem ignorar a magia ao seu redor, mesmo quando esta está presente e se faz tão evidente em certos momentos, além de críticas ao sistema educacional e social.

Apesar de, na grande maioria dos casos, a LIJ ter crianças e adolescentes como leitores implícitos, adultos também são atraídos por esse tipo de leitura. Falconer (2009, p. 1), ao buscar um entendimento para a questão “por que tantos leitores adultos voltaram-se para a ficção infantojuvenil ao longo da década [1997-2007] adentrando o novo milênio?”²¹, trata do fenômeno conhecido como *crossover novel/crossover fiction*. A popularidade inesperada da

²⁰ No original: *In high fantasy the alternative world can be entered in different ways: 1 The primary world does not exist. In this type of fantasy the reader is transported directly to the alternative world. For example Middle-Earth of J.R.R. Tolkien's Lord of the Rings or Terry Prachett's Discworld novels. [...] In books by Tolkien and Ursula Le Guin the geography of their worlds is described in precise detail which creates the illusion of authenticity. [...] Although the fantasy worlds of Tolkien, Le Guin and Pullman can be called 'secondary', 'alternative' or 'imaginary', they are usually based on recognizable features of the human world and may even be symbolic representations of the primary world. 2 The alternative world is entered through a portal in the primary world. This type of fantasy enables the writer to make a direct comparison between the two worlds. Probably the most well-known example is the wardrobe in C.S. Lewis's The Lion, the Witch and the Wardrobe through which Lucy, Peter, Susan and Edmund enter the magical land of Narnia. [...] 3 The alternative world is a world-within-a-world, marked off by physical boundaries. This seems to most closely match the world of Hogwarts in the Harry Potter novels. Although there is an invisible barrier that Harry has to pass through in order to board the Hogwarts Express, the school is still in our world. Muggles and wizards inhabit the same space, although there are some areas that muggles cannot access because they do not have the necessary powers.*

²¹ No original: *Why did many adult readers turn to fiction for children over the decade or so spanning the new millennium?*

série Harry Potter é creditada, por Falconer (2009), como a mola que impulsionou o fenômeno *crossover reading* no início do novo milênio, que pode ser definido, de modo geral, como a leitura de obras por um público que não é necessariamente o público-alvo de determinado livro. Assim, *crossover novels* têm o potencial de atrair a atenção tanto de crianças quanto de adultos. No caso da LIJ, Falconer (2009) observa, no início do último milênio, o grande volume e diversidade de livros para crianças que passaram não só a serem produzidos, mas também a serem lidos pelo público adulto. Esse fenômeno é observável na disponibilização pelas editoras de edições distintas para crianças e adultos. A série Harry Potter, em particular, na Grã-Bretanha, foi publicada em duas edições. O conteúdo textual é o mesmo, porém as capas da edição infantil contêm desenhos coloridos, enquanto as capas da edição adulta contêm fotografias em tons mais sóbrios e escuros (cf. Anexo A). Títulos como *The Chronicles of Narnia* foram reeditados para crianças e para adultos também. A tradutora brasileira da série Harry Potter, Lia Wyler, observa também que, no Brasil, a série obteve sucesso inesperado tanto entre crianças e adolescentes, quanto entre adultos (WYLER, 2003).

Em relação ao contexto político de leitura de LIJ na Grã-Bretanha, Falconer (2009) observa que o mandato de Tony Blair como Primeiro Ministro britânico durou os mesmos dez anos (1997 a 2007) em que a série Harry Potter foi publicada. A mesma autora explica que o partido de Blair, *New Labour*, buscou associar-se com a imagem de uma cultura jovem, em um período em que ser jovem passou a ser uma obsessão. Nesse período a guerra ao Afeganistão e ao Iraque também ocorreu. Falconer (2009) sugere que a LIJ, no clima de tensão em que a opinião pública dividiu-se entre os governos, britânico e norte-americano, em resposta à ameaça do terrorismo global, promoveu um espaço para reflexão e asserção de valores pessoais de leitores adultos. Além disso, Falconer (2009) ressalta que a valorização da criança interior ou *kiddult* permeou a vida cultural adulta britânica no final dos anos de 1990, em que, coincidentemente, a série Harry Potter foi publicada.

A leitura de livros para crianças por milhões de adultos alterou o estatuto cultural da LIJ. Livros infantojuvenis passaram a competir em igualdade com livros para adultos em prêmios literários importantes. Por exemplo, a obra *The Amber Spyglass*, de Philip Pullman, apareceu entre os indicados para o *Man Booker Prize*, uma das premiações mais importantes da literatura. Falconer (2009) reconhece que a ficção *crossover* modificou o cânone da cultura literária na Grã-Bretanha, alterando as fronteiras entre o público adulto e infantil, assim como a ficção impressa e a indústria cinematográfica. Isso porque já se tornou comum a adaptação para o cinema de muitas obras infantojuvenis. Essas adaptações também são responsáveis pela maior difusão e alcance de público da LIJ.

Além das contribuições da série Harry Potter para a literatura e para o cinema, em termos artísticos, a série também tem contribuído para o mercado. Há vários produtos comercializados com base na série, como brinquedos. Comidas e bebidas tipicamente consumidas pelos personagens também são vendidas no parque temático em Orlando, *The Wizarding World of Harry Potter*, dentre outros objetos “mágicos”, como varinhas; o parque também materializa diversos locais encontrados nos livros. Além disso, o esporte *Quidditch* (Quadribol), criado por Rowling, tem sido praticado em diversos países do mundo. A prática teve início em 2005 em Middlebury College, Vermont (EUA), e conta hoje com mais de 300 times em mais de vinte países (Alemanha, Austrália, Bélgica, Brasil, Canadá, China, Estados Unidos, França, Inglaterra, Holanda, Itália, México, Turquia, Uganda, Vietnam, etc.).²² O regulamento do esporte, já em sua oitava edição, foi adaptado e expandido, de modo que o quadribol dos livros já é visto apenas como uma inspiração para a prática do *Muggle Quidditch* (quadribol dos trouxas; usa-se *quidditch* com inicial minúscula também para diferenciar o esporte ficcional dos livros com o esporte praticado pelos trouxas), que assumiu características próprias. Há, inclusive, uma associação internacional de quadribol que organiza campeonatos e copas mundiais. Observa-se, assim, que uma obra de ficção conseguiu deixar marcas tão profundas no imaginário de seus leitores que uma prática esportiva passou a fazer parte do âmbito cultural e social dos habitantes de países diversos.

Na ocasião da visita do crítico literário Peter Hunt ao Brasil em 2010, para o lançamento de seu livro *Crítica, Teoria e Literatura Infantil*, ele foi entrevistado por diversos setores da imprensa brasileira a respeito da situação da LIJ. Em uma dessas entrevistas, ao ser questionado sobre a qualidade da obra Harry Potter, Hunt comenta positivamente, mas faz algumas ressalvas. Uma delas é que, a popularidade de Harry Potter leva as editoras a buscarem obras parecidas. O efeito da mercantilização da LIJ faz com que obras cada vez mais parecidas sejam comercializadas no intuito de encontrar um sucessor para o sucesso de Harry Potter, gerando obras pouco originais, e que pouco contribuem para a diversidade dos textos para crianças.

Notícias: Como crítico literário britânico, o que o senhor acha da obra Harry Potter? Ele pode ser considerado um livro de qualidade?

Peter: Sim, devo dizer que sim. Nem tanto pelo estilo, que não é muito bom. É sempre o mesmo estilo de anos antes. Mas ela criou algo. Ela criou um mundo completo em Harry Potter e fez com que as coisas acontecessem e

²² Informações obtidas nos seguintes endereços eletrônicos: <<http://iqaquidditch.org/>> e <https://en.wikipedia.org/wiki/Quidditch_%28sport%29>. Acesso em: 29 mar. 2016.

funcionassem dentro desse mundo. Ela queria que as crianças entrassem nesse mundo e participassem dele e ela, de fato conseguiu envolver as crianças. E em Harry Potter, ela também trata de assuntos sérios. As pessoas dizem: “Harry Potter fala de magia e com magia tudo fica fácil”. Mas as magias em Harry Potter não são fáceis. Elas mostram as dificuldades, assim como as dificuldades presentes na vida (HUNT, 2010c, p. 5).

Ao responder sobre a qualidade da obra Harry Potter, Hunt ressalta a criação do mundo mágico e dos temas sérios de que a autora trata. Mesmo sendo um mundo em que a magia *a priori* facilitaria a vida, o que se observa não é isso. As personagens frequentemente veem-se em situações perigosas, conflituosas e ambíguas em que a magia está no cerne da questão. Em outras palavras, Rowling conseguiu envolver a imaginação dos leitores com a criação de um mundo em que é possível, em certo sentido, habitá-lo. Conforme destacado por Hunt (2010b, s/p) “o fato de Rowling criar um grande e detalhado mundo possa ser o maior fator na popularidade do livro, basta comparar com [J.R.R.] Tolkien e sua "Terra Média" (a série “O Senhor dos Anéis”). Os leitores podem ‘aprender’ esse mundo e se tornar ‘locais’.”

Ryan (2014) explica que o sentir-se em casa em um mundo ficcional é o efeito da ilusão estética. Ela esclarece que, para a experiência de ilusão estética, ou imersão ocorrer, “[...] o leitor (ou espectador etc.) deve percorrer a imaginação para um mundo alternativo, ou virtual, e sentir-se em casa com esse mundo. [...] a ilusão estética toma lugar quando um texto convence a imaginação a simular um mundo” (RYAN, 2014, p. 19). Nesse sentido, a modalidade fazer-crer exercida pelo texto literário convence o leitor, leva-o a acreditar, a suspender a sua descrença, de que certo mundo existe, ainda que ficcionalmente.

É importante ressaltar também que, enquanto tema, a ‘magia’, é comumente encontrada na literatura de fantasia. A esse respeito Kronzek e Kronzek (2010) afirmam que a crença em magia faz parte da história ocidental e teve grande influência na sociedade medieval. Contudo, os desenvolvimentos científicos levaram a uma descrença em magia, o que não quer dizer que não haja comunidades ou culturas cujas práticas sociais decorram da crença em magia. Na contemporaneidade podemos dizer que a crença em magia foi suplantada pelos pressupostos científicos. É preciso reconhecer que, em certo sentido, a magia e as práticas dela resultantes, como se vê na alquimia, foram precursoras dos desenvolvimentos da ciência de hoje. Em obras literárias, contudo, a magia continua exercendo o seu fascínio.

A crença em magia começou a desaparecer em meados do século XVII, uma vez que as pessoas começaram a descobrir formas mais práticas e eficientes de lidar com seus problemas. A química moderna levou à criação de novos

medicamentos que substituíram as curas realizadas pelos princípios da herbologia, astrologia e magia natural. Com a ascensão do pensamento científico, ideias sobre como o mundo funcionava foram testadas experimentalmente, e o poder de palavras mágicas, feitiços, amuletos e talismãs foi constantemente questionado²³ (KRONZEK; KRONZEK, 2010, p. 162).

Observamos que, mesmo antes da ascensão das práticas científicas, as práticas decorrentes do uso de magia eram realizadas dentro de áreas diversas, como a herbologia, astrologia e alquimia que faziam uso de conceitos específicos. Em outras palavras, essas atividades humanas também apresentam campos nocionais como os das ciências.

Não podemos deixar de mencionar que, mesmo com o final da publicação da série Harry Potter, Rowling continua expandindo o mundo ficcional por ela criado. A autora tem publicado textos sobre o mundo ficcional de Harry Potter no site *Pottermore*, que oferece uma experiência de leitura diferente das obras já conhecidas, conjugando imagem e som com a palavra escrita, além de notícias. Além disso, encontra-se em desenvolvimento uma trilogia de filmes, com roteiro da própria Rowling, baseada na obra *Fantastic Beasts and Where to Find Them*. Também foi produzida uma peça teatral denominada *Harry Potter and the Cursed Child*, que tem sido comercializada, em formato de livro, como o oitavo volume da série.

Dentre os pontos levantados acima, ressaltamos que o discurso literário de fantasia infantojuvenil é marcado pelo reconto de lendas e mitos do folclore e pela construção de mundos secundários. Além disso, a LIJ ganhou notoriedade nos últimos anos e tornou-se culturalmente mais valorizada e respeitada, tanto em termos comerciais quanto literários, sendo que a série Harry Potter é creditada como propulsora das mudanças sofridas pela LIJ no final do século XX e início do século XXI, atraindo a atenção tanto de crianças e adolescentes, quanto de adultos. Verificamos também o potencial que obras de ficção, como Harry Potter, têm de influenciar esferas diversas da sociedade, sejam elas econômicas ou culturais.

Na seção seguinte, tratamos da conceptualização de linguagem literária e de sua inserção na comunicação social.

²³ No original: *Belief in magic began to decline during the mid-seventeenth century as people began to discover more practical and effective ways to deal with their problems. Modern chemistry led to the creation of new medicines that replaced cures performed by the principles of herbology, astrology, and natural magic. With the rise of scientific thinking, ideas about how the world worked were tested by experiment, and the power of magic words, spells, amulets, and talismans was increasingly called into question.*

2.2 Linguagem Literária e Comunicação Social

Encontramos na Teoria Funcional da Comunicação subsídios para a compreensão das especificidades linguísticas da linguagem literária. Tal teoria desenvolveu-se na Alemanha, tendo como o seu principal expoente o sociolinguista alemão Hugo Steger, da Universidade de Freiburg. Nomura (1993, p. 12) sintetiza que “nessa teoria, o discurso é considerado em sua ‘função pragmática’, isto é, em sua função social de uso dentro de determinado contexto comunicativo e voltado para atingir determinados fins práticos.” A partir da determinação da motivação pragmática do discurso, a comunicação social é classificada em três campos: comunicação cotidiana, comunicação científica e técnica, e comunicação literária. Cada um desses campos comunicativos faz uso de manifestações linguísticas que os caracterizam e os distinguem. Essa distinção de tipos comunicativos e de linguagens é um fenômeno caracterizador das sociedades industriais e pós-industriais, como bem explica Nomura (1993, p. 54):

- em sociedades mais primitivas não existe uma separação rígida entre os aspectos religioso, literário e até mesmo científico (pense-se na medicina primitiva), pois todos esses aspectos estão presentes e fazem sentir sua influência na vida cotidiana dessas sociedades;
- numa sociedade altamente diferenciada, como a industrial, cada área do conhecimento desenvolveu uma linguagem especial graças a uma divisão do trabalho bastante especializada. Deu-se aí o fenômeno da setorização das [sic] linguagem, processo definido por um inventário lexical específico e por um tipo de estrutura sintática considerada característica desse tipo de comunicação.

Entendemos, portanto, que ao contrário das sociedades primitivas ou arcaicas, as sociedades industriais são caracterizadas pela divisão social de campos comunicativos que fazem uso da língua para determinados fins. Por isso, a seleção dos recursos da língua nas manifestações discursivas de cada um desses campos é realizada de modo a construir recortes linguísticos específicos, caracterizados tanto por um conjunto lexical, quanto pela organização maior das manifestações linguísticas concretizadas em textos de cada campo. Ainda tendo em vista essa divisão social da comunicação, e consequentemente da linguagem, compreendemos que “a complexa estruturação da sociedade industrial moderna é responsável pelo surgimento de campos comunicativos específicos da cultura, cada qual se manifestando em sua linguagem própria, o que provocou o fenômeno da *setorização da linguagem*” (NOMURA, 1993, p. 65). Em outras palavras, o estabelecimento da unidade da linguagem só é possível se levadas em conta as diversas linguagens constituídas nos diversos campos comunicativos da cultura.

Vemos que a autora abarca os campos comunicativos no campo mais amplo e mais diverso da cultura, chamando as linguagens que integram esses campos de linguagens culturais.

Com base em Steger (1982), Nomura (1993, p. 65) define linguagens culturais como “[...] evoluções especiais e escolhas extraídas da língua nacional, cada qual com marcas funcionais e estruturais próprias.” Essas linguagens atuam em sistemas de organização “internos” da cultura como artes, ciências, religião, ética, direito, economia, política, e sistemas de organização “externos”, como comunidade, estado, igreja. Cada um desses âmbitos é passível de organizar os recursos linguísticos de formas específicas, dependendo do conteúdo e de suas motivações pragmáticas. Assim, quanto mais variados forem os sistemas de organização cultural, mais variadas serão as linguagens que manifestam seus propósitos comunicativos.

Para a proposição da Teoria Funcional da Comunicação, considera-se que, “[...] de todo ato de fala e de todo ato de escrita fazem parte [...] conjuntos complexos simultâneos de *dimensões comunicativas* [...]” (NOMURA, 1993, p. 53); são elas: função, espaço, organização social, condições mediais, estágio de evolução da língua, situações sociais. A seguir, apresentamos concisamente o que entendemos por cada uma dessas dimensões com base em Nomura (1993):

Função: função social dos modos de uso particular da língua em uma comunidade linguística; caracteriza um *funcioleto*;

Espaço: experiências regionais e diferenciações culturais condicionadas pelo espaço geográfico; caracteriza um *regioleto*;

Organização social: relações sociais entre os participantes do ato comunicativo baseadas na estratificação social; caracteriza um *socioleto*;

Condições mediais: diferenças condicionadas pelos meios de comunicação; caracteriza um *medioleto*;

Estágio de evolução da língua: língua usada na atualidade ou em estágios anteriores; caracteriza fases históricas e estágios de evolução da língua;

Situações sociais: condições situacionais de comunicação em que ocorrem os discursos; caracteriza gêneros e tipos textuais.

A caracterização de diferentes manifestações de textos pode ser realizada a partir de cada uma dessas dimensões comunicativas. Para Steger, a dimensão da função é a que influencia mais diretamente na determinação de diferentes manifestações textuais. Há também

que se considerar a motivação pragmática, por meio da qual se identificam os objetivos intencionais e as finalidades práticas de uso de certo tipo de comunicação, juntamente com o conteúdo, que envolve referência ao mundo, à realidade e à verdade dos enunciados emitidos (NOMURA, 1993, p. 61).

Ao levar em conta os critérios de *função*, *motivação pragmática* e *conteúdo*, Steger faz a distinção entre comunicação cotidiana, comunicação científica e técnica, e comunicação literária. De maneira concisa e objetiva, podemos distribuir as características de cada tipo de comunicação, linguagem e campo funcional no QUADRO 1, disposto abaixo:

QUADRO 1 – Comunicação Funcional

| CARACTERÍSTICAS | COMUNICAÇÃO COTIDIANA | COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA E TÉCNICA | COMUNICAÇÃO LITERÁRIA |
|--|--|---|---|
| TIPO DE MOTIVAÇÃO PRAGMÁTICA | Motivação para o domínio da vida prática por meio da comunicação. ‘Motivação prática’ | Motivação para a análise descritiva e explicativa do mundo empírico. ‘Motivação analítica’ | Motivação para a criação sintética de um mundo ficcional. ‘Motivação sintética’ |
| MODOS DE AÇÃO, OBJETOS E DELIMITAÇÃO ONTOLÓGICA (especificação de mundos) | O mundo vivenciado pela prática da vida. ‘Mundo cotidiano’ | Os campos parciais do mundo empírico submetidos à análise. ‘Mundo da análise’ | Tudo aquilo que se torna manifesto por meio de uma forma linguística. ‘Mundo linguístico-estético’ |
| VALIDADE DOS ENUNCIADOS | O sucesso prático/o inquestionavelmente ‘certo’ e ‘normal’. | O que é metodológica e sistematicamente experimentado e/ou o que é comprovado ou comprovável pela argumentação e suas conclusões. | O ‘verdadeiro’ por meio da ‘forma estética’. |
| TIPOS DE LINGUAGEM | LINGUAGEM COTIDIANA | LINGUAGEM CIENTÍFICA E TÉCNICA | LINGUAGEM LITERÁRIA |
| CAMPOS DA COMUNICAÇÃO | CAMPO DA PRÁXIS | | CAMPO DA TEORIA |
| | | FUNCIOLETOS | |

Fonte: Adaptado pelo autor com base em Nomura (1993) e Steger (1987).

Notamos que, tanto a linguagem científica e técnica, quanto a linguagem literária, são agrupadas no mesmo campo da comunicação, ou seja, o da teoria, enquanto a linguagem cotidiana ocupa o campo da práxis. Essa separação é explicada por Nomura da seguinte forma:

As linguagens das técnicas e ciências e a linguagem literária servem para a comunicação dentro de setores específicos do conhecimento ou da teoria; paralelamente, a linguagem cotidiana serve para a comunicação entre todos os membros da comunidade linguística e usada em situações concretas da

vida cotidiana, podendo tomar diversas acepções regioletais e socioletais, como: dialetos, falares locais e regionais, gíria urbana, linguagem coloquial, linguagem de grupos sociais (linguagem dos jovens, linguagem feminina, linguagem de malandro, etc.) e outras variações dependentes também de situações sociais e de contextos comunicativos variados (NOMURA, 1993, p. 65).

Entendemos, portanto, que para Steger, apesar das linguagens especializadas das ciências e técnicas e das linguagens especiais da literatura constituírem-se conteudística e funcionalmente de modos diferentes, ambas as linguagens são usadas em setores específicos do conhecimento e da cultura, estabelecendo a comunicação no interior de grupos específicos da sociedade, diferentemente da linguagem cotidiana que busca estabelecer a comunicação entre os membros de uma sociedade. Falamos em linguagens especiais da literatura, uma vez que a linguagem literária assume uma roupagem diferente dependendo da obra em que se insere, de modo a configurar linguagens especiais diversas. Enquanto as linguagens especializadas circulam em setores científicos e tecnológicos do conhecimento, atuando no sistema de organização interno científico e tecnológico da cultura, as linguagens especiais da literatura abarcam inúmeros setores do conhecimento a depender da inscrição temática de determinada obra, compondo parte do sistema de organização interno artístico da cultura.

A partir dessa explanação geral da Teoria Funcional da Comunicação, passemos à conceituação específica do que entendemos por linguagem literária. A proposta de Steger acerca da linguagem literária integra noções desenvolvidas em diferentes momentos de teorização, de modo que Steger (1987) integra as noções de *poeta-creator* retomado à Antiguidade por pensadores renascentistas italianos, mundos possíveis de Leibniz, arte como sistema modelizante secundário de Lotman²⁴, e separação metodológica de campos funcionais de Hamann. Todavia, está além do escopo desta dissertação revisitar todos esses momentos. Limitar-nos-emos apenas à sinalização dessas noções no percurso de conceituação de Steger de linguagem literária.

Principiamos com a noção de que, “[...] a língua natural é um sistema semiótico complexo, pelo fato de permitir no seu interior o desenvolvimento de metassemióticas segundas, como a linguagem jurídica [...]” (GREIMAS, 1976, p. 75). Assim, a partir da noção de Lotman (1978, p. 37) de que “a arte é um sistema modelizante secundário”, Steger entende que “a linguagem literária como texto artístico seria expressão de uma linguagem secundária que não é natural, mas que se baseia numa linguagem natural” (STEGER, 1987, p. 130).

²⁴ Destacamos a importância das contribuições de Iuri Lotman, semiótico russo, para o reconhecimento e entendimento da arte como linguagem, da especificidade da informação artística e da estrutura do texto artístico.

Assim, a linguagem literária, enquanto metassemiótica, funciona como um sistema modelizante secundário que atua na construção de uma percepção de mundo, na criação de um mundo ficcional, um mundo de contraste, de possibilidades alternativas ao mundo real.

Segundo Steger (1987, p. 107), o conceito de *poeta-creator* “[...] enfatiza o fato de o autor como criador não imitar a criação divina, mas criar seu próprio mundo como Deus no Gênesis.” Associada à noção de mundos possíveis de Leibniz, Steger (1987, p. 108) afirma que “[...] o mundo da fantasia poética é um mundo possível; a fantasia poética tem portanto sua própria lógica. A história trata do mundo real, a literatura de um mundo possível [...].”

Segundo Steger (1987, p. 109), Hamann entende que a ciência atua por meio de “operações metodológicas de uma análise generalizante do mundo real através da linguagem”, enquanto a literatura traça “um projeto sintetizante de um mundo ficcionalável a partir da linguagem.” É estabelecido, portanto, “[...] o contraste da ‘síntese criativa (racional e emotiva) de um mundo novo’ como motivo e método da literatura, que é substituído pela ‘análise racional e observadora de recortes de um mundo real’ como motivo e método da filosofia e das ciências empíricas” (STEGER, 1987, p. 110). Assim, a síntese criativa realizada pela linguagem literária é capaz de transpor elementos utilizados em diversas esferas comunicativas da sociedade para a composição de um mundo linguístico ficcional, que busca por meio do plano da expressão atingir a eficácia da concepção de mundo modelizada na obra literária.

“Se é possível associar-se um sentido concreto ao conceito de linguagem literária, então chama-se literária a linguagem que provém de tais processos de transposição, adaptada a seus objetivos de expressão na literatura ficcional” (STEGER, 1987, p. 128). Os processos dos quais o autor fala são aqueles em que uma obra literária faz uso de subsistemas linguísticos, como linguagem cotidiana, jargão, linguagem jurídica, linguagem especializada, ou seja, “[...] elementos extraídos de diferentes sistemas parciais da sociedade dispostos num novo contexto” (STEGER, 1987, p. 122). De forma semelhante, Barbosa (2000, p. 177) ressalta que, no universo de discurso literário, certos aspectos de outros universos de discurso são reunidos sincreticamente. Entendemos, portanto, que no universo de discurso literário é possível encontrar elementos de natureza especializada provenientes de outros universos, trazidos para a linguagem literária na composição sintética de um mundo ficcional. Nesse sentido, a linguagem literária conta com inúmeros recursos de expressividade, podendo adotar um modo de dizer similar, próximo de uma linguagem especializada com uso de terminologias, por exemplo, a depender dos objetivos de composição estética. Assim, Steger (1987, p. 134; grifo nosso) reconhece que “[...] temos [...] *linguagens literárias especialmente*

diversificadas em nossa língua como um todo, o que percebemos principalmente na literatura moderna.”

Outro aspecto importante a ser considerado é que, os textos literários

[...] criam o contexto referencial, que por si só permite que venha à tona o novo sentido linguístico. Fora deste mundo ficcional eles não existem, sucumbem, e somente uma parte deles tem força suficiente para acionar a consciência dos leitores, a ponto de adentrar direta ou disfarçadamente a linguagem prática cotidiana (STEGER, 1987, p. 129).

Observamos nessa afirmação de Steger a especificidade de uma obra literária ao criar o próprio contexto referencial, gerando especificidades intrauniverso de discurso, conforme Pais e Barbosa (2004) salientam ao tratarem da rede de relações semânticas específicas presentes no universo de discurso etnoliterário.

Jeha (1993) também explica que a linguagem do texto literário constrói, em parte, o campo de referência da obra.

As proposições ou sentenças do texto literário formam um campo interno de referência – uma rede de referentes interrelacionados: personagens, acontecimentos, idéias e diálogo. A linguagem do texto ajuda a construir esse campo interno ao mesmo tempo que se refere a ele (JEHA, 1993, p. 82).

Como exemplo, ao nos referirmos ao universo de Harry Potter, ou ao mundo ficcional de Harry Potter, fazemos referência a todo um conjunto de relações não só de personagens e acontecimentos, mas a um campo de relações semântico-conceptuais que conferem à obra a sua coerência interna. Nas palavras de Jeha (1993, p. 82),

O campo de referência interno funde aspectos formais, convencionais e temáticos em uma combinação – o mundo ficcional – que confere à obra literária sua unicidade. Ele também veicula o valor expressivo, simbólico ou modelador do texto em relação ao mundo externo e ao autor. Além disso, o campo interno orienta (ou deveria orientar) toda interpretação do significado da obra literária.

No excerto seguinte, Nomura (1996, p. 202) sintetiza pontos nodais da concepção de linguagem literária de Steger:

[...] a linguagem literária tem a responsabilidade de modelizar uma concepção de mundo; com isso, o plano da expressão adquire uma nova dimensão, pois ele constitui e legitima essa concepção, visto que a força de verdade dessa concepção depende do poder de convicção e de

convencimento da linguagem que a modeliza; [...] com essa nova responsabilidade, fez-se presente a necessidade de remodelar internamente a linguagem existente, não só por meio dos procedimentos poéticos já consagrados – como o uso de metáfora e metonímia, de equivalências sintático-semânticas e de procedimentos, como estranhamento e singularização, conotação e semantização –, como também pelo aproveitamento intencional das variantes linguísticas de outros campos funcionais da comunicação humana – o uso intencional estético da linguagem técnico-científica, religiosa, institucional, administrativa e outras no contexto do texto literário.

É preciso lembrar também que, de acordo com Steger (1987), o mundo do texto literário contém modelos comportamentais que nos permitem ensaiar ações antes de realizá-las de fato. Nesse sentido, a literatura busca fornecer “[...] modelos existenciais adequados à vida e à sociedade” (STEGER, 1987, p.134). Mesmo tratando-se de uma obra ficcional, a literatura pode influenciar ações e comportamentos na sociedade, tendo em vista os valores culturais linguisticamente codificados nos textos.

Concluímos que a linguagem literária não se constitui como uma linguagem à parte da linguagem comum. Não se trata de uma linguagem desviante e inacessível. Como colocado por Hunt (2010a, p. 89), “a ‘linguagem literária’ é diferente no sentido de que o discurso ao qual ela pertence é exclusivo.” Por isso, é importante deixar claro que, ao falarmos de linguagens especiais da literatura, estamos nos referindo aos modos de dizer específicos que a linguagem literária assume em textos concretos delimitados por certa temática. Ela é especial não por propriedades intrínsecas, mas pelo uso que se faz dela em um universo de discurso específico.

A seguir, tratamos dos mundos ficcionais semiotizados por meio da linguagem literária e da atividade sínica da fantasia literária.

2.3 Mundos Ficcionais e a Semiose da Fantasia Literária

Conforme explicitado na seção anterior, Steger (1987) utiliza a noção de mundos possíveis de Leibniz como um dos aspectos caracterizadores da linguagem literária. A concepção metafísica de Leibniz de mundos possíveis foi redirecionada na corrente de pensamento contemporâneo, de modo que eles são encarados como construtos das atividades criativas humanas e não como mundos que esperam ser descobertos num espaço remoto e transcendental (DOLEŽEL, 1998). A concepção contemporânea de mundos possíveis como construtos humanos faz dela uma ferramenta para a teorização empírica (DOLEŽEL, 1998). Doležel (1998, p. ix) constata que, “o universo de mundos possíveis está constantemente se expandindo e se diversificando graças à incessante atividade construtora de mundos por meio

das mentes e mãos humanas.”²⁵ O mesmo autor também reconhece que, “a ficção literária é provavelmente o laboratório experimental mais ativo do empreendimento construtor de mundos.”²⁶

Por ‘mundo’, entendemos “a totalidade de entidades materiais e mentais que pode ser designada por meios linguísticos ou outros meios semióticos”²⁷ (DOLEŽEL, 1998, p. 282). Por ‘mundo real’, entendemos “um mundo possível realizado que é percebido pelos sentidos humanos e fornece o palco para a atuação humana”²⁸ (DOLEŽEL, 1998, p. 279). Por ‘mundo possível’, entendemos “um mundo que é pensável”²⁹ (DOLEŽEL, 1998, p. 281), “[...] a representação de um estado de coisas alternativo ao estado de coisas atuais” (VOLLI, 2012, p. 109). Em outras palavras, não se trata de uma simples representação de elementos do mundo real, visto que certos aspectos de um mundo possível literário, principalmente aqueles caracterizados pela fantasia, mostram-se incompatíveis e inconciliáveis com as experiências que temos do mundo real, físico, como referência.

Ao atribuir à ficção literária o estatuto de empreendimento humano mais produtivo na criação de mundos possíveis, Doležel passa a se referir a esses mundos como ficcionais. “Os mundos ficcionais da literatura são um tipo especial de mundo possível; eles são artefatos estéticos construídos, preservados e transmitidos por meio de textos ficcionais”³⁰ (DOLEŽEL, 1998, p. 16). Assim, um mundo ficcional é “um mundo possível construído por um texto ficcional ou outro meio performativo semiótico”³¹ (DOLEŽEL, 1998, p. 280). O mesmo autor entende que,

Os mundos possíveis da ficção são *artefatos* produzidos por atividades estéticas – poesia e composição musical, mitologia e narrativa, pintura e escultura, teatro e dança, cinema e televisão e assim por diante. Uma vez que são construídos por sistemas semióticos – língua, cores, formas, tonalidades, atuação e assim por diante – justificamos a sua caracterização como objetos semióticos³² (DOLEŽEL, 1998, p. 14-15).

²⁵ No original: *The universe of possible worlds is constantly expanding and diversifying thanks to the incessant world-constructing activity of human minds and hands.*

²⁶ No original: *Literary fiction is probably the most active experimental laboratory of the world-constructing enterprise.*

²⁷ No original: *The totality of material and mental entities that can be designated by linguistic or other semiotic means.*

²⁸ No original: *A realized possible world that is perceived by human senses and provides the stage for human acting.*

²⁹ No original: *A world that is thinkable.*

³⁰ No original: *Fictional worlds of literature [...] are a special kind of possible world; they are aesthetic artifacts constructed, preserved, and circulating [sic] in the medium of fictional texts.*

³¹ No original: *A possible world constructed by a fictional text or other performative semiotic medium.*

³² No original: *Possible worlds of fiction are artifacts produced by aesthetic activities – poetry and music composition, mythology and storytelling, painting and sculpting, theater and dance, cinema and television, and*

Assim, como objetos semióticos, mundos ficcionais fazem parte do acervo cultural das sociedades e integram a memória coletiva de um povo.

Doležel (1998) entende que a ficcionalidade é primeiramente um fenômeno semântico, localizado no eixo ‘representação (signo) – mundo’; aspectos formais e pragmáticos são importantes, mas têm um papel auxiliar. Doležel (1998) realiza uma discussão sobre o lugar da ficcionalidade em algumas teorias, caminhando em direção aos enfoques que aceitam a legitimidade de representações ficcionais. Tal discussão, resumimos a seguir.

Bertrand Russel entendia que, quando se considera o mundo real como único domínio de referência, entidades ficcionais não existem, termos ficcionais são considerados vazios (*empty terms*), uma vez que lhes falta referência. Russel admite, contudo, que apesar da falta de referência, termos como *unicorn* e *sea-serpent* possuem significação. Mesmo assim, ele não explica de onde vem o conhecimento de conceitos ficcionais. Gottlob Frege, de forma similar a Russel, entende que termos ficcionais são constituídos puramente de significação (*pure sense*), já que não denotam uma entidade no mundo. Porém, visto que Frege considera que a significação é o modo de apresentação (*mode of presentation*) do referente, torna-se problemático falar da significação de termos que não têm referentes, a não ser que a significação seja definida independentemente do referente. Tal entendimento encontra lugar na teoria de Ferdinand de Saussure, que comprehende que a língua não se refere passivamente às entidades do mundo, mas exerce uma função semiótica. Em outras palavras, o significado não é definido na relação externa entre língua e mundo, mas sim na relação interna entre um significante e um significado. A relação de referência se dá no interior do próprio signo (*self-reference*). Nesse sentido, a estrutura semântica da língua é concebida independentemente da estrutura do mundo, já que o significado é determinado pela estrutura formal do significante e não por um referente externo. Doležel (1998), então, questiona qual seria o lugar do conceito de ficcionalidade em uma semântica sem referência, apontando que Saussure e seus adeptos não ponderaram essa questão.

Diferente dos enfoques filosóficos e linguísticos apresentados acima, Doležel destaca que a doutrina da mimese foi constituída como uma teoria de representações ficcionais. A ideia principal dessa teoria é que: “[...] entidades ficcionais são derivadas da realidade, elas

so on. Since they are constructed by semiotic systems – language, colors, shapes, tones, acting, and so on – we are justified in calling them semiotic objects.

são imitações ou representações de entidades que realmente existem”³³ (DOLEŽEL, 1998, p. 6). A função mimética fornece uma semântica ficcional referencial. Ao combinar um particular ficcional (constituente elementar de um mundo ficcional) com um particular existente, a função mimética confere referentes aos termos ficcionais, de modo que o domínio de referência dos textos ficcionais é o mundo real. Contudo, visto que não há como encontrar particulares existentes para a grande maioria de particulares ficcionais, esse postulado não se sustenta. Por exemplo, não há como atestar historicamente a existência de um indivíduo real chamado Harry Potter que morou com seus tios em Londres. Da mesma forma que não há registros históricos da existência de Hamlet ou de tantos outros indivíduos ficcionais que se queira citar. Segundo Doležel, o fracasso teórico da mimese está justamente em aderir-se a um modelo baseado em apenas um mundo como referência. O autor explica que “não há escapatória para o que podemos chamar de lei de Leibniz-Russel: o mundo real não pode ser a morada de particulares ficcionais”³⁴ (DOLEŽEL, 1998, p. 9). Segundo Doležel (1998), o defeito fatal das abordagens semânticas da ficcionalidade baseadas em um mundo é que elas não conseguem explicar os particulares ficcionais. Por isso, ele propõe uma semântica ficcional com base em múltiplos mundos.

Conforme Doležel (1998), em sua caracterização de mundos ficcionais, ressaltamos os seguintes aspectos: são conjuntos de possíveis estados não-reais, ilimitados e altamente variados; são acessados por meios semióticos; podem ser semanticamente heterogêneos; são construtos da atividade textual humana. Detalhamos, em sequência, cada um deles.

Enquanto Harry Potter não é um homem passível de ser encontrado no mundo real, trata-se de uma pessoa possível individualizada que habita um mundo ficcional. Da mesma forma, o termo *Dementor* (dementador) não é vazio, nem auto-referencial; ele se refere a uma criatura específica de um mundo ficcional. Nesse sentido, o conceito de referência ficcional ganha legitimidade na semântica ficcional de Doležel. Nessa perspectiva, a Londres ficcional de Rowling não é idêntica à Londres geográfica, da mesma forma que o Nicolas Flamel ficcional de Rowling não é idêntico ao Nicolas Flamel histórico. Em outras palavras, o Nicolas Flamel ficcional não possui o mesmo estatuto ontológico que o Nicolas Flamel histórico. Para que a cidade Londres possa fazer parte de um mundo em que é possível atravessar barreiras e chegar a uma escola de magia (Hogwarts), é preciso que ambas possuam

³³ No original: [...] *fictional entities are derived from reality, they are imitations or representations of actually existing entities.*

³⁴ No original: *There is no escape from what we might call the Leibniz-Russel law: the actual world cannot be the domicilie of fictional particulars.*

o mesmo estatuto ontológico, ou seja, o de possíveis não-reais. A Londres de Rowling é tão ficcional quanto Hogwarts, de modo que ambas integram um mesmo mundo ficcional.

Mundos ficcionais não precisam se conformar com as estruturas e as leis do mundo real, de modo que eles são ilimitadamente variáveis. Já que não se tratam de imitações do mundo, “mundos ficcionais não são restringidos por requisitos de verossimilhança, validação da verdade, plausibilidade; eles são formados por mudanças históricas em aspectos estéticos, como objetivos artísticos, [...] estilos de época e individual”³⁵ (DOLEŽEL, 1998, p. 19). Por exemplo, o ato de desaparatar/aparatar (*Disapparate/Apparate*) não é verossímil em relação ao mundo real, mas em um dado mundo ficcional ele pode ser totalmente plausível, como o é em Harry Potter. Em outras palavras, um mundo ficcional opera a partir de suas próprias leis. Nas palavras de Jeha (1993, p. 117), “as literaturas que enfatizam a fantasia [...] não se deixam tolher por supostas correspondências com o mundo experimentado.”

O acesso a mundos ficcionais é viabilizado por meios semióticos. É por meio da semiose, da atividade sínica, que se pode ultrapassar a fronteira entre o real e o possível ficcional. É por meio do processamento da informação contida em textos que o leitor tem acesso aos mundos ficcionais. O autor constrói um mundo que, posteriormente, é reconstruído pelo leitor por meio da leitura. Identificamos aqui que o processo onomasiológico caracteriza a construção de mundos ficcionais pelo autor, enquanto o processo semasiológico caracteriza a reconstrução dos mundos pelo leitor. “Ao reconstruir o mundo ficcional como uma imagem mental, o leitor pode ponderá-lo e fazê-lo parte de sua própria experiência, da mesma forma como experientialmente apropria-se do mundo real”³⁶ (DOLEŽEL, 1998, p. 21). Mundos ficcionais expandem os horizontes experenciais do leitor, fornecendo “alternativas imaginárias” (*imaginary alternatives*; DOLEŽEL, 1998, p. 22) que enriquecem o seu modo de existência. Ao serem apropriados, seja por divertimento ou aquisição de conhecimento, os mundos ficcionais integram a realidade do leitor (DOLEŽEL, 1998).

Por meio da produção textual, um autor cria um conjunto de possíveis estados não-reais, estados alternativos não atualizados no mundo real, que anteriormente não existiam. É a atividade textual que instaura um mundo ficcional literário. Entendemos que antes do texto um mundo ficcional não existe, mas erige-se pouco a pouco na cadeia sintagmática de um texto ficcional literário. Dessa forma, ponderamos que o texto literário ficcional tem um

³⁵ No original: *Fictional worlds are not constrained by requirements of verissimilitude, truthfulness, or plausibility; they are shaped by historically changing aesthetic factors, such as artistic aims, [...] period and individual styles.*

³⁶ No original: *Having reconstructed the fictional world as a mental image, the reader can ponder it and make it a part of his experience, just as he experientially appropriates the actual world.*

estatuto ambivalente, trata-se de um objeto real, corporificado no mundo real, mas que se refere a estados diferentes do mundo real. “A atividade criativa textual, como toda atividade humana, ocorre no mundo real; contudo, ela constrói reinos ficcionais cujas propriedades, estruturas e modos de existência são, em princípio, independentes das propriedades, estruturas e modos existenciais da realidade”³⁷ (DOLEŽEL, 1998, p. 23). A semântica de mundos possíveis confere uma visão de literatura como criação perene, em que os possíveis tornam-se existentes ficcionais concretizados em objetos semióticos (DOLEŽEL, 1998), como os textos. É como objetos semióticos que *unicorns* e *fairies*, *house-elves*, *Horcruxes* e *Dementors*, Harry Potter e Voldemort adquirem existência no mundo real.

A proposta da semântica ficcional apresentada por Doležel não preconiza uma ruptura das conexões possíveis de serem estabelecidas entre ficção e realidade, pelo contrário, sua proposta está assentada em uma troca bidirecional entre essas duas instâncias. Em suas palavras, “[...] em uma direção, ao construir mundos ficcionais, a imaginação poética trabalha com ‘material’ retirado da realidade; na direção oposta, construtos ficcionais influenciam profundamente nossa imaginação e entendimento da realidade”³⁸ (DOLEŽEL, 1998, p. x).

De forma similar, Ryan (2014), que compartilha do mesmo modelo teórico de Doležel, afirma que há uma pluralidade de mundos, de modo que o mundo em que vivemos é chamado de real e é o único mundo com existência autônoma. Os outros são mundos possíveis não-reais, criações da imaginação.

Textos não ficcionais se referem ao mundo real, enquanto ficcionais criam mundos possíveis não reais. Nesse modelo, a distinção entre ficção e não ficção é uma questão de referência: a não ficção faz alegações verídicas sobre o mundo real, enquanto a ficção faz alegações verídicas sobre um mundo possível alternado (RYAN, 2014, p. 6).

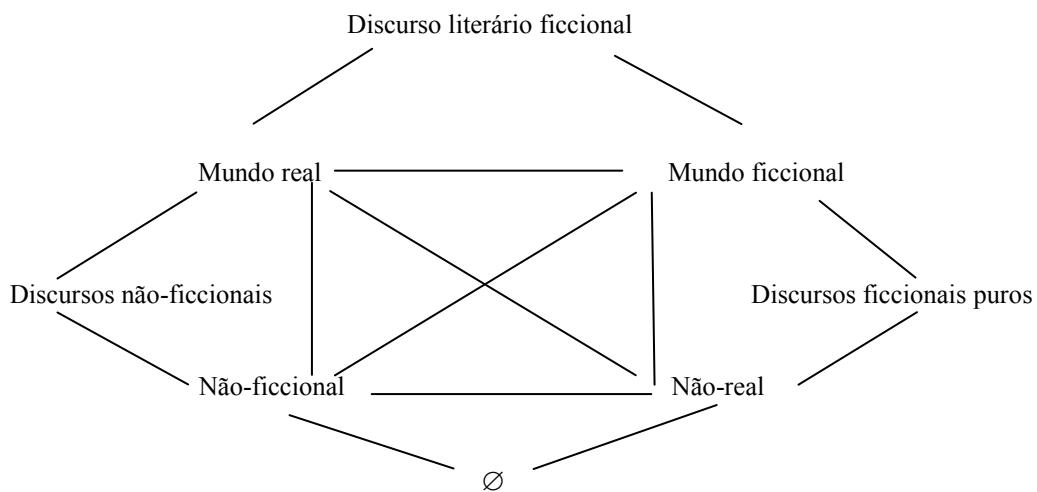
Uma vez que Ryan (2014) afirma fazer parte do mesmo paradigma teórico de Doležel (1998), entendemos que mesmo os textos ficcionais que fazem alegações verídicas sobre um mundo possível, fazem uso de elementos e categorias semânticas do mundo real. Como Doležel explica, há uma bidirecionalidade na relação entre real e ficção, de modo que um texto ficcional dificilmente será totalmente ou puramente ficcional. Segundo Doležel (1998),

³⁷ No original: *Textual poiesis, like all human activity, occurs in the actual world; however, it constructs fictional realms whose properties, structures, and modes of existence are, in principle, independent of the properties, structures and existencial modes of actuality.*

³⁸ No original: *In one direction, in constructing fictional words, the poetic imagination works with “material” drawn from actuality; in the opposite direction, fictional constructs deeply influence our imaginig and understanding of reality.*

ao criar um mundo ficcional literário, um autor parte do mundo real de várias formas: adota os seus elementos, categorias e modelos macroestruturais (ordem geral); pega emprestado fatos brutos, realemas culturais³⁹, ou características discursivas; ancora a história ficcional em um evento histórico; combina lugares reais para criar um lugar ficcional e assim por diante. O que percebemos é que os textos literários que manifestam um discurso ficcional podem ser semanticamente constituídos a partir de um sincretismo entre o mundo real e um mundo ficcional, fazendo uso de categorias semânticas tanto do real quanto da ficção, de modo a acomodar domínios diversos, como a junção de dois mundos, sendo, portanto, semanticamente heterogêneos (DOLEŽEL, 1998). Assim, a semântica ficcional de Doležel e a caracterização dos textos que se concretizam a partir da referência ao mundo real ou a mundos possíveis da ficção de Ryan, permite-nos propor em semântica profunda o seguinte modelo:

FIGURA 1 – Representação da estrutura semântica fundamental do discurso literário ficcional



Fonte: Elaboração do autor a partir de Doležel (1998) e Ryan (2014).

A oposição entre os diferentes discursos acima se dá em relação ao mundo a que fazem referência. Isso não significa que os discursos não-ficcionais, por exemplo, não façam uso de elementos ficcionais. Clas (2004), ao questionar concepções tradicionais em Terminologia, faz referência ao termo *Kobalt*, que além de designar o elemento químico *cobalto*, também designa um duende com espírito malandro (criatura frequentemente encontrada em textos literários ficcionais), ou seja, mesmo os discursos não-ficcionais que

³⁹ Realemas culturais são itens da realidade, como pessoas, fenômenos naturais, vozes, gestos, que apesar de estarem no mundo exterior, em termos de referência em um enunciado verbal, constituem itens do repertório cultural, o repertório da realia (EVEN-ZOHAR, 1990).

reclamam um direito de verdade sobre o mundo real podem fazer uso de elementos provenientes da ficção.

A partir desse modelo, entendemos que o discurso literário ficcional oscila no eixo semântico entre mundo real e mundo ficcional. Dessa maneira, a ficção de cunho realista é tão ficcional quanto a de fantasia. O que as difere é que a ficção literária realista, apesar de também construir um mundo ficcional ainda que semelhante ao mundo real, aproxima-se mais do mundo real na sua estruturação semântica, e a ficção de fantasia, por sua vez, aproxima-se mais de um mundo ficcional. Os sememas⁴⁰ que constituem as unidades lexicais da ficção realista são derivados do mundo real, enquanto os sememas das unidades lexicais da ficção literária de fantasia são, em grande medida, derivados de um mundo possível ficcional. Ambas, contudo, caracterizam-se como ficção. Assim, os eventos narrados nos textos literários de fantasia dizem respeito *a priori* a um mundo ficcional. Pelo fazer interpretativo do enunciatório, a ficção frequentemente revela que tem muito a dizer sobre a vida no mundo real. O significado que é atribuído à ficção a partir do mundo real é um significado indireto, simbólico, porque inicialmente os seus significados constroem-se tendo como referência um mundo ficcional. Assim, mundo real e mundo ficcional constituem, sincreticamente, a base de referência semântica para a lexemização⁴¹ de traços semântico-conceptuais em unidades lexicais ficcionais, que integram os discursos literários ficcionais, como *Horcrux*, em Harry Potter.

Ao tratar da semiose da fantasia literária, do “[...] processo de produção e circulação do sentido (a *semiose*) [...]” (VOLLI, 2012, p. 36), Jeha (1993, p. 79) afirma que contrariamente à noção de mimese da Antiguidade, “[...] dada sua configuração relacional, ao signo pouco importa se o objeto que o determina (ou que ele determina) se refere a algo existente na natureza ou não” (JEHA, 1993, p. 79). Como exemplo, o mesmo autor faz referência ao ‘unicórnio’ e ao ‘centauro’, criaturas mitológicas. “Seres totalmente dependentes da cognição, criados a partir de elementos totalmente independentes dela, que existem no ambiente físico” (JEHA, 1993, p. 83). Em outras palavras, ‘centauro’ é uma

⁴⁰ “Os semas nucleares definem os traços invariáveis em um lexema, aqueles traços que justificam a especificidade de seu significado, de seu valor, que permanece constante independentemente do contexto de aparição. Os semas contextuais, por sua vez, são aqueles que dependem do contexto no qual o lexema é inserido e servem para declinar o significado invariável segundo as particulares acepções que aquele lexema pode, de vez em quando, assumir. O significado de um lexema depende sempre da combinação de ao menos um sema nuclear com pelo menos um sema contextual. É esta combinação, variável evidentemente a cada inserção do lexema em um texto dado, que toma o nome de semema. [...] O semema, como se vê, reúne em si feixes de semas que, combinando-se, justificam as significações específicas de cada ocorrência” (VOLLI, 2012, p. 70-71).

⁴¹ “[...] configuração do conceito em grandeza-signo, no próprio ato de instaurar a significação” (BARBOSA, 2004, p. 57).

criatura comumente descrita como a junção corporal entre homem e cavalo, entidades que independem da cognição para existirem, que são percebidas separadamente no mundo fenomenológico, mas, quando por ação da imaginação, fundem-se em um ‘centauro’, tornam-se dependentes da cognição. Em outras palavras, a criatura centauro não é percebida em referência ao mundo biofísico e natural como percebemos um cachorro, mas sim em referência ao universo cultural humano ou a um mundo ficcional específico do qual faz parte. Isso porque um cachorro e um centauro não tem o mesmo estatuto ontológico. Enquanto o primeiro é uma entidade real, o segundo é um possível não-real, um particular ficcional de um mundo possível ficcional.

O unicórnio, por exemplo, comumente definido como um cavalo com um chifre que desponta da parte superior do crânio, é a junção de um traço biológico (o chifre) que os equinos no mundo natural não possuem. Em um mundo ficcional, contudo, tal junção, ao mesmo tempo em que leva à criação de um conceito, cria também uma grandeza-signo para denominá-lo, ‘unicórnio’. Isso mostra que, o mundo real fornece elementos que, quando inseridos em um mundo ficcional, sofrem mudanças que levam à formação de um conceito e de uma denominação específicos àquele mundo ou ao universo de discurso em que são usados, independentemente de correspondência referencial a uma entidade concreta.⁴²

O material que o mundo real fornece tem que sofrer uma transformação para ser admitido no mundo ficcional: ele deve ser convertido em possíveis não-reais, com todas as consequências lógicas, ontológicas e semânticas. Essa conversão só ocorre através da semiose textual e porque, para o signo, é indiferente se o objeto a que ele se refere é também uma coisa ou se existe apenas na imaginação (JEHA, 1993, p. 85).

No caso dos textos ficcionais “[...] o signo determina (cria) um objeto ao referir-se a ele” (JEHA, 1993, p. 87), e assim, por meio da atividade sínica pode-se, a partir de algo conhecido, manipular relações para criar seres sobrenaturais, dentre outros elementos que estruturam um mundo ficcional. Entendemos que, os termos ficcionais não só constituem

⁴² Volli (2012, p. 32) observa que, “do ponto de vista semiótico, significado (pensemos na definição que o dicionário dá de uma palavra) é um conceito, resultado de uma construção cultural que permite compreender um determinado campo de realidade. Nessa perspectiva, o significado não é a referência a um ou mais objetos concretos. A palavra ‘cão’, por exemplo, tem por significado um conceito zoológico bastante conhecido e pode ser empregada por numerosas pessoas diferentes, as quais têm em mente animais bem diferentes fisicamente, ou animais apenas imaginados. Além do mais, do ponto de vista comunicativo, a palavra ‘cão’ funciona de modo completamente semelhante à palavra ‘unicórnio’, que também designa o conceito de um animal que os zoólogos nos dizem jamais ter existido. E o significado de ‘unicórnio’ é completamente diferente do de outro objeto igualmente inexistente, como ‘quimera’.” Acrescentamos uma ressalva de que eles são inexistentes tendo o mundo real como referência. Em um mundo ficcional, contudo, eles existem enquanto particulares ficcionais, entidades possíveis não-reais.

unidades de conhecimento relativas a um mundo ficcional, como também unidades linguísticas que podem integrar a cadeia figurativa de um texto, uma vez que constituem figuras de um mundo ficcional semiotizado em texto. Em HP, por exemplo, consoante nossa interpretação, o percurso temático de ‘aceitação da morte’ é recoberto por figuras, como *Mirror of Erised*, *Philosopher’s Stone*, *Horcrux* e *Deathly Hallows*, termos que conferem concretude, espessura à ideia abstrata do percurso temático.

Em resumo, a semiose da fantasia literária é caracterizada pelo caráter relacional do signo que permite que relações diversas sejam estabelecidas no interior da linguagem, propiciando a criação de particulares ficcionais, que podem ser divergentes da experiência física que temos no mundo real. As unidades lexicais ficcionais presentes nesse universo de discurso apresentam referência a um mundo ficcional, de modo que são conceptualizadas com base em sememas provenientes deste mundo, gerando especificidades no interior de um texto ficcional. Percebe-se que termos ficcionais devem ser analisados a partir da esfera cultural; é no ambiente cultural humano, nas produções culturais humanas que essas unidades lexicais adquirem sentido. Elas constituem um registro linguístico, um documento cultural relativo às crenças e ao imaginário coletivo de uma cultura.

No capítulo seguinte, revisamos alguns conceitos e pressupostos teóricos das principais vertentes dos estudos terminológicos.

3 PERSPECTIVAS ANALÍTICO-DESCRITIVAS NOS ESTUDOS TERMINOLÓGICOS: CONCEITOS BÁSICOS DE DIFERENTES BASES EPISTEMOLÓGICAS

Há algum tempo a Terminologia tem se mostrado mais responsiva e sensível a diferentes áreas do conhecimento e da cultura humana. Prova disso são as diferentes vertentes de estudos terminológicos que têm se desenvolvido nos últimos anos. Nesse sentido, este capítulo trata de algumas considerações críticas em relação à Terminologia tradicional, advogando pela necessidade de novas propostas descritivas, além de caracterizar alguns objetos de estudo abordados pela teoria terminológica, como termos, fraseologias, definições e textos. Também integra este capítulo, uma concisa revisão das principais bases epistemológicas da Terminologia: Teoria Geral da Terminologia, Teoria Comunicativa da Terminologia, Socioterminologia, Teoria Sociocognitiva da Terminologia, Terminologia Textual, Terminologia Cultural e Etnoterminologia.

3.1 Terminologia

De modo geral, a pesquisa terminológica tem se ocupado do estudo de termos, fraseologias e definições que integram a comunicação humana em áreas específicas do conhecimento. Mais recentemente, o texto também tem sido considerado como foco de pesquisas terminológicas, juntamente com a hierarquia de elementos que o constitui. Universos de discurso também têm sido abordados como aspecto determinante da configuração terminológica de unidades lexicais. Nesta seção, tratamos brevemente desses objetos de estudo da Terminologia, dentre outros conceitos básicos da teoria terminológica, fundamentais para o embasamento da pesquisa.

3.1.1 Universo de discurso

Acreditamos que para a descrição terminológica, de modo geral, a inserção do âmbito específico em questão em um universo de discurso é preponderante para que o pesquisador tenha condições de delimitar o campo do conhecimento e da cultura de que a descrição faz parte, tendo em vista os discursos manifestados que compõem tal universo. Em outras palavras, ao identificar o universo de discurso no qual se insere a terminologia em análise, é possível estabelecer um recorte semântico-conceptual de forma a caracterizar o texto em foco, tendo em vista a intertextualidade e a interdiscursividade estabelecida com outras manifestações discursivo-textuais, bem como as relações conceptuais presentes em

interdiscursos-manifestados. Tal delimitação contribui para a identificação das especificidades discursivas, textuais, pragmáticas, semânticas, fraseológicas e lexicais de determinada manifestação textual.

Por universo de discurso entendemos,

[...] um conjunto não-finito ou que tende ad infinitum, de todos os discursos manifestados que apresentam determinadas características e constantes, assim como determinadas coerções, suscetíveis de configurar uma norma. (...) A norma discursiva que lhe corresponde, definida por tais características comuns e constantes, bem como por tais coerções, configura, portanto, um conjunto de critérios de equivalência, pelos quais é lícito reunir diferentes discursos manifestados, discursos-ocorrências, numa classe de equivalência discursiva, o universo de discurso considerado (...) semelhante norma de universo de discurso compreende, na verdade, uma série de normas frásticas, lexicais, sintáticas, semântico-sintáticas e, por vezes, fonético-fonológicas, e outras tantas normas transfrásticas, narrativas e discursivas (PAIS, 1984, p.44-45 *apud* BARBOSA, 2004, p. 78).

Depreende-se da citação acima que um universo de discurso, enquanto classe de equivalência discursiva, congrega os discursos-ocorrência que compartilham determinadas características de ordem frástica e transfrástica, ou seja, no nível da frase e do discurso. É a partir do que os discursos manifestados têm em comum que se torna possível agrupá-los em universos de discurso, que dada às inúmeras relações intertextuais e interdiscursivas estabelecidas em seu interior, expandem-se infinitamente. Por isso,

[...] um universo de discurso estabelece e renova incessantemente uma rede de relações intertextuais entre os textos manifestados, enunciados, e uma rede de relações interdiscursivas, entre os processos discursivos de produção realizados. Esses textos e discursos apresentam, pois, certas características comuns e constantes, correspondentes a uma *norma discursiva* (BARBOSA, 2010, p. 542).

Entendemos que uma nova manifestação discursiva gera um rearranjo nas relações com outras manifestações de um mesmo universo de discurso, atualizando a norma discursiva que caracteriza tal universo. Apesar de haver certas características compartilhadas em obras de literatura de fantasia infantojuvenil, entendemos, consoante Barbosa (2000, p. 189), que “[...] o universo de discurso literário, diferentemente dos demais universos de discurso, não tem caracterizadores gerais [...] *enquanto norma discursiva*.” Em outras palavras, uma vez que cada obra literária constitui um ato de enunciação muito particular e específico de um enunciador (mesmo que este seja constituído por uma multiplicidade de vozes), torna-se problemático elencar marcas discursivas constantes em todos os textos que compõem o

discurso literário ou mais especificamente o discurso literário de fantasia infantojuvenil, principalmente em relação a marcas no nível frástico, como a constituição lexical, sintática e morfossintática. Nesse sentido, “cada texto-ocorrência tem suas próprias marcas [...]” (BARBOSA, 2000, p. 190), com processos neológicos preferenciais, por exemplo. Mesmo assim, tomando a literatura de fantasia infantojuvenil como um universo de discurso, ainda é possível elencar certas características que nos permitem agrupar vários discursos manifestados nesse universo. *Alice's Adventures in Wonderland*, *Peter Pan*, *The Chronicles of Narnia* e *Harry Potter*, por exemplo, são manifestações textuais constituintes do universo de discurso literário de fantasia infantojuvenil, que podem ser agrupadas na mesma classe, tendo em vista que, em termos transfrásticos, as narrativas se desenvolvem em um mundo ficcional distinto do mundo cotidianamente experimentado em que as crianças são os principais actantes. Mesmo tendo essa característica que nos permite atribuir-lhes uma classe discursiva, cada discurso enunciado apresenta marcas caracterizadoras específicas.

Nesse sentido, a interpretação de uma manifestação textual, em certa medida, depende das conexões estabelecidas com outras manifestações intrauniverso de discurso. De acordo com Enkvist (1989, p. 166), quando somos expostos a um texto, certos elementos ativam referências a um universo de discurso semântico, definido por ele como “um sistema de modelos da realidade conceptualmente organizado e recuperável.” Assim, “somos levados a um mundo de texto específico caracterizado por um conjunto altamente delimitado de características específicas.”⁴³ Enkvist (1989, p. 170) considera que a interpretação textual envolve universos de discurso bem como mundos textuais, de modo que é possível conceber o estabelecimento de universos de discurso como um componente semântico na interpretação, e a construção de mundos textuais como sua projeção pragmática.

Na atividade interpretativa, o enunciatário percorre um caminho que vai tanto do texto para o universo de discurso, quanto do universo de discurso para o texto. É um processo que vai e volta de uma instância à outra, de modo que um texto adquire significado tanto a partir do mundo textual engendrado pelo próprio texto concretizado, quanto em conexão a outros textos integrantes do universo de discurso que o contém. “E para interpretar um texto devemos conceber um mundo. [...] E para construir mundos de texto devemos conhecer

⁴³ No original: *Thus when we are exposed to an emerging text, certain elements and their collocations in the text activate references to a semantic universe of discourse, definable as a conceptually organized and retrievable system of models of reality, and lead us to a specific text world characterized by highly constrained specific set of states of affairs.*

“universos de discurso”⁴⁴ (ENKVIST, 1989, p. 184). Assim, em certa medida, a interpretação textual é construída a partir de um universo de discurso.

A intertextualidade, por sua vez, é assegurada em um mesmo universo de discurso (UD) por um arquitexto, “um subconjunto-intersecção de *n* textos” (BARBOSA, 2010, p. 541) pertencentes a esse universo. Barbosa (2010) representa a constituição de um arquitexto da seguinte forma:

$$UD = T_1 \cap T_2 \cap \dots T_n = \text{Arquitexto}$$

Podemos citar, como exemplo, a dicotomia entre bem e mal presente no arquitexto do universo de discurso de fantasia.

A interdiscursividade é então assegurada por um arquidiscorso, “subconjunto-intersecção de *n* discursos pertencentes a um *universo de discurso*” (BARBOSA, 2010, p. 541). A mesma autora representa a constituição de um arquidiscorso da seguinte forma:

$$UD = D_1 \cap D_2 \cap \dots D_n = \text{Arquidiscorso}$$

Podemos citar a serialização, enquanto modo de produção dos discursos de fantasia, como marca caracterizadora do arquidiscorso do universo de discurso literário de fantasia, uma vez que tem sido cada vez mais comum a produção e recepção desses discursos em múltiplos volumes (cf. Apêndice A).

Barbosa (2010, p. 541-542) também define “[...] *arquiterminologia* como o subconjunto-intersecção de *n* termos, do mesmo plano de expressão, pertencentes a um *universo de discurso* e *arquiconceito* como o subconjunto-intersecção de conceitos relativos à conceptualização própria de um universo de discurso.” O termo *wizard*, por exemplo, faz parte da arquiterminologia dos discursos de *The Wizard of Oz*, *The Chronicles of Narnia*, *The Lord of the Rings* e Harry Potter, dentre muitos outros.

Como vimos na exposição conceitual anterior, um universo de discurso configura uma rede de conexões entre textos, discursos manifestados que estabelecem subconjuntos-intersecção específicos entre si, ou seja, conjuntos arquitextuais, arquidiscursivos, arquiterminológicos e arquiconceituais. Esses conjuntos asseguram a manutenção e a

⁴⁴ No original: *And to interpret a text we must conceive a world. [...] And to construe text worlds we must know universes of discourse.*

atualização das características frásticas e transfrásticas dos discursos manifestados que compõem dado universo. Assim, a conceituação de *universo de discurso* e de sua relação com a interpretação textual é relevante a esta pesquisa, porque entendemos que é devido à inserção de determinado discurso manifestado em um universo de discurso que se torna possível determinar o estatuto das unidades lexicais que o constituem, além de que o ato de se definir uma unidade lexical constitui um ato de interpretação do ambiente textual em que ocorre.

3.1.2 Linguagem especial

A partir da noção de universo de discurso anteriormente caracterizada, entendemos que cada universo congrega discursos textualmente concretizados, que têm como matéria-prima um recorte da língua geral inserido em uma temática específica. A esses recortes da língua geral denominamos sublinguagens. Para Hoffman (2015, p. 40):

Uma *sublinguagem* é um sistema parcial ou um subsistema da linguagem que se atualiza em textos de âmbitos comunicativos específicos. Pode-se também dizer: uma sublinguagem é um recorte de elementos linguísticos e de suas relações estabelecidas em textos de uma temática delimitada. A subdivisão da linguagem global em sublinguagens não parte – conforme a teoria dos estilos funcionais – da intenção comunicativa ou da finalidade da ação comunicativa, mas sim do conteúdo ou do tema da comunicação. Com a ajuda desse critério, pode-se associar cada texto a um âmbito temático ou comunicativo determinado e, portanto, a uma sublinguagem determinada.

De acordo com a conceituação de Hoffman acima, as sublinguagens são estabelecidas a partir de um critério temático. Dessa forma, a partir do tema de um discurso, o enunciador seleciona recursos linguísticos para compô-lo, de modo que essa seleção não se restringe apenas a escolhas lexicais, mas também a uma gama de outros elementos de ordem gramatical, sintática e textual. Logo, a seleção de elementos linguísticos realizada por um enunciador na composição textual configura um subconjunto do todo da língua. Apesar de se enquadrar como sublinguagem, ‘linguagem especializada’ recebe um conceito diferente por Hoffman (2015, p. 40-41):

[...] é o conjunto de todos os recursos linguísticos que são utilizados em um âmbito comunicativo, delimitado por uma especialidade, para garantir a compreensão entre as pessoas que nele atuam. Esses recursos conformam, enquanto sublinguagem, uma parte do inventário total da língua. Na composição de textos especializados, sua seleção e estruturação estão determinadas tanto pelo conteúdo especializado quanto pela função ou finalidade comunicativa do enunciado, assim como também por uma série de outros fatores objetivos e subjetivos presentes no processo comunicativo.

No caso da linguagem literária, entendemos que não se trata de uma linguagem especializada no sentido que Hoffman lhe atribui. Contudo, ela não deixa de ser uma sublinguagem em certas obras que versam sobre uma temática específica, como a magia e a bruxaria em Harry Potter. A linguagem literária também é dotada de uma função ou finalidade na comunicação social que a distingue da língua comum, ou seja, enquanto funcioleto, as linguagens especiais da literatura modelizam o mundo de forma sintética na criação de mundos ficcionais, podendo incluir em seu traçado verbal-estético variantes das linguagens especializadas e da língua comum. Apesar de usar recursos da língua comum, assim como as linguagens especializadas, a linguagem literária pode usar recursos próprios e uma seleção lexical específica, dentre outros recursos linguísticos, tendo em vista uma temática, a construção de um mundo ficcional, propósitos de criação estética e estilística. Assim, as linguagens especiais da literatura tornam-se sublinguagens, na medida em que os recursos linguísticos são usados para a composição de certa obra inserida em uma temática específica.

De acordo com Lotman (1978, p. 30), “[...] o mundo que rodeia o homem fala linguagens múltiplas [...]” de modo que a interação do homem com o meio exterior pode ser representada como a recepção e o deciframento duma informação determinada, ou seja, o homem é rodeado por informações e sinais que o mundo, a vida o envia. Tais sinais são decifrados, na medida em que, transformados em signos, permitem a comunicação na sociedade humana. As linguagens especiais da literatura e as linguagens especializadas das ciências e das técnicas têm modos diferentes de codificar e de transmitir informações. Segundo Lotman (1978, p. 30) “determinados aspectos da informação podem ser conservados e transmitidos unicamente com a ajuda de linguagens especialmente organizadas [...].” Tais linguagens são “[...] especialmente adaptadas a um dado tipo de modelização e de comunicação” (LOTMAN, 1978, p. 30). Tomando a literatura como uma dentre várias manifestações artísticas humanas, entendemos que,

A arte é um gerador notavelmente bem organizado de linguagens de um tipo particular, que prestam à humanidade um serviço insubstituível ao ser aplicada a um dos lados mais complexos do saber humano e ainda não completamente esclarecidos no seu mecanismo (LOTMAN, 1978, p. 30).

Desse modo, a arte, assim como a ciência, busca uma compreensão da vida. As manifestações discursivas desses âmbitos buscam, cada uma à sua maneira, suprir a necessidade humana de saber. É interessante como Gafe (1702 *apud* STEGER, 1987, p. 107)

diz que a poesia, “[...] transmite ensinamentos: ‘ela é uma ciência bela e alegre’”. Assim, inferimos que a literatura também é fonte de conhecimento. No caso das linguagens especiais da literatura, notamos que, em muitos casos, elas atuam na composição de um discurso ficcional. Em outras palavras, a relação dessas linguagens com o mundo é da ordem da ficção, de modo que não reclamam um valor de verdade sobre o mundo real como as linguagens especializadas das ciências; sua relação com o mundo real é parcial e indireta, partindo do entendimento de que essas linguagens têm como referência principal um mundo ficcional.

Em resumo, entendemos que as linguagens especiais da literatura são constituídas a partir de um conjunto dos recursos linguísticos utilizados na composição de um mundo ficcional, delimitado por uma temática e concretizado em textos na comunicação entre enunciador e enunciatário. Na composição de um texto literário, sua estruturação é realizada tanto pelo conteúdo temático quanto pela motivação pragmática, a construção de um mundo ficcional linguístico-estético, bem como por outros fatores objetivos e subjetivos presentes no processo comunicativo-discursivo de codificação e decodificação. Em vista do aqui exposto, consideramos ser lícito pensar que a literatura, em seu vasto e diversificado universo de discurso, congrega linguagens especiais inseridas em temáticas específicas dentro do rol das sublinguagens.

3.1.3 Texto

O texto passou a integrar o horizonte investigativo da Terminologia a partir das teorias de base comunicativa, como a Teoria Comunicativa da Terminologia e a Socioterminologia; e ainda de forma mais contundente na chamada Linguística do Texto Especializado proposta por Lothar Hoffman. Apesar de Hoffman passar a ser mais conhecido no Brasil a partir de seus textos traduzidos em 2015, suas pesquisas na Alemanha datam dos anos de 1980.

Entendemos que na comunicação em âmbitos específicos, o texto, enquanto objeto de comunicação entre um sujeito enunciador que produz um texto ou enunciado efetivo, e é decodificado por um sujeito interpretante, é o *habitat* natural das terminologias. Krieger e Finatto (2004) defendem que o avanço da área está relacionado à compreensão de que a investigação sobre os termos não pode desconsiderar seus contextos de ocorrência e nem se restringir a análises de componentes morfossintáticos. As autoras advogam por um paradigma linguístico-textual por meio de uma complementaridade sistêmica e textual no aprofundamento do conhecimento terminológico, de modo que o movimento realizado em

direção ao texto e ao discurso configura uma significativa ruptura epistemológica nos estudos terminológicos.

Tendo em vista esse paradigma linguístico-textual, o texto torna-se o objeto principal da descrição terminológica. Nessa perspectiva,

[...] o texto é o signo linguístico primário, isto é, sob condições normais, a linguagem se realiza apenas por meio de textos. [...] Por isso, deve o texto, e não a palavra ou a frase, figurar como ponto central do estudo sobre linguagens especializadas. [...] Todas as outras unidades linguísticas devem ser vistas como seus constituintes, como elementos que mantêm relações diferenciadas entre si, sem as quais a textualidade não se constitui verdadeiramente (HOFFMAN, 2015, p. 47-48).

De maneira similar a Hoffman, ao tratar do texto artístico, Lotman (1978, p.56) entende que “[...] o texto é um signo completo e todos os signos isolados do texto linguístico geral são elevados ao nível de elementos do signo.” Nessa perspectiva, entende-se que “primeiro, há um todo de texto; depois um modo de dizer que o faz específico” (FINATTO, 2007, p. 449). Esse modo de dizer, dentre outros aspectos inclui “[...] macro e microestruturas, tipos de frases, adjetivação, fraseologias, padrões retóricos, adverbialização, combinatórias e outras tantas características são também foco de atenção além da terminologia *stricto sensu*” (FINATTO, 2007, p. 449). Assim, o texto pode ser abordado de diversas formas. Finatto (2007, p. 448) explica que o texto “[...] é um objeto multifacetado e multidimensional, um vasto território de pesquisa, de modo que pode ser estudado sob diferentes ângulos: cognitivo, cultural-sociológico, simbólico, semiótico, estritamente linguístico ou gramatical.”

Trataremos mais sobre o texto na seção deste capítulo intitulada Terminologia Textual.

3.1.4 Enunciado definitório

O termo, tratado como unidade linguística, deve ser considerado em seu *habitat* natural, *in vivo*, isto é, o texto é o ambiente natural de ocorrência de termos. Dessa forma, torna-se relevante o estudo dos contextos linguísticos ou cotextos desses termos, uma vez que eles podem apresentar e frequentemente revelam indícios importantes para a compreensão do funcionamento terminológico, dos processos de engendramento do estatuto terminológico, bem como para a recuperação de traços semântico-conceptuais fundamentais para se definir um termo. A definição de um termo integra o que Kriger e Finatto (2004) chamam de enunciado definitório terminológico ou definição terminológica (DT). “[...] a definição

terminológica é reconhecida como responsável pela descrição de um conceito” (FINATTO, 2001, p. 145). O enunciado definitório é um tipo de enunciado que “[...] expressa um segmento de relações de significação de uma dada área do saber [...]” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 95). Em outras palavras, trata-se de “[...] um enunciado-texto que dá conta de significados de termos ou de expressões [...] de uma área do conhecimento (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 93). Esse tipo de enunciado é comumente encontrado em obras de referência, como dicionários, mas não se trata do único ambiente textual passível de se encontrar definições. As mesmas autoras apontam que as definições encontradas em manuais, artigos, compêndios, atas de congressos, são inclusive vistas como mais “originais” do que as encontradas em dicionários. Dentro da ampla gama de ambientes textuais que integram enunciados definitórios na sua construção textual, neste trabalho tratamos do texto literário como um desses ambientes, de modo a analisar a configuração do enunciado definitório no engendramento do conceito.

De forma complementar, Barbosa (2004, p. 76) trata da definição como “[...] estrutura sintático-semântica, sua forma de conteúdo e expressão, requerida por esse tipo de discurso parafrástico, em que os traços conceptuais são organizados em forma de frase, ou seja, manifestados como *metatermos*. ” Nesse sentido, o enunciado definitório é um metatermo, na medida em que retoma o *definiendum* (termo a ser definido) em uma relação de paráphrase que busca explicitar sintagmaticamente os traços semântico-conceptuais de um conceito em um enunciado-texto. Barbosa (2014) ainda explica que, enquanto o conceito de um termo opera em um nível pré-linguístico, como resultado da interpretação de fatos naturais e/ou culturais na construção de um modelo mental correspondente a um recorte cultural, a definição é o resultado de uma interpretação de unidades lexicais, a materialização linguística de uma análise e descrição de grandezas-sígnicas, situando-se, assim, no nível semiótico. Logo, “*definir* é o processo de analisar e descrever o *semema linguístico*, para reconstruir o modelo mental: o seu ponto de partida é a estrutura linguística manifestada” (BARBOSA, 2014, p. 417).

Entendemos que os contextos linguísticos, que de alguma forma revelam traços da constituição semântico-conceptual de unidades lexicais, podem ser chamados de enunciados definitórios. Tais contextos podem ser de tipos diferentes, de modo a explicitar traços distintivos que caracterizam o termo semanticamente. Nesse sentido, o enunciado definitório é entendido neste trabalho tanto como as *definições* encontradas em repertórios lexicais, como dicionário, vocabulário, glossário e enciclopédia, como os *contextos linguísticos* de ocorrência dos termos que permitem recuperar traços semântico-conceptuais distintivos da especificidade

de seu conteúdo em um texto realizado. Em ambos os casos, as definições *stricto sensu* e os contextos linguísticos que explicitam traços semântico-conceptuais de termos, são manifestações linguístico-textuais de um enunciador que busca delimitar conceitualmente e circunscrever certa unidade lexical em um campo temático específico do conhecimento.

En quanto definição, o enunciado definitório pode se materializar como definição terminográfica, lexicográfica, lógica e enciclopédica (KRIEGER; FINATTO, 2004). En quanto contexto linguístico, eles podem ser de três tipos, conforme a seguinte caracterização:

O *contexto associativo* apresenta o termo como pertinente ao tema objeto da pesquisa, mas não indica os traços conceptuais específicos destes termos [...]. Já os *contextos explicativos* apresentam alguns traços conceptuais pertinentes específicos do termo sob observação, frequentemente relativos à materialidade, finalidade, funcionamento, e similares. [...] Talvez mais desejáveis, mas certamente menos encontradiços, os *contextos definitórios* proporcionam um conjunto completo dos traços conceptuais distintivos do termo. Tal distintividade, no entanto, representa frequentemente um certo nível de abstração, sem indícios claros da gama efetiva de usos em situação do termo (AUBERT, 1996, p. 66-67).

Além dessas diferenciações, trazemos também a tipologia de definições com base em Trible e Flowerdew apresentada por Pearson (1998). Nessa tipologia, os enunciados definitórios são classificados como definição formal simples, definição semiformal, definição não-formal e definição formal complexa.

A definição formal simples é aquela que se constitui a partir da fórmula *termo = gênero próximo + diferença específica* em apenas uma frase, ou nos termos de Pearson (1998), *x = y + característica distintiva, em que x é subordinado a y*. Isto é, y é uma classe à qual x pertence e dentro dessa classe, x distingue-se de outros elementos por uma característica que lhe é própria. “Definições formais definem palavras em termos de *descrição física, função, uso ou propósito*”⁴⁵ (PEARSON, 1998, p. 98). Além disso, a pesquisadora também destaca que os elementos da fórmula nem sempre ocorrem na mesma ordem, podendo o termo aparecer no final da frase após a definição. Nesse tipo de definição a diferença específica pode ser introduzida por particípio, pronome relativo ou preposição. Podemos citar como exemplo de definição formal simples a seguinte frase: *Sulphur dioxide is a gas given off by some fuels as they burn (GCSE)* (PEARSON, 1998, p. 145).

⁴⁵ No original: *Formal definitions define words in terms of their physical description, function, use or purpose.*

A definição semiformal é estruturada como *termo = diferença específica*, ou *x = característica distintiva*, de sorte que o hiperônimo não é expresso. Em relação à definição formal simples, a definição semiformal é incompleta, visto que a classe a que o termo pertence não é incluída na definição. Por exemplo, *Oxygen is used to convert iron into steel (GCSE)* (PEARSON, 1998, p. 159).

A definição não-formal é aquela em que o termo é informado e definido por uma palavra ou expressão de significado aproximado do termo, como um sinônimo ou paráfrase. Nesse caso, o termo que, em princípio é desconhecido, é definido por outro que seja familiar. O uso de parênteses, expressões como ‘e.g.’ são comuns nesse tipo de definição. Por exemplo, *Mammals (e.g. cats, horses, people) fertilise and grow the egg inside the body (GCSE)* (PEARSON, 1998, p. 178).

A definição formal complexa é uma expansão da definição formal simples. Em outras palavras, a definição formal complexa contém a definição formal simples ou a definição semiformal, mas desenvolve-se ao longo de um pedaço maior de texto, como em um parágrafo. Nesse tipo de definição o termo pode aparecer em uma frase anterior e ser definido na frase seguinte ou ser definido em uma frase anterior e mencionado na frase seguinte. Por exemplo, *To get pure lines the plants are pollinated with their own pollen. This is called self-pollination (GCSE)* (PEARSON, 1998, p. 152).

Independentemente do tipo de enunciado definitório, entende-se que este é formulado tendo em vista a interlocução por ele instaurada em um texto manifestado. Nas palavras de Pearson (1998, p. 135), “[...] ao escrever dentro de um cenário comunicativo específico autores são propensos a explicar alguns dos termos que estão usando. O grau com que eles o fazem dependerá da disparidade de conhecimento entre o autor e o leitor.”⁴⁶ Assim,

[...] o enunciado definitório, de qualquer tipo ou origem, por sua própria natureza multifacetada ou poliédrica, é também uma interação entre as posições discursivas dos que participam da interlocução que ela instaura, sendo resultado de um comportamento linguístico específico que a identifica no universo da comunicação (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 96).

Ambas as citações acima sugerem que são os cenários comunicativos que determinam até que ponto certos termos precisam ser definidos a partir dos participantes envolvidos no ato comunicativo. Pearson (1998) identificou que os cenários comunicativos especializados

⁴⁶ No original: [...] authors writing for certain specified communicative settings are likely to explain some of the terms which they are using. The extent to which they do this will depend on the perceived disparity of knowledge between the author and the reader.

podem ser estabelecidos entre os seguintes participantes: especialista/especialista; especialista/iniciados; especialista mediano/leigo e professor/aluno.

No caso da comunicação literária, instaura-se um cenário comunicativo entre um enunciador que se estabelece no texto como narrador e o enunciatário como leitor. Ao se apropriar da língua para a composição de um mundo ficcional, o enunciador detém o conhecimento sobre o qual tal mundo ficcional se erige a modo de um especialista. Por mais que o enunciatário, tendo em vista sua formação cultural, compartilhe de parte desse conhecimento, há uma relação de disparidade de saber entre essas duas posições discursivas, de modo que o enunciador conhece um mundo ficcional que o enunciatário desconhece. Assim, por meio da cadeia sintagmática e dos movimentos discursivos do enunciador, é que o enunciatário passará a ter conhecimento dos saberes articulados na composição do mundo ficcional dentro de certa temática. Isso nos leva a entender que pode haver a necessidade de o enunciador integrar à narração elementos definitórios na conceituação de certos termos. Instaura-se, portanto, nos termos de Pearson (1998), e de nossa percepção, um cenário comunicativo similar ao que ocorre entre especialista e iniciado. Isto é, paulatinamente, ao longo da narrativa, o leitor parcialmente familiarizado com a temática da obra, pelo seu conhecimento prévio de universos de discurso, é introduzido aos conhecimentos mobilizados pelo narrador, de modo que a explicação de certos termos pode ser realizada, principalmente em casos de usos lexicais neológicos.

3.1.5 Fraseologia

Fraseologia, segundo Tagnin (2010, p. 359), refere-se ao “estudo de qualquer tipo de ocorrência fraseológica de uma língua como, por exemplo, as colocações, os binômios, as expressões idiomáticas etc.” De modo complementar, Barbosa (2012, p. 249) apresenta dois conceitos diferentes para *fraseologia*.

A fraseologia é um dos ramos das ciências da palavra que tem por objeto de estudo as ‘unidades lexicais’ constituídas de dois ou mais vocábulos ou de sintagmas e de frases, com grau variável de lexicalização, ou seja, com diferentes tipos e graus diversos de integração semântica e sintática de seus constituintes. Fraseologia significa ainda, o conjunto de frases de um universo de discurso.

A partir dessa distinção, usamos Fraseologia com ‘f’ maiúsculo para designar a disciplina científica que estuda os fraseologismos ou unidades fraseológicas; com ‘f’ minúsculo, designamos o conjunto de unidades fraseológicas que constituem um universo de

discurso. Barbosa (2012) também considera o termo fraseologia como um arquilexema, uma vez que se constitui como uma classe de equivalência entre elementos que, apesar de serem dotados de características semânticas, sintáticas e pragmáticas específicas podem ser agrupados por elementos estruturais comuns, ou seja, eles apresentam “integração, mais ou menos acentuada entre as suas partes” (BARBOSA, 2012, p. 249). Dentre os elementos que compõem a classe *fraseologia*, a autora cita provérbios, colocações, ditos populares e refrões.

Além dos já mencionados, Krieger e Finatto (2004) também listam como fraseologismos: provérbios, locuções nominais e verbais, e estruturas típicas de determinado tipo de comunicação, como fórmulas protocolares de abertura e fechamento em correspondências formais. Welker (2004) menciona também que alguns fraseólogos classificam máximas, aforismos, e até mesmo textos inteiros, desde que sejam largamente conhecidos por uma comunidade linguística, como fraseologismos. Assim, essas estruturas são compreendidas, de modo geral, como conjuntos de unidades pluriverbais lexicalizadas e frequentes na comunicação (ETTINGER, 1982, p. 249 *apud* KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 84).

Welker (2004) define fraseologismos, frasemas, unidades fraseológicas ou combinatórias lexicais como sintagmas mais ou menos fixos. O autor também aponta o fato de que há divergência entre fraseólogos quanto aos tipos de sintagmas considerados como estruturas fraseológicas. Alguns incluem as colocações, outros consideram apenas expressões idiomáticas. Desse modo, divergências à parte, há o consenso de que todos os fraseologismos são caracterizados pela polilexicalidade e pela relativa fixidez (WELKER, 2004, p. 164). Assim, é válido dizer que há fraseologismos idiomáticos e fraseologismos não-idiomáticos. Os idiomáticos seriam aqueles cuja interpretação semântica não depende dos significados estritos dos constituintes da estrutura (KRIEGER; FINATTO, 2004). Em outras palavras, “o significado do todo é diferente da soma dos significados das partes” (WELKER, 2004, p. 165). A expressão *kick the bucket*, por exemplo, é um fraseologismo idiomático ou idiomatismo, uma vez que não se refere literalmente a chutar o balde, mas sim, morrer. O mesmo ocorre com a expressão *bater as botas* em português. Os não-idiomáticos, por sua vez, são aqueles cujo significado é transparente, isto é, o sentido pode ser entendido composicionalmente. Em outras palavras, o significado do sintagma é o resultado da somatória do significado individual de seus constituintes (TAGNIN, 2005).

Assim, é importante destacar que alguns idiomatismos podem ter um sentido literal tornando-se sintagmas livres. Welker (2004) exemplifica esse fenômeno com as expressões: *dar uma colher de chá, estar num beco sem saída, pôr a faca no peito, pôr a boca no*

trombone. Dessa forma, em algumas situações, a interpretação literal dessas expressões pode fazer sentido, ou seja, o contexto é que determinará se dado sintagma deve ser interpretado literal ou idiomáticamente. Logo, um fraseologismo considerado como idiomático pode deixar de sê-lo dependendo do contexto.

Krieger e Finatto (2004) destacam o fato de que fraseologias integram as comunicações humanas nos mais diversos contextos, seja no plano da interlocução que envolve temáticas gerais, seja no das temáticas especializadas.

Dessa forma, conforme o contexto comunicacional, fala-se em fraseologias da língua geral ou em fraseologias especializadas. Estas últimas passaram a integrar o quadro de objetos da Terminologia, porquanto são formas de expressão recorrentes nas comunicações especializadas e semanticamente vinculadas aos conteúdos em pauta (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 84).

Assim, as unidades fraseológicas especializadas são um tipo de “[...] fragmento sintagmático, recorrente em textos de mesma temática. Neste caso, tende a ser compreendida como colocação, [...] ou como uma estrutura poliléxica que inclui um termo” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 91). Essas unidades podem constituir também formulações estereotipadas, “[...] configurando-se como fórmulas e frases feitas típicas de determinados discursos” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 91).

Dado o carácter pragmático especial das linguagens que compõem o texto literário, tratamos as unidades fraseológicas presentes nesse ambiente textual como unidades fraseológicas *especiais*. Conforme atestado por Barbosa (2001), as fraseologias ou lexias textuais, como denominadas pela autora, que integram o discurso literário, têm características especiais, uma vez que podem ser usadas criativamente na composição do texto literário, podendo, inclusive, dentre outros aspectos, serem instauradas novas lexias textuais. Chacoto (2012, p. 219) também reconhece que, no texto literário, unidades paremiológicas, como provérbios, podem ser usadas completas ou truncadas, introduzidas (ou não) através de um identificador formal, podem ser aludidas, ou adaptadas ao discurso das personagens, ou ainda parafraseadas, subvertidas, alterando-lhes a forma, e recriadas (jogos de palavras).

Não podemos prosseguir sem deixar de mencionar que o princípio da produção linguística que rege a constituição de unidades fraseológicas e paremiológicas⁴⁷ é o princípio idiomático. Esse princípio, postulado por Sinclair (1991) refere-se à padronização da língua

⁴⁷ Unidades paremiológicas são unidades fraseológicas que configuram parêmias, dentre elas adágios, aforismos, ditados, provérbios, etc; Paremiologia refere-se ao estudo científico de unidades paremiológicas.

em unidades fixas e frequentes. Nas palavras de Sinclair (1991, p. 110) “o princípio idiomático é o de que o usuário de uma língua tem à sua disposição um grande número de sintagmas semi-pré-construídos que constituem escolhas únicas, mesmo que pareçam ser analisáveis em segmentos.”⁴⁸ A unidade fraseológica é constituída pela integração semântica e sintática estabelecida entre elementos da língua, que são frequentemente reiterados no uso, levando à formação de um padrão linguístico que se cristaliza em um sintagma fixo. Ao usar neste trabalho a expressão unidades fraseológicas especiais, o fazemos em referência a sintagmas fixos que na sua constituição incluem um termo ficcional.

3.1.6 Termo

Segundo Barros (2004), o termo é a unidade-padrão da Terminologia, uma unidade lexical dotada de um conteúdo específico dentro de um domínio específico. “É também chamado de *unidade terminológica*. O conjunto de termos de uma área especializada chama-se *conjunto terminológico* ou *terminologia*” (BARROS, 2004, p.40). De forma complementar, para Krieger e Finatto (2004), o termo configura-se como uma unidade de conhecimento e como uma unidade linguística, ou seja, a unidade terminológica é um elemento constitutivo da produção do saber e um componente da língua, que integra a comunicação humana em âmbitos específicos do conhecimento. Assim, enquanto unidades lexicais semanticamente representativas de uma área temática, os termos constituem-se a partir das dimensões cognitiva, comunicativa e linguística (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 91), o que caracteriza sua poliedricidade. Dessa forma, podemos afirmar que os termos, por fazerem parte do léxico temático das línguas, integram recortes cognitivos, comunicativos e linguísticos, tendo em vista a divisão do conhecimento humano em áreas.

Podemos dizer que a valorização do termo como unidade de conhecimento caracteriza a perspectiva da Teoria Geral da Terminologia (TGT). Krieger e Finatto (2004, p. 76) afirmam que “[...] Wüster [fundador da TGT] destaca o papel do conceito como componente responsável pela atribuição do estatuto terminológico a uma unidade lexical da língua.” Em outras palavras, a dimensão conceitual é preponderante, de modo que é o conteúdo específico que faz de um signo linguístico um termo, prevalecendo uma orientação onomasiológica no tratamento dos termos (KRIEGER; FINATTO, 2004). Em contrapartida, vertentes mais recentes dos estudos terminológicos passaram a abordar o termo a partir de sua face

⁴⁸ No original: *The principle of idiom is that a language user has available to him or her a large number of semi-preconstructed phrases that constitute single choices, even though they might appear to be analysable into segments.*

linguística também e de uma orientação semasiológica. Entende-se que os termos, assim como qualquer outra unidade lexical da língua, estão sujeitos a ação de fenômenos linguísticos decorrentes de seus usos em textos. Dentro dessas perspectivas,

[...] os termos são itens lexicais que não se distinguem da palavra do ponto de vista de seu funcionamento. Consequentemente, os contextos linguísticos e pragmáticos são componentes que contribuem para a articulação do estatuto terminológico de uma unidade lexical [...] (KRIEGER; FINATTO, 2004, p.78).

Além disso, “[...] uma unidade lexical pode assumir o valor de termo, instituindo-se com [sic] tal em razão dos fundamentos, princípios e propósitos de uma área” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 79). Assim, nessas vertentes, depreende-se que o reconhecimento do estatuto terminológico de uma unidade lexical é condicionado por aspectos pragmáticos, semânticos e textuais de universos de discurso. Barbosa (2010) explica que em nível de sistema, as unidades lexicais são caracterizadas pela disponibilidade virtual das funções vocabulário e termo, de modo que a determinação de seu estatuto depende da inscrição de dada unidade lexical em uma norma discursiva e a um texto-ocorrência. Assim, é o universo de discurso no qual uma unidade lexical se insere e a sua atualização no texto, que determinam o seu estatuto.

Hoffman (2015, p.43) faz uma distinção entre termos, semitermos e jargões especializados. De acordo com o autor,

[...] são reconhecidos como termos apenas as palavras cujo conteúdo seja determinado por meio de uma definição normativa; de outro lado, os semitermos não estão definidos em normas, mas são bastante precisos em descrição e denotação. O jargão especializado, por sua vez, não exige precisão.

De modo similar à noção de semitermos de Hoffman, Barbosa (2010) diz que as unidades lexicais atualizadas em discursos etnoliterários são *quase-termos técnicos*, pois apresentam qualidades da linguagem literária e da linguagem especializada. Depreende-se dessa aproximação que, uma vez que as unidades lexicais dos discursos etnoliterários não são normativamente definidas, mas são precisas quanto à designação de conceitos de um universo de discurso, podemos dizer que são noções próximas; tem-se então o semitermo etnoliterário. Apesar da distinção proposta por Hoffman acima, entendemos consoante Pearson (1998), que termos não-padronizados ou normativizados ou semitermos têm o mesmo estatuto de termos

padronizados. Pearson (1998, p. 25) explica que quando se atribui a um termo um significado específico dentro de um campo específico por pessoas que nele atuam, e quando é usado em certos cenários comunicativos, ele é visto como a designação daquele significado específico. A mesma autora afirma que assim como os termos padronizados, os não-padronizados são criados tanto especialmente para determinado campo, quanto emprestados de outros campos do conhecimento ou da língua comum.

Percebe-se, então, que há um eixo contínuo de especialização de unidades lexicais, de modo que a inserção de dada unidade lexical em um patamar mais especializado ou menos especializado é uma questão do uso que se faz dela em determinado ambiente textual e cenário comunicativo. Em resumo, por termos, entendemos as unidades lexicais que cumprem a função de conservar e transmitir conhecimento, atualizadas em textos tematicamente marcados, pertencentes a universos de discurso e inseridos em uma área específica do conhecimento e da cultura humana. O qualificativo ‘ficionais’, atribuído aos ‘termos’, deve-se ao estatuto terminológico adquirido por dada unidade lexical semanticamente representativa da temática de um texto ficcional, em uso na composição de um mundo ficcional no traçado linguístico-estético das linguagens especiais da literatura.

3.2 Por novas propostas de descrição em Terminologia

Desde a sua concepção enquanto disciplina científica por Eugen Wüster, fundador da linha de pensamento conhecida como Escola de Viena, na Alemanha, a teoria e a prática terminológica têm sido majoritariamente desenvolvidas em âmbitos científicos e tecnológicos. Assim, a identidade da disciplina como um todo foi construída a partir dessas áreas, de modo que os princípios terminológicos advindos desses campos são facilmente aplicáveis a áreas semelhantes. Por isso, os princípios teóricos formulados a partir dessas áreas são menos universalmente aplicáveis do que geralmente se afirma, conforme defende Cole (1991). Surge, portanto, a necessidade de se desenvolver bases teórico-metodológicas que ampliem o escopo de aplicação em outras áreas, uma vez que “todas as áreas da atividade humana tendem a uma utilização maior de conceitos específicos de um campo, com um conjunto de termos que os designa”⁴⁹ (COLE, 1991, p. 17).

Cole (1991) afirma que há uma tendência dos teóricos em Terminologia de estender os princípios derivados da análise de termos em certas áreas para o todo da Terminologia.

⁴⁹ No original: *All areas of human activity are tending toward a greater utilization of subject-specific concepts, with an accompanying body of terms to designate them.*

Grande parte da literatura em Terminologia ignora campos que não se enquadram nas áreas científicas e tecnológicas (COLE, 1991). Segundo o mesmo autor, isso faz com que a teoria seja tendenciosa ao refletir apenas essas áreas. Assim, não podemos pressupor que o que é válido para os termos de áreas científicas e tecnológicas é válido para os termos de outros campos do saber, sendo importante reconhecer as especificidades das mais diversas áreas de atividade humana. Cole (1991) sugere a necessidade de se desenvolver um referencial teórico que tenha a *base mais ampla possível* devido à “crescente natureza especializada de muitos outros campos”⁵⁰, além dos científicos e tecnológicos; a questões como a penetração de termos na língua comum; e à existência, dentro de um mesmo campo, de tipos diferentes de textos especializados com exigências terminológicas distintas. Entendemos que tal necessidade é importante para que diferentes campos do saber sejam acomodados e acolhidos pelos estudos terminológicos.

Desde que a ineficiência da Teoria Geral da Terminologia (TGT) no tratamento terminológico de certas áreas do conhecimento foi constatada, testemunhamos o surgimento de várias outras teorias e vertentes. Encontramos atualmente em voga teorias como Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), Socioterminologia (ST), Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TSCT), Terminologia Textual (TT), Terminologia Cultural (TC) e Etnoterminologia (ET). Cada uma dessas vertentes enfoca o fenômeno terminológico sob ângulos diversos, ressaltando suas diferentes dimensões. De modo geral, como as próprias denominações sugerem, elas contribuem para o entendimento de que a terminologia é um fenômeno comunicativo, social, sociocognitivo, textual, cultural e etnoliterário. Apesar de seus enfoques distintos, elas apresentam certas convergências, como a aceitação da variação terminológica, e o estudo de termos em ambientes naturais de ocorrência, que são pressupostos opostos à TGT.

De modo geral, a TGT, conforme proposta por Wüster nos anos de 1930, é uma teoria terminológica de base normativa, prescritiva e onomasiológica. Há maior valorização do conceito, compreendido como universal e imutável (BARROS, 2006), bem como da univocidade conceitual, monoreferencialidade e pertinência conceitual ao todo de uma estrutura hierarquizada de uma área do conhecimento. Nessa proposta, os termos são estudados *in vitro*, ou seja, alijados de seus contextos de uso, de modo que são tratados como meros rótulos de conceitos. As limitações dessa teoria foram constatadas, à medida que as pesquisas avançaram no estudo dos termos enquanto unidades linguísticas, que têm o seu

⁵⁰ No original: [...] *the increasingly specialized nature of many other fields [...]*.

valor de termo estabelecido em função de seu uso em um texto e situação comunicativa específicos.

A seguir, apresentamos concisamente cada uma das vertentes teóricas citadas anteriormente para, em seguida, em uma consolidação teórica, indicarmos aquelas que, em nosso ponto de vista, melhor permitem uma abordagem terminológica para textos literários de ficção.

3.2.1 Teoria Comunicativa da Terminologia

A Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), conforme proposta por Cabré (1999), surge como alternativa à TGT proposta por Wüster. Segundo Cabré (1999), à luz de dados empíricos, a TGT torna-se uma teoria idealista e reducionista, não sendo capaz de tratar satisfatoriamente das complexidades do léxico especializado. Em relação à comunicação padronizada e normativa a TGT é uma teoria válida, porém, é insatisfatória do ponto de vista da comunicação em contextos reais de uso. Assim, a TCT é uma teoria importante que redimensionou a compreensão dos fenômenos terminológicos, sendo “referência teórica em grande parte das pesquisas terminológicas realizadas no Brasil”⁵¹ (ALMEIDA, 2006, p. 86).

Para a TCT, a Terminologia é um campo interdisciplinar construído com base em três dimensões teóricas:

[...] uma *teoria do conhecimento* que deve explicar como se conceptualiza a realidade, os tipos de conceptualização e a relação dos conceitos entre si e suas possíveis denominações; uma *teoria da comunicação* que descreve a partir de critérios explícitos os tipos de situações, que permite dar conta da relação entre o tipo de situação e o tipo de comunicação em toda a sua amplitude e diversidade, e que explique as características, possibilidades e limites dos diferentes sistemas de expressão de um conceito e de suas unidades; e uma *teoria da linguagem* que dê conta das unidades terminológicas propriamente ditas, que fazem parte da língua natural e participam de suas características, mas singularizando sua especificidade significativa e explicando como se ativa na comunicação⁵² (CABRÉ, 1999, p. 131-132).

⁵¹ Embora reconheçamos a importância da TCT, não a utilizamos na composição do referencial teórico-metodológico desta pesquisa por encontrar em outras vertentes dos Estudos Terminológicos, como a TSCT, TC, TT e ET, pressupostos semelhantes e que melhor se alinharam com nosso ponto de vista.

⁵² No original: [...] una teoría del conocimiento, que debe explicar cómo se conceptualiza la realidad, los tipos de conceptualización que pueden darse y la relación de los conceptos entre sí y con sus posibles denominaciones; una teoría de la comunicación que describa a partir de criterios explícitos los tipos de situaciones que pueden producirse, que permita dar cuenta de la correlación entre tipo de situación y tipo de comunicación en toda su amplitud y diversidad, y que explique las características, posibilidades y límites de los diferentes sistemas de expresión de un concepto y de sus unidades; y una teoría del lenguaje que dé cuenta de las unidades terminológicas propiamente dichas, que forman parte del lenguaje natural y participan de sus

De acordo com Krieger e Finatto (2004, p. 190), [...] a Teoria Comunicativa da Terminologia [...] revela-se como uma perspectiva cujos fundamentos permitem ampliar o panorama das unidades especializadas a serem descritas, compreendidas como “Unidades de Significação Especializada – USE.” Ao ser compreendido como unidade de significação, o termo é tratado como um signo linguístico qualquer, dotado de expressão e conteúdo. Nesse sentido, os termos funcionam indistintamente de qualquer outra unidade lexical. O que o torna especial não é uma propriedade intrínseca, própria de sua natureza, mas sim o uso que se faz dele na comunicação.

Os termos são *unidades lexicais, ativadas singularmente* por suas condições pragmáticas de adequação a um tipo de comunicação. Compõem-se de forma ou denominação e significado ou conteúdo. A forma diz respeito às características gerais da unidade; o conteúdo singulariza-se a partir da seleção de traços adequados a cada tipo de situação e determinados pelo âmbito, o tema, a perspectiva de abordagem do tema, o tipo de texto, de emissor, de destinatário, e da situação⁵³ (CABRÉ, 1999, p. 132).

Percebe-se que a TCT trata do fenômeno terminológico em sua complexidade de uso, levando em conta as faces cognitiva, comunicativa e linguística que caracterizam a poliedricidade dos termos. Entende-se que, “[...] os termos não fazem parte de um sistema independente das palavras, de outros sistemas de expressão e comunicação, mas se sobrepõem”⁵⁴ (CABRÉ, 1999, p. 131). Nessa perspectiva, também são admitidas variações conceptual e denominativa, além da sinonímia, homonímia e polissemia. Ressaltamos consoante Cabré (1999, p. 132-133), que “o conteúdo de um termo nunca é absoluto, mas relativo, segundo cada âmbito e situação de uso”⁵⁵, e também que “os termos *não pertencem a um âmbito, mas são usados em um âmbito* com um valor singularmente específico.”⁵⁶

características, pero singularizando su especificidad significativa y explicando cómo se activa en la comunicación.

⁵³ No original: *Los términos son unidades léxicas, activadas singularmente por sus condiciones pragmáticas de adecuación a un tipo de comunicación. Se componen de forma o denominación y significado o contenido. La forma comparte las características generales de la unidad; el contenido se singulariza en forma de selección de ragos adecuados a cada tipo de situación y determinados por el ámbito, el tema, la perspectiva de abordaje del tema, el tipo de texto, el emisor, el destinatario y la situación.*

⁵⁴ No original: [...] *los términos no forman parte de um sistema independiente de las palabras, de otros sistemas de expresión y comunicación, sino que se solapan com ellos.*

⁵⁵ No original: *El contenido de un término nunca es absoluto, sino relativo, según cada ámbito y situación de uso.*

⁵⁶ No original: *Los términos no pertencem a un ámbito sino que son usados en un ámbito con valor singularmente específico.*

Aceita-se que não há exclusividade terminológica entre um termo e um dado domínio, ou seja, um termo pode ser usado em domínios diferentes, inclusive com significados diferentes.

3.2.2 Socioterminologia

Segundo Gaudin (2014), o conceito de Socioterminologia (ST) firmou-se somente na década de 1990, apesar de seus delineamentos já estarem em formação há algum tempo. A orientação socioterminológica permite “[...] produzir conhecimentos relativos ao funcionamento discursivo e social dos termos, que uma abordagem tradicional ignorou” (GAUDIN, 2014, p. 299). Gaudin (2014) sumariza os pressupostos básicos da ST ressaltando os aspectos decorrentes do estudo da difusão social dos termos.

[...] o estudo da **circulação social** dos termos implica um melhor conhecimento da evolução das práticas de linguagem e da sociogênese dos termos. [...] a Socioterminologia fixa como objeto de estudo da circulação dos termos em sincronia e em diacronia, o que inclui a análise e a modalização de significações e de conceptualizações. A Socioterminologia tem uma dimensão socio crítica, como toda semântica do discurso, à medida que liga a produção de sentido às condições de sua origem. A circulação dos termos é projetada sob o ângulo da diversidade dos usos sociais, o que engloba o estudo das condições de circulação e de apropriação dos termos, considerados como signos linguísticos, e não como etiquetas de conceitos (GAUDIN, 2014, p. 304).

Ainda sobre os termos, Gaudin (2014, p. 304) também comprehende que, “os termos são usados coletivamente pelos falantes e servem de denominações oficiais e de marcadores identitários; circulam nos setores da experiência humana, no âmbito de esferas da atividade, limitados, algumas vezes, a domínios circunscritos.”

É interessante notar que, nessa perspectiva, enfatiza-se a *diversidade de usos sociais dos termos*. Entende-se que os termos são gerados na interação social, estando assim sujeitos à variação denominativa e conceptual, portanto à sinônima, homônima e polissemia. Também são estudados processos de banalização, conforme destacado por Barros (2004). Podemos dizer que, nessa perspectiva, o uso terminológico é localizado em interações entre os membros de um determinado grupo profissional ou entre grupos diferentes em que os participantes da interação assumem posições sociais diferentes. Dessa forma, é possível determinar em que medida essa diferença de posições influencia no uso em que os participantes fazem de unidades terminológicas ao mobilizarem conhecimentos especializados em suas produções discursivas.

3.2.3 Teoria Sociocognitiva da Terminologia

A Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TSCT), conforme proposta por Temmerman (1997), enfatiza que a Terminologia não deveria ser unicamente orientada à padronização, e questiona a validade do objetivismo terminológico. Temmerman (1997, p. 55) destaca que “a Terminologia moderna poderia incorporar a ideia de que humanos não percebem apenas o mundo objetivo, mas têm a capacidade de criar categorias na **mente**.⁵⁷ Em outras palavras, a autora entende que “a capacidade humana de *compreensão* e *imaginação* [...]”⁵⁸ (TEMMERMAN, 2000, p. 16) influencia a formação de conceitos, e propõe como foco de sua abordagem *unidades de compreensão*, ao invés de *conceitos* como enfatizado na TGT.

Clas (2004) apoia os princípios formulados por Temmerman (2000, p. 223) em oposição à terminologia tradicional, e os sumariza da seguinte forma:

1º Princípio: a terminologia sociocognitiva tem como ponto de partida unidades de compreensão que não possuem, necessariamente, uma estrutura prototípica;

2º Princípio: a compreensão é um ato estruturado. Uma unidade de compreensão tem uma estrutura intracategorial e intercategorial e funciona como modelo cognitivo;

3º Princípio: a definição é variável e está ligada ao tipo de discurso. Ela é determinada pelo nível de especialização do emissor e do receptor e pelo grau de informação primordial buscado;

4º Princípio: a sinônima e a polissemia são elementos funcionais na compreensão e devem ser processados;

5º Princípio: as unidades de compreensão evoluem. O conhecimento dos períodos históricos de sua evolução pode ser mais ou menos fundamental para a compreensão da unidade; os modelos cognitivos assumem um papel no desenvolvimento de novas idéias, o que acarreta como corolário que os termos sejam motivados (CLAS, 2004, p. 237-238).

Está além do escopo desta seção detalhar cada um desses princípios, por isso, salientamos a seguir apenas as noções que melhor se adequam ao nosso estudo.

“Como terminologias só podem ser estudadas no discurso, é melhor aceitar que o **termo** é o ponto de partida das descrições terminológicas ao invés do que é tradicionalmente chamado de *conceito*”⁵⁹ (TEMMERMAN, 2000, p. 224). Em outras palavras, a perspectiva semasiológica é priorizada nessa visão, entendendo-se que as unidades de compreensão não

⁵⁷ No original: *Modern Terminology could incorporate the idea that humans do not just perceive the objective world but have the faculty to create categories in the mind.*

⁵⁸ No original: *The human capacity to understand and to imagine [...].*

⁵⁹ No original: *As terminology can only be studied in discourse it is better to accept that it is the **term** which is the starting point in terminological description rather than what was traditionally called the concept.*

são dadas de antemão objetivamente, mas sim concebidas pela mente em modelos cognitivos. “Termos são motores no processo de compreensão, visto que eles conectam novas compreensões a compreensões anteriores”⁶⁰ (TEMMERMAN, 2000, p. 228). O termo integra uma rede de relações ao longo do tempo, de modo que a sua compreensão e formação podem ser melhores descritas se considerarmos seu percurso de evolução histórica. Uma vez que o conhecimento é dinâmico, e faz parte de um constante processo de reformulação, é coerente concluir que um conceito não é imutavelmente delineado, podendo sofrer reformulações ao longo do tempo, mesmo mantendo um núcleo conceptual constante.

“A definição de uma unidade de compreensão x é uma resposta a ‘o que é x?’ . O que é informação essencial depende do tipo de unidade de compreensão. Módulos de compreensão incluem, por exemplo, informações históricas, [...] informações procedimentais”⁶¹ (TEMMERMA, 2000, p. 228). A TSCT reconhece diferentes conjuntos de informações passíveis de constituir a definição de um termo, de modo que cada um desses conjuntos fornece uma dimensão de compreensão, que é variável, a depender da unidade terminológica. Nesse princípio da TSCT, percebemos uma relação com os diferentes subconjuntos conceptuais definidos por Barbosa (2004). Essa autora também trabalha com pressupostos da semântica cognitiva e entende que, na definição de unidades terminológicas diferentes subconjuntos conceptuais veiculam informações diferentes sobre os termos, e a depender do tipo de termo e de discurso, diferentes tipos de informações sobressaem na definição.

“O poder da imaginação é considerado e expressões figurativas fazem parte da descrição terminológica”⁶² (TEMMERMAN, 2000, p. 228). A TSCT reconhece a imaginação e a criatividade linguística como componentes ativos no processo de denominação e formação de unidades de compreensão, como o uso metafórico. Essa característica da TSCT permite-nos conjecturar que, já que a imaginação e a criatividade também atuam no fenômeno terminológico, é de se supor que outros discursos, como o literário, notadamente marcado pela imaginação e criatividade, possam conter unidades lexicais com valor terminológico, dada a sua inscrição em uma temática específica.

Ao tratar de definições especializadas, Temmerman (2000, p. 74) reconhece que “na Terminologia ‘cognitiva’, unidades de compreensão são compreendidas tanto enclopédica

⁶⁰ No original: *Terms are motors in the process of understanding as they link new understanding to previous understanding.*

⁶¹ No original: *The definition of a unit of understand x is a reply to ‘what is x?’ . What is essential information is dependent on the type of unit of understanding. Modules of understanding comprehend e.g. historical information, [...] procedural information.*

⁶² No original: *The power of imagination is given credit and figurative expressions are part of the terminological description.*

quanto lógica e/ou ontologicamente.”⁶³ Em outras palavras, o conceito, definido como uma forma de compreensão estruturada lógica e/ou ontologicamente, não é suficiente para o entendimento de unidades de compreensão flexíveis e difusas, sendo necessárias informações enciclopédicas que explicitem outras dimensões informacionais para além do conceito *stricto sensu*. Temmerman (2000) entende que a compreensão de um termo não se dá estritamente pelo seu conceito unívoco e monorreferencial, mas sim por uma série de outras informações que, por associação interpretativa, contribuem para o entendimento de uma unidade terminológica. Assim, em termos terminográficos, o fornecimento de informações enciclopédicas e notas explicativas torna-se necessário para o entendimento de unidades de compreensão mais complexas.

Em resumo, a TSCT reconhece o papel e o potencial criativo da mente humana na formulação de unidades de compreensão, as quais passam pelo prisma das categorias criadas na mente influenciadas pela linguagem. Por não serem unívocas, monorreferenciais, leva-se em conta a historicidade e a evolução das unidades de compreensão na dinâmica das reformulações do conhecimento especializado.

3.2.4 Terminologia Textual

Podemos dizer que um dos princípios básicos da Terminologia Textual (TT) é o de que “[...] os termos estão nos textos e a terminologia torna-se um estudo textual” (CLAS, 2004, p. 238). Esse enfoque busca abranger mais do que o léxico nas descrições terminológicas, visto que o todo do texto e os elementos que o constitui auxiliam na compreensão de um modo de dizer típico de uma área do conhecimento. “[...] o objeto central de estudo tornou-se o texto especializado e não mais a unidade terminológica, ainda que fossem abrigadas diferentes outras unidades de análise e também as terminologias” (FINATTO, 2011, p. 161).

Hoffman (2015, p. 48) justifica o deslocamento de ênfase da análise terminológica, do termo ao texto, afirmando que “é no todo do texto que se pode melhor explicar, funcional e comunicativamente, o uso linguístico especializado, a preferência por determinados recursos linguísticos.” Em outras palavras, estudar as linguagens especializadas alijadas de suas manifestações concretas acarreta uma perda de aspectos funcionais e comunicativos importantes. Assim, vemos na fala de Hoffman, um princípio fundamental para a

⁶³ No original: *In ‘cognitive’ Terminology, units of understanding are considered to be understood encyclopaedically as well as logically and/or ontologically.*

identificação de termos: é nos textos que se pode determinar o estatuto funcional das unidades lexicais.

Dentro dos enfoques terminológicos chamados de textuais, Kocourek (1991) caracteriza o texto como uma sequência de ocorrências sintagmáticas dependente do sistema da língua; como fonte de dados, ao permitir a observação de evidências empíricas; e como um plano suprafrástico de análise. Em suma, esse autor comprehende que o termo integra o plano de análise textual; ele não se opõe ao texto. Nessa perspectiva, o termo deixa de ser visto apenas como uma unidade de conhecimento e passa a ser considerado como um elemento ativo da tessitura do texto.

O termo é uma unidade semântica fundamental de uma língua especializada [...]. De grande importância para o plano léxico-semântico, o termo é um instrumento essencial da coerência de textos especializados, o portador de semas temáticos e do conteúdo [...]. Ele representa os nódulos da rede isotópica, reflete o nível racional de intelectualização e o grau de particularização do texto⁶⁴ (KOCOUREK, 1991, p. 74).

Em outras palavras, o termo também é uma unidade linguístico-textual que exerce funções textuais importantes, como a indicação do tema e do grau de especialização de um texto, além de atuar na conexão e progressão temática que confere unidade e coerência interna ao texto. Dessa forma, tem-se considerado cada vez mais que um movimento em direção ao texto é necessário e legítimo em Terminologia, “[...] principalmente quando é considerado o papel que as terminologias desempenham em meio aos textos e conhecimentos especializados e o quanto essas terminologias podem ser influenciadas por suas ambiências textuais e comunicativas” (FINATTO, 2011, p. 159). Nessa perspectiva é reconhecida a necessidade de “[...] ultrapassar os limites da sintaxe e avançar em direção à semântica do texto. O objeto textual necessita ser visto como uma totalidade de significação que se particulariza como um objeto social e culturalmente construído em diferentes dimensões e níveis” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 192).

Krieger e Finatto (2004) sugerem uma análise textual com base em dois níveis, o da macroestrutura e o da microestrutura textual.

⁶⁴ No original: *Le terme est une unité sémantique fondamentale de la langue savante [...]. En plus de son importance au plan lexico-sémantique, le terme est l'instrument essentiel de la cohérence des textes savants, le porteur des sèmes thématiques et du contenu [...]. Il représente les noeuds du réseau isotopique, reflète le niveau raisonné d'intellectualisation et le degré circonstancié de particularisation du texte.*

Num primeiro nível de compreensão, o da macroestrutura, deve-se procurar reconhecer a totalidade do texto em relação às suas partes constitutivas mais gerais, tais como suas subdivisões, temas, paragrafação, títulos. São observados também características e objetivos dos sujeitos enunciador e destinatário, particularizando-se o tipo de texto em questão e a situação comunicativa. No segundo nível de apreensão do texto, o da microestrutura, serão vistos cada um dos núcleos básicos do texto. Nesse segundo nível devem ser analisadas frases, palavras e suas vinculações, escolha lexical e respectivas incidências. Ao aproveitarmos essa ideia, revela-se a organização do texto em um eixo de sucessões, que tanto pode ser um parágrafo quanto uma porção maior de texto (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 192).

Em resumo, compreendemos que trabalhar em uma perspectiva textual em Terminologia requer o reconhecimento do texto como signo linguístico primário de descrição, situado em um cenário comunicativo, sua macroestrutura, para em seguida empreender a descrição de seus elementos constituintes, sua microestrutura. Assim, temos mais condições de compreender o papel das ambiências textuais no reconhecimento terminológico e o modo de funcionamento dos textos na comunicação especializada.

3.2.5 Terminologia Cultural

A cultura está no cerne do enfoque terminológico apresentado por Diki-Kidiri (2009), e por isso é denominado Terminologia Cultural (TC). O pressuposto básico de seu enfoque é que a Terminologia é uma disciplina não só de construção do saber, mas também de apropriação de uma cultura particular. Isso porque a visão de mundo de uma cultura determina a sua forma de classificar, ordenar, nomear e categorizar tudo o que os seus membros percebem e concebem, inclusive a própria identidade (DIKI-KIDIRI, 2009). Assim, o autor propõe uma Terminologia mais interdisciplinar e mais *geral* enquanto ciência da linguagem, levando em conta as dimensões sociocultural, histórica, fenomenológica e psicológica, além das linguística e técnica. Tal enfoque corrobora as propostas da TCT, da ST e da TSCT, com as quais estabelece pontos de interface.

Diki-Kidiri (2009, s/p) entende que “[...] a cultura é o conjunto das experiências vividas, das produções realizadas e dos conhecimentos gerados por uma comunidade humana que vive em um mesmo espaço e em uma mesma época.”⁶⁵ Isso implica que as diversas culturas se estabelecem em lugares e épocas diferentes, e mesmo assim, parte do núcleo cultural se mantém, tanto na memória coletiva quanto nos membros de uma cultura. Essa

⁶⁵ No original: [...] *la cultura es el conjunto de las experiencias vividas, de las producciones realizadas y de los conocimientos generados por una comunidad humana que vive em um mismo espacio y en una misma época.*

memória coletiva comprehende referências simbólicas comuns que permitem que os membros de uma mesma comunidade se entendam quando comunicam entre si. Desse modo, quando os falantes não compartilham dos mesmos referenciais simbólicos, explicações tornam-se necessárias.

Outro ponto a ser ressaltado é que, “o homem não pode acessar o mundo real senão por meio de suas representações mental e culturalmente condicionadas. A representação da realidade se faz de forma muito distinta de uma cultura para outra, dando lugar a conceitos específicos em cada cultura”⁶⁶ (DIKI-KIDIRI, 2009, s/p). Assim, quando um produto tecnológico elaborado em uma cultura é importado por outra pode ser que seja necessário um processo de reconceptualização para que esta cultura apreenda a novidade inserida em seu interior. O autor exemplifica esse fenômeno com a tradução do inglês *software* e *hardware* para o francês *logiciel* e *matériel*, que necessitou de um grande trabalho de reconceptualização em que treze pares de opções tradutórias foram descartados. Conclui-se desse caso que, a comunidade francesa optou por reconceptualizar esses termos, adaptando-os ao seu modo de pensar e de apreender o real.

Diki-Kidiri (2007) delineia seu enfoque terminológico com base em quatro aspectos preponderantes: seu objetivo é a apropriação do saber e das tecnologias novas que adentram determinada sociedade; a cultura está no âmago da Terminologia; a formação do termo se dá a partir dos elementos conceito, *percepto* e significante; as relações semânticas admitem polissemia, sinonímia, homonímia.

O conceito é a delimitação de uma noção; o *percepto* é o ponto de vista particular de um indivíduo ou comunidade, de modo que o conceito é integrado ao seu modo de pensar; e o significante é o modo de expressão que permite a denominação de um conceito dentro de uma cultura e língua particulares (DIKI-KIDIRI, 2007). Entendemos que o *percepto* é o componente que integra a visão de uma cultura na conceptualização de um termo. Como a própria denominação sugere, o *percepto* reflete a *percepção* que dada cultura ou indivíduo agraga a um conceito e o torna próprio do seu modo de conceber a realidade que o cerca. Visto que as percepções são culturalmente motivadas (DIKI-KIDIRI, 2009), a distinção entre conceito e *percepto* permite situar as múltiplas percepções particulares de um mesmo objeto, de modo que o *percepto* é o elemento variável e caracterizador das diferentes percepções culturais.

⁶⁶ No original: [...] *el hombre no puede acceder a este mundo real nada más que a través de las representaciones mentales y culturalmente condicionadas. La representación de la realidad se hace, a menudo, de forma muy distinta de una cultura a otra, dando lugar a conceptos específicos en cada cultura.*

Em relação à denominação, Diki-Kidiri (2009, s/p) ressalta que “denominar um objeto, inclusive em campos especializados, não significa rotulá-lo de forma aleatória. Ocorre que sejam recuperados termos antigos, ‘esquecidos’ para introduzi-los outra vez em novas realidades.”⁶⁷ Em outras palavras, o acervo linguístico-cultural de um povo é passível de fornecer representações que se constituíram no percurso de evolução histórica da cultura, que podem vir a ser utilizadas para denominar conceptualizações novas ou alheias a uma dada cultura. Dessa forma, há uma motivação cultural na denominação.

Para a concepção cultural da Terminologia, o termo é compreendido como produto das linguagens culturalmente integradas e, como tal, seu funcionamento indifere do funcionamento do signo linguístico (DIKI-KIDIRI, 2009). Isso implica que o estudo terminológico não inclui apenas aspectos relativos à definição e cognição, mas também aspectos relativos à morfologia, regra de formação de palavras, sinônimos, homônimos, polissemia, metáfora, metonímia, sentido figurado, significação, interpretação. Em outras palavras, os termos passam a ser vistos para além de um enfoque estritamente conceptual, abarcando uma série de outros fatores inerentes a qualquer unidade lexical em funcionamento na língua.

De modo semelhante ao enfoque cultural de Diki-Kidiri (2009), Lara (2007) ao afirmar que a Terminologia nasceu com uma pretensão de universalidade, independente de culturas particulares, defende uma integração do componente cultural no pensamento terminológico. Para Lara (2007), os vocábulos são formados no interior de uma comunidade linguística particularizada com todas as implicações culturais decorrentes. O que os tornam termos é o surgimento de interesses e necessidades que redefinem os significados dos vocábulos para delimitar melhor os seus conceitos. O autor define que, “um vocábulo, ao menos um de cujos significados se delimita em relação a um conhecimento especializado, é um *termo*”⁶⁸ (LARA, 2007, p. 361). Em outras palavras, inferimos que o autor reconhece que um termo não deixa de ser um vocábulo. O que ocorre é que o vocábulo passa por um processo de especialização, ou terminologização, de modo que ao ter um de seus significados atrelado a um conhecimento especializado ele assume valor de termo.

Lara (2007) afirma que o *vocabul* torna-se *termo* sempre com base em seu significado comum, de forma que o termo não se configura à parte dos processos de

⁶⁷ No original: *Denominar un objeto, incluso en los campos especializados, no significa pegarle de forma aleatoria cualquier etiqueta. Ocurre, a menudo, que se recuperen términos antiguos, “olvidados” para introducirlos otra vez en nuevas realidades.*

⁶⁸ No original: *Un vocablo, al menos uno de cuyos significados se delimita en relación con un conocimiento especializado, es un término.*

significação da língua comum, sendo impossível desvinculá-lo da cultura. Ao fazer uma comparação entre o vocabulário quéchua da agricultura e o da psicanálise, o autor conclui que ambos foram constituídos da mesma forma e que, a diferença entre eles é que o da psicanálise traz consigo a pretensão à universalidade da ciência ocidental, enquanto o de quéchua mantém-se como “próprio de uma espécie de *etnoterminología* enquanto não atranha o interesse especializado moderno”⁶⁹ (LARA, 2007, p. 360). Concluímos, a partir dessa comparação, que os vocábulos passam a ser considerados termos, não por uma propriedade que lhes é intrínseca, mas por interesses externos. Isso nos faz entender que mesmo antes de serem alvo de interesses normalizadores, eles já desempenhavam a sua função na categorização de objetos e processos agriculturais específicos. Os vocábulos funcionam como termos dentro da cultura em questão, mesmo não sendo reconhecidos como tais pelo pensamento universalizante especializado. Na citação seguinte, Lara resume o seu pensamento a respeito da relação entre vocábulo e termo.

A criação de termos especializados não é muito diferente da formação comum dos vocábulos: no segundo caso, o vocábulo se forma no interior da comunidade linguística como efeito da divisão social do trabalho, e como resultado de interesses históricos da comunidade, por estar sempre definido em um contexto cultural. No primeiro, o termo especializado se forma por impulsos tecnológicos, comerciais ou científicos quando há necessidade de delimitar com total precisão os objetos (as taxonomias biológicas, geológicas e químicas, assim como catálogos de instrumentos [...]), ou os conceitos de uma teoria, um método ou um procedimento. O aspecto cultural do significado corrente do termo cede ao universalismo da teoria e este nega essa ligação cultural, que alguns cientistas chegam a conceber como um verdadeiro inconveniente. Daí parece que os termos especializados não têm caráter cultural, posto que, ao delimitar seus significados, o ato de denominação abstrai os valores culturais dos significados dos vocábulos⁷⁰ (LARA, 2007, p. 361).

⁶⁹ No original: [...] *proprio de una especie de etnoterminología mientras no atraiga el interés especializado moderno.*

⁷⁰ No original: *La creación de términos especializados no es entonces muy diferente de la formación común de los vocablos: en el segundo caso, el vocablo se forma en el interior de la comunidad lingüística como efecto de la división social del trabajo, y como resultado de intereses históricos de la comunidad, por lo que está siempre definido en un contexto cultural. En el primero, el término especializado se forma por impulsos tecnológicos, comerciales o científicos cuando se presenta la necesidad de delimitar con total precisión los objetivos (las taxonomías biológicas, geológicas y químicas, así como los catálogos de instrumentos [...]), o los conceptos de una teoría, un método o un procedimiento. El aspecto cultural del significado corriente del término cede al universalismo de la teoría y éste niega esa liga cultural, que algunos científicos llegan a concebir como un verdadero lastre. De ahí que, en efecto, parezca que los términos especializados no tengan carácter cultural, puesto que, al delimitar sus significados, el acto de denominación abstrae los valores culturales de los significados de sus vocablos.*

Clas (2004) também não descarta o componente cultural das terminologias, afirmando que “[...] uma língua é o reflexo da cultura [...]”. No caso das denominações terminológicas, o autor exemplifica que “[...] *níquel* vem do alemão *Kupfernickel*, que designa o cobre e o apelido dos duendes [...]” (CLAS, 2004, p. 228). Também ressalta que, “[...] o *barbital* (veronal) assim é chamado porque foi descoberto em 1903, dia de Santa Bárbara [...]” (CLAS, 2004, p. 228). Ou seja, temos, respectivamente, exemplos em que uma denominação terminológica partiu do acervo de uma cultura em que a mesma denominação é usada para uma criatura folclórica, e outro em que a denominação partiu da tradição religiosa de certa comunidade. Esses casos levam-nos a concluir que, a categorização, própria da atividade de conceptualização, pertence à experiência real, linguística e cultural humana, de modo que a busca por denominações “limpas” das “impurezas” da língua comum é uma idealização. Em outras palavras, terminologias não passam ao largo da experiência cultural e social humana, mas estão imbricadas nela. Adicionamos também à questão a dimensão individual, uma vez que “os fenômenos subjetivos também têm naturalmente um alcance pregnante na denominação” (CLAS, 2004, p. 229).

Diante de toda essa discussão, entendemos que trabalhar em uma perspectiva cultural nos estudos terminológicos é aceitar que tanto as denominações terminológicas quanto as conceptualizações de um termo passam pelo crivo da cultura de determinado povo, que imprime a sua visão de mundo e expressa o modo como percebe o real a sua volta a partir de seu acervo de práticas culturais sedimentado na memória coletiva e individual. É também compreender que o caráter terminológico de uma unidade lexical pode ser estabelecido em função de *interesses* comerciais, científicos, tecnológicos, industriais, políticos, bem como em função das *necessidades* dos usuários, e não por propriedades intrínsecas dos termos, o que não significa que já não se comportem como tais dentro de certa cultura.

A seguir tratamos da Etnoterminologia, subárea da Terminologia, que em nosso ponto de vista, estabelece pontos de interface com a perspectiva da Terminologia Cultural.

3.2.6 Etnoterminologia

Conforme atestado por Barros (2006), a Terminologia, tradicionalmente concebida como uma área de estudos do funcionamento de termos científicos e técnicos em linguagens especializadas, tem estabelecido colaborações com áreas não reconhecidas como passíveis de realização de pesquisas terminológicas. Em suas palavras, “nos últimos anos, os terminólogos têm desenvolvido projetos que avançam sobre terrenos considerados como não pertinentes a

pesquisas em terminologia” (BARROS, 2006, p. 26). Apesar disso, Barros (2006, p. 26) reconhece que “as investigações científicas sobre o léxico de obras literárias têm observado a presença marcante, nessas obras, de termos pertencentes a campos temáticos e especializados.” Podemos exemplificar tais investigações com as pesquisas de Latorre (2011) sobre os vocábulos-termos em *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa; Nascimento (2011), que investigou o uso de terminologias em traduções literárias francesas nas obras *L'Étranger* de Albert Camus, que faz uso de termos do Direito, e em *Les Particules Élémentaires*, de Michel Houellebecq, que usa termos da Genética; Cardoso (2011), que analisou o processo de transcodificação de textos técnico-científicos em textos etnoliterários, por meio de excertos do *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure e seu correspondente etnoliterário *A vida e as idéias geniais e dicotômicas do pai da ciência linguística*, de José Lira, da *Nova Gramática do Português Contemporâneo* de Celso Cunha e Lindley Cintra e seu correspondente etnoliterário *Lições de Gramática em Versos de Cordel*, de Junduhi Dantas; Silva e Chaguri (2010) analisaram a terminologia da culinária baiana em *Dona Flor e seus dois maridos* e em sua tradução para o inglês; e por fim, Esperandio (2015), a partir de legendas de seriados de tema sobrenatural, aponta ser legítimo considerar especializadas as unidades lexicais temáticas contidas nas legendas, em uma abordagem terminológica para tradutores.

Apesar das particularidades de cada uma das pesquisas acima mencionadas, todas elas apontam para uma interface produtiva entre Terminologia e Literatura. Desse modo, “[...] a terminologia dá passos no sentido de estabelecer relações de cooperação com a literatura [...]” (BARROS, 2006, p. 26). Tal interface ainda é vista com ceticismo por grande parte da comunidade científica, uma vez que o texto literário é comumente visto em oposição ao texto técnico-científico. Em termos terminológicos, o texto científico é considerado como terminologicamente mais denso que o texto literário. Contudo, é preciso levar em conta que fatores de natureza textual e discursiva condicionam a configuração de uma unidade lexical em vocábulo ou termo, ou seja, antes de afirmar que um texto é mais terminologicamente denso que outro, é preciso tratar as unidades lexicais conforme as especificidades de cada universo de discurso. Não se trata de equiparar o discurso literário ao discurso científico, mas sim de considerá-lo em suas especificidades discursivas e textuais.

Com base na percepção de que o uso de unidades lexicais com valor terminológico não é exclusivo de áreas científicas e técnicas, a Enoterminologia propõe que se investigue o estatuto de unidades lexicais em ambientes textuais literários. É o que se nota em relação às investigações de Barbosa (2010) com foco na literatura de cordel no âmbito da cultura

brasileira. Os resultados obtidos contribuíram para a delimitação do campo de atuação e do objeto de estudo de uma subárea da Terminologia, denominada Etnoterminologia. Em relação ao campo de atuação, a Etnoterminologia ocupa-se do estudo das unidades lexicais dos discursos das linguagens especiais com baixo grau de científicidade e tecnicidade, além dos discursos etnoliterários, compreendendo fábulas, folclore, lendas, literatura de cordel, literatura oral, literatura popular e mitos. Em relação ao objeto de estudo, a Etnoterminologia volta-se para o estudo das unidades multifuncionais, ou seja, unidades lexicais dotadas de simultaneidade de funções (BARBOSA, 2007). Para compreendermos o estatuto dessas unidades lexicais e a constituição específica do universo de discurso etnoliterário, faremos um percurso a partir dos processos de formação de conjuntos terminológicos e pelo modo de engendramento conceptual do discurso literário.

Pais e Barbosa (2004) explicam que se consideramos dois universos de discurso, o da língua comum e o das linguagens especializadas, as unidades lexicais do primeiro são chamadas vocábulos e as do segundo termos. Os autores destacam que no nível do sistema, as unidades lexicais são plurifuncionais, de modo que o estabelecimento preciso de sua função depende de sua inserção em uma norma discursiva. Só então é possível determinar o seu estatuto em vocábulo ou termo. Barbosa (2007, p. 439) também esclarece que,

[...] uma unidade lexical não é termo ou vocábulo, em si mesma, mas, ao contrário, está *em função* ‘termo’ ou *em função* ‘vocábulo’, ou seja, o universo de discurso em que se insere determina o seu estatuto em cada caso. Assim, não é possível estabelecer uma taxonomia paradigmática dos conjuntos termos e dos conjuntos vocábulos, pois toda classificação resulta dos entornos discursivos e dos condicionamentos das normas discursivas, dependente, portanto, dos universos de discurso e das situações de discurso. Concebe-se um percurso possível de uma ‘unidade lexical’, ao longo de um eixo *continuum*, do mais alto grau de banalização ao mais alto grau de científicidade e vice-versa. Em suma, toda unidade lexical é plurifuncional, no nível de sistema, e monofuncional, no nível de uma norma ou do falar concreto.

Depreende-se que, a funcionalidade de unidades lexicais não é estanque, de modo que elas podem atualizar uma função ou outra, a depender de seus entornos discursivos. Instaura-se, portanto, uma dinâmica de processos dos movimentos entre vocábulo e termo tendo em vista a ocorrência de unidades lexicais em diferentes universos de discurso. Esses movimentos podem ser tanto horizontais, de um universo de discurso para outro, quanto verticais, quando ocorre a passagem do nível conceptual para o nível terminológico. Tendo essa dinamicidade

em mente, Barbosa (2005) propõe uma tipologia dos processos de constituição de conjuntos terminológicos, conforme o quadro seguinte:

QUADRO 2 – Tipologia de processos de constituição de conjuntos terminológicos e vocabulares

| Tipologia de processos de constituição de conjuntos terminológicos e vocabulares | | | |
|--|--|---|---|
| Vocabularização | Terminologização <i>stricto sensu</i> | Terminologização <i>lato sensu</i> | Metaterminologização |
| Passagem da terminologia para a língua comum (ex.: <i>entrar em órbita</i> , da área técnico-científica para a língua comum) | Passagem da língua comum para a terminologia (ex.: <i>peregrinismo</i> , “ir em romaria” na língua comum para “emprego de vocábulo estranho à língua vernácula, estrangeirismo” nas ciências da linguagem) | Passagem do nível conceptual para o nível terminológico; criação <i>ex-nihilo</i> | a. passagem da terminologia para a terminologia com manutenção de núcleo sêmico (ex.: <i>estrutura</i> e <i>função</i> , em diferentes áreas); b. passagem da terminologia para a terminologia sem manutenção de núcleo sêmico (ex.: <i>arroba</i> , “medida de peso” e @, símbolo de endereço eletrônico) |

Fonte: Elaboração do autor com base em Barbosa (2005).

Acerca da terminologização *lato sensu*, Barbosa (2007, p. 438) esclarece que,

[...] terá graus diferentes de motivação mas que não resulta da transposição de um universo de discurso para outro e, sim, da instauração de uma nova grandeza sínica – numa combinatória inédita, no caso do processo fonológico e sintagmático – e de uma função metassemiótica – no caso do processo semântico. [...] A rigor, este processo [...] subjaz a todos os anteriormente apresentados, visto que, em estrutura profunda, o ponto de partida é sempre o nível conceptual.

Essa tipologia de processos demonstra que os conjuntos terminológicos podem ser formados por diferentes processos, de modo que o entendimento do termo “terminologia” somente como um conjunto lexical constituído da passagem do nível conceptual ao nível terminológico (terminologização *lato sensu*), conforme preconizado pela TGT, é excludente e restritivo, uma vez que outros fenômenos passíveis de ocorrerem são desconsiderados.

Ao tratar da estrutura e da formação do conceito de unidades lexicais, Barbosa (2004) reconhece que diferentes manifestações discursivas dispõem de formas diferentes de conceptualização. Em outras palavras, o modo de engendramento de um conceito está em função do universo de discurso, dadas as diferentes características semânticas, sintáticas, semióticas e pragmáticas que caracterizam as linguagens especializadas, os discursos literários e outros discursos sociais não-literários.

Esclarecemos, inicialmente, que o processo conceptual se dá em uma via de mão dupla, de um lado há um sujeito enunciador que codifica um conceito e de outro, um sujeito enunciatário que recupera o conceito em um processo de decodificação. O primeiro é chamado de onomasiológico e pode ser assim caracterizado:

Observe-se que os atos de conceituar, ou de engendrar um discurso manifestado qualquer – são processos *onomasiológicos* – tomam como ponto de partida o *continuum* amorfo dos dados da experiência, passam pelo nível noêmico e chegam ao nível lexemático, que vai do fato ao nome, e cujo produto é a *denominação*. É o percurso do *fazer persuasivo do sujeito de enunciação de codificação*, desencadeado por quem fala, quem escreve. Esse sujeito de enunciação de codificação, tendo uma intenção de comunicação de determinado esquema lógico-conceptual, pode selecionar diferentes formas linguísticas, suscetíveis de representá-lo, para engendrar o seu discurso enfim manifestado. Essa escolha integra o processo de modalização do discurso, enquanto competência e desempenho do *sujeito enunciador*. Desse percurso resultam: *conceitos*, seus representantes semiotizados – grandezas-signos – e, em etapas posterior [sic], presentificados em discursos manifestados (BARBOSA, 2004, p. 60).

O segundo é chamado de semasiológico e pode ser assim caracterizado:

[...] tem-se o percurso que toma como ponto de partida o discurso manifestado, para chegar novamente ao nível conceptual, que caracteriza o *fazer interpretativo do sujeito enunciatário*, ou, noutras palavras, um *processo semasiológico*, do signo para o *conceito*, realizado por quem houve ou quem lê; qualifica-se, assim também, o percurso lexicográfico-terminográfico, como processo que parte da manifestação do nível lexemático, com as seleções, restrições e combinatórias sêmicas estabelecidas em discurso, para, num *metadiscursivo* igualmente configurado como *fazer interpretativo*, articular semas representados por *metatermos lexemáticos*, operação de que resulta a *definição* (BARBOSA, 2004, p. 79).

O *modus operandi* conceptual (processo de construção de um conceito) no discurso literário pode ser

[...] desencadeado nas relações sintagmáticas de um discurso manifestado, em que o autor vai pouco a pouco construindo, no seu texto, um conceito qualquer. [...] a combinatória das palavras-ocorrência vai paulatinamente configurando o recorte conceptual que o autor tem de um ‘fato’” (BARBOSA, 2004, p. 79).

Observamos que, no discurso literário, dada a ocorrência de diálogos entre personagens, a construção de um conceito frequentemente acontece quando um personagem explica algo a outro, e assim, constrói-se um conceito na sequência sintagmática de seu dizer.

[...] no discurso literário, uma obra pode ser auto-suficiente, no engendramento de um conceito, numa intertextualidade intra e interdiscursiva. No discurso técnico-científico, teórico e/ou prático, assim como no discurso literário, o engendramento do conceito é sintagmático, narrativo, transfrástico (BARBOSA, 2004, p. 79).

Em outras palavras, ao criar o próprio campo referencial, a obra literária pode construir conceitos tanto com referências exclusivas a esse campo interno instaurado pelo texto ficcional, quanto com referências ao universo de discurso maior a que pertence, a partir de outras obras e outros discursos, como os etnoliterários, caracterizando intertextualidades intra e interdiscursiva, respectivamente. Somando-se a isso, “[...] um texto literário tende a ser mais figurativo, com grande abundância de isotopias figurativas [...]” (BARBOSA, 2004, p. 80). Isto é, um tema pode ser convertido em figuras que dão “espessura” à ideia, corporificam ideias, “[...] acentuando seu efeito de sentido de veridicção ou verossimilhança [...] como [processo] de redundância sêmica” (BARBOSA, 2004, p. 80).

Quanto aos subconjuntos conceptuais suscetíveis de ênfase nos diferentes discursos, [...] diríamos que o discurso técnico-científico *tende a* privilegiar o *conceptus stricto sensu* – subconjunto dos traços que servem à conceptualização da semiótica natural – e, ainda, nos discursos que circulam na comunidade científica internacional, o *arquiconceptus*, multilíngue e multicultural. O discurso literário *tende a* dar ênfase ao *metaconceptus* – subconjunto dos traços semântico-conceptuais culturais, produzindo, simultaneamente, uma modificação do recorte cultural, própria de uma reconstrução particular do mundo semioticamente construído. Os discursos político e jornalístico *tendem a* destacar o *metametaconceptus*, subconjunto dos traços modalizadores, manipulatórios, em busca de *eficácia* discursiva (BARBOSA, 2004, p. 82).

Com a conceptualização do termo ‘transgênico’ em diferentes discursos, Barbosa (2004) exemplifica como se dá a estruturação dos diferentes subconjuntos explicados acima. Resumidamente, a autora observa que o *conceptus* atualiza traços semânticos consensuais, próprios da semiótica natural, o *metaconceptus* atualiza traços consensuais de um ponto de vista cultural, e o *metametaconceptus* atualiza traços modalizadores, manipulatórios dos discursos favorável e contrário. Entendemos que o conceito não é o resultado apenas do consensual, ou do que é comumente entendido como transgênico ([+biológico], [+estrutura genética], [+tecnologia], [+mutação]⁷¹), mas também adquire nuances culturais e

⁷¹ A notação ‘[...]’ indica que se trata de um traço semântico-conceptual, de acordo com Barbosa (2004).

manipulatórias (favoráveis ou contrárias à produção de transgênicos), a depender dos diferentes discursos e comunidades socioculturais. Há, portanto, uma zona conceptual consensual e uma zona conceptual de embate.

Em suma, o discurso literário é eminentemente sintagmático, podendo ser autossuficiente em uma intertextualidade intradiscursiva e interdiscursiva quanto ao *modus operandi* conceptual, sendo que o *metaconceptus*, traços culturais, ideológicos, tende a dominar a conceptualização de um termo. Também é preciso deixar claro que o conceito de um termo, dependendo do enunciador, de seus objetivos e do tipo de discurso, pode refletir traços próprios de uma visão, recorte ou saber cultural, bem como de intenções manipulatórias.

Passemos para uma caracterização dos discursos literários e etnoliterários.

[...] os discursos literários [...] são vistos como *ficcionais*, despertam *emoções*, suscitam o *prazer do texto* e constituem, geralmente, não ‘imitações da vida’ mas *metáforas da vida*, que conduzem a uma melhor compreensão desta. A *função estética* é elemento determinante de sua *eficácia* e de sua *valorização social* (PAIS; BARBOSA, 2004, p. 82).

Em relação aos discursos etnoliterários, entendemos que são textos transmitidos de geração em geração, como textos folclóricos, lendas e mitos que preservam a visão de mundo de determinada cultura.

[...] os textos etnoliterários são *preservados*, ao longo dos séculos, pela *memória coletiva* das comunidades e transmitidos de uma geração a outra pelas populações. Fazem parte da *tradição popular*, ou guardados na memória ou registrados em publicações artesanais e, logo em seguida, transmitidos oralmente. Assim, os discursos etno-literários sustentam importantes facetas dos *sistemas de valores*, dos *sistemas de crenças*, que integram o *imaginário coletivo* de uma comunidade humana. Mostram uma visão do mundo, apresentam as grandes linhas de um *mundo semioticamente construído*. Nesse sentido, constituem *documentos* altamente significativos, reveladores de uma *cultura* e do seu processo histórico (PAIS; BARBOSA, 2004, p. 83-84).

Dada essa configuração dos discursos etnoliterários, Pais e Barbosa (2004) compreendem que as estruturas lexicais usadas neles refletem as características anteriormente apresentadas, adquirindo uma significação especial própria desses discursos. Um exemplo comumente encontrado nos textos de Barbosa (2005, 2006, 2007, 2010) refere-se ao rito *Bumba-meu-boi* do Maranhão. Nesse rito folclórico, a unidade lexical ‘boi’ não designa o ‘boi’ da biologia, ou da agropecuária; ela representa uma entidade mítica, que é morta, mas

ressuscita ao final da narrativa, sendo inclusive interpretada como a morte e ressurreição de Cristo. Barbosa (2005, 2006, 2007, 2010) também esclarece que essas unidades lexicais representam temas, como bem e mal, poder e fraqueza, vida e morte, riqueza e miséria.

Em relação às unidades lexicais de interesse à Etnoterminologia, Barbosa (2010) salienta que no nível da norma e do falar concreto, elas subsumem as duas funções, vocáculo e termo. São *vocábulos*, ao associarem seus aspectos referenciais, pragmáticos e simbólicos, em função semiótica, metassemiótica ou metametassemiótica, e *termos*, por apresentarem características de uma linguagem especializada. Entendemos que os vocábulos, enquanto signos, em função semiótica articulam as duas faces que os constituem, isto é, significante (plano da expressão) e significado (plano do conteúdo). Ativam sua função metassemiótica ao se tornarem interpretantes de outros signos, ou seja, “[...] a única maneira que temos para conhecer o significado de um signo passa pela formulação de um outro signo que o interprete” (VOLLI, 2012, p. 37). Por exemplo, o termo fictional *wand* em HP, em função metassemiótica, pode ser considerado como um interpretante do signo ‘poder’, um símbolo que representa o poder, a soberania dos bruxos enquanto membros de uma sociedade que lhes permite utilizar tal artefato. Para outros membros da comunidade bruxa, contudo, como *house-elves* (elfos-domésticos) e *goblins* (duendes), o direito de usar uma varinha (*wand*) é negado. Em resumo, o significado de ‘poder’ é corporificado no discurso pela sua figurativização em outro signo, *wand*. Para além da significação de *wand* em função semiótica, em função metametassemiótica “[...] há uma associação, enxertada [...] sobre a significação” (TODOROV, 2014, p. 20), ou seja, no discurso, *wand* adquire o sentido indireto de ‘poder’, torna-se um símbolo de poder, revelando um valor cultural atribuído a esse objeto.

Quanto à função metametassemiótica dos vocábulos, entendemos que essa é ativada dado o caráter de interpretações sucessivas passíveis de serem realizadas por outros signos, típico da semiose ilimitada, assim explicada por Volli (2012):

[...] a ideia de que cada signo seja interpretado por um signo sucessivo em uma progressão potencialmente infinita implica que a cultura continuamente traduza signos para outros signos, produzindo uma série ininterrupta de interpretações que se ‘incrusted’ em interpretações anteriores (VOLLI, 2012, p. 38).

Partindo do entendimento de que a cultura é construída a partir de interpretações sucessivas de referenciais simbólicos que sedimentam na memória coletiva, é lícito considerar que os vocábulos retomam inúmeras interpretações anteriores em uma rede de associações, justificando a sua função metametassemiótica.

Barbosa (2006, p. 50) também afirma que essas unidades “[...] são quase-termos técnicos, pois pertencem a uma linguagem especial/especializada. Seus sememas não correspondem, pois, nem aos sememas da língua comum, nem aos sememas das linguagens dos domínios científicos.” Nessas condições, “[...] essas unidades lexicais reúnem qualidades das línguas especializadas e da linguagem literária [...]” (BARBOSA, 2006, p. 48). Portanto, as unidades lexicais da Etnotermologia apresentam uma constituição sincrética de aspectos especializados e literários, garantindo que ao mesmo tempo em que atuam na tessitura do texto literário, elas contêm um valor semântico sociocultural, constituindo documentos do processo histórico de uma cultura.

Para compreendermos como uma unidade lexical configura-se em vocábulo-termo, devemos considerar primeiramente dois aspectos:

- a) analisando-se no *continuum* que vai do mais alto grau de tecnicidade ou científicidade ao menor grau de densidade terminológica, verifica-se, de um lado, que algumas situam-se em pontos de altíssimo nível e outras, em patamares muito fracos de especialidade; de outro lado, a mesma unidade pode, potencialmente, transitar de um extremo ao outro desse *continuum*, conforme seus entornos discursivos [...].
- b) são os universos de discursos e o [sic] discursos manifestados que determinam essa variação funcional (BARBOSA, 2010, p. 550).

Barbosa (2009, p. 39) também explica que, “[...] entre o mais alto grau de científicidade e o mais alto grau de banalização, existe sempre um subconjunto que tem dupla natureza, a de termo e a de vocábulo.” Nesse eixo do *continuum* científicidade-banalização, a autora exemplifica com o vocábulo-termo ‘câncer’ do discurso científico que estabelece a comunicação tanto entre especialistas quanto leigos, atestando a interface entre o discurso científico e o discurso banal (menos especializado).

Em resumo, é a atualização de uma unidade lexical em um discurso manifestado que, em última instância, determina a sua configuração em vocábulo ou termo, ou em ambos. Assim, a configuração de uma unidade lexical depende não só do universo de discurso em que é usada, mas também do discurso manifestado em que é atualizada. No caso dos discursos etnoliterários, “as unidades lexicais atualizadas nos textos mantêm uma rede de relações semânticas específicas – intra-universo – e têm funções peculiares, quanto à designação e à referência. São, por isso mesmo, multifuncionais” (PAIS, BARBOSA, 2004, p. 98). Segundo Barbosa (2010), as unidades multifuncionais da Etnotermologia são o resultado do cruzamento dos processos de metaterminologização e metavocabularização. Apesar de explicar o que se entende por metaterminologização, como visto no quadro anteriormente, a

autora não apresenta uma definição do que seja metavocabularização. Por extensão do conceito de metaterminologização, poderíamos supor que a metavocabularização refere-se à transição dos vocábulos entre diferentes conjuntos vocabulares.

Ainda acerca das unidades multifuncionais dos discursos etnoliterários, Barbosa (2010, p. 548) ressalta que:

Essas unidades lexicais apresentam sememas construídos, em grande parte, com semas específicos do universo de discurso etno-literário, provenientes das narrativas e cristalizados, de maneira a tornar-se [sic] verdadeiros símbolos dos temas envolvidos. É preciso estar familiarizado com as histórias, conhecer o pensamento e o sistema de valores da cultura em questão, para poder compreendê-los bem. De fato, é outra linguagem, que é preciso aprender, para interpretá-los corretamente.

Depreende-se que, dadas as sucessivas interpretações das narrativas que vão constituindo o acervo de uma cultura, uma intrincada rede de representações e simbolizações específicas vai se formando em seu interior, de modo que um determinado texto-ocorrência aciona essa rede, com a qual é preciso estar familiarizado para compreendê-lo bem. Assim, Barbosa (2007, p. 441; grifo nosso) conclui que, “[...] as unidades lexicais dos discursos etnoliterários têm um *significado muito especializado*, específico do universo de discurso a que pertencem e que são, ao mesmo tempo, polissêmicas/polissemêmicas.”

A ET, ao propor um tratamento transdisciplinar das unidades lexicais nos discursos etnoliterários (BARBOSA, 2005), supera a lógica clássica do ‘sim’ ou ‘não’, do ‘é’ ou ‘não é’, aceitando que há um termo, em que ‘é’ se une ao ‘não é’. Nicolescu (1999, p. 29 *apud* SANTOS, 2008, p. 74) assim caracteriza a lógica clássica: “1. O axioma da identidade: A é A; 2. O axioma da não-contradição: A não é não-A; 3. O axioma do terceiro excluído: não há um termo T, que é, ao mesmo tempo, A e não-A.” Santos (2008, p. 75) explica que, “por esses axiomas, a lógica clássica admite um único nível de realidade, uma vez que o axioma número 3 exclui a possibilidade de articulação.” A transdisciplinaridade, ao contrário, permite a articulação, e reconhece a possibilidade de um *terceiro termo incluído*, de modo que A pode ser não-A; “[...] transdisciplinaridade significa transgredir a lógica da não-contradição, articulando os contrários [...]” (SANTOS, 2008, p. 75).

Considerando que ‘vocáculo’ é o contrário de ‘termo’ na relação língua comum x linguagem especializada, respectivamente, ao aplicarmos os axiomas da lógica clássica à problemática do estatuto de unidades lexicais, temos que: ‘termo’ é ‘termo’; ‘termo’ não é ‘vocáculo’; *não há um termo T, que é, ao mesmo tempo, ‘termo’ e ‘vocáculo’*. Em outras palavras, na lógica clássica, há uma separação total e nítida entre essas duas instâncias, de

modo que os termos e as linguagens especializadas são tomados como independentes dos vocábulos e da língua comum, como água e óleo, elementos que não se misturam. Perspectiva essa sob a qual opera a TGT. Contudo, ao aplicarmos a lógica transdisciplinar obtemos o seguinte: ‘termo’ é ‘termo’; ‘termo’ não é ‘vocábulo’; *há um termo T, que é, ao mesmo tempo, ‘termo’ e ‘vocábulo’*. Nessa lógica, aceitam-se as articulações entre língua comum e linguagens especializadas, inclusive entre linguagem literária; a dinâmica dos movimentos entre vocábulos e termos; e a hibridização dessas duas funções em uma, vocábulos-termos, ou unidades multifuncionais.

A partir dessas considerações, entendemos que o campo de atuação da Etnoterminologia compreende manifestações culturais constituídas por elementos que integram o imaginário humano. Essas manifestações congregam sistemas de valores e de crenças que estabelecem formas de se conceber o mundo e o homem nele inserido. Entendemos, também, que as unidades multifuncionais surgem a partir do sincretismo entre vocábulos e termos e de aspectos literários e especializados, configurando uma unidade de caráter híbrido e fluido a partir de um lugar, no *continuum* da alta densidade terminológica e da baixa densidade terminológica, que congrega especificidades a modo de uma linguagem especializada na composição artística do texto literário.

3.3 Terminografia

Na maioria das vezes, a pesquisa terminológica resulta na criação de vocabulários especializados. Assim, faz-se necessário um estudo dos componentes e da tipologia de obras terminográficas. Torna-se interessante também uma comparação com as obras lexicográficas, a fim de delimitar o tipo de produto que se pretende gerar ao final de uma pesquisa terminológica. É sobre esse tema que se dedicam as seções seguintes.

Antes, porém, ressaltamos que entendemos consoante Finatto (2014, p. 439) que:

A Terminografia é a disciplina prática intimamente ligada à Terminologia, assim como a Lexicografia o é com a Lexicologia ou com a Metalexicografia. A Terminografia se ocupa da descrição das propriedades linguísticas, conceituais e pragmáticas das unidades terminológicas de uma ou mais línguas, a fim de produzir obras de referência, tais como dicionários, glossários, vocabulários em formato papel ou eletrônico, bases de dados terminológicos e bases de conhecimento especializado.

A mesma autora comprehende que diferentes perspectivas teóricas geram diferentes práticas terminográficas. Ela também defende maior amplitude de informação terminológica

quando da produção de obras terminográficas. Essa amplitude ou aprofundamento de informações sobre unidades terminológicas é assim definida: “[...] toda a informação conectada a um dado conceito expresso lexicalmente em textos de um dado domínio, isto é, termos, designações e expressões semelhantes a termos, definições, fraseologias, frequências de uso, variabilidades designativas, combinatórias recorrentes, etc” (FINATTO, 2014, p. 441).

Assim, a proposta terminográfica desta pesquisa busca refletir princípios teóricos da ET, TSCT, TC e TT, de modo a atingir maior amplitude informacional terminológica.

3.3.1 Caracterização de obras Lexicográficas e Terminográficas

Há grande divergência em relação à nomenclatura dada às obras lexicográficas e terminográficas. Entende-se por obras lexicográficas, os dicionários de língua que registram as unidades lexicais e todas as suas acepções pertencentes a dado sistema linguístico. Como obras terminográficas, consideramos glossários, dicionários terminológicos, vocabulários, bancos de dados, constituídos pelo conjunto de termos de um domínio especializado do conhecimento humano.

Em meio às divergências terminológicas quanto às denominações de repertórios lexicais, consagrou-se o uso do termo *dicionário*. Nesse sentido, tanto *dicionário*, quanto *repertório* são termos usados de forma genérica para designar as obras lexicográficas e terminográficas cujo conteúdo é organizado em verbetes (BARROS, 2004); sendo *dicionário* o termo consagrado pelo uso. Alguns aspectos, porém, são fundamentais para determinar a natureza e a tipologia de um determinado repertório. São eles: os níveis de abstração da linguagem (sistema, norma e fala), o recorte feito na língua (todo o léxico ou parte dele), o tipo de unidade lexical, a quantidade de acepções e as perspectivas linguísticas (diacrônica, diatópica, diafásica, diastrática, sincrônica, sintética, sinfásica, sinstrática).

Nesse sentido, Barbosa (2001 *apud* FROMM, 2002, p. 17) apresenta a seguinte classificação:

QUADRO 3 – Tipologia de obras lexicográficas e terminográficas conforme Barbosa (2001)

| Dicionário | Vocabulário | Glossário |
|--|--|---|
| <i>Nível do sistema</i> | <i>Nível da norma</i> | <i>Nível da fala</i> |
| Trabalha com todo o léxico disponível e o léxico virtual | Trabalha com conjuntos manifestados dentro de uma área especializada | Trabalha com conjuntos manifestados em um determinado texto |
| Unidade: lexema (significado abrangente; frequência regular) | Unidade: vocábulos/termos (significado restrito; alta frequência) | Unidade: palavras (significado específico; única aparição) |
| Apresenta (teoricamente) todas | Apresenta todas as acepções de | Apresenta uma única acepção |

| | | |
|---|---|---|
| as acepções de um mesmo verbete | um verbete dentro de uma área especializada | do verbete (dentro de um contexto determinado) |
| Perspectivas: diacrônica, diatópica, diafásica, diastrática | Perspectivas: sincrônica e sinfásica | Perspectivas: sincrônica, sintópica, sinstrática, sinfásica |

Fonte: Adaptado pelo autor com base em Barbosa (2001 *apud* FROMM, 2002, p. 17).

Barros (2004) também apresenta uma proposta de classificação tipológica segundo três critérios: nível de atualização da unidade lexical; presença ou ausência de definições; presença ou ausência de dados enciclopédicos. Segundo essa proposta, os repertórios seriam classificados da seguinte forma:

QUADRO 4 – Proposta de classificação tipológica de repertórios lexicais conforme Barros (2004)

| Repertório lexical | Nível de atualização da unidade lexical | Definição | Dados enciclopédicos |
|--------------------------|---|-----------|----------------------|
| | Sistema | Norma | |
| Dicionário | x | x | x |
| Dicionário terminológico | - | x | x |
| Glossário | x | x | - |
| Enciclopédia | x | x | - |
| Léxico | - | x | x |

Fonte: Adaptado pelo autor com base em Barros (2004, p. 143).

Conforme a mesma autora, a partir dessa classificação, as principais características de cada repertório podem ser descritas da seguinte forma:

1. *Dicionário* (termo concorrente: *dicionário de língua*): repertório de grande quantidade de unidades lexicais e fraseológicas de uma língua, registrando as diferentes acepções de uma palavra em inúmeros universos de discurso;
2. *Dicionário terminológico* (termo concorrente: *vocabulário*): repertório que registra as unidades terminológicas de um ou vários domínios;
3. *Glossário* (termo tolerado: *dicionário bilingue*, *dicionário multilíngue*): lista de unidades lexicais ou terminológicas e seus respectivos equivalentes;
4. *Enciclopédia*: repertório que oferece dados de natureza extralingüística e referencial;
5. *Léxico*: repertório de unidades lexicais, terminológicas ou qualquer tipo de expressão usada por um autor que seja de difícil compreensão para o público-alvo de uma obra.

A partir das duas propostas anteriores, percebe-se certa divergência quanto às designações atribuídas aos diferentes repertórios lexicais. Enquanto Barbosa oferece três tipologias (dicionário, vocabulário, glossário), Barros elenca cinco. Enquanto Barbosa diz que

glossário apresenta uma única acepção em um verbete, Barros afirma que glossários não apresentam definição, apenas a forma equivalente do termo.

No Manual de Terminologia do Departamento de Tradução do Governo Canadense, Pavel e Nolet (2002) apresentam um glossário de termos da Terminologia. Entre esses termos destacamos aqueles que definem obras lexicográficas e terminográficas, segundo a tipologia adotada por essas autoras:

dicionário de língua. Repertório que apresenta unidades lexicais de uma língua, em ordem alfabética, juntamente com seu significado, descrição, uso e outra informação linguística (p. 120)

glossário. 1. Repertório de termos, normalmente de uma área do conhecimento, apresentados em ordem sistemática ou em ordem alfabética, acompanhados de informação gramatical, definição, com ou sem contexto. 2. Lista de palavras de uma obra pouco conhecidas ou desusadas, apresentadas com sua definição (p.122).

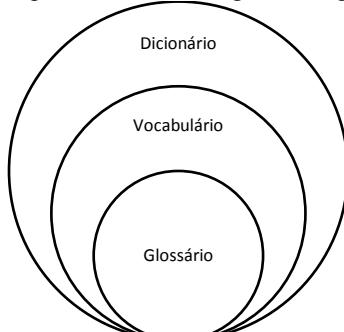
léxico. Repertório bilíngüe ou multilíngüe de termos pertencentes a uma área do conhecimento, sem a necessidade de incluir definição (p.124).

vocabulário. Repertório monolíngüe, bilíngüe ou multilíngüe de palavras ordenadas de acordo com critérios específicos, como, palavras pertencentes a uma determinada atividade ou a um dado campo semântico, acompanhadas geralmente de definições ou de explicações sucintas (p.133).

Conforme Vilela (1995 *apud* WELKER, 2004, p. 25), “[...] o dicionário é a recolha ordenada dos vocábulos duma língua, o vocabulário é a recolha de um sector determinado duma língua e o glossário é o vocabulário difícil de um autor, de uma escola ou de uma época.” De acordo com esse fragmento, a noção de *glossário* de Vilela confunde-se com a de *léxico* de Barros. Eles utilizam designações diferentes para se referirem ao vocabulário difícil de um autor.

É perceptível que não há consenso entre as classificações apresentadas. Percebemos apenas certa uniformidade entre as propostas em relação à definição de dicionário. Além disso, a noção de abrangência linguística das obras também parece clara, no sentido de que, o dicionário é o repertório da língua de modo geral e o glossário, o repertório mais específico, como ilustra a FIGURA 2:

FIGURA 2 – Representação esquemática da abrangência linguística de repertórios lexicais



Fonte: Elaboração do autor.

Mesmo assim, cada classificação aponta aspectos não considerados por uma ou outra, divergindo drasticamente em certos pontos. Para Barros (2004), por exemplo, o léxico apresenta definição, enquanto para Pavel e Nolet (2002) tal definição não tem um caráter de obrigatoriedade. Krieger e Finatto (2004) também levam em conta como elemento distintivo para a classificação de tipologias a exaustividade, ou seja, a cobertura dos itens lexicais dada por determinada obra. Apresentam também uma concepção diferente de glossário como se nota no seguinte trecho:

Glossário costuma ser definido como repertório de unidades lexicais de uma especialidade com suas respectivas definições ou outras especificações sobre seus sentidos. É composto sem pretensão de exaustividade. Já o dicionário terminológico ou técnico-científico é uma obra que registra o conjunto de termos de um domínio oferecendo primordialmente informações conceituais e, por vezes, lingüísticas. Caracteriza-se por uma cobertura exaustiva de itens lexicais (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 51).

A concepção de glossário de Bowker e Pearson (2002) também é interessante, uma vez que elas o concebem em um *continuum*, de modo que podem ser produzidos glossários mais simples e glossários mais sofisticados.

Um glossário é essencialmente uma lista de termos em uma ou mais línguas. A quantidade de informação contida em glossários pode variar bastante, e o nível de detalhamento em um glossário geralmente depende dos propósitos de sua composição. Assim, em uma ponta do *continuum*, o glossário mais básico contém simplesmente uma lista de termos e seus equivalentes em uma ou mais línguas estrangeiras. [...] Na outra ponta do *continuum*, há glossários ricamente detalhados, contendo definições, exemplos de uso, sinônimos, termos relacionados, notas de uso, etc⁷² (BOWKER; PEARSON, 2002, p. 137-138).

⁷² No original: *A glossary is essentially a list of terms in one or more languages. The amount of information contained in glossaries can vary greatly, and the level of detail in any glossary will usually depend on the purpose for which it is intended. Thus, at one end of the spectrum, the most basic glossary will simply contain*

Diante das propostas apresentadas, nota-se que há uma grande divergência em relação aos critérios utilizados para a classificação tipológica de repertórios lexicais. Assim, cabe ao pesquisador ter consciência dessas divergências e escolher a que melhor se adequar aos propósitos da construção de dado repertório. Para o produto desta pesquisa, adotamos a denominação de ‘glossário’ partindo do entendimento de que se trata de um repertório lexical elaborado sem pretensão de exaustividade, com o registro de informações de termos e suas definições elaboradas a partir de um *corpus* de manifestações literárias de uma mesma autora, circunscritas em uma temática de um universo de discurso específico, além do registro de informações lexicogramaticais, semânticas, idiomáticas e enciclopédicas.

3.4 Consolidação teórica

Após a discussão teórica acima, esta seção busca consolidar os pressupostos das diferentes perspectivas abordadas, alinhavando os pontos de convergência e interface entre as correntes terminológicas que nos permitem propor uma abordagem de análise e descrição terminológica com base em textos literários ficcionais.

A Etnotermologia trata em seu escopo de manifestações discursivas com baixo grau de científicidade e tecnicidade. Dentro dessas manifestações estão os discursos literários, bem como os discursos que dialogam com discursos etnoliterários. A esses discursos damos o nome de discursos etnoliterários *lato sensu*. Exemplos de manifestações de discursos etnoliterários *stricto sensu* são fábulas, folclore, lendas, literatura de cordel, literatura oral, literatura popular e mitos, enquanto os discursos etnoliterários *lato sensu* são aqueles discursos que mantêm relações intertextuais e interdiscursivas com discursos etnoliterários. Em outras palavras, o leitor, por meio dos discursos etnoliterários *lato sensu*, tem acesso indireto aos discursos etnoliterários *stricto sensu* que dialogam com o texto literário.

Esse esclarecimento permite-nos incluir manifestações literárias, como a série Harry Potter no escopo de investigações em ET, visto que o universo de discurso literário de fantasia infantojuvenil e seus discursos-ocorrência utilizam, frequentemente, elementos provenientes de discursos etnoliterários *stricto sensu*, como folclore, lendas e mitos de uma cultura, com os quais estabelecem diálogos intertextuais e interdiscursivos. Em sentido estrito, a série Harry Potter não é prontamente considerada como etnoliterária, uma vez que não compartilha de

lists of terms and their equivalents in one or more foreign languages.[...] At the other end of the glossary spectrum, you will find richly detailed glossaries containing definitions, examples of usage, synonyms, related terms, usage notes, etc.

certas características tipicamente atribuídas a esse universo de discurso, como o apagamento do sujeito-enunciador, que não se conhece ou não pode ser atestado, conforme explicado por Pais e Barbosa (2004, p. 82). Em Harry Potter, como em outros textos literários contemporâneos, a autoria é sempre bem definida. Porém, a série estabelece relações interdiscursivas e intertextuais com discursos etnoliterários, uma vez que os livros compartilham elementos provenientes do folclore da cultura britânica. Em uma entrevista, Rowling (2005) diz ter tomado liberdade ao se apropriar do folclore britânico e da mitologia britânica, pelo fato de a Inglaterra ter sido invadida por inúmeros povos, o que causou a apropriação de deuses e de criaturas míticas, por exemplo, de outras culturas. Essa fusão de culturas resultou, para a autora, em um dos folclores mais ricos do mundo. Em outras palavras, a autora faz uso do folclore e dos mitos presentes na cultura britânica, transformando-os de acordo com propósitos estéticos e narrativos na composição do mundo ficcional em Harry Potter.

Kronzek e Kronzek (2010, p. xiv) observam que,

Quase todas as práticas mágicas ensinadas em Hogwarts estão fundamentadas na tradição mágica ocidental, que emergiu dos antigos impérios do Oriente Médio, Grécia e Roma. Criaturas imaginárias como centauro, manticore e unicórnio advêm da mesma rica tradição. Muitos outros seres mágicos como elfos, gnomos, duendes, hinkypunks e trolls têm suas raízes no folclore do norte da Europa e das Ilhas Britânicas⁷³.

Assim, entendemos que a série Harry Potter, apesar de se configurar como um produto cultural das chamadas sociedades industriais, constitui um objeto de pesquisa legítimo em Enoterminologia, devido às suas relações intertextuais e interdiscursivas com o universo de discurso etnoliterário. Por isso, assim como os discursos etnoliterários *stricto sensu* das sociedades arcaicas, justificamos que os discursos literários (ou discursos etnoliterários *lato sensu*) das sociedades industriais que dialogam com a etnoliteratura são passíveis de serem abordados em Enoterminologia.

O discurso literário de fantasia, ao fazer uso do folclore, constituinte de parte da memória coletiva de um povo, remete-nos à TC, que postula que a percepção cultural de um povo motiva a conceptualização e as denominações terminológicas. Por exemplo, o termo

⁷³ No original: *Nearly all of the magical practices taught at Hogwarts are rooted in Western magical tradition, which emerged from ancient empires of the Middle East, Greece, and Rome. Imaginary creatures like the centaur, the manticore, and the unicorn come from the same rich tradition. Many other magical beings, such as elves, gnomes, goblins, hinkypunks, and trolls, have their roots in the folklore of northern Europe and the British Isles.*

merpeople (sereianos), *mermaid* (sereia) e *merman* (tritão) em inglês assumem denominações e conceptualizações diferentes em diferentes países. Kronzek e Kronzek (2010) fazem referência à *merrymaid* da Cornualha; *merrow* da Irlanda; os homens azuis da Escócia; *neck*, *havfrue* e *havmand* da Escandinávia; *meerfrau*, *nix*, *nixe* e *lorelei* da Alemanha; e *rusalka* da Rússia. O que há de semelhante entre o significado desses termos é que eles designam criaturas com forma humana acima da cintura e com rabo de peixe abaixo da cintura (KRONZEK; KRONZEK, 2010). Em outras palavras, essas denominações têm um núcleo semântico comum, mas assumem traços semântico-conceptuais específicos da visão de cada cultura (*percepto*). Esse exemplo revela que as culturas dos diferentes países denominam de formas diversas criaturas folclóricas semelhantes, tendo em vista o folclore do próprio país e seu acervo linguístico-cultural. Dessa forma, observamos que o componente cultural é importante para explicar variações terminológicas, por exemplo.

A própria denominação *wizard*, além de sofrer variações culturalmente dependentes também sofreu modificações conceptuais ao longo do tempo. Apesar de termos uma ideia padrão, uma imagem de *wizard*, este figura de diferentes formas, não só de uma obra literária para outra, mas também no percurso de evolução histórica do que se entende por *wizard*. Kronzek e Kronzek (2010, p. 323) afirmam que,

Durante o século dezesseis, a palavra “bruxo” começou a adquirir novos significados. O termo foi aplicado não só para homens sábios das vilas, mas para mágicos que praticavam alquimia e invocavam demônios, astrólogos da corte e feiticeiros que realizavam truques mágicos como entretenimento. Eventualmente, o termo passou a se referir aos praticantes de qualquer tipo de magia e tornou-se o termo favorito de contadores de histórias, que dotaram seus personagens com poderes mágicos mais espetaculares do que qualquer bruxo histórico teria imaginado.⁷⁴

Nos termos da TSCT, a unidade de compreensão *wizard*, apesar de manter certo núcleo semântico a modo de um protótipo, evoluiu ao longo do tempo adquirindo novos traços conceptuais nesse percurso, de modo que o *wizard* em Harry Potter, não é o mesmo *wizard* de *O Senhor dos Anéis*, que não é o mesmo de tantas outras obras ficcionais. Uma vez que as unidades de compreensão evoluem ao longo do tempo, conhecimentos de natureza enciclopédica tornam-se importantes para o entendimento do significado dos termos. A TSCT

⁷⁴ No original: *During the sixteenth century, the word “wizard” began to take on new meanings. The term was applied not only to village wise men, but to magicians who practiced alchemy and summoned demons, court astrologers, and conjurers who performed magic tricks as entertainment. Eventually, it came to refer to practitioners of any kind of magic and became the favorite term of storytellers, who endowed their characters with magical powers more spectacular than any historical wizard had even imagined.*

compartilha da noção de que a percepção humana é culturalmente determinada, e assim a língua é o meio de expressão da percepção humana, e não de uma realidade objetiva fora da língua. Assim, informações de natureza cultural também integram informações enciclopédicas relacionadas aos termos. Assim, TSCT e TC estabelecem uma interface.

Corroborando a questão de que áreas científicas e técnicas estão imbricadas na cultura e que o conhecimento se modifica, o posicionamento seguinte é bem esclarecedor.

Observe-se que o mundo do conhecimento científico é por sua vez uma *construção cultural*. Consideramos, hoje, que as baleias são mamíferos e que os lobos não falam (e temos boas razões para tanto), mas a cultura medieval tinha elaborado *definições diferentes* para as baleias e os lobos (por exemplo, *não se excluía a possibilidade de que existiam lobisomens*), e ninguém pode garantir que em seu estado atual a ciência tenha chegado a definições que no futuro não possam ser postas em discussão (VOLLI, 2012, p. 107; grifos nossos).

O trecho acima demonstra a *relatividade* do conhecimento científico, que, por se tratar de uma construção cultural, é passível de alterações ao longo do tempo. Conjeturava-se que lobisomens existiam no mundo natural, contudo, na cultura moderna, os lobisomens foram relegados ao âmbito das histórias, da fantasia, dos mundos ficcionais. Esse exemplo também esclarece como certas unidades lexicais são atualmente vistas como pertencentes a âmbitos literários e folclóricos.

Outro exemplo é o lexema *owl* (coruja), que no âmbito natural designa aves, em sua maioria, de hábitos noturnos. Em Harry Potter, esse lexema, apesar de designar o mesmo tipo de ave, adquire semas próprios do mundo ficcional. Na sociedade bruxa, corujas são importantes meios de comunicação, fornecendo serviço postal (*owl post*); elas são responsáveis por entregar cartas aos bruxos, dentre outras encomendas, inclusive as cartas de admissão para Hogwarts. Apesar de haver associações entre corujas e bruxos ao longo da história, não há registros de que elas tenham sido utilizadas no serviço postal (KRONZEK; KRONZEK, 2010). Um recorte cultural distinto é estabelecido na conceptualização de *owl* a partir do mundo ficcional, de modo que sua definição passa a incorporar semas característicos do mundo a que faz referência. Enquanto o *conceptus* (formado por semas biofísicos) de *owl* em HP permanece o mesmo em relação ao significado comum do lexema, o *metaconceptus* (formado por semas de ordem cultural) estabelece uma mudança no recorte cultural própria da reconstrução de um mundo semioticamente construído ao acrescentar semas específicos do mundo ficcional de HP. Notamos que, unidades lexicais *a priori* de língua comum, como *owl*, podem adquirir características conceptuais específicas ao serem usadas na construção de um

mundo ficcional. Ao ser atualizada no discurso literário de fantasia de HP, um valor distinto é ativado para a unidade lexical *owl*, que passa a integrar a organização conceptual da obra, sendo classificada como um meio de comunicação. O subconjunto conceptual ressaltado é de natureza cultural e não natural⁷⁵, como o seria em um texto científico da área de ornitologia. Mesmo *owl* sendo uma ave encontrada no mundo físico, no mundo ficcional de HP ela se torna um termo ficcional devido à mudança de seu estatuto ontológico de entidade real para possível não-real, tornando-se um particular ficcional que também apresenta uma conceituação específica, divergente da que se tem desse lexema tendo o mundo real como referência.

Assim, complementarmente à noção de Barbosa (2010, p. 548) de que os sememas das unidades multifuncionais provêm de semas específicos do universo de discurso etnoliterário, acrescentamos a noção de mundos ficcionais da literatura (DOLEŽEL, 1998). Ao estabelecer o próprio campo de referência, a linguagem literária passa a se referir a entidades específicas do mundo ficcional que instaura, de modo que o texto literário contém unidades lexemizadas a partir do sistema semântico-conceptual próprio desses mundos, constituindo termos ficcionais. Por termos ficcionais entendemos as unidades lexicais que, na maioria dos casos, designam elementos não pertencentes ao mundo experimentado fisicamente, à realidade fenomenológica, de forma que a existência dos elementos por elas designadas está condicionada ao texto, além de depender parcial ou totalmente da cognição; são também unidades lexicais semanticamente representativas de uma temática, usadas para a composição de um texto literário, tendo em vista a criação de um mundo ficcional. Em outras palavras, essas unidades lexicais habitam o imaginário humano e fazem parte do acervo cultural de dada sociedade.

A fim de corroborar com a argumentação de uma terminologia na literatura de fantasia infantojuvenil, observamos brevemente alguns verbetes do *Oxford Advanced Learner's Dictionary*. Uma análise do registro lexicográfico de unidades lexicais como *unicorn*, *centaur*, *goblin*, *fairy* e *wizard* revela que a indicação (*in stories*) como parte do paradigma informacional desses verbetes é frequentemente usada. A indicação (*anatomy*), por exemplo, é usada em verbetes como *cranium*, *patella*; (*biology*) em *gene*; (*chemistry*) em *DNA*, ou seja,

⁷⁵ Entendemos que os semas conceptuais são provenientes da percepção biológica e cultural do mundo. Eles configuram recortes semânticos provenientes de fatos do universo natural e cultural. “O *universo natural* é constituído pelos fatos biofísicos, independentes da ação do homem. Porém, o homem atua sobre o universo natural, gerando novos fatos, os culturais. O *universo cultural* compõe-se dos sócio-fatos (fatos relativos à vida social), dos mentefatos ou psicofatos (fatos relativos à vida interior, psíquica) e dos manufatos (fatos relativos aos objetos feitos pelo homem)” (RECTOR, 1978, p. 75).

indicam-se as áreas especializadas ou o universo de discurso científico em que o termo é usado. Entendemos que a especificação do ambiente textual (*in stories*) para algumas unidades lexicais, como as mencionadas acima, em que essas unidades lexicais são comumente usadas, indica que elas têm um estatuto diferente de outras unidades lexicais ao serem atualizadas em um texto-ocorrência, caso contrário tal especificação seria desnecessária. Isso nos leva a concluir que, essas unidades possuem um significado específico quando atualizadas *em histórias* (*in stories*), podendo assumir outros significados se usadas fora desse tipo de ambiente textual, de modo que é o texto e o universo de discurso que condicionam a leitura e a análise de um lexema como termo. Essa análise corrobora o pressuposto da TT de que “é no todo do texto que se pode melhor explicar, funcional e comunicativamente, o uso linguístico especializado [...]” (HOFFMAN, 2015, p. 48).

No verbete abaixo retirado do *Oxford Advanced Learner's Dictionary*, o lexema, *wizard* tem três acepções, a primeira delas em relação ao seu uso em histórias, a segunda a um uso mais informal e a terceira ao seu uso na computação.

wiz·ard [...] noun

1 (in stories) a man with magic powers

2 a person who is especially good at sth: a computer/financial, etc. wizard

3 (computing) a program that makes it easy to use another program or perform a task by giving you a series of simple choices

Word origin

wizard: late Middle English (in the sense philosopher, sage): from wise + -ard

A partir do entendimento de que a indicação *in stories* faz referência ao universo de discurso literário, e a indicação *computing* ao universo de discurso da computação, depreendemos que a unidade lexical *wizard* sofreu um processo de metaterminologização, considerando a passagem do termo *wizard* do domínio literário para o domínio computação. Observamos que, nesse caso, o termo transposto perdeu os traços semânticos que possuía no universo de partida, ou seja, não houve manutenção de núcleo sêmico; apesar de haver certa intersecção semântica (a relação entre ‘magia’ e ‘facilidade’ de uso do programa), são significados distintos. A segunda acepção, por sua vez, refere-se a um uso que poderíamos classificar como de língua comum, uma vez que não se refere nem ao programa de computador e nem a um homem com poderes mágicos. Atestamos, portanto, que o significado de *wizard* torna-se específico tanto quando é usado em ambientes literários, quanto quando é usado nas práticas comunicativas da computação, havendo além desses significados

específicos um significado em língua comum. Em relação ao seu uso em língua comum, diríamos que ocorreu um processo de vocabularização, ou seja, o significado específico de *wizard* na literatura quando transposto para a língua comum, refere-se a uma pessoa habilidosa. Também não podemos ignorar que o lexema *wizard*, dada a natureza sintética da linguagem literária, pode ter os três significados atualizados em ambientes literários. O que determinará a escolha de um significado ou outro, nos processos de codificação e decodificação, e o seu funcionamento como termo, será o seu contexto de ocorrência e o universo de discurso em que ocorre. Em suma, atestamos que no registro lexicográfico anterior, há o reconhecimento de que o uso de unidades lexicais em ambientes literários apresenta um significado específico.

A partir da discussão traçada acima, buscamos consolidar nosso ponto de vista em relação às convergências entre ET, TSCT, TC, TT, no que concerne à incidência de uma abordagem terminológica para a descrição do discurso literário de fantasia infantojuvenil. Concluímos que essas teorias, em conjunto com a Semântica Ficcional proposta por Doležel (1998), permite-nos identificar o uso de unidades lexicais com valor terminológico em textos ficcionais. Além disso, conforme será abordado no capítulo 5, a Linguística de *Corpus*, aliada a essa base teórica, fornecerá os recursos fundamentais para abordarmos nosso objeto de estudo metodologicamente. Mais do que isso, a LC é uma grande aliada da TT, visto que “[...] texto e *corpus* são duas unidades de língua que se completam naturalmente, até porque a segunda é uma coletânea da primeira [...]” (BERBER SARDINHA, 2009, p. 12). Adicionalmente, por meio da LC podemos obter contextos de usos textuais, automatizando os processos de identificação terminológica e de extração de evidências empíricas que comprovam o uso terminológico.

A seguir, apresentamos o ensaio descritivo que nos permitiu reconhecer as condições linguísticas de nosso *corpus* de estudo e, então, sistematizar o quadro teórico apresentado nesses dois primeiros capítulos.

4 ENSAIO DESCRIPTIVO

Como bem nos lembram Krieger e Finatto (2004, p. 188), “antes de iniciar qualquer descrição, é importante não perder de vista a condição linguística do nosso objeto e o ponto de vista a adotar.” Além disso, as autoras afirmam que, “contar com um ‘norte teórico’ é algo que tende a facilitar qualquer trabalho descritivo propriamente dito” (p. 188). Assim, elas ressaltam que é “[...] fundamental considerar, primeiro, a natureza linguística do objeto texto [a ser descrito] e, depois, a incidência de um ponto de vista teórico-metodológico” (p. 191). Desse modo, na busca de uma perspectiva analítico-descritiva, as autoras aconselham a condução de ensaios descritivos ou estudos-pilotos, que incluam diversos elementos da composição textual, para que se tenha um conhecimento prévio das condições textuais do texto em análise.

O ensaio descritivo ou estudo exploratório, a seguir, foi realizado no intuito de determinar as condições linguísticas do *corpus* de estudo que nos permitissem propor um enfoque terminológico e sistematizar um referencial teórico que sustentasse nossa proposta descritiva. Também buscamos demonstrar como a ferramenta de análise *WordSmith Tools* foi utilizada. Trata-se de um estudo em menor escala que nos auxiliou nos procedimentos de análise posterior do *corpus* como um todo.

4.1 Metodologia

Após o *download* da obra *Harry Potter and the Philosopher's Stone* (HP 1) e sua conversão para TXT (cf. capítulo 5), o *corpus* foi processado pelo programa *WordSmith Tools* 6.0 e suas três ferramentas: *Concord*, *KeyWords* e *WordList*. As duas últimas ferramentas foram necessárias para a identificação de palavras-chave, potenciais candidatas a termo. Como *corpus* de referência, utilizamos uma lista de palavras do BNC (*British National Corpus*). Por meio do *Concord*, listamos as linhas de concordâncias dos termos em formato KWIC (*keywords in context*), a fim de localizar enunciados definitórios. Consideramos que a necessidade do enunciador de definir uma unidade lexical em um texto ocorre por se tratar de uma unidade específica do universo de discurso em que se insere e, portanto, *a priori*, desconhecida pelo enunciatário. Assim, a presença de enunciados definitórios em textos aponta para um provável uso de unidades lexicais com valor terminológico. A classificação desses enunciados foi realizada com base em Pearson (1998).

4.2 Resultados

Os resultados estatísticos destacados na tabela seguinte foram obtidos por meio da ferramenta *WordList*.

TABELA 1 – Dados estatísticos do *corpus* de estudo

| | |
|--|---------------|
| Itens⁷⁶ no texto (total de palavras) | 80.190 |
| Formas⁷⁷ (palavras distintas) | 5.838 |
| Razão forma/item (RFI) | 7,28 |
| RFI padronizada | 41,94 |

Fonte: Elaboração do autor a partir dos dados estatísticos da *WordList*.

A razão forma/item⁷⁸ de 7,28 aponta que 7,28% dos itens do *corpus* não são repetidos. Em outras palavras, 92,72% (100 – 7,28) do *corpus* é composto por repetições de palavras. Esse dado numérico revela que o *corpus* apresenta um índice baixo de riqueza lexical. A partir do entendimento de que quanto menos repetição de palavras em um texto, mais difícil se torna a sua leitura, esse índice de repetição lexical sugere que o texto em análise é de fácil leitura, uma vez que a não repetição de palavras pode exigir maior esforço do leitor na decodificação do texto. Mesmo considerando blocos de texto de 1000 palavras (padrão do WST 6.0) para o cálculo da razão forma/item padronizada⁷⁹, o valor 41,94 sugere que nesses blocos mais da metade (58,06%) é constituída por palavras repetidas. Para validar esses dados estatísticos, uma análise qualitativa seria necessária, a qual está além do escopo desta pesquisa.

Após gerar a lista de palavras-chave identificamos candidatos a termo, realizando um procedimento de marcação na coluna *Set* com o código ‘T’ (termo). Após a inserção do código, reorganizamos a lista de modo que os termos ficassem agrupados no topo da lista. Também lematizamos os itens plurais em uma única linha para contabilizar a frequência total dos itens, conforme podemos verificar na FIGURA 3.

⁷⁶ “Também chamado de ‘running words’, significa o total de palavras, levando em conta as repetições, desde a primeira até a última de todos os arquivos selecionados” (BERBER SARDINHA, 2009, p. 161).

⁷⁷ “Mostra o total de [...] vocábulos do(s) arquivo(s), sem levar em conta as repetições” (BERBER SARDINHA, 2009, p. 162).

⁷⁸ “É o resultado da divisão do total de ‘types’ pelo total de ‘tokens’, multiplicado por 100. [...] Quanto maior o seu valor mais palavras diferentes o texto conterá. Em contraposição, um valor baixo indicará um número alto de repetições, o que pode indicar um texto menos ‘rico’ ou variado do ponto de vista de seu vocabulário” (BERBER SARDINHA, 2009, p. 162-163).

⁷⁹ “Mostra uma razão type/token média, calculada em blocos de texto. [...] A forma padronizada é empregada para neutralizar a influência do tamanho do texto na computação da razão type-token, já que textos maiores por natureza apresentam mais repetições e por isso tendem a possuir valores mais baixos do que textos curtos” (BERBER SARDINHA, 2009, p. 164).

FIGURA 3 – Lista de palavras-chave com as 12 primeiras lematizadas e codificadas com o código T na coluna *Set*

| File | Edit | View | Compute | Settings | Windows | Help | Set | | | | |
|------|------|------------|---------|----------|---------|-----------|--------|---------------|-------------------------------|--------|-----|
| N | | Key word | Freq. | % | Texts | RC. Freq. | RC. % | Keyness | P | Lemmas | Set |
| 1 | | WAND | 62 | 0,08 | 1 | 145 | 630,93 | 0,00000000000 | wand[62] wands[12] | T | |
| 2 | | WIZARD | 48 | 0,06 | 1 | 353 | 390,70 | 0,00000000000 | wizard[48] wizards[20] | T | |
| 3 | | MUGGLE | 22 | 0,03 | 1 | 0 | 313,46 | 0,00000000000 | muggle[22] muggles[19] | T | |
| 4 | | BROOMSTICK | 27 | 0,03 | 1 | 57 | 279,30 | 0,00000000000 | broomstick[27] broomsticks[9] | T | |
| 5 | | STONE | 80 | 0,10 | 1 | 7.710 | 260,58 | 0,00000000000 | | T | |
| 6 | | BROOM | 34 | 0,04 | 1 | 332 | 258,65 | 0,00000000000 | broom[34] brooms[13] | T | |
| 7 | | UNICORN | 23 | 0,03 | 1 | 88 | 214,58 | 0,00000000000 | | T | |
| 8 | | MIRROR | 47 | 0,06 | 1 | 3.691 | 170,86 | 0,00000000000 | | T | |
| 9 | | ERISED | 7 | | 1 | 0 | 99,74 | 0,00000000000 | | T | |
| 10 | | CENTAUR | 8 | | 1 | 52 | 66,95 | 0,00000000000 | centaur[8] centaurs[4] | T | |
| 11 | | WITCH | 12 | 0,01 | 1 | 521 | 57,04 | 0,00000000000 | witch[12] witches[8] | T | |
| 12 | | ELIXIR | 5 | | 1 | 50 | 37,81 | 0,00000000000 | | T | |

Fonte: Elaboração do autor a partir do *WordSmith Tools 6.0*.

A partir da seleção feita acima, geramos listas de concordâncias para cada um dos itens lexicais. Por meio das concordâncias, tivemos acesso ao cotexto de ocorrência dos termos e, assim, determinamos a extensão sintagmática (*cluster*) de três termos, *Philosopher's Stone*, *Mirror of Erised* e *Elixir of Life*. Essa identificação se deu também devido à proeminência dessas unidades fraseológicas em elementos que compõem a macroestrutura textual, como o título da obra (*Harry Potter and the Philosopher's Stone*) e o título do capítulo 12 (*The Mirror of Erised*). No caso de *Elixir of Life*, a coocorrência dessas unidades foi identificada pelo WST como um padrão (*pattern*), assim como *unicorn blood*. Assim, delimitamos nossa análise a partir dos seguintes termos: *broomstick (broom)*, *centaur*, *Elixir of Life*, *Mirror of Erised*, *Muggle*, *Philosopher's Stone*, *unicorn*, *wand*, *witch*, *wizard*. A seguir apresentamos os contextos linguísticos extraídos por meio da ferramenta *Concord*.

4.2.1 Contextos

A delimitação dos contextos linguísticos seguintes foi estabelecida tendo como critério a pertinência dos traços semântico-conceptuais relacionados ao termo. Assim, quanto maior a quantidade de traços semântico-conceptuais, maior o recorte linguístico contextual feito no todo do texto.

No contexto seguinte encontramos traços de uma definição formal complexa, em que o termo em negrito é mencionado em uma frase e definido na frase seguinte. Em vez do uso de *This is...* como o padrão observado por Pearson (1998), usou-se *It's what we call....* Este enunciado definitório tem a característica de uma definição semiformal também, visto que não expressa uma classe à qual o termo *Muggle* pertence. Apenas pelo contexto situacional da narrativa, é que inferimos que *Muggle* está inserido na classe de ‘pessoas’ ou ‘seres

humanos'. Observamos que o trecho sublinhado apresenta aspectos de que o termo *Muggle* pode ser usado com sentido depreciativo.

'I'd like ter see a great **Muggle** like you stop him,' he said. 'A what?' said Harry, interested. 'A **Muggle**,' said Hagrid. *'It's what we call non-magic folk like them. An' it's your bad luck you grew up in a family o' the biggest **Muggles** I ever laid eyes on.'*⁸⁰

No trecho seguinte também identificamos traços de uma definição formal complexa, em que a criatura mágica *centaur* é anteriormente definida em termos de suas características físicas (itálico), e só algumas frases depois o termo é mencionado, introduzido por *He's a* (sublinhado). Incluídos nesse enunciado definitório, há também traços de uma definição semiformal, visto que não há menção à classe a que o termo *centaur* pertence. Há, na verdade, um questionamento, seria um homem (*man*) ou um cavalo (*horse*)? Por se tratar da junção de ambos, por inferência, podemos determinar que se trata de uma 'criatura mágica'.

And into the clearing came – was it a man, or a horse? To the waist, a man, with red hair and beard, but below that was a horse's gleaming chestnut body with a long, reddish tail. Harry and Hermione's jaws dropped. 'Oh, it's you, Ronan,' said Hagrid in relief. 'How are yeh?' He walked forward and shook the **centaur**'s hand. 'Good evening to you, Hagrid,' said Ronan. He had a deep, sorrowful voice. 'Were you going to shoot me?' 'Can't be too careful, Ronan,' said Hagrid, patting his crossbow. 'There's summat bad loose in this Forest. This is Harry Potter an' Hermione Granger, by the way. Students up at the school. An' this is Ronan, you two. **He's a centaur.**' 'We'd noticed,' said Hermione faintly.

No próximo excerto, há três ocorrências do termo *Mirror of Erised* e uma apenas de *this mirror* em referência ao mesmo termo. Também há traços de uma definição formal complexa que é expressa em mais de uma frase. Nesse caso, o termo é anteriormente mencionado, o qual é desconhecido por Harry (sublinhado), e no diálogo que se segue, Dumbledore explica o modo de funcionamento do espelho (itálico). Notamos que, nas duas últimas frases sublinhadas há valores culturais relacionados ao espelho, uma vez que o seu uso não é encorajado. Há certa negatividade ou disforia relacionada a esse objeto; o termo é axiologizado⁸¹ negativamente. De acordo com a experiência de Harry, o espelho cria a ilusão de imortalidade, de que a família dele continua viva, quando, na verdade, está morta.

⁸⁰ Todos os grifos nos trechos retirados do *corpus* são de nossa responsabilidade.

⁸¹ "Os investimentos axiológicos, isto é, o modo com o qual um determinado termo é posto em relação com o positivo ou com o negativo, com a felicidade ou com a infelicidade, com o bem ou com o mal [...] são

‘So,’ said Dumbledore, slipping off the desk to sit on the floor with Harry, ‘you, like hundreds before you, have discovered the delights of the **Mirror of Erised**.’ ‘I didn’t know it was called that, sir.’ ‘But I expect you’ve realised by now what it does?’ ‘It – well – it shows me my family –’ ‘And it showed your friend Ron himself as Head Boy.’ ‘How did you know –?’ ‘I don’t need a cloak to become invisible,’ said Dumbledore gently. ‘Now, can you think what the **Mirror of Erised** shows us all?’ Harry shook his head. *Let me explain. The happiest man on earth would be able to use the Mirror of Erised like a normal mirror, that is, he would look into it and see himself exactly as he is.* Does that help?’ Harry thought. Then he said slowly, *It shows us what we want ... whatever we want ...* ‘Yes and no,’ said Dumbledore quietly. *It shows us nothing more or less than the deepest, most desperate desire of our hearts. You, who have never known your family, see them standing around you. Ronald Weasley, who has always been overshadowed by his brothers, sees himself standing alone, the best of all of them.* However, **this mirror will give us neither knowledge or truth. Men have wasted away before it, entranced by what they have seen, or been driven mad, not knowing if what it shows is real or even possible.**

A seguir, apresentamos um exemplo com traços de uma definição formal complexa (itálico) em que dois termos são definidos: *Philosopher’s Stone* e *Elixir of Life*. *Philosopher’s Stone* é retomado em frases seguintes tanto por repetição quanto pelo uso de *Stone* apenas, enquanto *Elixir of Life* é mencionado em uma oração e definido em outra após uso de pronome relativo. Apesar de não termos previsto anteriormente, o termo *alchemy* também é definido, de modo que *Philosopher’s Stone* e *Elixir of Life* estão associados a esse campo nocional. Entendemos que as informações constantes após a propriedade de conferir imortalidade para aquele que consumir o elixir da vida são de natureza enciclopédica, e por isso, para a redação de uma definição terminológica estrita não fariam parte.

The ancient study of alchemy is concerned with making the **Philosopher’s Stone**, *a legendary substance with astonishing powers. The Stone will transform any metal into pure gold. It also produces the Elixir of Life, which will make the drinker immortal.* There have been many reports of the **Philosopher’s Stone** over the centuries, but the only **Stone** currently in existence belongs to Mr Nicolas Flamel, the noted alchemist and opera-lover. Mr Flamel, who celebrated his six hundred and sixty-fifth birthday last year, enjoys a quiet life in Devon with his wife, Perenelle (six hundred and fifty-eight).

Na frase seguinte, apesar de não possuir traços definitórios nos termos de Pearson

fundamentais para a constituição dos objetos de valor” (VOLLI, 2012, p. 132). A axiologização positiva ou negativa de um termo é operacionalizada pela oposição da categoria semântica fundamental chamada tímica, entre euforia e disforia, o que de acordo com a semiótica greimasiana, é a raiz somática dos nossos juízos de valor (VOLLI, 2012, p. 131).

(1998), é possível recuperar que é o elixir que confere a imortalidade. Sem o consumo desse elixir, as pessoas morrem (sublinhado).

‘They have enough **Elixir** stored to set their affairs in order and then, yes, they will die.’

Nos trechos seguintes encontramos elementos que indicam a axiologização do termo *Philosopher’s Stone*, retomado apenas como *Stone*. No primeiro, ele é axiologizado disforicamente, conforme o trecho sublinhado após *Stone* indica. A morte é axiologizada euforicamente, sendo definida metaforicamente como uma aventura. Em outras palavras, a riqueza e a imortalidade conferidas pela pedra não são encorajadas no discurso da personagem Dumbledore.

‘To one as young as you, I’m sure it seems incredible, but to Nicolas and Perenelle, it really is like going to bed after a very, very long day. After all, to the well-organised mind, death is but the next great adventure. You know, the Stone was really not such a wonderful thing. As much money and life as you could want! The two things most human beings would choose above all – the trouble is, humans do have a knack of choosing precisely those things which are worst for them.’

‘The dog must be guarding Flamel’s **Philosopher’s Stone**! I bet he asked Dumbledore to keep it safe for him, because they’re friends and he knew someone was after it. That’s why he wanted the **Stone** moved out of Gringotts!’ ‘*A stone that makes gold and stops you ever dying!*’ said Harry. ‘No wonder Snape’s after it! Anyone would want it.’

No segundo trecho anterior, além de ter traços de uma definição formal simples (itálico; *stone* como classe a que *Philosopher’s Stone* pertence, cuja característica específica é introduzida por pronome relativo (*that*) seguido de presente do indicativo) incluída em uma complexa (termo mencionado em uma frase anterior e definido em uma posterior), no discurso da personagem Harry, a pedra é axiologizada positivamente (sublinhado), isto é, a riqueza e a imortalidade são concebidas como algo bom e desejável por qualquer pessoa. Notamos nesses dois trechos os valores culturais atrelados às unidades lexicais. Tais valores assumem aspectos favoráveis e desfavoráveis; trata-se da zona de embate de conceptualização de unidades lexicais que formam o subconjunto conceptual denominado *metametaconceptus*, conforme explicado por Barbosa (2004).

O trecho seguinte, apesar de não se enquadrar nos padrões definicionais de Pearson (1998), também revela juízos de valor (sublinhado) relacionados ao termo *Philosopher’s*

Stone que é referido apenas como *Stone*.

‘How did I get the **Stone** out of the **Mirror**?’ ‘Ah, now, I’m glad you asked me that. It was one of my more brilliant ideas, and between you and me, that’s saying something. You see, only one who wanted to find the **Stone** – find it, but not use it – would be able to get it, otherwise they’d just see themselves making gold or drinking **Elixir of Life**.

Harry, representante do bem na narrativa, consegue retirar a pedra do espelho, enquanto Voldemort, representante do mal, não tem sucesso, uma vez que tinha a intenção de utilizar a pedra para se tornar imortal. Mais uma vez, encontramos a atualização do sema [disforia] relacionado ao termo *Philosopher’s Stone*.

No trecho a seguir, há traços de uma definição formal complexa em que a descrição do termo (italico) é dada em uma frase anterior, e em sequência o termo é mencionado introduzido por *That’s*.

‘Look there,’ said Hagrid, ‘see that *stuff shinin’ on the ground? Silvery stuff?* That’s unicorn blood.

Já no trecho seguinte, podemos recuperar um possível hiperônimo para o termo *unicorn*, que é mencionado em uma oração e definido na oração seguinte (italico) como parte da classe *magic creatures*.

‘Could a werewolf be killing the **unicorns**?’ Harry asked. ‘Not fast enough,’ said Hagrid. ‘It’s not easy ter catch a **unicorn**, *they’re powerful magic creatures*. I never knew one ter be hurt before.’

No excerto seguinte, encontramos indícios de uma definição formal complexa, ao longo da sequência de várias frases, dos termos *unicorn* e *unicorn blood*. Tal termo é tomado por um investimento axiológico negativo de acordo com os trechos sublinhados. O ato de matar um unicórnio é considerado monstruoso, um crime, de modo que a vida que se adquire ao beber o seu sangue é uma vida amaldiçoada.

‘Harry Potter, do you know what **unicorn blood** is used for?’ ‘No,’ said Harry, startled by the odd question. ‘We’ve only used the horn and tail-hair in Potions.’ ‘That is because it is a monstrous thing, to slay a unicorn,’ said Firenze. ‘Only one who has nothing to lose, and everything to gain, would commit such a crime. The blood of a **unicorn** *will keep you alive, even if you are an inch from death, but at a terrible price*. You have slain something pure and defenceless to save yourself and you will have but a half-life, a cursed life, from the moment the

blood touches your lips.’

No excerto anterior, conforme dito por Harry, também podemos depreender que partes do corpo de um unicórnio, como *horn* e *tail-hair* fazem parte do campo nocional Poções (*Potions*).

Embora o próximo excerto também não se encaixe nos padrões já mencionados, é possível depreender características associadas ao termo *wand* que nos permitem compreender o seu conceito, como o fato de que penas de fênix são utilizadas na composição de varinhas. Além disso, o trecho sublinhado sugere que varinhas são capazes de causar ferimentos como a cicatriz (*scar*) em forma de raio que Harry tem na testa. Apesar de não estar explícito na porção de texto abaixo, tal cicatriz foi resultado da tentativa de assassinato de Voldemort, na qual os pais de Harry foram mortos, mas Harry sobreviveu. Assim, varinhas são capazes de causar a morte de algo ou alguém, a depender do encantamento utilizado.

‘I remember every **wand** I’ve ever sold, Mr Potter. Every single **wand**. It so happens that the phoenix whose tail feather is in your **wand**, gave another feather – just one other. It is very curious indeed that you should be destined for this **wand** when its brother – why, its brother gave you that scar.’

Entendemos que por se tratar de um texto narrativo ficcional, os enunciados definitórios analisados não seguem os mesmos padrões rígidos, como os identificados por Pearson (1998) em relação a textos científicos. Mesmo assim, como a pequena análise anterior buscou demonstrar, é possível recuperar elementos definitórios que contribuem para a construção do conceito dos termos e posterior formulação de definições, além de ser possível determinar os investimentos axiológicos sofridos por certos termos.

Não podemos deixar de notar também que, termos como *Philosopher’s Stone*, *Elixir of Life*, *unicorn blood*, *Mirror of Erised* e *wand* atualizam semas como [mortalidade] e [imortalidade] a modo de uma isotopia⁸² semântica. De acordo com Rector (1978, p. 74), “a isotopia é um nível de leitura”. Por meio da redundância sêmica atualizada em diferentes unidades lexicais, realiza-se a manutenção do sentido no nível sintagmático da atividade interpretativa do enunciatório, o que atribui unidade e sentido ao todo do texto.

⁸² “Isotopia: é a reiteração de quaisquer unidades semânticas (repetição de temas ou recorrência de figuras) no discurso, o que assegura sua linha sintagmática e sua coerência semântica” (BARROS, 2011, p. 87).

Recuperamos traços semântico-conceptuais relacionados ao tema ‘morte’⁸³, por meio da atualização dos semas [+ mortalidade] e seu oposto [- mortalidade], e [+ imortalidade] e seu oposto [- imortalidade]. Assim, esquematicamente fizemos a seguinte análise:

wand [+ mortalidade] + [- imortalidade]: passível de causar morte;

Philosopher’s Stone [+ imortalidade] + [- mortalidade]: confere imortalidade para quem consome o elixir a partir dela produzido;

Mirror of Erised [+ imortalidade] + [- mortalidade]: passível de simular a presença de entes queridos mortos; ilusão de imortalidade;

unicorn blood [+ imortalidade] + [- mortalidade]: confere imortalidade para quem o consome, com o preço de se ter uma vida amaldiçoada;

Elixir of Life [+ imortalidade] + [- mortalidade]: confere imortalidade para quem o consome.

Os quatro termos analisados apresentam intersecção semântica ao atualizarem semas derivados do sema temático [morte], [mortalidade] e [imortalidade]. Essa reiteração sêmica em diferentes unidades lexicais sugere que os termos em análise cumprem uma função na manutenção da cadeia isotópica relativa à ‘morte’, que confere à obra um possível percurso de leitura na interpretação textual.

A partir dos contextos observados de *wizard*, *witch*, *centaur* e *Muggle* (apesar de nem todos terem sido apresentados neste ensaio), percebemos que essas unidades designam estratos sociais diferentes na comunidade bruxa, configurando uma estruturação social, que dentre todas as particularidades do mundo ficcional em que se erige não é tão diferente da sociedade do mundo real. Há também, nesse mundo ficcional, grupos sociais dominantes, como *wizards* e *witches*, e minorias como *centaurs* e *Muggles*. Assim, por meio da função simbólica dessas unidades, acreditamos que o leitor em desenvolvimento (criança/adolescente) pode vir a aprender a lidar e a compreender melhor as diferenças sociais e os conflitos que delas derivam de forma indireta, a fim de lidar com os próprios conflitos no mundo real.

⁸³ Em entrevista, Rowling afirma que o tema ‘morte’ é um tema central na série Harry Potter: “*My books are largely about death. They open with the death of Harry's parents. There is Voldemort's obsession with conquering death and his quest for immortality at any price, the goal of anyone with magic. I so understand why Voldemort wants to conquer death. We're all frightened of it.*” ‘**There would be so much to tell her...**’ Disponível em: <<http://www.accio-quote.org/articles/2006/0110-tatler-grieg.html>>. Acesso em: 02 maio 2016.

Tendo em vista os contextos linguísticos analisados, concluímos que as unidades lexicais em destaque apresentam proeminência semântica, de modo que são definidas explicitamente ou explicadas pelos personagens da narrativa. Interpretamos que a necessidade de explicar o significado dessas unidades revela que elas possuem um significado específico e próprio do universo de discurso literário de fantasia infantojuvenil em intertextualidade com discursos etnoliterários, como o folclore.

Adicionalmente, os termos ficcionais *broom*, *broomstick*, *centaur*, *Elixir of Life*, *Philosopher's Stone*, *unicorn*, *wizard*, *witch* são unidades lexicais que integram um universo de discurso anterior ao discurso-ocorrência de Harry Potter, caracterizando a intertextualidade da obra. Em outras palavras, esses termos não foram criados pela autora, eles integram outras manifestações textuais, fazem parte do acervo cultural e da memória coletiva relacionada ao folclore. Já os termos *Mirror of Erised*⁸⁴ e *Muggle*⁸⁵ são criações neológicas da autora, grandezas-signos cujos conteúdo e expressão são engendrados no discurso-ocorrência da obra. Instaura-se, assim, um domínio de conhecimento específico da obra em questão, particularizando-a no interior do universo de discurso de que faz parte.

4.6 Comentários finais

Dentre os dez termos selecionados, *wand*, *Philosopher's Stone*, *Mirror of Erised*, *unicorn blood* e *Elixir of Life* mantêm relações semânticas isotópicas em torno do tema ‘morte’. O tratamento dessa temática na obra desafia a noção de que livros destinados a crianças deveriam tratar apenas de temas simples e de fácil entendimento. Os termos *wizard*, *witch*, *centaur* e *Muggle*, por sua vez, refletem a estrutura da configuração social construída na oposição das categorias semânticas *mundo real* x *mundo ficcional*. Os termos *broom* e *broomstick* referem-se a um artefato comumente usado e associado na cultura popular a

⁸⁴ Unidade lexical neológica formada pela conjunção de processo sintagmático (combinatória lexicalizada composicional de vocábulos: *Mirror* + *of* + *Erised*) e fonológico complementar (mutação fonológica, reorganização fonológica do lexema *Desire* em *Erised*). Tais processos foram classificados com base em Barbosa (2001).

⁸⁵ Unidade lexical neológica sintagmática formada por processo de derivação. *Etymology: Formed within English, by derivation. Etymons: MUG n., -LE suffix 1 < MUG n. + -LE suffix> 1, invented by J. K. (Joanne Kathleen) Rowling (b. 1965), British author of children's fantasy fiction (see quot. 1997). In the fiction of J. K. Rowling: a person who possesses no magical powers. Hence in allusive and extended uses: a person who lacks a particular skill or skills, or who is regarded as inferior in some way. [...] This is a new entry (OED Third Edition, March 2003).* Disponível em: <<http://www.oed.com/view/Entry/254297>>. Acesso em: 26 jan. 2016. Em entrevista, Rowling explicou a criação da palavra *Muggle* da seguinte forma: *julesrbf: Where did you come up with the word "muggle"? JK Rowling replies -> I was looking for a word that suggested both foolishness and loveability. The word 'mug' came to mind, for somebody gullible, and then I softened it. I think 'muggle' sounds quite cuddly. I didn't know that the word 'muggle' had been used as drug slang at that point... ah well.* Disponível em: <<http://www.accio-quote.org/articles/2004/0304-wbd.htm>>. Acesso em: 26 jan. 2016.

bruxos e bruxas. Além disso, verificamos que, a presença de enunciados definitórios indicam uma necessidade do enunciador em definir as unidades lexicais que apresentam um estatuto diferente de outras na obra. Em outras palavras, as unidades lexicais definidas no texto narrativo mostram que possuem um significado específico no universo de discurso em questão, constituindo-se, *grosso modo*, em unidades de significação folclórica.

Não podemos deixar de notar que dentro da isotopia encontrada relacionada à ‘morte’, há juízos de valor associados à conceituação de certos termos. No caso de *Philosopher’s Stone*, Dumbledore diz que a pedra, na verdade, não era algo tão maravilhoso, ou seja, a busca pela imortalidade não é encorajada, de modo que a pedra é inclusive destruída, da mesma forma que matar um unicórnio é visto como um crime. Notamos, portanto, a presença de valores culturais atrelados a esses termos ao serem atualizados no discurso. A busca pela riqueza que a pedra provavelmente possibilitaria ao seu possuidor é condenada nos movimentos discursivos do enunciador da obra. Assim, a tematização da morte por meio da figurativização em elementos ficcionais que integram o imaginário humano não busca apenas a construção de um detalhado mundo ficcional, mas também a integração de valores culturais que configuram uma axiologia. Desse modo, contrariamente à noção de que temas como morte não são tratados ou não são pertinentes para uma obra literária infantojuvenil⁸⁶, elucidamos que, pelo nível léxico-semântico em HP 1, dada à função simbólica dos termos ficcionais e dos valores a eles atribuídos (axiologização), o tema ‘morte’ é tratado na obra. Também contribuímos para o entendimento de como domínios específicos de conhecimento folclórico são apropriados em uma manifestação literária contemporânea.

Foi evidenciado por meio do ensaio descritivo que elementos definitórios integram a narrativa para se definir unidades lexicais ficcionais. Além disso, mostramos que certos termos recebem investimentos axiológicos positivos e negativos, de modo que os termos desempenham não só uma função denominativa, como axiológica e isotópica também. Assim, o ensaio permitiu-nos propor um referencial teórico-metodológico com base na articulação de quatro vertentes dos Estudos Terminológicos (ET, TSCT, TC, TT) e da Semântica Ficcional (cf. capítulos 2 e 3), aliada aos procedimentos da LC para o tratamento terminográfico de elaboração de repertórios terminológicos (cf. capítulo 5).

⁸⁶ Noção apresentada por Hunt (2010a, p. 59): “[...] certas referências (como à morte) não são boas ou apropriadas para crianças [...].”

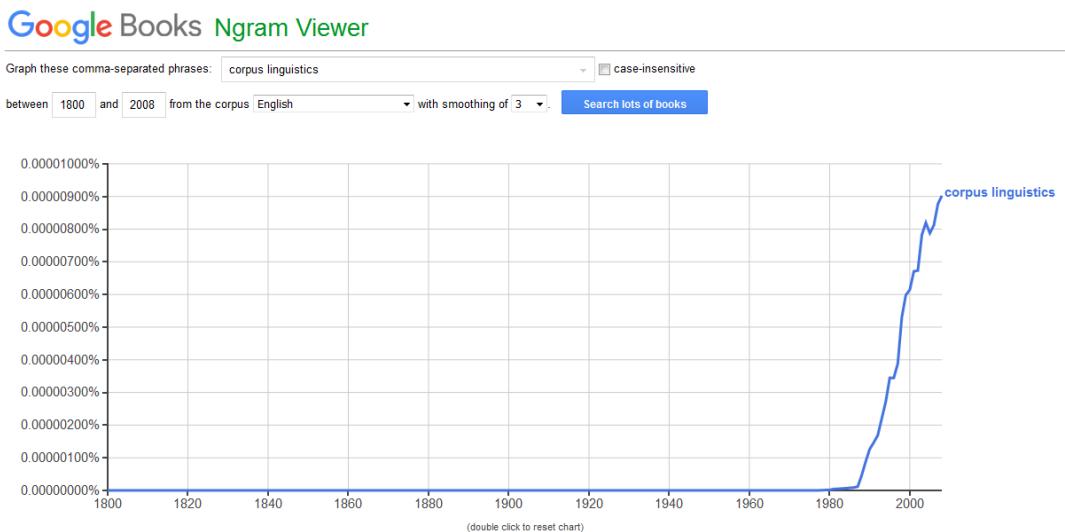
A seguir, detalhamos os procedimentos metodológicos de compilação, armazenamento e análise dos dados do *corpus* como um todo, tendo em vista os procedimentos terminográficos necessários para a elaboração do glossário.

5 IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO DE TERMOS EM CONTEXTOS: PERCURSO METODOLÓGICO DA ABORDAGEM DIRECIONADA POR *CORPUS*

Neste capítulo, tratamos de assuntos relacionados à Linguística de *Corpus*, aos procedimentos metodológicos relativos ao planejamento, à compilação, ao armazenamento, à etiquetagem e à análise de nosso *corpus*, tendo em vista o uso do programa *WordSmith Tools* 6.0 e suas três ferramentas: *Concord*, *Keywords* e *Wordlist*. Tratamos também de aspectos metodológicos pertinentes à identificação dos termos a partir de suas ocorrências textuais e da estruturação do sistema conceptual.

5.1 Linguística de *Corpus*

Ao longo das últimas cinco décadas, a compilação e análise de *corpora* eletrônicos resultaram no (re)surgimento de uma empreitada acadêmica conhecida como Linguística de *Corpus* (LC). Testemunhamos o “renascimento do empirismo” (PARODI, 2010, p. 20) após anos de descrença e desinteresse em relação à pesquisa baseada em *corpus* devido à prevalência dos postulados racionalistas chomskyanos. Dizemos ressurgimento e renascimento, porque antes do computador passar a integrar a rotina de pesquisa dos linguistas do início de 1960 em diante, já se compilava *corpus*. Assim, a prática de compilação de *corpora* é antiga, porém o uso sistemático de *corpus* para a pesquisa linguística é recente. Apesar de o início da compilação do primeiro *corpus* eletrônico (*Brown Corpus*) datar de 1961, o uso da expressão *corpus linguistics* passou a integrar a produção bibliográfica em língua inglesa somente a partir de 1980, conforme indicado pelo gráfico na FIGURA 4:

FIGURA 4 – Visualização do n-grama *corpus linguistics* de 1800 a 2008

Fonte: Google Ngram Viewer.⁸⁷

Confirmamos a visualização gráfica acima nas palavras de Svartvik (1992, p. 12): “ao final dos anos de 1980 sentimos que a linguística de *corpus* tinha atingido a maioridade [...] tornando-se um campo de grande importância científica e de grande relevância para a sociedade.”⁸⁸ Agora, em vista de meio século de desenvolvimento em termos mundiais e de pouco mais de uma década no Brasil, a LC consolidou-se como uma aventura mais do que adequada no âmbito dos estudos linguísticos, conforme argumentam Novodvorski e Finatto (2014). Os autores afirmam que “[...] a aventura tem sido, sim, adequada, e mais do que isso, já muito bem-sucedida” (NOVODVORSKI; FINATTO, 2014, p. 15). Assim, no estado atual de desenvolvimento da LC no Brasil, já não podemos dizer que carecemos de manuais ou de publicações na área. Contamos com publicações de referência que detalham o desenvolvimento histórico da LC (BERBER SARDINHA, 2004), bem como os conceitos, técnicas e aplicações mobilizados em seu escopo (TAGNIN; VALE, 2008; BERBER SARDINHA, 2004, 2009; VIANA; TAGNIN, 2010; DUTRA, MELLO, 2012; SHEPHERD, BERBER SARDINHA, PINTO, 2012; TAGNIN; BEVILACQUA, 2013; VIANA; TAGNIN, 2015). Ao longo desses 50 anos, testemunhamos uma plethora de investigações sobre os mais diversos temas, as quais indubitavelmente inovaram e ampliaram nosso entendimento em

⁸⁷ Disponível

em: <https://books.google.com/ngrams/graph?content=corpus+linguistics&year_start=1800&year_end=2016&corpus=15&smoothing=3&share=&direct_url=t1%3B%2Ccorpus%20linguistics%3B%2Cc0#t1%3B%2Ccorpus%20linguistics%3B%2Cc1>. Acesso em: 25 abr. 2016.

⁸⁸ No original: *Towards the end of the 1980s some of us felt that corpus linguistics had come of age [...] being a field of great scientific importance and great relevance to society.*

relação à estrutura e ao uso linguístico. Isso se deve justamente à natureza dos *corpora* e das informações por eles fornecidas quando usados na pesquisa.

O *corpus* fornece contextos linguísticos para o estudo do significado em uso e, ao disponibilizar técnicas para a extração de informações linguísticas de textos em uma escala previamente não imaginada, facilita investigações linguísticas em que o empirismo é baseado em textos⁸⁹ (KENNEDY, 1998, p. 9).

Destacamos que em Linguística, empirismo refere-se a uma abordagem que confere primazia aos dados provenientes da observação da língua em uso, em geral compilados como um *corpus* (BERBER SARDINHA, 2004). Assim, a Linguística de *Corpus* prioriza a observação de dados e como tal, parte de uma visão empirista da pesquisa científica focalizando o desempenho linguístico⁹⁰ por meio da descrição linguística (BERBER SARDINHA, 2004).

De forma similar a Kennedy (1998), Tognini-Bonelli afirma que a LC “[...] é uma abordagem empírica para a descrição da língua em uso; opera dentro de uma teoria contextual e funcional do significado; faz uso de novas tecnologias.”⁹¹ Nessa caracterização concisa da LC, apesar de conter traços fundamentais da pesquisa com *corpus*, é mais adequado dizer que ela faz uso de *tecnologias computacionais* ao invés de *novas tecnologias*. Afinal, foi devido aos avanços no desenvolvimento de tecnologias computacionais que a LC tornou-se possível; se as tecnologias são novas ou não é uma questão de ponto de vista e de momento histórico. Além disso, Berber Sardinha (2004) aponta que a história da LC está condicionada não só a tecnologias de armazenamento de *corpora*, mas também à disponibilidade de *ferramentas computacionais* para análise de *corpus*. O autor também afirma que, “um *corpus* eletrônico não é simplesmente uma versão digital de textos para serem lidos por olhos humanos, como se estivessem em papel. A sua constituição eletrônica, bem como sua dimensão, impõem novas maneiras de interagir com ele” (BERBER SARDINHA, 2012, p. 90).

Visto que não só o armazenamento, como também a exploração da língua por meio de evidências empíricas observadas em um *corpus* se dá por meio de um computador, a análise

⁸⁹ No original: *The corpus provides contexts for the study of meaning in use and, by making available techniques for extracting linguistic information from texts on a scale previously undreamed of, it facilitates linguistic investigations where empiricism is text based* (KENNEDY, 1998, p. 9).

⁹⁰ Materialidade linguística passível de observação.

⁹¹ No original: [...] it is an empirical approach to the description of language use; it operates within the framework of a contextual and functional theory of meaning; it makes use of the new technologies (TOGNINI-BONELLI, 2001, p. 2).

de um *corpus* está relacionada às ferramentas de extração de tais evidências. Sem dúvida, a ferramenta mais popular utilizada para esse fim é o programa de análise lexical *WordSmith Tools*⁹² (WST). Tal popularidade deve-se ao fato de que foi o primeiro a utilizar recursos do *Windows* para a análise de *corpus* (BERBER SARDINHA, 2004). Desse modo, ele pode ser usado em qualquer microcomputador, o que foi fundamental para a divulgação da LC e aumento do número de pesquisadores que trabalham na área. O WST (FIGURA 5) já se encontra em sua sétima versão e continua sendo um dos mais completos conjuntos de ferramentas para a LC.

FIGURA 5 – Detalhe, com o nome das ferramentas, da interface inicial do *WordSmith Tools 6.0*



Fonte: *WordSmith Tools 6.0*.

Basicamente, o *WordSmith Tools*, criado em 1996 por Mike Scott, da Universidade de Liverpool, Reino Unido, e comercializado pela *Oxford University Press*, é um conjunto de ferramentas integradas utilizadas para análise linguística. Ele permite fazer análises baseadas nas frequências e coocorrências de palavras em *corpora*. Cada ferramenta (FIGURA 5) acoplada ao programa pode ser caracterizada pelas suas funções, assim resumidas:

WordList: produz listas de palavra contendo todas as palavras do arquivo ou arquivos selecionados, elencadas em conjunto com suas freqüências absolutas e percentuais. Também compara listas, criando listas de consistência, onde é informado em quantas listas cada palavra aparece.

Concord: realiza concordâncias, ou listagens de uma palavra específica (o ‘nódulo’, *node word* ou *search word*) juntamente com parte do texto onde ocorreu. Oferece também listas de colocados, isto é, palavras que ocorrem perto do nódulo.

KeyWords: extrai palavras de uma lista cujas freqüências são estatisticamente diferentes (maiores ou menores) do que as freqüências das mesmas palavras num outro *corpus* (de referência). Calcula também palavras-chave chave, que são chave em vários textos (BERBER SARDINHA, 2009, p. 9).

O WST tem como princípios abstratos a ocorrência, a recorrência e a coocorrência. Isto é, as ferramentas do programa funcionam segundo esses três princípios. A ocorrência

⁹² Pode-se efetuar o *download* do WST pelo site <www.lexically.net>. É importante lembrar que para usufruir das ferramentas na íntegra, é preciso pagar uma taxa. Porém, o *AntConc* (ANTHONY, 2007) disponível para *download* em <http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/antconc_index.html> desempenha funções semelhantes e é gratuito. Uma das desvantagens do *AntConc* é que ele não permite que os resultados sejam salvos.

refere-se simplesmente ao fato de que os itens devem estar presentes no *corpus*, ou seja, para serem observados, os itens precisam fazer parte do conjunto de textos que constituem um *corpus*. A recorrência faz referência à presença dos itens mais de uma vez, porém isso não significa que os itens que ocorrem uma única vez (*hapax legomena*) não sejam relevantes. Por fim, a coocorrência refere-se à presença de itens na companhia de outros, ou seja, um item isolado é pouco informativo, obtendo significância na medida em que é interpretado dentro do conjunto de itens com os quais coocorre (BERBER SARDINHA, 1999).

Além de fornecer os dados linguísticos em listas de palavras, listas de palavras-chave, linhas de concordância, agrupamentos e padrões lexicais, o WST fornece informações estatísticas, como a frequência das palavras em um *corpus*, a quantidade de itens e formas, dentre outras informações. Desse modo, linguistas de *corpus* lidam com métodos quantitativos, porém isso não significa que a pesquisa esteja restrita a esse aspecto. Como aponta Viana (2010), na pesquisa com *corpus*, a abordagem qualitativa é fundamental para decodificar os padrões evidenciados pela ferramenta computacional, contextualizar os resultados, explicar o que os números revelam e interpretar os dados de forma geral. Nesse sentido, adotamos um paradigma misto, ou seja, uma abordagem de pesquisa quantitativa e qualitativa.

Partindo de uma abordagem direcionada pelo *corpus*, entendemos que o *corpus* não é apenas um repositório de exemplos usados como suporte para validar uma teoria pré-existente ou um modo de se calcular estatisticamente um sistema já bem definido (TOGNINI-BONELLI, 2001, p. 84). Conforme Tognini-Bonelli (2001), um *corpus* pode levar o pesquisador a descobrir terrenos inexplorados, formular novas hipóteses e nem sempre reiterar antigas.

A teoria não tem existência independente das evidências e o percurso metodológico geral é claro: observação leva às hipóteses que levam a generalizações que levam à unificação em um construto teórico. É importante entender que essa metodologia [direcionada por *corpus*] não é mecânica, mas constantemente mediada pelo linguista, que ainda está se comportando como linguista e aplicando seu conhecimento, experiência e inteligência em cada etapa durante o processo. Não existe indução pura⁹³ (TOGNINI-BONELLI, 2001, p. 84-85).

⁹³ No original: *The theory has no independent existence from the evidence and the general methodological path is clear: observation leads to hypothesis leads to generalisation leads to unification in theoretical statement. It is important to understand here that this methodology is not mechanical, but mediated constantly by the linguist, who is still behaving as a linguist and applying his or her knowledge and experience and intelligence at every stage during this process. There is no such a thing as pure induction.*

A autora reconhece que mesmo em um estudo direcionado pelo *corpus*, a subjetividade do pesquisador está imbricada durante todo o processo, de modo que mesmo tendo os dados como evidência direcionadora de uma investigação, o pesquisador formula suas hipóteses partindo de suas experiências. A própria seleção da composição textual dos *corpora* para a realização de uma pesquisa implica a pré-existência de uma hipótese que se quer ver comprovada. Contudo, é importante estarmos abertos a outros caminhos que o *corpus* pode nos mostrar sem os termos previamente considerados.

Halliday (1992) trata de *corpus* como um construto teórico, que atesta, por meio de amostras linguísticas, a natureza probabilística inerente do sistema linguístico. O *corpus*, enquanto amostra de instâncias de uso linguístico, revela usos que intuitivamente podem não ser percebidos, como a frequência de itens lexicais. Por isso, muito mais do que um recurso metodológico, o uso de *corpus* na pesquisa linguística implica uma forma diferente de se conceber a língua. Dizer que a língua é um sistema probabilístico significa que os traços linguísticos não ocorrem com a mesma frequência. Isto é, de modo geral, todas as categorias gramaticais, por exemplo, têm a mesma chance de ocorrerem, porém o que se observa é que, dependendo do ambiente textual, da situação comunicativa, dentre outros fatores, certo traço linguístico pode ser mais frequente que outro, o que, por sua vez, não é um fenômeno aleatório. Isso nos leva a dizer que a língua é padronizada, ou seja, é possível observar regularidades de determinados usos linguísticos (colocações, coligações, prosódia semântica⁹⁴, por exemplo) que se repetem significativamente em determinado contexto, caracterizando um padrão lexical ou lexicogramatical.

Na seção seguinte, tratamos do uso de *corpus* na pesquisa terminológica.

5.1.1 O uso de *corpora* na pesquisa terminológica

O uso de *corpora* na Terminologia está frequentemente associado à face prática dessa disciplina, ou seja, a Terminografia, que se dedica à produção de repertórios lexicais como dicionários, vocabulários, glossários e bancos de dados. Maciel (2013) aponta que mesmo na tradição clássica da Escola de Viena, examinavam-se, ainda que manualmente, um acervo de documentos de consulta, que continha uma grande coleção de fontes referenciais. Em sentido amplo, pode-se entender esse acervo como *corpus*, embora não fosse assim denominado.

⁹⁴ “Colocação: associação entre itens lexicais, ou entre o léxico e campos semânticos. [...] Coligação: associação entre itens lexicais e gramaticais. [...] Prosódia semântica: associação entre itens lexicais e conotação (negativa, positiva ou neutra) ou instância avaliativa” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 40).

Além disso, as fontes documentais utilizadas não passavam de repositórios de termos, os quais eram extraídos e tratados fora do ambiente em que ocorriam.

Com os avanços na área de informática e a consolidação da Linguística de *Corpus*, abriu-se um novo horizonte para o trabalho terminográfico. O diálogo estabelecido entre Linguística de *Corpus* e Terminografia é crucial para o desenvolvimento e avanço do aparato metodológico do fazer terminográfico. Conforme Carneiro e Novodvorski (2015, p. 397) apontam, o livro *Corpora na Terminologia*, ao tratar da interface terminologia e *corpus* nos trabalhos que compõem a obra, “[...] evidencia a mudança de paradigmas nos estudos terminológicos, acentuando abordagens de análise e descrição do termo e de fraseologias especializadas *in vivo*, ou seja, em seus contextos de uso fornecidos por meio dos *corpora*.¹” Em outras palavras, os trabalhos que compõem essa obra demonstram a produtividade alcançada a partir de recursos informatizados para a prática terminográfica calcada no uso textual de termos.

Antes da informatização das etapas do percurso terminográfico, realizava-se o processo manualmente. Ao tratar dos inconvenientes resultantes da identificação manual de termos, Almeida, Aluísio e Oliveira (2007, p. 414) mencionam os seguintes:

- 1) dispêndio de tempo; 2) critério semântico para a seleção dos termos que se tornariam verbetes do dicionário, já que a extração manual inviabiliza a utilização do critério de frequência; 3) impossibilidade de se armazenar contextos relevantes sobre cada termo, o que dificulta o processo, pois num trabalho terminográfico é de extrema relevância o acesso a contextos para a elaboração da definição [...].

No cenário atual, contudo, a LC tem sido fundamental para embasar a prática terminográfica. Bevilacqua (2013, p. 47), destaca que,

[...] a Linguística de *Corpus*, além de estabelecer os princípios e critérios para a compilação de *corpora* [...] também oferece recursos e ferramentas que auxiliam nas diferentes etapas metodológicas terminográficas: desde a própria compilação de *corpora*, à identificação de elementos que permitem a elaboração de definição.

Além disso, com base em Lino (1994), podemos afirmar, resumidamente, que o uso de *corpora* na pesquisa terminológica mono, bi ou multilíngue é útil para a identificação de unidades terminológicas, observação de processos neológicos e de terminologização em diferentes textos, estudo de aspectos conceptuais e linguísticos associados ao engendramento de um conceito, seleção de diversos tipos de contextos, observação de colocações e

fraseologismos, observação de fenômenos socioterminológicos e etnoterminológicos, preparação de material didático tanto para contextos escolares, quanto para contextos não-escolares de aprendizagem de terminologias.

De modo geral, notamos que o uso dos *corpora* na Terminografia, em certa medida, teve os seus reflexos na Terminologia. Em outras palavras, os *corpora* causaram uma mudança no entendimento do fenômeno terminológico, visto que os termos passaram a ser considerados elementos ativos da tessitura dos textos. Reafirmamos, assim, que um *corpus* não se trata de mero recurso metodológico; o seu emprego na pesquisa pode gerar implicações passíveis de alterarem perspectivas teóricas.

Nas seções seguintes, apresentamos as etapas metodológicas terminográficas direcionadas pelo *corpus* para a realização da pesquisa.

5.2 Etapas do percurso metodológico

Nos itens seguintes, caracterizamos nosso objeto de pesquisa, descrevemos o percurso metodológico de nosso estudo, explicitando os procedimentos realizados em cada etapa.

5.2.1 Do objeto de pesquisa

Nesta seção, tratamos do objeto de estudo desta pesquisa, compilado como um *corpus* textual eletrônico, ou seja, os sete volumes da série literária Harry Potter e os outros três volumes que expandem o mundo ficcional criado por J. K. Rowling (1965 -). A série Harry Potter é uma das séries de fantasia infantojuvenil mais conhecidas e reconhecidas do mundo, tendo sido agraciada com inúmeros prêmios importantes no âmbito da literatura infantojuvenil, como o *Anthony Award*, *Hugo Award*, *Bram Stoker Award*, *Whitbread Children's Book Award*, *Nestlé Smarties Book Prize*, *British Book Awards Children's Book of the Year*, *New York Times Notable Book*, *ALA Notable Children's Book*, *ALA Best Book for Young Adults Citations*. Em 2010, Rowling (*Officer of the Order of the British Empire*) foi a vencedora inaugural do *Hans Christian Andersen Literature Award*, prêmio concedido aos autores cujas obras se equiparam às de Andersen.

A série Harry Potter, concluída com a publicação do sétimo volume em 2007, teve o seu início em 1997. Escritos pela autora britânica J. K. Rowling, os livros foram publicados pela editora *Bloomsbury* na Inglaterra e pela *Scholastics* nos Estados Unidos. No Brasil, sob a tradução de Lia Wyler, a série foi publicada pela editora Rocco.

Os livros contam a história de Harry Potter, um garoto que, ao ter os pais assassinados por um poderoso bruxo das trevas, chamado Lord Voldemort, é criado pelos seus tios trouxas (quem não é bruxo) até o momento em que completa onze anos e descobre que é um bruxo. Daí em diante, ele passa a frequentar a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts (*Hogwarts School of Witchcraft and Wizardry*), para que dentro de sete anos possa concluir sua formação em Magia e Bruxaria. Dessa forma, cada um dos livros conta a história de um ano na vida de Harry. As obras não se circunscrevem apenas aos estudos de Harry em Hogwarts, uma vez que ao longo desses sete anos, Voldemort, em busca da imortalidade, ameaça a segurança de Harry e a paz na comunidade bruxa, culminando com a Segunda Guerra dos bruxos.

A série como um todo, em diversos momentos, toca em questões relativas, não só aos aspectos emocionais das personagens, mas também à morte, à opressão, à política, à educação, à segregação social, ao preconceito. Para além de toda a fantasia e humor que torna a leitura prazerosa, há temas sociais sérios que são de grande importância para a formação cultural, moral e ética do leitor em desenvolvimento.

Além dos sete livros que compõem a série, J. K. Rowling também escreveu três volumes que expandem as dimensões do mundo ficcional por ela criado. Essas obras foram publicadas em ajuda ao *Comic Relief*, uma instituição de caridade britânica, que com a venda dos livros, busca apoiar causas infantis em todo o mundo, com exceção de *The Tales of Beedle the Bard* que foi publicado em ajuda ao *Children's High Level Group*, que busca proteger e promover os direitos de crianças e adolescentes vulneráveis.

Quidditch Through the Ages (Quadribol Através dos Séculos) é um compêndio sobre Quadribol, o esporte mais popular na comunidade bruxa. O livro apresenta um panorama histórico do surgimento do esporte com relatos pessoais daqueles que testemunharam suas origens, desenvolvimento e popularização em todo o mundo ao longo dos séculos. Há tópicos também relacionados ao aparato técnico utilizado para a prática do esporte, às regras, aos times de Quadribol e às diferentes táticas de jogo. Escrito sob o pseudônimo de Kennilworthy Wisp, um expert em Quadribol, Rowling detalha o esporte bruxo em termos históricos, fornecendo uma porção de datas e fontes de testemunhas oculares, relatos, correspondências, matérias de jornais, que levam o leitor a se questionar se tal esporte não poderia ter de fato existido. Rowling, inclusive, em uma perspectiva diacrônica, apresenta a mudança linguística sofrida por termos como *Golden Snitch* (Pomo de Ouro, um dos quatro tipos de bolas usadas no Quadribol) que nos primórdios do esporte, era na verdade um pássaro, chamado de *Golden Snidget*, que era liberado nas partidas para ser capturado. O próprio termo *Quidditch*, usado

para designar o esporte, é resultado de mudanças no nome do pântano *Queerditch Marsh*, no qual a sua prática, ainda rudimentar, iniciou-se.

De modo semelhante, *Fantastic Beasts And Where to Find Them* (Animais Fantásticos e Onde Habitam) é um compêndio que não só trata da história da posição que as criaturas mágicas ocupam na comunidade bruxa, mas também apresenta um catálogo de criaturas mágicas, a modo de uma enciclopédia, com classificação de nível de periculosidade determinado pelo Ministério da Magia (*Ministry of Magic*). Nessa obra é introduzido um campo de estudos designado como *Magizoology*, ou seja, é uma área do conhecimento que estuda as criaturas mágicas cientificamente. Sob o pseudônimo de Newt Scamander, a autora amplia a dimensão ficcional do mundo bruxo em relação às criaturas mágicas que o habitam, expondo os conflitos em nível político gerado no âmbito do Ministério da Magia na regulamentação e controle do comércio de animais mágicos, bem como dos embates em torno do que se entende por *beast* e da classificação de criaturas de inteligência humana como *centaurs* (centauros), *goblins* (duendes) e *merpeople* (sereianos) como *beasts* (animais).

The Tales of Beedle the Bard (Os Contos de Beedle, o Bardo) contém cinco contos de fadas conforme traduzidos das runas originais por Hermione Granger. Há também comentários do professor Albus Dumbledore sobre a moral de cada um dos contos e sobre a vida em Hogwarts. Esses contos de fadas, conforme a autora esclarece em introdução aos contos, são muito semelhantes aos nossos contos de fadas, nos quais as virtudes são recompensadas e a maldade punida. Uma das diferenças por ela salientada é que, nos contos de Beedle, a magia ao mesmo tempo em que pode ajudar, também pode causar problemas, ou seja, mesmo sendo capazes de usar magia, as personagens têm tantas dificuldades para resolverem os seus problemas como nós mesmos sem o uso dela.

Os três volumes, concisamente apresentados anteriormente, enquanto intertextos, estão relacionados à série Harry Potter não só por fazerem referência ao mesmo mundo ficcional, mas também por serem obras mencionadas na série, as quais os próprios personagens fazem uso em seus estudos de Magia e Bruxaria, principalmente na disciplina de *Care of Magical Creatures* (Trato das Criaturas Mágicas) e pelos praticantes de *Quidditch*. *The Tales of Beedle the Bard* tem importância singular no sétimo volume da série, por conter o conto *The Tale of the Three Brothers* (O Conto dos Três Irmãos), no qual a história das supostas Relíquias da Morte (*The Deathly Hallows*) é contada. A decisão de incluir no *corpus* de estudo essas três obras, que não compõem a sequência textual principal da série, foi tomada com o intuito de termos mais contextos de usos terminológicos.

5.2.2 Planejamento

Para atingir nossos objetivos de pesquisa, planejamos a composição de nosso *corpus* de estudo a partir da complementaridade das tipologias apresentadas por Berber Sardinha (2004) e Teixeira (2008). De acordo com a junção dessas tipologias, nosso *corpus* pode ser caracterizado de acordo com o QUADRO 5:

QUADRO 5 – Tipologia do *corpus* de estudo

| Critérios | Características |
|----------------------|--|
| Língua | Monolíngue (inglês) |
| Modo | Escrito (narrativas) |
| Tempo | Sincrônico (textos de 1997-2008) Contemporâneo |
| Seleção | Amostragem (amostra de textos literários ficcionais) Estático (seleção não renovável) |
| Conteúdo | Especializado (textos de uma série de ficção literária de fantasia infantojuvenil) |
| Autoria | Apenas um autor; língua nativa (inglês britânico) |
| Tamanho | 1.156.126 itens (médio-grande) ⁹⁵ |
| Nível de Codificação | Uso de cabeçalhos; etiquetado (itálicos) |
| Uso na pesquisa | Estudo (análise e descrição linguística) |

Fonte: Elaboração do autor.

Na TABELA 2, detalhamos as características do *corpus*, apresentando dados de cada uma das obras, obtidos por meio de consulta aos livros e por meio da ferramenta *WordList* do WST.

TABELA 2 – Características dos livros que compõem o *corpus* de estudo

| Livros | Ano de publicação (edição do <i>corpus</i>) | Páginas | Tokens (itens) | Types (formas) | Itálicos |
|---------------------------|---|---------|----------------|----------------|----------|
| HP 1 | 1997 (2004) | 223 | 80.190 | 5.838 | 405 |
| HP 2 | 1998 (2004) | 251 | 87.964 | 6.995 | 661 |
| HP 3 | 1999 (2004) | 317 | 110.895 | 7.562 | 458 |
| HP 4 | 2000 (2004) | 636 | 196.277 | 10.466 | 919 |
| HP 5 | 2003 (2003) | 766 | 264.251 | 12.481 | 1.297 |
| HP 6 | 2005 (2005) | 607 | 174.171 | 10.438 | 603 |
| HP 7 | 2007 (2007) | 607 | 203.795 | 11.245 | 805 |
| FB | 2001 (2001) | 64 | 14.416 | 3.266 | 106 |
| QA | 2001 (2001) | 63 | 11.504 | 2.721 | 60 |
| TB | 2008 (2008) | 126 | 12.663 | 2.881 | 33 |
| Total⁹⁶ | 1997-2008 | 3.660 | 1.156.126 | 23.841 | 5.384 |

⁹⁵ De acordo com a classificação de Berber Sardinha (2004, p. 26) os *corpora* são assim classificados conforme suas extensões: pequeno (menos de 80 mil palavras); pequeno-médio (80 a 250 mil palavras); médio (250 mil a 1 milhão de palavras); médio-grande (1 milhão a 10 milhões de palavras); grande (10 milhões ou mais de palavras).

(2001-2008)

Fonte: Elaboração do autor.

A seguir apresentamos o reconhecimento da área em que nossa investigação terminológica se insere.

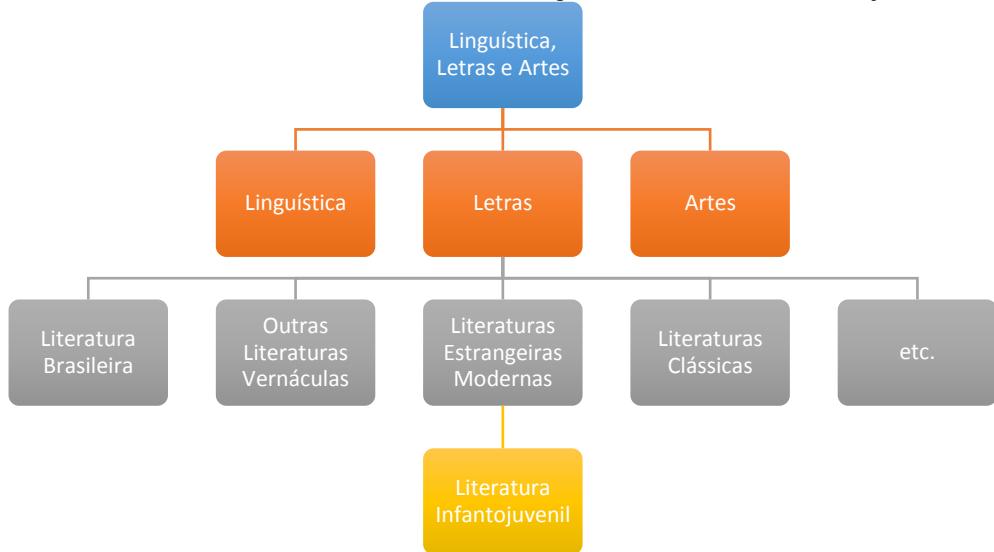
5.2.2.1 Determinação da área de pesquisa

Ao realizar esta pesquisa, traçamos como objetivo investigar o uso de terminologias em uma obra literária de ficção. Nesse sentido, é importante que seja especificado o domínio do conhecimento humano que a terminologia representa. Por se tratar de uma série de livros específica, a terminologia repertoriada será representativa da obra analisada apenas, não representando a especialidade e muito menos a área na qual se insere. Se quiséssemos repertoriar uma terminologia que fosse representativa de obras literárias da especialidade Literatura Infantojuvenil, muitas outras obras deveriam ser acrescentadas ao *corpus*. Para atingir tal representatividade nesse caso, quanto maior o *corpus*, ou seja, quanto maior a quantidade de obras literárias infantojuvenis, mais representativa a terminologia seria.

Assim, como ponto de partida, adotamos a tabela de áreas do conhecimento da agência CAPES composta por nove grandes áreas: Ciências Exatas e da Terra; Ciências Biológicas; Engenharias; Ciências da Saúde; Ciências Agrárias; Ciências Sociais Aplicadas; Ciências Humanas; Linguística, Letras e Artes e uma última área denominada Multidisciplinar. Após a observação da grande área Linguística, Letras e Artes, chegamos à hierarquização representada na FIGURA 6:

⁹⁶ Para os cálculos, determinamos que palavras hifenizadas correspondem a um item. Os valores totais das ocorrências de itens, formas e itálicos devem ser vistos como aproximados. Mesmo com o cuidado de fazer correções, não podemos ter certeza de que o *corpus* está isento de inadequações ortográficas geradas durante o processo de conversão de PDF para TXT, o que altera os valores computados pelo WST. Por isso, são valores relativos e não absolutos.

FIGURA 6 – Árvore de domínio da especialidade Literatura Infantojuvenil



Fonte: Elaboração do autor a partir da tabela da CAPES.

Temos então como **grande-área** Linguística, Letras e Artes e como **área** Letras. Visto que a série Harry Potter é de origem britânica, em relação ao nosso contexto brasileiro, a obra faz parte da literatura estrangeira. Assim, temos como **subárea** a de Literaturas Estrangeiras Modernas. Devido à ausência de uma especialidade na tabela da CAPES, designamos a **especialidade** Literatura Infantojuvenil tendo em vista o contexto de produção e de recepção das obras, voltadas para crianças e adolescentes. Em resumo, nosso objeto de pesquisa insere-se na **grande-área** Linguística, Letras e Artes, na **área** Letras, na **subárea** Literaturas Estrangeiras Modernas e na **especialidade** Literatura Infantojuvenil. É importante ressaltar que a Literatura Infantojuvenil não é uma especialidade exclusiva da subárea Literaturas Estrangeiras Modernas. Uma mesma especialidade pode ser enquadrada em diferentes grandes áreas, áreas e subáreas.⁹⁷

Com base na distinção de Gamble e Yates (2002) da Fantasia em Alta-Fantasia e Baixa-Fantasia (cf. Capítulo 2), podemos especificar ainda mais a área na qual Harry Potter se insere, estabelecendo mais três subdivisões na hierarquia ilustrada na FIGURA 7.

⁹⁷ Cf. www.capes.gov.br/avaliacao/tabela-de-areas-de-conhecimento.

FIGURA 7 – Classificação da série Harry Potter



Fonte: Elaboração do autor.

Assim, desmembramos a especialidade Literatura Infantojuvenil em **universo de discurso** Fantasia, **subuniverso de discurso** Alta-Fantasia e **temática** Magia e Bruxaria.

5.2.3 Compilação do *corpus*

Para a coleta do *corpus* desta pesquisa, seguimos os seguintes parâmetros de compilação: disponibilidade dos textos em formato digital, ausência de custo na aquisição dos textos e facilidade de manipular os textos digitalmente. Sendo assim, a *Web* (*World Wide Web*) configura-se como o ambiente ideal para esse tipo de busca, no qual ferramentas de busca podem ser utilizadas.⁹⁸ Na ferramenta *Google*, com as palavras de busca “Harry Potter:pdf”, encontramos vários textos em PDF, tanto em língua portuguesa, como em língua inglesa, provenientes de diversos sítios. Capturamos algumas obras em inglês e as examinamos manualmente em relação às obras impressas que possuímos, para atestar a autenticidade e qualidade das digitalizações obtidas via *Web*. Tal verificação foi realizada de acordo com os seguintes critérios: preservação de todos os componentes das obras, como capa e contracapa, lombada, orelhas, informações de direitos autorais, sumário, dedicatória, epígrafes, títulos dos capítulos, equivalência textual e ortográfica do texto digital com o impresso. À medida que as obras capturadas não apresentavam os critérios acima, elas foram descartadas até que, em um processo de exclusão, chegamos às obras que, de fato, passaram a integrar o *corpus*. Assim, comparando trechos das obras selecionadas, constatamos que, de fato, as digitalizações encontradas são legítimas. Dessa maneira, evitamos a laboriosa tarefa de digitalizar os livros e depois prepará-los para a pesquisa, otimizando, portanto, nosso percurso metodológico. Logo, ressaltamos que os recursos da *Web* facilitam o trabalho do

⁹⁸ “Uma ferramenta de busca é um mecanismo que varre a *Web* em busca de sítios que contêm as palavras utilizadas como termos de busca. Exemplos de ferramentas de busca incluem *Alta Vista*, *Google*, *Northern Light* e *Yahoo* [...].” No original: *A search engine is a tool that will search the Web for sites containing the words that you enter as search terms. Examples of search engines include Alta Vista, Google, Northern Light and Yahoo [...] (BOWKER; PEARSON, 2002, p. 61).*

pesquisador que necessita compilar *corpora* eletrônicos, já que é possível encontrar textos de qualidade em formatos de fácil manipulação, como os arquivos PDF.

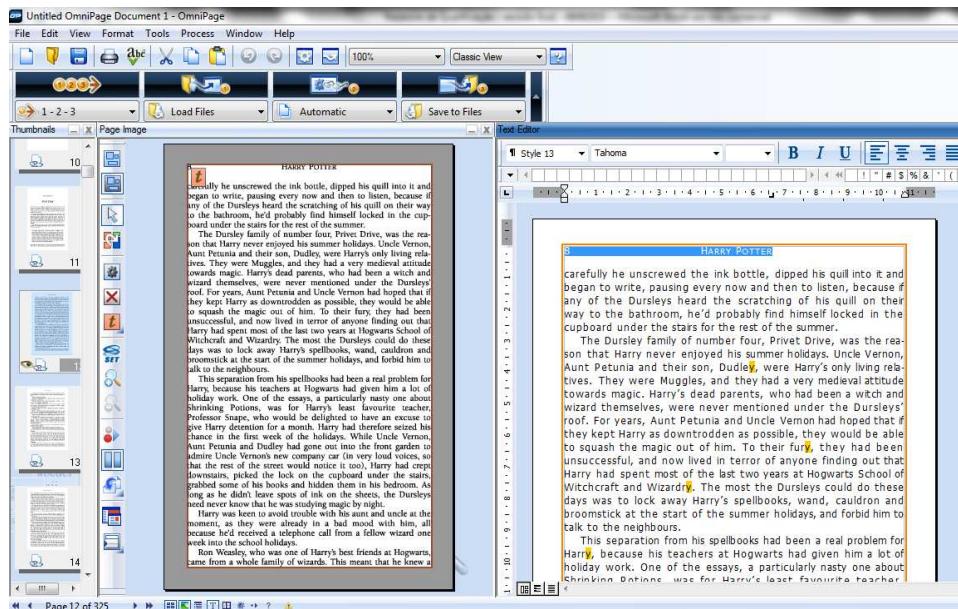
Visto que as obras são protegidas por direitos autorais, nosso *corpus* é necessariamente de uso privado. Certamente que os benefícios de um *corpus* público são muito maiores, porque ele pode ser acessado por outros pesquisadores. Contudo, visto que *corpora* públicos são sempre mais trabalhosos de serem compilados devido à necessidade de se obter autorizações para o uso de textos protegidos por direitos autorais (FRANKERBERG-GARCIA, 2008), preferimos manter o *corpus* privado devido ao tempo que a obtenção de tais autorizações poderia acrescentar à realização da pesquisa. Assim, posto que o nosso *corpus* é de uso particular, não podemos divulgar o sítio em que os livros foram encontrados; também não podemos tornar nosso *corpus* público. É importante deixar claro, também, que não temos a intenção de fazer uso comercial das obras; elas foram utilizadas apenas para fins de pesquisa. Apesar de contarmos com os livros em sua integridade em nosso *corpus*, quando da divulgação de resultados e da necessidade de citá-los, o faremos apenas parcialmente, por meio de listas de frequências, linhas de concordâncias e trechos curtos.

5.2.4 Preparação do *Corpus*

Assim que as obras foram compiladas e salvas em um diretório em computador, demos início à preparação do *corpus* para o processamento pelo *WordSmith Tools*. Como é de conhecimento, o referido programa realiza análises mais eficientes com o uso de arquivos de textos. Assim, tivemos de converter os arquivos PDF para TXT (arquivos sem formatação). A preparação de um *corpus* compreende os procedimentos metodológicos necessários realizados antes de seu processamento pelas ferramentas computacionais, ou seja, tais procedimentos vão desde a pós-compilação até o armazenamento do *corpus* pronto para uso. Nesta pesquisa, essa preparação foi realizada em duas etapas: limpeza dos textos e etiquetagem. A limpeza textual tem como objetivo retirar partes do *corpus* que não são aproveitadas na pesquisa, ou que não são processadas pelas ferramentas computacionais; possíveis erros ortográficos também são corrigidos nessa etapa. A etiquetagem, por sua vez, consiste em inserir etiquetas que auxiliem na automatização de certas buscas realizadas no *corpus*. A etiquetagem é um procedimento opcional, que deve ser utilizado de acordo com os objetivos da pesquisa, sendo “[...] necessário refletir sobre quais processos queremos automatizar no *corpus*, pois é muito mais simples automatizar aquilo que estiver etiquetado” (FRANKENBERG-GARCIA, 2008, p. 123).

No nosso caso, a limpeza dos textos foi realizada com o propósito de remover componentes dos livros de natureza paratextual, os quais não são processados pela ferramenta. Elementos como capa, quarta capa, lombada e orelhas foram retirados. Nesse processo fizemos uso de um OCR (*Optical Character Recognition*), o *Omnipage Professional 17* (FIGURA 8). Por meio do comando *Cut* do OCR, excluímos os cabeçalhos dos livros que contêm as seguintes informações “paginação + Harry Potter” e “título do capítulo + paginação” (FIGURA 8). Fizemos essa limpeza porque são informações que podem influenciar a frequência de certos itens lexicais, como o nome da personagem Harry Potter, que se tornaria muito mais frequente caso os cabeçalhos fossem mantidos, quando na realidade a sua frequência na narrativa em si seria menor.

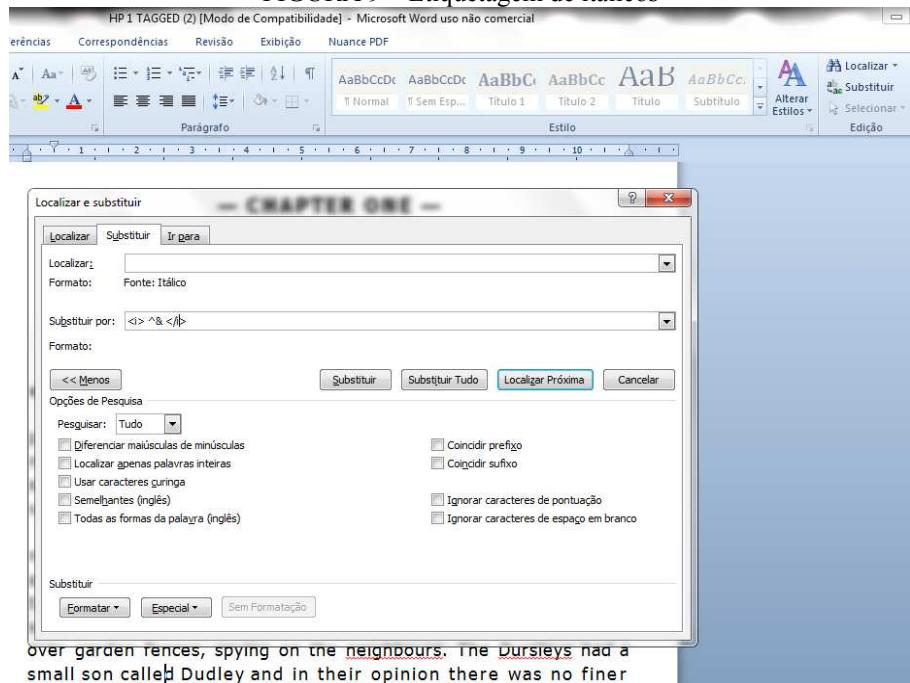
FIGURA 8 – Exemplo de cabeçalho a ser removido destacado em azul no topo da página à direita



Fonte: Elaboração do autor a partir do OCR *Omnipage Professional 17*.

Tendo feito essa limpeza, fizemos uso do OCR também para converter os arquivos PDF em DOCX. Assim, pudemos realizar o procedimento de etiquetagem de itálicos. As ocorrências em itálico foram etiquetadas porque certos termos são grafados em itálico. Dessa forma, temos condições de automatizar o processo de identificação dos termos em itálico. Na opção ‘substituir’ do programa *Word*, escolhemos o ‘formato: itálico’ e inserimos o código ‘<i> ^& </i>’, em que ‘<i>’ é a etiqueta de abertura que indica ‘início do segmento textual grafado em itálico’, ‘^&’ é o símbolo que indica qualquer expressão incluindo espaços e ‘</i>’ é a etiqueta de fechamento que indica ‘término do segmento textual grafado em itálico’. A FIGURA 9 ilustra o procedimento de etiquetagem.

FIGURA 9 – Etiquetagem de itálicos



Fonte: Elaboração do autor por meio do programa *Microsoft Word*.

Tendo os textos etiquetados e com cabeçalhos em DOCX pudemos, então, convertê-los para TXT. Mantivemos um conjunto de textos em TXT sem etiquetas e cabeçalho, e outro com etiquetas e cabeçalho. Nesta pesquisa, visto que há um número pequeno de textos (10, sendo que cada um é um livro) que constituem o *corpus*, e que todos eles são de uma mesma tipologia textual predominante (narrativa), além de que os textos são apenas para o uso do pesquisador sem a intenção de disponibilizá-los para outros usuários, não consideramos necessário preparar um cabeçalho extenso.

Cabeçalhos são uma parte do arquivo de cada texto do *corpus* que contém informações sobre o texto, tais como a origem, a data de coleta, o grupo de pesquisa responsável, o tamanho do texto, sistema de transcrição, detalhes do *copyright*, a autoria, os participantes (BERBER SARDINHA, 2004, p. 73).

Desse modo, a organização de cabeçalhos, nesta pesquisa, foi feita simplesmente por questões de organização e clareza. Além disso, “[...] a recomendação geral é que se tenha as informações gerais sobre os textos do *corpus* codificadas de algum modo sistematizado e consistente, para que não se tenha de recorrer à memória do pesquisador” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 76). Tais informações são codificadas de modo que, ao serem processadas pelo computador, não são incluídas como parte dos textos do *corpus*. Assim, as

etiquetas utilizadas foram as do tipo Cocoa (*Count and Concordance on Atlas*), as quais seguem o modelo <informação...> (BERBER SARDINHA, 2004, p. 75). Para cada informação, inserimos uma etiqueta para identificar o tipo de informação inserida.

A seguir, apresentamos o cabeçalho do primeiro livro da série com as seguintes informações: nome do arquivo, língua, título, autor, editora, data de publicação, data da edição que integra o *corpus*.

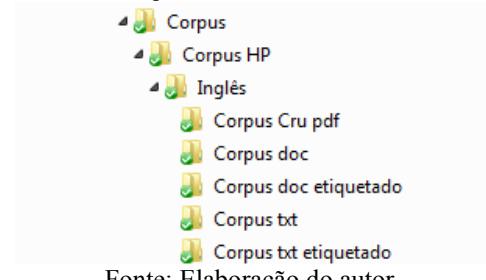
FIGURA 10 – Exemplo de cabeçalho do *corpus*

```
<header>
  <filename> <HP 1> </filename>
  <language> <English> </language>
  <title> <Harry Potter and the Philosopher's Stone> </title>
  <author> <J. K. Rowling> </author>
  <publisher> <Bloomsbury> </publisher>
  <pubdate> <1997> </pubdate>
  <edition> <2004> </edition>
</header>
```

Fonte: Elaboração do autor.

5.2.5 Arquitetura e armazenamento do *corpus*

A arquitetura de nosso *corpus* é composta por *subcorpora*. O conteúdo textual desses *corpora* é idêntico; o que os diferencia é o nível de codificação. Um deles não sofreu nossa intervenção, enquanto o outro sofreu. O *corpus* que não sofreu intervenção foi chamado de ‘*corpus cru*’, e é composto por arquivos em PDF. O *corpus* cujos arquivos estão em DOC já sofreu intervenção, uma vez que esses arquivos foram salvos nesse formato com elementos paratextuais removidos. Temos, então, um *corpus* em DOC e outro em TXT sem cabeçalhos e etiquetas, bem como o mesmo *corpus* com cabeçalhos e etiquetas (como podemos ver na FIGURA 11). O *corpus* foi organizado desse modo com o objetivo de manter os arquivos originais, caso fosse necessário recorrer a eles, e não ter o trabalho de processar os arquivos em PDF no OCR novamente. Além disso, a separação dos arquivos em TXT facilita no desenvolvimento das diferentes etapas de análise. No caso das análises em que a etiquetagem não for necessária, por exemplo, utilizamos o segmento do *corpus* sem etiquetas.

FIGURA 11 – Arquitetura e armazenamento do *corpus*

Fonte: Elaboração do autor.

Os passos seguintes, realizados para a análise do *corpus*, foram as gerações das listas de palavras, palavras-chave e concordâncias.

5.2.6 Lista de palavras

Para analisar um *corpus* por meio do programa *WordSmith Tools*, o primeiro passo a ser realizado é gerar uma lista de palavras, por meio da ferramenta *WordList*. Na realização desse processo, obtivemos uma lista de todas as palavras do *corpus* (das quais as vinte primeiras aparecem na FIGURA 12) com suas respectivas frequências, porcentagem de ocorrências em relação à totalidade do *corpus* e número de textos em que ocorrem. Note-se que no recorte da lista apresentado a seguir todos os itens nela constantes ocorrem na totalidade dos textos do *corpus* (10 textos).

FIGURA 12 – Lista das vinte primeiras palavras do *corpus* de estudo

| N | Word | Freq. | % | Texts | % Lemmas | Set |
|----|-------|--------|------|-------|----------|-----|
| 1 | THE | 54.612 | 4,72 | 10 | 100,00 | |
| 2 | AND | 28.658 | 2,48 | 10 | 100,00 | |
| 3 | TO | 28.307 | 2,45 | 10 | 100,00 | |
| 4 | OF | 23.014 | 1,99 | 10 | 100,00 | |
| 5 | HE | 22.378 | 1,94 | 10 | 100,00 | |
| 6 | A | 21.955 | 1,90 | 10 | 100,00 | |
| 7 | HARRY | 18.221 | 1,58 | 10 | 100,00 | |
| 8 | WAS | 15.991 | 1,38 | 10 | 100,00 | |
| 9 | IT | 15.016 | 1,30 | 10 | 100,00 | |
| 10 | S | 14.917 | 1,29 | 10 | 100,00 | |
| 11 | HIS | 14.490 | 1,25 | 10 | 100,00 | |
| 12 | SAID | 14.473 | 1,25 | 10 | 100,00 | |
| 13 | YOU | 14.471 | 1,25 | 10 | 100,00 | |
| 14 | I | 13.721 | 1,19 | 10 | 100,00 | |
| 15 | IN | 13.412 | 1,16 | 10 | 100,00 | |
| 16 | THAT | 11.014 | 0,95 | 10 | 100,00 | |
| 17 | HAD | 10.321 | 0,89 | 10 | 100,00 | |
| 18 | AT | 8.866 | 0,77 | 10 | 100,00 | |
| 19 | AS | 7.967 | 0,69 | 10 | 100,00 | |
| 20 | T | 7.786 | 0,67 | 10 | 100,00 | |

frequency alphabetical statistics filenames notes
23.841 entries Row 1 T S THE

Fonte: Elaboração do autor por meio da ferramenta *WordList* do *WordSmith Tools 6.0*.

Percebe-se que as palavras mais frequentes são palavras gramaticais como *the, and, to, of, he, a*, que aparecem nas seis primeiras posições. Encontramos na sétima posição da lista o

nome da personagem Harry com 18.221 ocorrências. Podemos dizer que essa alta frequência já era esperada, uma vez que *Harry* é o protagonista da obra. Trata-se do actante responsável por desencadear a maior parte das ações na narrativa, assumindo o papel temático de herói. Ressaltamos que as ocorrências de *s* e *t* são devidas às contrações verbais da língua inglesa em casos como os de *is* e *has*, e *not* respectivamente.

5.2.7 Lista de palavras-chave

Percebe-se que a lista de palavras em si não nos possibilita traçar muitas considerações a respeito das particularidades do *corpus* de estudo. Contudo, o contraste da lista de palavras do *corpus* de estudo com uma lista de palavras de um *corpus* de referência resulta em outra lista capaz de revelar um perfil dos elementos linguísticos chave do *corpus* de estudo. A essa lista dá-se o nome de lista de palavras-chave, gerada pela ferramenta *KeyWords*.

Para esta pesquisa, utilizamos como *corpus* de referência, uma lista de palavras do *corpus* geral de língua inglesa *British National Corpus* (BNC), por conter a mesma variação diatópica predominante do *corpus* de estudo, ou seja, inglês britânico. De acordo com Viana (2010), o BNC pode ser comparado com um *corpus* menor, representativo de uma área do conhecimento para revelar uma lista de candidatos a termos desse *corpus*. O BNC é um “*corpus* composto por 100 milhões de palavras. Trata-se de um *corpus* fechado, construído no início da década de 1990, tendo sido encerrado em 1994” (TAGNIN, 2010, p. 365). De modo mais detalhado, Viana (2015, p. 281) descreve o BNC da seguinte forma:

corpus geral da língua inglesa em sua variante britânica cuja composição contempla 90% de dados escritos (e.g. textos acadêmicos, jornalísticos e ficcionais) e 10% de dados orais (e.g. conversas informais e reuniões de negócios). O *corpus* contém 100 milhões de itens, etiquetados morfossintaticamente (e.g. preposição, marcador de infinitivo e número ordinal), provenientes de textos do final do século XX.

A escolha do BNC foi feita com base nos seguintes motivos: é um *corpus* geral de língua inglesa da mesma variação do *corpus* de estudo, ideal para a identificação de candidatos a termo; não contém o *corpus* de estudo conforme a orientação de Berber Sardinha (2004, p. 100), (o BNC foi encerrado (1994) antes da publicação do primeiro volume da série HP em 1997); inclui vários gêneros em sua composição, de modo que as características do *corpus* de estudo sobressaiam; é no mínimo cinco vezes maior que o *corpus* de estudo. Assim, utilizamos a lista de palavras denominada BNC World com 99.465.296 itens e 512.588 formas. Além disso, a lista de palavras-chave foi gerada de acordo com a seguinte

configuração: valor de p^{99} : 0,000001 (valor padrão do WST) e frequência mínima de 3 ocorrências.

Ao contrastar as listas de palavras dos *corpora* de estudo e de referência obtivemos 4.763 palavras-chave das quais as vinte primeiras apresentamos na FIGURA 13.

FIGURA 13 – Lista das vinte primeiras palavras-chave do *corpus* de estudo

| N | Key word | Freq. | % | Texts | RC. Freq. | RC. % | Keyness | P Lemmas Set |
|----|------------|--------|------|-------|-----------|------------|----------------|--------------|
| 1 | HARRY | 18.221 | 1,58 | 10 | 3.929 | 142.429,53 | 0,000000000000 | |
| 2 | S | 14.917 | 1,29 | 10 | 23.425 | 0,02 | 82.723,34 | 0,0000000000 |
| 3 | RON | 6.325 | 0,55 | 7 | 1.270 | | 49.704,62 | 0,0000000000 |
| 4 | HERMIONE | 5.359 | 0,46 | 8 | 44 | | 47.384,34 | 0,0000000000 |
| 5 | T | 7.786 | 0,67 | 10 | 11.788 | 0,01 | 43.560,37 | 0,0000000000 |
| 6 | DUMBLEDORE | 3.386 | 0,29 | 8 | 0 | | 30.255,53 | 0,0000000000 |
| 7 | SAID | 14.473 | 1,25 | 10 | 195.580 | 0,20 | 28.571,82 | 0,0000000000 |
| 8 | HE | 22.378 | 1,94 | 10 | 593.609 | 0,60 | 21.514,50 | 0,0000000000 |
| 9 | HAGRID | 2.037 | 0,18 | 7 | 0 | | 18.199,22 | 0,0000000000 |
| 10 | VE | 2.166 | 0,19 | 8 | 434 | | 17.016,93 | 0,0000000000 |
| 11 | SNAPE | 1.825 | 0,16 | 7 | 66 | | 15.733,78 | 0,0000000000 |
| 12 | LL | 1.777 | 0,15 | 8 | 148 | | 14.835,62 | 0,0000000000 |
| 13 | WEASLEY | 1.599 | 0,14 | 7 | 0 | | 14.285,38 | 0,0000000000 |
| 14 | WAND | 1.693 | 0,15 | 10 | 145 | | 14.113,90 | 0,0000000000 |
| 15 | HIS | 14.490 | 1,25 | 10 | 410.294 | 0,41 | 12.619,50 | 0,0000000000 |
| 16 | DON | 1.986 | 0,17 | 10 | 1.790 | | 12.560,31 | 0,0000000000 |
| 17 | DIDN | 1.426 | 0,12 | 9 | 19 | | 12.537,70 | 0,0000000000 |
| 18 | MALFOY | 1.337 | 0,12 | 8 | 0 | | 11.944,39 | 0,0000000000 |
| 19 | VOLDEMORT | 1.241 | 0,11 | 8 | 0 | | 11.086,65 | 0,0000000000 |
| 20 | RE | 1.906 | 0,16 | 9 | 3.248 | | 10.312,08 | 0,0000000000 |

Fonte: Elaboração do autor por meio da ferramenta *KeyWords* do *WordSmith Tools 6.0*.

Para traçar algumas considerações a respeito da lista anterior trazemos, primeiramente, a seguinte caracterização de palavras-chave:

Conforme descrito por Scott (2009b, p.150) as palavras-chave geralmente são de três tipos: temáticas, gramaticais e/ou identificativas. A primeira categoria abarca todas as palavras que apontam para o assunto abordado no *corpus* de estudo, as quais seriam inicialmente identificadas por um analista humano. [...] As palavras gramaticais, por serem geralmente empregadas em quantidades semelhantes em ambos os *corpora*, não aparecem no topo da lista de palavras-chave como ocorre numa lista de palavras regular. Contudo, o surgimento delas – com altos valores de chavicez – indica uma característica estilística do *corpus* estudado. [...] Finalmente, as palavras identificativas correspondem a nomes próprios: por serem formas únicas de expressão, é esperado que apareçam entre as palavras-chave (VIANA, 2010, p. 65).

A personagem Harry, aparece na primeira posição da lista com maior índice de chavicez¹⁰⁰ do *corpus*. Há também o nome de vários outros personagens da narrativa,

⁹⁹ “A coluna ‘p’ registra o valor desse índice estatístico [chavicez]. O conceito de p indica em que proporção o resultado encontrado é atribuído ao fator chance. Em outras palavras, quanto menor for o valor registrado para p, maior é a probabilidade de o resultado realmente expressar uma diferença entre, nesse caso, os domínios contrastados” (VIANA, 2010, p. 64).

como Ron, Hermione, Dumbledore, Hagrid, Snape, Weasley, Malfoy e Voldemort. Tratam-se de nomes próprios e, por isso, palavras identificativas que já se espera que apareçam entre as palavras-chave, conforme o excerto supracitado. Há também alta chaviceza de algumas palavras gramaticais. As ocorrências de ‘s’, ‘t’, ‘ve’, ‘ll’, ‘don’, ‘didn’, ‘re’, aparentemente sem sentido, são, na verdade, formas computadas pelo programa como ocorrências, por fazerem parte de expressões com apóstrofo. Por exemplo, o uso da letra ‘s’ é um traço linguístico típico do inglês para indicar o caso possessivo, como em ““You said You-Know-Who’s name!”” e em contrações de verbos, como ‘has’ e ‘is’ em ““Daddy’s gone mad, hasn’t he?”” e ““What’s your Quidditch team?””, respectivamente. O ‘t’, por sua vez, refere-se à contração de ‘not’ em ‘didn’t’ ou ‘don’t’, por exemplo, em que os itens ‘didn’ e ‘don’ são computados separadamente do ‘t’ devido ao apóstrofo.

Além dessas ocorrências, o uso do verbo *said* com alto índice de chaviceza (28.571,82) na lista de palavras-chave, também parece apontar para um traço típico da língua inglesa. O que a princípio poderia ser apontado como uma pobreza lexical do autor da obra ao usar repetidamente o verbo *said* em vez de outros verbos de elocução, é na verdade um traço característico da língua inglesa. Segundo Tagnin (2011, p. 295), “em inglês [...] é extremamente comum o uso do verbo de elocução *said* mesmo quando a fala não é uma afirmação. Ou seja, é também usado em casos de pergunta, resposta ou mesmo exclamação.” Conforme as dez linhas de concordâncias seguintes indicam (FIGURA 14), extraídas do *corpus* por meio da ferramenta *Concord*, mesmo quando se trata de uma frase interrogativa e exclamativa o verbo *said* é utilizado:

¹⁰⁰ “A chaviceza reporta o resultado de um procedimento estatístico pelo qual a ferramenta levanta o quanto importante cada palavra-chave positiva é para o *corpus* de pesquisa em relação ao de referência (e vice-versa no caso das palavras-chave negativas). Quanto maior o valor apresentado nessa coluna, maior a relevância da palavra em questão. [...] Há duas possibilidades de testes estatísticos para extração de palavras-chave no programa WordSmith Tools (SCOTT, 2009a): qui-quadrado e logaritmo de verossimilhança, sendo a última opção padrão (cf. SCOTT, 2009b)” (VIANA, 2010, p. 64).

FIGURA 14 – Linhas de concordâncias do *corpus* de estudo do verbo de elocução *said*

| | |
|------|---|
| N | Concordance |
| 10 | it before?" 'What are you on about?' said Ron, but Harry, sprinting across |
| 144 | if they're not bringing you news?" 'Aha!' said Uncle Vernon in a triumphant |
| 162 | like the Dementors, do you, Albus?" said Moody, with a sardonic smile. 'No |
| 190 | that impenetrable darkness. 'Is that all?' said Harry at once. 'Why did it |
| 232 | of tears. 'After all this time?' 'Always,' said Snape. And the scene shifted. |
| 438 | her wand at Dolohov's forehead and said , 'Obliviate.' At once, Dolohov's |
| 584 | Gryffindor Tower.' 'I know who you are!' said Ron suddenly. 'My brothers told |
| 715 | want you chucked back in Azkaban!' said Harry. There was a pause in |
| 809 | six hoops, isn't it?' 'What's basketball?' said Wood curiously. 'Never mind,' |
| 1078 | there aren't wild dragons in Britain?' said Harry. 'Of course there are', said |

Fonte: Elaboração do autor por meio da ferramenta *Concord* do *WordSmith Tool 6.0*.

Mesmo com esse uso comum de *said*, essa alta recorrência também demonstra, nos termos de Hunt (2010a), o controle exercido pelo enunciador na apresentação do discurso das personagens. As falas das personagens são apresentadas de modo direto com uso de aspas e 'marcas', como *said Harry*. Isso sugere que, no *corpus* é feito uso do discurso direto marcado, em que a voz narrativa indica o modo como algo foi dito, de sorte que o narrador controla a forma como as personagens dizem e conduz a interpretação dos diálogos. Devido à alta chavice de *said*, o uso recorrente dessa forma sugere que o narrador exerce maior controle no direcionamento de interpretações possíveis em relação à apresentação do discurso das personagens, tolhendo, em certa medida, a liberdade de interpretação que o leitor teria em ele mesmo interpretar os dizeres das personagens e atribuir os verbos de elocução em um diálogo 'livre'.

Na posição 14 da lista de palavras-chave encontra-se a única unidade lexical (*wand*), no recorte das vinte primeiras palavras, que aponta para a temática do *corpus*, *Witchcraft and Wizardry* (por ser um objeto mágico utilizado na prática de magia), e se configura como forte candidata a termo, visto que ocorre nos dez textos do *corpus*. A identificação dos candidatos a termo foi realizada com base na lista de palavras-chave de acordo com o procedimento ilustrado no ensaio descritivo (cf. Capítulo 4).

5.2.8 Listas de concordâncias

Para elaborar as definições dos termos a serem incluídos no glossário, utilizamos a ferramenta *Concord* do *WordSmith Tools*. Essa ferramenta nos permite ter acesso aos

contextos linguísticos de ocorrência dos termos, de modo que os traços semântico-conceptuais possam ser recuperados para a formação do conceito e posterior redação da definição, de acordo com a fórmula ‘gênero próximo + diferenças específicas’. O formato KWIC (*keywords in context*; ilustrado na FIGURA 15) possibilita a visualização da palavra de busca no centro e o entorno textual em que é usada, tanto à direita quanto à esquerda. Ela também permite a identificação de agrupamentos de palavras e padrões linguísticos, como será abordado no item seguinte.

FIGURA 15 – Lista das linhas de concordâncias do termo *Horcrux* com destaque na posição 4 para um enunciado definitório

| N | | Concordance |
|----|---|-------------|
| 1 | own heart. The resemblance of this action to the creation of a Horcrux has been noted by many writers. Although Beedle's | |
| 2 | this, in the introduction to <i>Magick Moste Evile</i> – listen – "of the Horcrux , wickedest of magical inventions, we shall not speak | |
| 3 | deeply ashamed that he had failed in the task of retrieving the Horcrux memory, and he shifted guiltily in his seat as | |
| 4 | an overview , of course. Just so that you <u>understand the term</u> . A Horcrux is the word used for an object in which a person has | |
| 5 | . Killing rips the soul apart. The wizard intent upon creating a Horcrux would use the damage to his advantage: he would | |
| 6 | understand, though – just out of curiosity – I mean, would one Horcrux be much use? Can you only split your soul once? | |
| 7 | .' 'You think he succeeded then, sir?' asked Harry. 'He made a Horcrux ? And that's why he didn't die when he attacked me? | |
| 8 | And that's why he didn't die when he attacked me? He had a Horcrux hidden somewhere? A bit of his soul was safe?' 'A bit | |
| 9 | on what would happen to the wizard who created more than one Horcrux , what would happen to the wizard so determined to | |
| 10 | a fragment of soul, I was almost sure of it. The diary had been a Horcrux . But this raised as many questions as it answered. | |
| 11 | .' 'I still don't understand,' said Harry. 'Well, it worked as a Horcrux is supposed to work – in other words, the fragment of | |
| 12 | precious fragment of his soul concealed within it. The point of a Horcrux is, as Professor Slughorn explained, to keep part of the | |
| 13 | soul to that. 'The careless way in which Voldemort regarded this Horcrux seemed most ominous to me. It suggested that he must | |
| 14 | for a seventh of Voldemort's soul. The ring is no longer a Horcrux .' 'But how did you find it?' 'Well, as you now know, I | |
| 15 | something of Ravenclaw's or of Gryffindor's, that leaves a sixth Horcrux ,' said Harry, counting on his fingers. 'Unless he got | |
| 16 | 'I don't think so,' said Dumbledore. 'I think I know what the sixth Horcrux is. I wonder what you will say when I confess that I have | |
| 17 | , if my calculations are correct, Voldemort was still at least one Horcrux short of his goal of six when he entered your parents' | |

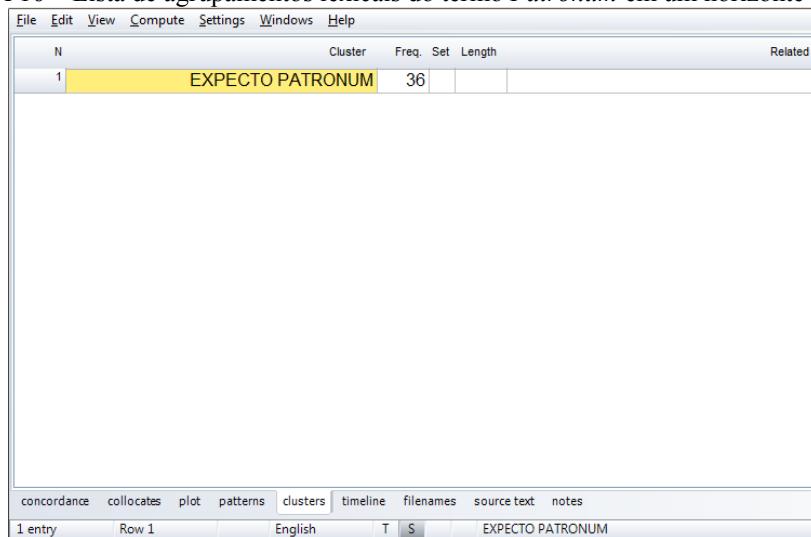
Fonte: Elaboração do autor por meio da ferramenta *Concord* do *WordSmith Tools 6.0*.

Na linha 4, destacada na FIGURA 15, percebemos que o enunciador ressalta o termo *Horcrux*, por meio dos itens sublinhados neste trecho: *Just so that you understand the term. A Horcrux is the word used for an object in which a person has...*

5.2.8.1 Listas de agrupamentos lexicais e padrões linguísticos

Além das três ferramentas principais do WST anteriormente mencionadas, o programa também oferece outras funcionalidades, como lista de agrupamentos lexicais (*clusters*), lista de padrões linguísticos (*patterns*) e lista de colocados. Essas funcionalidades do *Concord* foram utilizadas para a identificação de termos complexos¹⁰¹ e colocações.

¹⁰¹ Classificamos os termos em simples, complexos e compostos com base nas seguintes definições: “O termo pode ser simples, definido pela Norma Internacional ISO 1087 como ‘constituído de um só radical, com ou sem afixos’ (ISO 1087, 1990, p. 7) [...] – ou complexo, isto é, ‘constituído de dois ou mais radicais, aos quais podem-se acrescentar outros elementos’ (ISO 1087, 1990, p. 7) [...]. Os termos compostos também são unidades lexicais

FIGURA 16 – Lista de agrupamentos lexicais do termo *Patronum* em um horizonte de 1L-1R

Fonte: Elaboração do autor a partir do *Concord* do *WordSmith Tools 6.0*.

A FIGURA 16 é o resultado obtido ao computarmos *clusters* de 2 palavras para a unidade *Patronum* em um horizonte de 1L e 1R (uma palavra à esquerda e uma palavra à direita). Observamos que tal unidade ocorre 36 vezes em coocorrência com *Expecto* em quatro textos do *corpus* (HP 3, HP 4, HP 5, HP 7). Para nós tal coocorrência é significativa¹⁰², além de que há um significado expresso apenas com a coocorrência de ambas, de modo que *Expecto Patronum* configura-se como um termo complexo.

formadas por dois ou mais radicais. Distinguem-se, no entanto, dos termos complexos pelo alto grau de lexicalização e pelo conjunto de morfemas lexicais e/ou gramaticais que os constitui, em situação de não-autonomia representada graficamente pela utilização do hífen [...]. Cumpre ressaltar que consideramos as unidades lexicais compostas por aglutinação [...] e pela justaposição sem hífen de dois ou mais radicais como termos simples" (BARROS, 2004, p. 100-101).

¹⁰² Adotamos o critério de pelo menos duas ocorrências em dois textos ou mais para determinar termos complexos e colocações, conforme Zilio (2009 *apud* ESPERANDIO, 2015).

FIGURA 17 – Lista de padrões linguísticos em torno da unidade lexical *Eaters*

| N | L5 | L4 | L3 | L2 | L1 | Centre | R1 | R2 | R3 | R4 | R5 |
|----|-----------|-----------|--------|-----------|-------|--------|----------|-------|---------|-----------|------------|
| 1 | THE | THE | OF | THE | DEATH | EATERS | WERE | THE | THE | THE | AND |
| 2 | TO | TO | THE | OF | | | AND | YOU | TO | OF | THE |
| 3 | OF | ONE | AND | MORE | | | HAD | THEY | IN | FROM | TO |
| 4 | AND | AND | TO | ESCAPED | | | WHO | TO | WERE | THEIR | OF |
| 5 | IT | OF | TWO | HIS | | | SAID | HARRY | HAD | IT | YOU |
| 6 | SAID | HARRY | TEN | MY | | | TO | IN | AND | SAID | BUT |
| 7 | ONE | HE | THAT | ARE | | | LAUGHED | NOT | HARRY | HE | HARRY |
| 8 | THAT | AS | BUT | WERE | | | HAVE | HAD | FROM | WAS | THEIR |
| 9 | IF | IT | BY | OTHER | | | YOU | THAT | THEM | AND | IN |
| 10 | HE | THEY | AS | TWO | | | THE | IT | THEY | TO | HE |
| 11 | VOLDEMORT | ALL | FOR | REMAINING | | | HARRY | OUT | HE | THEY | VOLDEMORT |
| 12 | BACK | SEVERAL | WITH | THEM | | | BUT | SAID | THEIR | THEM | IT |
| 13 | WAS | WAS | IF | HOODED | | | ARE | HAVE | BY | IN | BEFORE |
| 14 | WERE | WE | SAW | FELLOW | | | IN | THEIR | BE | NOT | OUT |
| 15 | JOINED | THAT | FROM | AS | | | RUNNING | HIM | UP | WERE | THAT |
| 16 | YOU | ONLY | COUPLE | AND | | | IT | HE | ON | VOLDEMORT | BE |
| 17 | WITH | ARE | JOINED | FIVE | | | WE | AS | SAW | WE | HIM |
| 18 | OPEN | WERE | ALL | THREE | | | IF | AND | THAT | ONE | WERE |
| 19 | THEM | IN | HOW | THOSE | | | WOULD | BACK | AT | HARRY | HERMIONE |
| 20 | HAVE | SOME | WHICH | TO | | | AWAY | BE | FOR | HIS | RED |
| 21 | OR | WHAT | WERE | WATCHING | | | CAME | CAN | AWAY | BY | WITH |
| 22 | OVER | STREET | HARRY | THAT | | | ARRIVED | RON | YOUR | ARE | PURE-BLOOD |
| 23 | THEY | VOLDEMORT | THERE | FAITHFUL | | | HE | ON | OWN | AT | THEMSELVES |
| 24 | US | THOUGHT | THESE | FOUR | | | DID | OF | PEOPLE | USING | RON |
| 25 | TRYING | THEM | WHILE | ANY | | | THEY | THEM | RE | BUT | THEM |
| 26 | WILL | TAKE | WHY | BEING | | | STOOD | WHO | WHAT | BE | THINK |
| 27 | WHAT | TALKING | WHEN | MISSING | | | THEN | FIGHT | TOLD | NOW | ROOM |
| 28 | THERE | EACH | THOSE | THEM | | | WATCHING | FOUND | TOWARDS | UP | ONE |

Fonte: Elaboração do autor por meio da ferramenta *Concord* do *WordSmith Tools 6.0*.

Conforme ilustrado na FIGURA 17, a aba *patterns* do *Concord* pode ser utilizada para a identificação de termos complexos. Observe-se que na posição L1 (uma casa à esquerda) apenas a palavra *Death* coocorre com *Eaters*. Além disso, uma consulta à aba *collocates* revelou que das 352 ocorrências de *Eaters*, 352 foram com *Death* em L1. Portanto, podemos identificar *Death Eaters* como um candidato a termo complexo.

5.2.8.2 Linhas de concordâncias com etiquetas

Nosso *corpus* de estudo teve suas ocorrências em itálico etiquetadas, a fim de identificarmos com mais facilidade possíveis termos grafados em itálico. Foram detectadas 5.384 ocorrências de itálico, de modo que não só os termos são grafados dessa forma, como outras porções maiores de texto também (FIGURA 19). Uma observação rápida dessas ocorrências revela que o itálico é um recurso gráfico usado com funções diversas nos textos do *corpus*, que não cabem a esta pesquisa analisar e discutir. Assim, as concordâncias feitas por meio das etiquetas foram realizadas para identificarmos se um termo é grafado em itálico ou não.

FIGURA 18 – Lista de linhas de concordâncias automatizadas por meio da busca pela etiqueta *< i> * < /i>*

Fonte: Elaboração do autor por meio da ferramenta Concord do WordSmith Tools 6.0.

Na FIGURA 18 detectamos os termos *Dissendium*, *Sonorus*, *Tergeo*, *Waddiwasi*, *Levicorpus*, *Episkey*, *Confringo* e *Crucio*. Todos eles podem ser classificados como ‘encantamentos’ utilizados para lançar feitiços. Observe-se que esses termos são geralmente usados após verbos de elocução como *said* e *screamed*, e indicam a força ilocucionária dos encantamentos que visam provocar uma ação ou mudança.

Na FIGURA 19, apresentamos um exemplo em que uma correspondência enviada para a personagem Harry é totalmente grafada em itálico, conforme marcado pelas etiquetas de abertura e fechamento. Interpretamos que o uso do itálico realizado marca um gênero textual (carta) diferente da sequência narrativa principal do texto. Em negrito e sublinhado, destacamos possíveis candidatos a termo.

FIGURA 19 – Exemplo de trecho grafado em itálico

< i> Dear Mr Potter,
 We have received intelligence that a **Hover Charm** was used at your place of residence this evening at twelve minutes past nine.
 As you know, underage wizards are not permitted to perform spells outside school, and further spellwork on your part may lead to expulsion from said school (**Decree for the Reasonable Restriction of Underage Sorcery**, 1875, Paragraph C).
 We would also ask you to remember that any magical activity which risks notice by members of the non-magical community (**Muggles**) is a serious offence, under section 13 of the **International Confederation of Warlocks' Statute of Secrecy**.
 Enjoy your holidays!
 Yours sincerely,
 Mafalda Hopkirk
Improper Use of Magic Office
Ministry of Magic < /i>

Fonte: Elaboração do autor.

Antes de prosseguirmos, cabe dizer que todos os procedimentos seguintes, de estruturação da árvore de domínio, identificação dos termos e análise do *corpus*, foram realizados com base em nossa familiaridade com a área temática Magia e Bruxaria conforme manifestada na série Harry Potter. Aponhamo-nos em Krieger e Finatto (2004, p. 133; destaque nosso) ao afirmarem que, “[...] é produtivo aliar sistematicidade, embasamento teórico-linguístico, *familiaridade com a especialidade em foco* e prática terminológica.” Assim, nosso conhecimento obtido a partir da leitura das obras auxiliou-nos na estruturação conceptual da área temática, no reconhecimento terminológico e na descrição geral do *corpus*.

5.2.9 Identificação de candidatos a termos

A identificação dos candidatos a termos que passaram a integrar a lista sistemática hierárquica, a ser apresentada na seção seguinte, foi realizada com base no critério de pertinência temática do termo, com frequência em menor escala. Assim, mesmo um termo que se configure como *hapax legomenon*, pode ser incluído na estruturação conceptual do domínio caso seja tematicamente pertinente. Entendemos que, “pertinência temática [...] significa a propriedade de um termo pertencer a uma terminologia *stricto sensu* pelo fato de vincular-se a um conceito que faz parte do campo cognitivo do domínio inventariado” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 138). Assim, dado o domínio semântico estabelecido pelo campo *Witchcraft and Wizardry*, selecionamos os termos semanticamente vinculados a ele.

A seleção dos termos que compõem a nomenclatura de nossa amostra de glossário foi realizada com base no critério de que os termos refletissem diferentes níveis na hierarquia conceptual. Além disso, priorizamos os termos que nos possibilitaram uma apreensão simbólica de seu significado, de modo que pudéssemos explorar diferentes dimensões de sua significação, o que segundo nosso entendimento seria de interesse aos consulentes. Também priorizamos para o glossário os termos em que pudemos recuperar uma isotopia, demonstrando assim, a sua integração na tessitura do texto.¹⁰³

5.2.10 Construção do sistema conceptual

O sistema conceptual de um domínio pode ser estruturado de diversas formas, como lista sistemática, árvore de conceitos, árvore de características e diagrama (BARROS, 2004, p.

¹⁰³ Ressaltamos que para a identificação de uma isotopia em textos por meio dos procedimentos metodológicos da LC, é necessário ter acesso a vários contextos de uso dos termos que possibilitem atestar a presença destes termos em uma cadeia isotópica. A familiaridade do pesquisador com os textos que compõem o *corpus* também facilita essa identificação.

129). Tal sistema é importante para delimitar os conceitos e as relações estabelecidas entre eles em um domínio, e determinar os limites do domínio da pesquisa terminológica. Esse sistema “[...] é determinado pelo *corpus* [...] e pela visão ou abordagem do terminólogo em relação ao domínio estudado” (BARROS, 2004, p. 112).

Krieger e Finatto (2004, p. 134) entendem que, “uma árvore de domínio é um diagrama hierárquico composto por termos-chave de uma especialidade [...] (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 134); “[...] representação formal da estrutura conceitual de um campo de conhecimento” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 109);

[...] construto teórico que desenha a hierarquia temática de cada domínio de saber, pretendendo, com isso, representar o sistema lógico-cognitivo que particulariza os universos de conhecimento especializado. Por isso, a árvore funciona como uma espécie de mapa conceitual do domínio, auxiliando a reconhecer a vinculação terminológica, nessa medida, a pertinência dos termos a uma área (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 56).

Em outras palavras, a árvore de domínio constitui uma representação da organização conceptual de um domínio do saber ou campo temático, de modo que se possa visualizar as relações conceptuais estabelecidas em um mesmo domínio, o que auxilia na identificação de termos.

Para a elaboração da árvore de domínio tínhamos previsto o uso do programa *Cmap Tools* que auxilia na produção de mapas conceptuais em que as relações entre os diferentes conceitos de um domínio do conhecimento são estabelecidas e representadas por meio de conexões gráficas. Dada a grande quantidade de termos, a visualização neste programa ficou comprometida. Por isso, preferimos compor nossa árvore de domínio a partir da hierarquização dos termos em uma lista sistemática. Tal hierarquização é prevista como um procedimento terminográfico comumente utilizado, de modo a colocar “[...] em evidência – pela diferença de tabulação e pela especificidade do símbolo de classificação – as relações hiperonímicas, hiponímicas e co-hiponímicas (ou isonímicas) mantidas entre os termos” (BARROS, 2004, p. 130). Trata-se de um modo de organização conceptual dentre outros que podem ser utilizados. Assim, temos uma lista numerada de modo a explicitar as relações entre os elementos superordenados e os subordinados. Quanto mais números um termo possui mais subordinado ele é; quanto menos números mais superordenado. Nem todas as unidades lexicais que constam na hierarquia são consideradas termos, como *human beings*. Contudo, elas foram mantidas para preservar as relações de hiperonímia e hiponímia.

Apresentamos, em sequência, a lista sistemática que representa a organização conceptual do domínio *Witchcraft and Wizardry* conforme manifestado na série HP:

Witchcraft and Wizardry

- 1 beings
 - 1.1 human beings
 - 1.1.1 magical human beings
 - 1.1.1.1 wizard (warlock) /witch (wand-carriers)
 - 1.1.1.1.1 blood status
 - 1.1.1.1.1.1 half-blood
 - 1.1.1.1.1.2 half-breed
 - 1.1.1.1.1.3 Muggle-born (Mudblood)
 - 1.1.1.1.1.4 pure-blood
 - 1.1.1.1.1.5 Squib
 - 1.1.1.1.2 special condition
 - 1.1.1.1.2.1 Animagus
 - 1.1.1.1.2.2 Metamorphmagus
 - 1.1.1.1.2.3 ...
 - 1.1.2 non-magical human beings
 - 1.1.2.1 Muggle
 - 1.2 non-human magical beings
 - 1.2.1 goblin
 - 1.2.2 house-elf
 - 1.2.3 ...
 - 2 branches of magic
 - 2.1 alchemy
 - 2.1.1 magical stone
 - 2.1.1.1 Philosopher's Stone
 - 2.1.1.1.1 elixir
 - 2.1.1.1.1.1 Elixir of Life
 - 2.2 Ancient Runes
 - 2.3 Apparition
 - 2.3.1 process
 - 2.3.1.1 Apparate
 - 2.3.1.2 Disapparate
 - 2.4 Arithmancy
 - 2.5 Astronomy
 - 2.6 Care of Magical Creatures
 - 2.6.1 Magizoology
 - 2.6.1.1 magical beasts
 - 2.6.1.1.1 Acromantula
 - 2.6.1.1.2 Ashwinder
 - 2.6.1.1.3 Augurey (Irish Phoenix)
 - 2.6.1.1.4 Basilisk (King of Serpents)
 - 2.6.1.1.4.1 Basilisk venom
 - 2.6.1.1.5 Billywig
 - 2.6.1.1.6 Blast-Ended Skrewt
 - 2.6.1.1.7 Bowtruckle
 - 2.6.1.1.8 Bundimun
 - 2.6.1.1.9 centaur
 - 2.6.1.1.10 Chimaera
 - 2.6.1.1.11 Chizpurfle
 - 2.6.1.1.12 Clabbert
 - 2.6.1.1.13 Crup
 - 2.6.1.1.14 Demiguise
 - 2.6.1.1.15 Diricawl

- 2.6.1.1.16 Doxy (Biting Fairy)
- 2.6.1.1.17 dragon
 - 2.6.1.1.17.1 species
 - 2.6.1.1.17.1.1 Antipodean Opaleye
 - 2.6.1.1.17.1.2 Chinese Fireball (Liondragon)
 - 2.6.1.1.17.1.3 Common Welsh Green
 - 2.6.1.1.17.1.4 Hebridean Black
 - 2.6.1.1.17.1.5 Hungarian Horntail
 - 2.6.1.1.17.1.6 Norwegian Ridgeback
 - 2.6.1.1.17.1.7 Peruvian Vipertooth
 - 2.6.1.1.17.1.8 Romanian Longhorn
 - 2.6.1.1.17.1.9 Swedish Short Snout
 - 2.6.1.1.17.1.10 Ukranian Ironbelly
 - 2.6.1.1.18 Dugbog
 - 2.6.1.1.19 Erkling
 - 2.6.1.1.20 Erumpent
 - 2.6.1.1.21 fairy
 - 2.6.1.1.22 fire crab
 - 2.6.1.1.23 Flobberworm
 - 2.6.1.1.24 Fwooper
 - 2.6.1.1.25 ghoul
 - 2.6.1.1.26 Glumbumble
 - 2.6.1.1.27 gnome
 - 2.6.1.1.27.1 process
 - 2.6.1.1.27.1.1 de-gnoming
 - 2.6.1.1.27.2 species
 - 2.6.1.1.27.2.1 *Gernumbli gardensi*
 - 2.6.1.1.28 Graphorn
 - 2.6.1.1.29 griffin
 - 2.6.1.1.30 Grindylow
 - 2.6.1.1.31 Hippogriff
 - 2.6.1.1.32 Horklump
 - 2.6.1.1.33 imp
 - 2.6.1.1.34 Jarvey
 - 2.6.1.1.35 Jobberknoll
 - 2.6.1.1.36 Kappa
 - 2.6.1.1.37 kelpie
 - 2.6.1.1.38 Knarl
 - 2.6.1.1.39 Kneazle
 - 2.6.1.1.40 leprechaun (Clauricorn)
 - 2.6.1.1.41 Lethifold (Living Shroud)
 - 2.6.1.1.42 Lobalug
 - 2.6.1.1.43 Mackled Malaclaw
 - 2.6.1.1.44 manticore
 - 2.6.1.1.45 merpeople (sirens, selkies, merrows)
 - 2.6.1.1.45.1 language
 - 2.6.1.1.45.1.1 Mermish
 - 2.6.1.1.46 Moke
 - 2.6.1.1.47 Mooncalf
 - 2.6.1.1.48 Murtlap
 - 2.6.1.1.49 Niffler
 - 2.6.1.1.50 Nogtail
 - 2.6.1.1.51 Nudu
 - 2.6.1.1.52 Occamy
 - 2.6.1.1.53 phoenix
 - 2.6.1.1.54 pixie
 - 2.6.1.1.55 Plympi
 - 2.6.1.1.56 Pogrebin
 - 2.6.1.1.57 Porlock
 - 2.6.1.1.58 Puffskein

- 2.6.1.1.59 Quintaped (Hairy MacBoon)
- 2.6.1.1.60 Ramora
- 2.6.1.1.61 Red Cap
- 2.6.1.1.62 Re'em
- 2.6.1.1.63 Runespoor
- 2.6.1.1.64 salamander
- 2.6.1.1.65 sea serpent
- 2.6.1.1.66 Shrake
- 2.6.1.1.67 Snidget (Golden Snidget)
- 2.6.1.1.68 sphinx
- 2.6.1.1.69 Streeler
- 2.6.1.1.70 Tebo
- 2.6.1.1.71 troll
- 2.6.1.1.72 werewolf
- 2.6.1.1.73 unicorn
 - 2.6.1.1.73.1 unicorn blood
 - 2.6.1.1.73.2 unicorn hair (2.17)¹⁰⁴
 - 2.6.1.1.73.3 ...
- 2.6.1.1.74 winged horses
- 2.6.1.1.74.1 breeds
 - 2.6.1.1.74.1.1 Abraxan
 - 2.6.1.1.74.1.2 Aethonan
 - 2.6.1.1.74.1.3 Granian
 - 2.6.1.1.74.1.4 Thestral
- 2.6.1.1.75 yeti
- 2.6.1.1.76 ...

2.7 Charms

2.7.1 charms

- 2.7.1.1 Disillusionment Charm
- 2.7.1.2 Fidelius Charm
- 2.7.1.3 Memory Charm
 - 2.7.1.3.1 incantation
 - 2.7.1.3.1.1 *Obliviate*
- 2.7.1.4 Summoning Charm
 - 2.7.1.4.1 incantation
 - 2.7.1.4.1.1 *Accio*
- 2.7.1.5 Unbreakable Vow
- 2.7.1.6 ...

2.7.2 magical objects

- 2.7.2.1 wand*
- 2.7.2.2 ...

2.7.3 spells

- 2.7.3.1 reverse spell
 - 2.7.3.1.1 incantation
 - 2.7.3.1.1.1 *Prior Incantato*
 - 2.7.3.1.1.1 reverse spell effect
 - 2.7.3.1.1.1.1 *Priori Incantatem*
- 2.7.3.2 ...

2.8 Dark Arts

2.8.1 dark creatures

- 2.8.1.1 Inferius
- 2.8.1.2 ...

2.8.2 class of dark wizards(Voldemort's supporters)

- 2.8.2.1 Death Eaters

2.8.3 magical object, animal or person

¹⁰⁴ Esclarecemos que mantemos o termo *unicorn hair* nessa classificação e não em outra por ser primariamente percebido como parte do animal *unicorn*. Interpretamos que o uso feito de *unicorn hair* em poções é posterior à sua percepção como parte do animal.

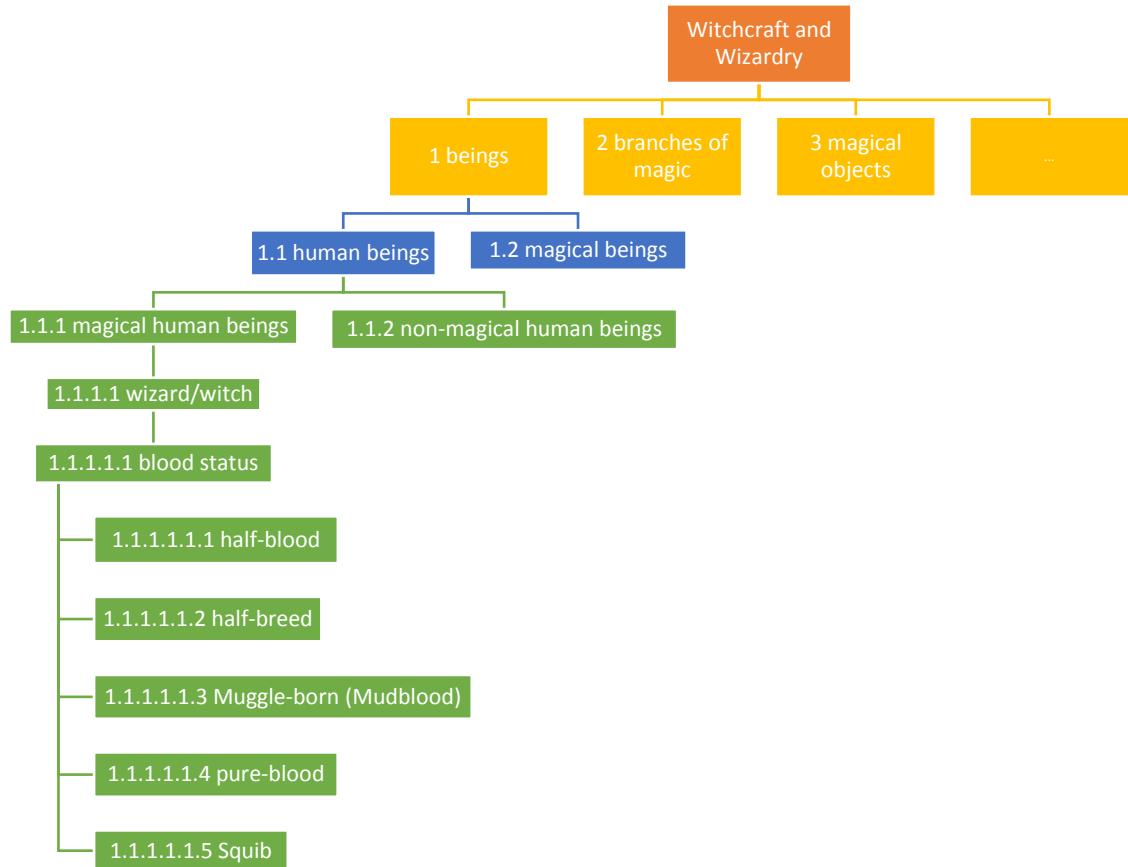
- 2.8.3.1 Horcrux
- 2.8.4 wizard's sign**
 - 2.8.4.1 Dark Mark
- 2.8.5 dark spells**
 - 2.8.5.1 *Sectumsempraspell*
 - 2.8.5.1.1 incantation
 - 2.8.5.1.1.1 *Sectumsempra*
 - 2.8.5.2 ...
- 2.8.6 ...**
- 2.9 Defence Against the Dark Arts**
 - 2.9.1 charms**
 - 2.9.1.1 Disarming Charm
 - 2.9.1.1.1 incantation
 - 2.9.1.1.1.1 *Expelliarmus*
 - 2.9.1.2 Shield Charm
 - 2.9.1.2.1 incantation
 - 2.9.1.2.1.1 *Protego*
 - 2.9.1.3 ...
 - 2.9.2 curses**
 - 2.9.2.1 Unforgivable Curses
 - 2.9.2.1.1 Avada Kedavra Curse
 - 2.9.2.1.1.1 incantation
 - 2.9.2.1.1.1.1 *Avada Kedavra*
 - 2.9.2.1.2 Cruciatus Curse
 - 2.9.2.1.2.1 incantation
 - 2.9.2.1.2.1.1 *Crucio*
 - 2.9.2.1.3 Imperio Curse
 - 2.9.2.1.3.1 incantation
 - 2.9.2.1.3.1.1 *Imperio*
 - 2.9.3 dark creatures**
 - 2.9.3.1 Boggart
 - 2.9.3.1.1 repelling incantation
 - 2.9.3.1.1.1 *Ridikkulus*
 - 2.9.3.2 Dementor
 - 2.9.3.2.1 repelling charm
 - 2.9.3.2.1.1 Patronus Charm
 - 2.9.3.2.1.1.1 repelling incantation
 - 2.9.3.2.1.1.1.1 *expecto patronum*
 - 2.9.3.2.1.1.1.1.1 Patronus Charm effect
 - 2.9.3.2.1.1.1.1.1.1 Patronus
 - 2.9.3.3 ...
 - 2.9.4 jinxes**
 - 2.9.4.1 Impediment Jinx
 - 2.9.4.1.1 incantation
 - 2.9.4.1.1.1 *Impedimenta*
 - 2.9.4.2 ...
 - 2.9.5 ...
- 2.10 Divination**
 - 2.10.1 magical objects**
 - 2.10.1.1 crystal ball
 - 2.10.1.2 prophecy
 - 2.10.1.3 tea leaves
 - 2.10.1.4 ...
 - 2.10.2 omen of death**
 - 2.10.2.1 Grim
 - 2.10.2.2 ...
 - 2.10.3 ...
- 2.11 History of Magic**
- 2.12 Herbology**
 - 2.12.1 magical plants**

- 2.12.1.1 Gillyweed
- 2.12.1.2 Mandrake
- 2.12.1.3 *Mimbulus minbletonia*
- 2.12.1.4 Whomping Willow
- 2.12.1.5 ...
- 2.13 Legilimency**
 - 2.13.1 incantation
 - 2.13.1.1 *Legilimens*
 - 2.13.2 ...
- 2.14 Muggle Studies**
- 2.15 Necromancy**
- 2.16 Occlumency**
- 2.17 Potions**
 - 2.17.1 antidote
 - 2.17.1.1 magical stone
 - 2.17.1.1.1 bezoar
 - 2.17.1.2 ...
 - 2.17.2 instruments
 - 2.17.2.1 cauldron
 - 2.17.2.2 scale
 - 2.17.2.3 ...
 - 2.17.3 law
 - 2.17.3.1 Golpalott's Third Law
 - 2.17.3.2 ...
 - 2.17.4 potions
 - 2.17.4.1 Draught of Living Death
 - 2.17.4.1.1 ingredients
 - 2.17.4.1.1.1 asphodel
 - 2.17.4.1.1.2 Sopophorus Bean
 - 2.17.4.1.1.3 wormwood
 - 2.17.4.1.1.4 ...
 - 2.17.4.2 Felix Felicis
 - 2.17.4.3 Polyjuice Potion
 - 2.17.4.4 Veritaserum
 - 2.17.4.5 ...
- 2.18 Transfiguration**
- 3 magical objects**
 - 3.1 Deathly Hallows
 - 3.1.1 Cloak of Invisibility
 - 3.1.2 Elder Wand
 - 3.1.3 Resurrection Stone
 - 3.2 Marauder's Map
 - 3.3 Mirror of Erised
 - 3.4 Omnioculars
 - 3.5 Pensieve
 - 3.6 Remembrall
 - 3.7 Sneakoscope
 - 3.8 Sorting Hat
 - 3.9 Time-turner
 - 3.10 ...
- 4 wizarding currency**
 - 4.1 coins
 - 4.1.1 Galleon
 - 4.1.2 Knut
 - 4.1.3 Sickle
- 5 wizarding means of communication**
 - 5.1 owl post
 - 5.1.1 bird
 - 5.1.1.1 owl
 - 5.2 Floo Network

- 5.3 ...
 - 6 wizarding means of transportation
 - 6.1 broomstick
 - 6.2 Floo Network
 - 6.2.1 powder
 - 6.2.1.1 Floo powder
 - 6.3 Knight Bus
 - 6.4 Portkey
 - 6.5 ...
- 7 wizarding sports and competition
 - 7.1 sport
 - 7.1.1 Quidditch
 - 7.1.1.1 balls
 - 7.1.1.1.1 Bludger
 - 7.1.1.1.2 Golden Snitch
 - 7.1.1.1.3 Quaffle
 - 7.1.1.2 broomstick
 - 7.1.1.3 fouls
 - 7.1.1.3.1 Blagging
 - 7.1.1.3.2 Blurting
 - 7.1.1.3.3 Bumphing
 - 7.1.1.3.4 Cobbing
 - 7.1.1.3.5 Flacking
 - 7.1.1.3.6 Haversacking
 - 7.1.1.3.7 Matching
 - 7.1.1.3.8 Quaffle-poking
 - 7.1.1.3.9 Snitchnip
 - 7.1.1.3.10 Stooging
 - 7.1.1.4 moves
 - 7.1.1.4.1 Bludger Backbeat
 - 7.1.1.4.2 Dinklebeater Defence
 - 7.1.1.4.3 Double Eight Loop
 - 7.1.1.4.4 Hawshead Attacking Formation
 - 7.1.1.4.5 Parkin's Pincer
 - 7.1.1.4.6 Plumpton Pass
 - 7.1.1.4.7 Porskoff Ploy
 - 7.1.1.4.8 Reverse Pass
 - 7.1.1.4.9 Sloth Grip Roll
 - 7.1.1.4.10 Starfish and Stick
 - 7.1.1.4.11 Transylvanian Tackle
 - 7.1.1.4.12 Woollongong Shimmy
 - 7.1.1.4.13 Wronski Feint
 - 7.1.1.5 pitch
 - 7.1.1.6 players
 - 7.1.1.6.1 Beater
 - 7.1.1.6.2 Chaser
 - 7.1.1.6.3 Keeper
 - 7.1.1.6.4 Seeker
 - 7.2 competition
 - 7.2.1 Triwizard Tournament
 - 7.2.1.1 process
 - 7.2.1.1.1 Weighing of the Wands (Wand Weighing)
 - 7.2.1.2 magical objects
 - 7.2.1.2.1 Goblet of Fire
 - 7.2.1.2.2 ...
 - 7.2.1.3 ...
 - 7.2.2 ...
 - 7.3 ...
 - 8 ...
 - ...

Optamos por destacar nas cores verde brilhante, turquesa e amarelo, o primeiro, segundo e terceiro níveis da hierarquia, respectivamente, para facilitar a visualização e identificação dos níveis. Os níveis não coloridos são os mais específicos (quarto nível em diante) dentro da lista sistemática. Já que todos os termos são usados na área temática *Witchcraft and Wizardry*, optamos por não atribuir um número que identifica esse nível na hierarquia. Isso porque ele seria o mesmo número em todos os termos. À medida que os termos subordinados desdobram-se, eles passam a conter a mesma numeração do termo superordenado, hiperônimo, ou gênero próximo, bem como o número que os diferencia. Por exemplo, o número 1.1.1.1.3 é interpretado como um termo usado na área *Witchcraft and Wizardry* na qual há seres (1 *beings*) que são humanos (1.1. *human beings*) e mágicos (1.1.1 *magical human beings*) denominados bruxo/bruxa (1.1.1.1 *wizard/witch*), cujo tipo de estatuto sanguíneo (1.1.1.1.1 *blood status*) é designado pelo termo *Muggle-born* ou ofensivamente *Mudblood* (1.1.1.1.3), que ocupa a terceira posição na lista de estatuto sanguíneo em ordem alfabética. Os termos entre parênteses são outras denominações para a mesma noção em uma relação de co-hiponímia ou coordenação, ao invés de hiperonímia ou subordinação. A numeração entre parênteses indicada após alguns termos refere-se a outro campo do sistema conceptual em que tal termo também pode ser usado. A presença do asterisco após certos termos indica também que eles podem ser usados em campos diversos do sistema conceptual, sendo difícil precisar todos esses campos. Apenas a título de exemplificação de outra forma de organização conceptual, elaboramos na FIGURA 20 uma visualização gráfica da parte inicial da lista sistemática.

FIGURA 20 – Representação gráfica de parte do sistema de conceitos da série HP



Fonte: Elaboração do autor.

A hierarquia foi elaborada com base nas listas de palavras-chave e em consultas tanto às linhas de concordâncias quanto aos contextos linguísticos maiores. O uso das concordâncias e dos contextos foi realizado a fim de identificar termos de extensão fraseológica, ou seja, compostos por duas unidades lexicais ou mais. Observamos se certas unidades lexicais eram usadas em um padrão lexicogramatical ou agrupamento (*cluster*). Mesmo certas unidades que não constavam na lista de palavras-chave foram incluídas na hierarquia para uma representação maior do âmbito conceptual das obras. Os termos utilizados para a composição da amostra do glossário, contudo, foram todos identificados como palavras-chave pelo WST. Incluímos na hierarquia uma quantidade de termos que consideramos suficiente para demonstrar a complexidade, riqueza e diversidade de formações terminológicas ficcionais. Para a elaboração das fichas terminológicas, selecionamos termos de diferentes âmbitos para refletir diferentes níveis de especialização.

Ressaltamos que a hierarquia estabelecida não representa a totalidade das relações conceptuais dos textos do *corpus*. Prova disso são os usos de reticências (...) quando da não totalidade dos elementos identificados em determinada categoria. Trata-se, portanto, de uma

amostra dessas relações. Além disso, por ser uma representação conceptual parcial, ela reflete o nosso entendimento de como essas relações são estabelecidas. Em outras palavras, não se trata de uma versão única, já que outros pesquisadores podem ter uma percepção diferente dessas relações, de modo que se estabeleça uma estrutura diferente da que foi elaborada.

No próximo capítulo, apresentamos a análise da macroestrutura e microestrutura textuais. Em consonância com a TT, realizamos essa análise para um reconhecimento da organização dos textos que compõem o *corpus*, e do papel que os termos desempenham nessa organização.

6 ANÁLISE E DESCRIÇÃO DO *CORPUS*: MACROESTRUTURA E MICROESTRUTURA TEXTUAIS

Neste capítulo tratamos da análise qualitativa e descrição do *corpus* em suas dimensões macroestruturais e microestruturais. Na análise macrotextual, analisamos os títulos das obras e os títulos dos capítulos. No nível microtextual, descrevemos as notas de rodapé e a formação do conceito dos termos. Para a análise das estruturas textuais, conjugamos uma análise visual da distribuição dos elementos nas páginas das obras e análise das linhas de concordâncias.

6.1 Análise da macroestrutura textual

A macroestrutura de um texto refere-se a como um texto se organiza em suas estruturas que ultrapassam o nível de frases e parágrafos, incluindo seções, subdivisões, capítulos, títulos, dentre outras unidades maiores que se subdividem em blocos de textos. Ressaltamos que nossa análise macrotextual não pretende ser exaustiva. Nossa foco será em elementos da macroestrutura textual que nos possibilite, principalmente, identificar candidatos a termos. A prática de análise macrotextual está em acordo com a TT (cf. Capítulo 3).

Principiamos com uma descrição da situação comunicativa estabelecida entre enunciador e enunciatário na leitura da série HP. Entendemos que na leitura do texto literário instaura-se uma relação em que um enunciador engendra um discurso por meio da língua com o objetivo de que o enunciatário acredite nos eventos narrados, pelo menos enquanto durar a leitura. Identificamos a modalidade fazer-crer exercida pela linguagem literária na modelização de um mundo ficcional linguístico-sintético. Por meio da leitura, o enunciatário reconstrói o mundo ficcional no percurso de decodificação. Assim, compreendemos que, ao construir um mundo ficcional pela atividade textual, o enunciador faz uso de conhecimentos que o enunciatário pode não estar familiarizado, principalmente por ser um mundo ficcional que, em certa medida, desvia do mundo real. Mesmo com a experiência de universos de discurso e de outras manifestações literárias textuais que o enunciatário possa ter, a explicação e/ou definição de certos elementos desse mundo, principalmente aqueles que recebem uma conceituação bem particular a ele, tornam-se necessárias. Identificamos, portanto, um cenário comunicativo em que o leitor, parcialmente familiarizado com o mundo ficcional, passa a ter conhecimento de um mundo ficcional criado por um enunciador. Tendo feito esse breve reconhecimento da situação comunicativa, passaremos à identificação de certos elementos da macroestrutura textual.

Antes, cabe dizer que,

Em geral, existem processos comunicativos maduros dos dispositivos que servem para sugerir ao leitor como destacar um texto e segundo quais modalidades lê-lo. Trata-se de metassignos muito institucionalizados e evidentes no plano perceptivo, que são chamados *paratextos* [...]. O paratexto é tudo aquilo que se situa ao redor do verdadeiro texto: o nome do autor, o título, o prefácio, a quarta capa, as citações, também as análises críticas da obra, além de entrevistas com o autor. No caso dos textos escritos, o paratexto pode ser subdividido em duas zonas editoriais distintas: o *peritexto* (conjunto das mensagens paratextuais encontradas no livro do texto) e o *epitexto* (conjunto das mensagens paratextuais encontradas, ao menos originariamente, no exterior do livro: críticas, correspondências, entrevistas etc.) (VOLLI, 2012, p. 79-80).

A partir dessa caracterização paratextual, nossa análise macrotextual levará em conta, apenas os elementos peritextuais verbais que nos auxiliem na identificação de candidatos a termos, bem como de um modo de dizer que particularize o discurso ficcional de fantasia.

A seguir apresentamos os títulos dos capítulos, dentre outras subdivisões textuais, de cada um dos volumes que constituem o *corpus* de estudo desta pesquisa. Esses títulos internos ou *intertítulos* (GENETTE, 2009, p. 259) indicam seções de um livro, como “partes, capítulos, parágrafos de um texto unitário, ou poemas, novelas, ensaios constitutivos de uma coletânea” (GENETTE, 2009, p. 259-260). Entendemos que, estruturalmente, os *intertítulos* são parte da macroestrutura textual e constituem um aspecto importante de análise quando se pretende descrever textos em uma perspectiva terminológica. Por ocupar um lugar de destaque no topo da página inicial de cada capítulo em fonte e tamanho diferentes dos demais elementos do texto, consideramos importante analisá-los como possíveis indicadores de candidatos a termos.

Nos títulos dos 17 capítulos, apresentados a seguir (QUADRO 6), *Sorting Hat (magical object)*, *Potions (branches of Magic)*, *Quidditch (sport)*, *Mirror of Erised (magical object)*, *Norwegian Ridgeback (magical beast > dragon > species)* foram identificados como candidatos a termos, uma vez que se enquadram no sistema conceptual elaborado, conforme as categorias entre parênteses indicam. No próprio título da obra *Harry Potter and the Philosopher's Stone* temos a indicação de uma pedra mágica, *Philosopher's Stone*, que também se configura como termo.

QUADRO 6 – Títulos dos capítulos de HP 1

| <i>Harry Potter and the Philosopher's Stone</i> | |
|---|--------------------------|
| Chapter | Title |
| 01 | <i>The Boy Who Lived</i> |

| | |
|----|--|
| 02 | <i>The Vanishing Glass</i> |
| 03 | <i>The Letters from No one</i> |
| 04 | <i>The Keeper of the Keys</i> |
| 05 | <i>Diagon Alley</i> |
| 06 | <i>The Journey From Platform Nine And Three-quarters</i> |
| 07 | <i>The Sorting Hat</i> |
| 08 | <i>The Potions Master</i> |
| 09 | <i>The Midnight Duel</i> |
| 10 | <i>Halloween</i> |
| 11 | <i>Quidditch</i> |
| 12 | <i>The Mirror Of Erised</i> |
| 13 | <i>Nicolas Flamel</i> |
| 14 | <i>Norbert, The Norwegian Ridgeback</i> |
| 15 | <i>The Forbidden Forest</i> |
| 16 | <i>Through The Trapdoor</i> |
| 17 | <i>The Man With Two Faces</i> |

Fonte: Elaboração do autor com base na obra *Harry Potter and the Philosopher's Stone*.

A seguir (QUADRO 7), dentre os 18 intertítulos, destacamos os seguintes candidatos a termos: *Whomping Willow* (*magical plants*), *Mudblood* (*wizard/witch > blood status*), *Bludger* (*Quidditch > balls*), *Polyjuice Potion* (*Potions > potions*).

QUADRO 7 – Títulos dos capítulos de HP 2

| <i>Harry Potter and the Chamber of Secrets</i> | |
|---|--------------------------------|
| Chapter | Title |
| 01 | <i>The Worst Birthday</i> |
| 02 | <i>Dobby's Warning</i> |
| 03 | <i>The Burrow</i> |
| 04 | <i>At Flourish and Blotts</i> |
| 05 | <i>The Whomping Willow</i> |
| 06 | <i>Gilderoy Lockhart</i> |
| 07 | <i>Mudbloods and Murmurs</i> |
| 08 | <i>The Deathday Party</i> |
| 09 | <i>The Writing on the Wall</i> |
| 10 | <i>The Rogue Bludger</i> |
| 11 | <i>The Dueling Club</i> |
| 12 | <i>The Polyjuice Potion</i> |
| 13 | <i>The Very Secret Diary</i> |
| 14 | <i>Cornelius Fudge</i> |
| 15 | <i>Aragog</i> |
| 16 | <i>The Chamber of Secrets</i> |
| 17 | <i>The Heir of Slytherin</i> |
| 18 | <i>Dobby's Reward</i> |

Fonte: Elaboração do autor com base na obra *Harry Potter and the Chamber of Secrets*.

Nos 22 intertítulos em sequência (QUADRO 8), os seguintes candidatos a termos foram identificados: *Owl Post* (*wizarding means of communication*), *Knight Bus* (*wizarding*

means of transportation), Dementor (dark creatures), Boggart (dark creatures), Marauder's Map (magical objects), Patronus (effect), Quidditch (sport).

QUADRO 8 – Títulos dos capítulos de HP 3

| <i>Harry Potter and the Prisoner of Azkaban</i> | |
|--|--|
| Chapter | Title |
| 01 | <i>Owl Post</i> |
| 02 | <i>Aunt Marge's Big Mistake</i> |
| 03 | <i>The Knight Bus</i> |
| 04 | <i>The Leaky Cauldron</i> |
| 05 | <i>The Dementor</i> |
| 06 | <i>Letters and Tea Leaves</i> |
| 07 | <i>The Boggart in the Wardrobe</i> |
| 08 | <i>Flight of the Fat Lady</i> |
| 09 | <i>Grim Defeat</i> |
| 10 | <i>The Marauder's Map</i> |
| 11 | <i>The Firebolt</i> |
| 12 | <i>The Patronus</i> |
| 13 | <i>Gryffindor vs. Ravenclaw</i> |
| 14 | <i>Snape's Grudge</i> |
| 15 | <i>The Quidditch Final</i> |
| 16 | <i>Professor Trelawney's Prediction</i> |
| 17 | <i>Cat, Rat and Dog</i> |
| 18 | <i>Moony, Wormtail, Padfoot and Prongs</i> |
| 19 | <i>The Servant of Lord Voldemort</i> |
| 20 | <i>The Dementors' Kiss</i> |
| 21 | <i>Hermione's Secret</i> |
| 22 | <i>Owl Post Again</i> |

Fonte: Elaboração do autor com base na obra *Harry Potter and the Prisoner of Azkaban*.

Dentre os 37 intertítulos do QUADRO 9, destacamos os seguintes candidatos: *Portkey (wizarding means of transportation), Dark Mark (wizard's sign), Triwizard Tournament (competitions), Unforgivable Curses (curses), Goblet of Fire (magical object), Wands (magical object), Weighing of the Wands (process), Hungarian Horntail (dragon > species), House-Elf (non-human magical being), Pensieve (magical object), Death Eaters (class of dark wizards), Priori Incantatem (reverse spell effect), Veritaserum (kinds of potions).*

QUADRO 9 – Títulos dos capítulos de HP 4

| <i>Harry Potter and the Goblet of Fire</i> | |
|---|---------------------------|
| Chapter | Title |
| 01 | <i>The Riddle House</i> |
| 02 | <i>The Scar</i> |
| 03 | <i>The Invitation</i> |
| 04 | <i>Back to the Burrow</i> |

| | |
|----|---------------------------------------|
| 05 | <i>Weasley's Wizarding Wheezes</i> |
| 06 | <i>The Portkey</i> |
| 07 | <i>Bagman and Crouch</i> |
| 08 | <i>The Quidditch World Cup</i> |
| 09 | <i>The Dark Mark</i> |
| 10 | <i>Mayhem at the Ministry</i> |
| 11 | <i>Aboard the Hogwarts Express</i> |
| 12 | <i>The Triwizard Tournament</i> |
| 13 | <i>Mad-Eye Moody</i> |
| 14 | <i>The Unforgivable Curses</i> |
| 15 | <i>Beauxbatons and Durmstrang</i> |
| 16 | <i>The Goblet of Fire</i> |
| 17 | <i>The Four Champions</i> |
| 18 | <i>The Weighing of the Wands</i> |
| 19 | <i>The Hungarian Horntail</i> |
| 20 | <i>The First Task</i> |
| 21 | <i>The House-Elf Liberation Front</i> |
| 22 | <i>The Unexpected Task</i> |
| 23 | <i>The Yule Ball</i> |
| 24 | <i>Rita Skeeter's Scoop</i> |
| 25 | <i>The Egg and the Eye</i> |
| 26 | <i>The Second Task</i> |
| 27 | <i>Padfoot Returns</i> |
| 28 | <i>The Madness of Mr Crouch</i> |
| 29 | <i>The Dream</i> |
| 30 | <i>The Pensieve</i> |
| 31 | <i>The Third Task</i> |
| 32 | <i>Flesh, Blood and Bone</i> |
| 33 | <i>The Death Eaters</i> |
| 34 | <i>Priori Incantatem</i> |
| 35 | <i>Veritaserum</i> |
| 36 | <i>The Parting of the Ways</i> |
| 37 | <i>The Beginning</i> |

Fonte: Elaboração do autor com base na obra *Harry Potter and the Goblet of Fire*.

Dentre os 38 intertítulos organizados no QUADRO 10, identificamos os seguintes candidatos a termos: *owls (wizarding means of communication)*, *phoenix (magical beasts)*, *Sorting Hat (magical objects)*, *Occlumency (branches of magic)*, *centaur (magical beasts)*, *prophecy (magical objects)*.

QUADRO 10 – Títulos dos capítulos de HP 5

| <i>Harry Potter and the Order of the Phoenix</i> | |
|---|--------------------------|
| Chapter | Title |
| 01 | <i>Dudley Demented</i> |
| 02 | <i>A Peck of Owls</i> |
| 03 | <i>The Advance Guard</i> |

| | |
|----|---|
| 04 | <i>Number Twelve, Grimmauld Place</i> |
| 05 | <i>The Order of the Phoenix</i> |
| 06 | <i>The Noble and Most Ancient House of Black</i> |
| 07 | <i>The Ministry of Magic</i> |
| 08 | <i>The Hearing</i> |
| 09 | <i>The Woes of Mrs. Weasley</i> |
| 10 | <i>Luna Lovegood</i> |
| 11 | <i>The Sorting Hat's New Song</i> |
| 12 | <i>Professor Umbridge</i> |
| 13 | <i>Detention with Dolores</i> |
| 14 | <i>Percy and Padfoot</i> |
| 15 | <i>The Hogwarts' High Inquisitor</i> |
| 16 | <i>In The Hog's Head</i> |
| 17 | <i>Educational Decree Number Twenty-Four</i> |
| 18 | <i>Dumbledore's Army</i> |
| 19 | <i>The Lion and the Serpent</i> |
| 20 | <i>Hagrid's Tale</i> |
| 21 | <i>The Eye of the Snake</i> |
| 22 | <i>St. Mungo's Hospital for Magical Maladies and Injuries</i> |
| 23 | <i>Christmas on the Closed Ward</i> |
| 24 | <i>Occlumency</i> |
| 25 | <i>The Beetle at Bay</i> |
| 26 | <i>Seen and Unforeseen</i> |
| 27 | <i>The Centaur and the Sneak</i> |
| 28 | <i>Snape's Worst Memory</i> |
| 29 | <i>Career Advice</i> |
| 30 | <i>Grawp</i> |
| 31 | <i>O.W.L.s</i> |
| 32 | <i>Out of the Fire</i> |
| 33 | <i>Fight and Flight</i> |
| 34 | <i>The Department of Mysteries</i> |
| 35 | <i>Beyond the Veil</i> |
| 36 | <i>The Only One He Ever Feared</i> |
| 37 | <i>The Lost Prophecy</i> |
| 38 | <i>The Second War Begins</i> |

Fonte: Elaboração do autor com base na obra *Harry Potter and the Order of the Phoenix*.

Dos trinta intertítulos do QUADRO 11, identificamos os seguintes candidatos a termo: *half-blood* (*wizard/witch > blood status*), *Felix Felicis* (*Potions > potions*), *Unbreakable Vow* (*charms*), *Horcruxes* (*Dark Arts > magical object, animal or person*), *Sectumsempra* (*incantation*), *phoenix* (*magical beasts*).

QUADRO 11 – Títulos dos capítulos de HP 6

| <i>Harry Potter and the Half-Blood Prince</i> | |
|--|---------------------------|
| Chapter | Title |
| 01 | <i>The Other Minister</i> |

| | |
|----|-----------------------------------|
| 02 | <i>Spinner's End</i> |
| 03 | <i>Will and Won't</i> |
| 04 | <i>Horace Slughorn</i> |
| 05 | <i>An Excess of Phlegm</i> |
| 06 | <i>Draco's Detour</i> |
| 07 | <i>The Slug Club</i> |
| 08 | <i>Snape Victorious</i> |
| 09 | <i>The Half-Blood Prince</i> |
| 10 | <i>The House of Gaunt</i> |
| 11 | <i>Hermione's Helping Hand</i> |
| 12 | <i>Silver and Opals</i> |
| 13 | <i>The Secret Riddle</i> |
| 14 | <i>Felix Felicis</i> |
| 15 | <i>The Unbreakable Vow</i> |
| 16 | <i>A Very Frosty Christmas</i> |
| 17 | <i>A Sluggish Memory</i> |
| 8 | <i>Birthday Surprises</i> |
| 19 | <i>Elf Tails</i> |
| 20 | <i>Lord Voldemort's Request</i> |
| 21 | <i>The Unknowable Room</i> |
| 22 | <i>After the Burial</i> |
| 23 | <i>Horcruxes</i> |
| 24 | <i>Sectumsempra</i> |
| 25 | <i>The Seer Overheard</i> |
| 26 | <i>The Cave</i> |
| 27 | <i>The Lightning-Struck Tower</i> |
| 28 | <i>Flight of the Prince</i> |
| 29 | <i>The Phoenix Lament</i> |
| 30 | <i>The White Tomb</i> |

Fonte: Elaboração do autor com base na obra *Harry Potter and the Half-Blood Prince*.

Dentre os 36 intertítulos do QUADRO 12, identificamos os seguintes candidatos a termos: *Ghoul* (*magical beasts*), *Muggle-Born* (*wizard/witch > blood status*), *Goblin* (*non-human magical beings*), *Deathly Hallows* (*magical objects*), *Elder Wand* (*Deathly Hallows*).

QUADRO 12 – Títulos dos capítulos de HP 7

| Harry Potter and the Deathly Hallows | |
|--------------------------------------|-------------------------------------|
| Chapter | Title |
| 01 | <i>The Dark Lord Ascending</i> |
| 02 | <i>In Memoriam</i> |
| 03 | <i>The Dursleys Departing</i> |
| 04 | <i>The Seven Potters</i> |
| 05 | <i>Fallen Warrior</i> |
| 06 | <i>The Ghoul in Pyjamas</i> |
| 07 | <i>The Will of Albus Dumbledore</i> |
| 08 | <i>The Wedding</i> |

| | |
|----|---|
| 09 | <i>A Place to Hide</i> |
| 10 | <i>Kreacher's Tale</i> |
| 11 | <i>The Bribe</i> |
| 12 | <i>Magic is Might</i> |
| 13 | <i>The Muggle-Born Registration Comission</i> |
| 14 | <i>The Thief</i> |
| 15 | <i>The Goblin's Revenge</i> |
| 16 | <i>Godric's Hollow</i> |
| 17 | <i>Bathilda's Secret</i> |
| 18 | <i>The Life and Lies of Albus Dumbledore</i> |
| 19 | <i>The Silver Doe</i> |
| 20 | <i>Xenophilius Lovegood</i> |
| 21 | <i>The Tale of the Three Brothers</i> |
| 22 | <i>The Deathly Hallows</i> |
| 23 | <i>Malfoy Manor</i> |
| 24 | <i>The Wandmaker</i> |
| 25 | <i>Shell Cottage</i> |
| 26 | <i>Griphook's</i> |
| 27 | <i>The Final Hiding Place</i> |
| 28 | <i>The Missing Mirror</i> |
| 29 | <i>The Lost Diadem</i> |
| 30 | <i>The Sacking of Severus Snape</i> |
| 31 | <i>The Battle of Hogwarts</i> |
| 32 | <i>The Elder Wand</i> |
| 33 | <i>The Prince's Tale</i> |
| 34 | <i>The Forest Again</i> |
| 35 | <i>King's Cross</i> |
| 36 | <i>The Flaw in the Plan</i> |
| | <i>Epilogue</i> <i>Nineteen Years Later</i> |

Fonte: Elaboração do autor com base na obra *Harry Potter and the Deathly Hallows*.

Identificamos os seguintes candidatos a termo nos subtítulos constantes no QUADRO 13: *Beast (Magizoology)*, *Muggle (human beings > non-magical human beings)* e *Magizoology (Care of Magical Creatures)*.

QUADRO 13 – Títulos dos capítulos de FB

| <i>Fantastic Beasts and Where to Find Them</i> | |
|--|--|
| Chapter | Title |
| Ø | <i>About the Author</i> |
| Ø | <i>Foreword by Albus Dumbledore</i> |
| Ø | <i>Introduction by Newt Scamander</i> |
| Ø | <i>About this Book</i> |
| Ø | <i>What Is a Beast?</i> |
| Ø | <i>A Brief History of Muggle Awareness of Fantastic Beasts</i> |
| Ø | <i>Magical Beasts in Hiding</i> |
| Ø | <i>Why Magizoology Matters</i> |

| | |
|---|---|
| Ø | <i>Ministry of Magic Classification</i> |
| Ø | <i>An A-Z of Fantastic Beasts</i> |

Fonte: Elaboração do autor com base na obra *Fantastic Beasts and Where to Find Them*.

Nos intertítulos do QUADRO 14, foram identificados os seguintes candidatos a termo: *Broomstick/Broom (wizarding means of transportation)*, *Golden Snitch (Quidditch > balls)*, *Quidditch (wizarding sports and competitions > sports)*.

QUADRO 14 – Títulos dos capítulos de QA

| <i>Quidditch Through the Ages</i> | |
|--|---|
| Chapter | Title |
| Ø | <i>About the Author</i> |
| Ø | <i>Foreword</i> |
| 01 | <i>The Evolution of the Flying Broomstick</i> |
| 02 | <i>Ancient Broom Games</i> |
| 03 | <i>The Game From Queerditch Marsh</i> |
| 04 | <i>The Arrival of the Golden Snitch</i> |
| 05 | <i>Anti-Muggle Precautions</i> |
| 06 | <i>Changes in Quidditch since the Fourteenth Century</i> <i>Pitch</i> <i>Balls</i> <i>Players</i> <i>Rules</i> <i>Referees</i> |
| 07 | <i>Quidditch Teams of Britain and Ireland</i> |
| 08 | <i>The Spread of Quidditch Worldwide</i> |
| 09 | <i>The Development of the Racing Broom</i> |
| 10 | <i>Quidditch Today</i> |

Fonte: Elaboração do autor com base na obra *Quidditch Through the Ages*.

Constantes nos intertítulos do QUADRO 15, identificamos os seguintes termos: *wizard (magical human beings)*, *warlock (magical human beings)*.

QUADRO 15 – Títulos dos capítulos de TB

| <i>The Tales of Beedle the Bard</i> | |
|--|---|
| Chapter | Title |
| Ø | <i>Introduction</i> |
| 01 | <i>The Wizard and the Hopping Pot</i> |
| Ø | <i>Albus Dumbledore on “The Wizard and the Hopping Pot”</i> |
| 02 | <i>The Fountain of Fair Fortune</i> |
| Ø | <i>Albus Dumbledore on “The Fountain of Fair Fortune”</i> |
| 03 | <i>The Warlock’s Hairy Heart</i> |
| Ø | <i>Albus Dumbledore on “The Warlock’s Hairy Heart”</i> |
| 04 | <i>Babbity Rabbity and her Cackling Stump</i> |

| | |
|----|---|
| Ø | <i>Albus Dumbledore on “Babbity Rabbity and her Cackling Stump”</i> |
| 05 | <i>The Tale of the Three Brothers</i> |
| Ø | <i>Albus Dumbledore on “The Tale of the Three Brothers”</i> |

Fonte: Elaboração do autor com base na obra *The Tales of Beedle the Bard*.

Notamos com a observação dos *intertítulos* a presença de termos. Entendemos que, ao serem usados em um *intertítulo*, os termos possuem uma função para além de mera denominação de um conceito. Eles integram um elemento da constituição textual gozando de proeminência ao ser usado no topo da página. A observação dos *intertítulos* foi importante não só para a identificação de candidatos a termos, mas também na identificação de sua função enquanto elemento passível de ser usado em componentes da macroestrutura textual tanto nos títulos dos próprios volumes, como nos *intertítulos*.

6.2 Análise da microestrutura textual

Iniciaremos a análise microtextual do *corpus* com as notas de rodapé para, em seguida, passarmos para a análise de um exemplo de formação conceptual de um termo.

6.2.1 Notas de rodapé

De acordo com Genette (2009, p. 281) “uma nota é um enunciado de tamanho variável (basta uma palavra) relativo a um segmento mais ou menos determinado de um texto, e disposto seja em frente seja como referência a esse segmento.” O mesmo autor destaca que, do ponto de vista formal, as notas têm um caráter parcial e local. Dentre os diferentes tipos de notas ressaltamos as notas autorais assuntivas que costumam ser mais frequentes e às vezes assinadas com as iniciais do autor (GENETTE, 2009, p. 284).

Dentre os 10 textos constituintes do *corpus*, apenas 3 possuem notas de rodapé. Tratam-se dos volumes complementares à série Harry Potter (cf. Capítulo 5). Uma vez que as notas de rodapé não foram etiquetadas, para a identificação delas, geramos linhas de concordâncias das ocorrências numéricas do *corpus* ordenadas pela sequência crescente dos arquivos do *corpus*. Pudemos facilmente localizar as notas e o local do texto a que fazem referência. Assim, tivemos condições de realizar o cotejo das notas assim distribuídas: 26 notas em FB, 2 notas em QA e 27 notas em TB, totalizando 58 notas.

De modo geral, as notas nas três obras ocorrem ao pé das páginas à que fazem referência em ordem numérica sequencial crescente. Em FB as notas vão de 1 a 10, e na seção intitulada *An A-Z of Fantastic Beasts* elas são reiniciadas e vão de 1 a 16. Em QA as duas notas

são indicadas pelo algarismo ‘1’. Isso se deve ao fato de que cada uma das notas pertence a um capítulo diferente. Em TB as notas são apresentadas apenas nas seções dos comentários do professor Albus Dumbledore em ordem numérica sequencial crescente. São cinco seções de comentários nas quais as notas são assim distribuídas: 1 a 3; 1 a 4; 1 a 5; 1 a 6; 1 a 9.

As notas observadas revelam que em FB e QA elas se caracterizam de forma semelhante. São notas autorais de J. K. Rowling atribuídas aos autores ficcionais das obras, Newt Scamander e Kennilworthy Whisp, respectivamente. O destinatário das notas é, em princípio, o leitor do texto, contudo, elas podem ser endereçadas “[...] apenas a alguns leitores: aqueles a quem possa interessar determinada consideração complementar ou digressiva, cujo caráter acessório justifica exatamente a colocação em nota” (GENETTE, 2009, p. 285). No caso das notas de FB e QA, no plano ficcional, elas são endereçadas aos leitores ficcionais, aos bruxos, uma vez que ambos os volumes são provenientes da biblioteca de Hogwarts, a qual é frequentada por bruxos e bruxas. Ao passo que as obras são comercializadas na comunidade trouxa (não-bruxa), os leitores trouxas (nós) assumem a posição de destinatários secundários.

A nota seguinte em QA, por exemplo, apresenta uma explicação em relação à equivalência do valor de *one hundred and fifty Galleons* (um tipo de moeda utilizada na comunidade bruxa) em relação ao valor correspondente nos dias atuais, informação que, em princípio, seria de importância maior para o melhor entendimento do leitor bruxo.

1. Equivalent to over a million Galleons today. Whether Chief Bragge intended to pay or not is a moot point.

A nota seguinte explica o momento histórico e a razão pela qual os bruxos passaram a ter o direito de carregarem suas varinhas a todo momento.

1. The right to carry a wand at all times was established by the International Confederation of Wizards in 1692, when Muggle persecution was at its height and the wizards were planning their retreat into hiding.

Uma nota em FB que atesta o fato de o leitor trouxa ser secundário é a seguinte:

6 In the absence of magic, Chizpurfles have been known to attack electrical objects from within (for a fuller understanding of what electricity is, see *Home Life and Social Habits of British Muggles*, Wilhelm Wigworthy, Little Red Books, 1987). Chizpurfle infestations explain the puzzling failure of many relatively new Muggle electrical artifacts.

Nessa nota, o autor indica uma referência para melhor entendimento sobre o que é ‘eletricidade’. O conceito de eletricidade para os não-bruxos é facilmente compreendido. Para os bruxos, contudo, parece haver certa dificuldade. Em outras palavras, essa nota, no plano ficcional, está sendo endereçada ao leitor bruxo. Para o leitor trouxa, no plano real, esse tipo de nota funciona como elemento de humor. Além disso, a nota em questão apresenta informações relativas a uma criatura mágica, o *Chizpuffle*, que identificamos como uma designação terminológica em *Magizoology*.

A nota seguinte, também acrescenta um elemento de humor ao texto ao explicitar a concepção trouxa de *fairy*.

7 Muggles have a great weakness for fairies, which feature in a variety of tales written for their children. These “fairy tales” involve winged beings with distinct personalities and the ability to converse as humans (though often in a nauseatingly sentimental fashion). Fairies, as envisaged by the Muggle, inhabit tiny dwellings fashioned out of flower petals, hollowed-out toadstools, and similar. They are often depicted as carrying wands. Of all magical beasts the fairy might be said to have received the best Muggle press.

Como as notas anteriores de FB, a nota seguinte também tem traços de humor:

8 For a fascinating examination of this fortunate tendency of Muggles, the reader might like to consult *The Philosophy of the Mundane: Why the Muggles Prefer Not to Know*, Professor Mordicus Egg (Dust & Mildewe, 1963).

Ao mesmo tempo em que há indicações de detalhes do mundo ficcional, há um elemento de sátira em relação ao comportamento humano não-bruxo na nota anterior. Os trouxas preferem ignorar aquilo que os assustam ou não entendem, como a magia.

Em TB, após a introdução da autora, consta a seguinte nota sobre as notas de rodapé:

A Note on the Footnotes

Professor Dumbledore appears to have been writing for a wizarding audience, so I have occasionally inserted an explanation of a term or fact that might need clarification for Muggle readers. JKR

Consideramos essa nota como uma indicação do cenário comunicativo em que a obra se insere. Uma vez que Dumbledore estaria escrevendo para o público bruxo, há a necessidade de que a autora esclareça certos termos e fatos para o público não-bruxo. Em outras palavras, assume-se que o leitor não-bruxo não tem familiaridade com a terminologia que constitui o universo de discurso bruxo, surgindo a necessidade de explicações. Tais

explicações, em grande medida, são feitas em enunciados definitórios, apresentados a seguir, que particularizam e circunscrevem termos como *Squib*, *warlock*, *wizard*, *Necromancy*, *Inferi* dentro do domínio semântico-conceptual ativado no universo de discurso de Harry Potter:

2 [A Squib is a person born to magical parents, but who has no magical powers. Such an occurrence is rare. Muggle-born witches and wizards are much more common. JKR]

2 [The term “warlock” is a very old one. Although it is sometimes used as interchangeable with “wizard”, it originally denoted one learned in duelling and all martial magic. It was also given as a title to wizards who had performed feats of bravery, rather as Muggles were sometimes knighted for acts of valour. By calling the young wizard in this story a warlock, Beedle indicates that he has already been recognised as especially skilful at offensive magic. These days wizards use “warlock” in one of two ways: to describe a wizard of unusually fierce appearance, or as a title denoting particular skill or achievement. Thus, Dumbledore himself was Chief Warlock of the Wizengamot. JKR]

1 [Necromancy is the Dark Art of raising the dead. It is a branch of magic that has never worked, as this story makes clear. JKR]

4 [Inferi are corpses reanimated by Dark Magic. JKR]

Tratam-se de notas autorais assinadas com as iniciais da autora, supostamente inseridas posteriormente aos textos do Professor Dumbledore. As notas para *Squib*, *Necromancy* e *Inferi* possuem elementos de definições formais simples, de acordo com Pearson (1998). As três notas são iniciadas com o termo, que é então definido em um gênero próximo (*person*, *Dark Art* e *corpses*, respectivamente) e uma característica específica (*born to magical parents, but who has no magical powers; of raising the dead; reanimated by Dark Magic*). As características específicas são introduzidas com o uso de particípio, preposição e particípio, respectivamente.

A partir da análise realizada, podemos afirmar que as notas de rodapé nas três obras constituem um elemento do peritexto literário que fornece explicações pertinentes às especificidades do mundo ficcional ao qual as obras fazem referência. Enquanto discurso manifestado, as notas são marcas caracterizadoras da ficcionalidade das obras, ao chamarem atenção para termos específicos do mundo ficcional. As notas nos permitem afirmar o valor terminológico assumido por certas unidades lexicais ficcionais ao serem explicitamente definidas. Se elas são assim definidas é porque há algo de especial sobre elas, caso contrário esse fazer teria sido desnecessário.

6.2.2 Estrutura e formação do conceito: um exemplo

Nesta seção, apresentamos, de forma mais detalhada, a estrutura e a formação do conceito de unidades terminológicas, a partir da exemplificação do termo *Horcrux*. Nas fichas terminológicas, na aba *Semantic-Conceptual Analysis*, encontram-se os campos utilizados para o registro de informações relativas à formação do conceito do termo-entrada. Optamos por detalhar e explicar nesta seção como ocorre esse processo de formação, uma vez que, na ficha, esse processo é descrito de forma mais esquemática. Buscamos, portanto, esclarecer alguns aspectos da conceptualização dos termos, utilizando o termo *Horcrux* como exemplo.

Principiamos com o entendimento de que o leitor de HP identifica-se com a personagem Harry na leitura da obra, uma vez que, assim como ele, o leitor também desconhece o mundo bruxo, ao qual é paulatinamente apresentado. Desde que descobre que é um bruxo, Harry apresenta inúmeros questionamentos em relação aos elementos característicos do mundo bruxo, questionamentos esses que também são os do leitor não-familiarizado com a obra. Dentre esses elementos, é dado particular destaque ao termo *Horcrux*, que é conceptualizado em HP 6.

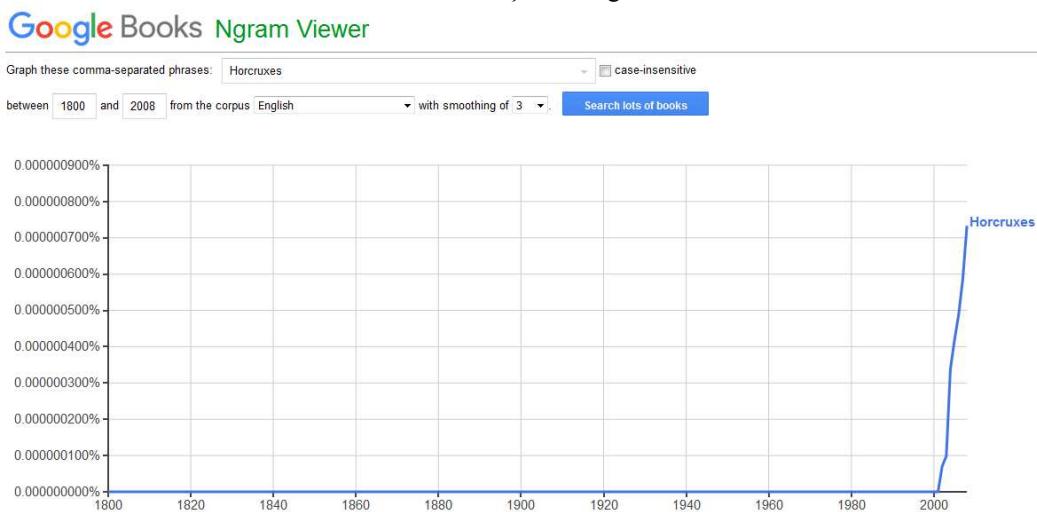
Para a discriminação dos traços semântico-conceptuais do termo, partimos dos contextos linguísticos obtidos por meio da ferramenta *Concord*. Em seguida, esses traços foram agrupados de acordo com os diferentes subconjuntos conceptuais, *conceptus*, *metaconceptus* e *metametaconceptus* (cf. Capítulo 3).

No *conceptus* agrupamos os traços possíveis de serem identificados e compreendidos em relação ao universo natural, biofísico, como [object], [animal], [person]. No *metaconceptus* agrupamos os traços provenientes do universo cultural, como [murder] [spell] [hide] [soul] [immortal], e no *metametaconceptus* os traços simbólicos, manipulatórios resultantes de investimentos axiológicos negativos, como [evil] e [banned subject]. A DT de *Horcrux* foi então, assim formulada: *object, animal or person which conceals part of a person's soul*. A representação proposicional dessa definição poderia ser assim formulada: {[Horcrux] (to be) [object] [animal] [person] + (used for) [concealing] [soul]}, em português {[Horcrux] (ser) [objeto] [animal] [pessoa] + (servir para) [esconder] [alma]}. Percebe-se que os semas do *conceptus* e alguns semas do *metaconceptus* foram utilizados para compor a definição, enquanto os outros subconjuntos figuram nas notas da definição. Assim, o consultente dispõe de uma definição mais sucinta para consulta rápida e notas caso a definição em si não seja satisfatória. Como demonstram os semas [evil] e [banned subject], o termo *Horcrux* é axilogizado negativamente, visto que é relacionado ao ‘mal’ (em oposição ao

bem) e conceptualmente alocado em *Dark Arts* (artes das trevas) no sistema conceptual elaborado. Em outras palavras, o enunciador da obra, por meio da axiologização negativa do termo, expressa um valor cultural, de modo a manipular o leitor, fazê-lo crer que a busca pela imortalidade (objetivo de se criar *Horcruxes*) não é uma conduta apropriada.

Apesar de o termo *Horcrux* ser uma unidade lexical neológica (não há ocorrências anteriores à série HP; cf. FIGURA 21), o conceito por traz da denominação não é um conceito novo dentro do universo de discurso literário de fantasia e dos discursos etnoliterários. Os mesmos autores afirmam que, “apesar de a palavra *Horcrux* ser exclusiva do mundo mágico de Harry, a ideia por trás dela – de que a alma, ou pedaços dela, pode ser guardada e protegida em objetos materiais – faz parte de histórias folclóricas, mitos e práticas ao redor do mundo”¹⁰⁵ (KRONZEK; KRONZEK, 2010, p. 130-131).

FIGURA 21 – Visualização do n-grama *Horcruxes*



Fonte: Google Books Ngram Viewer.¹⁰⁶

Kronzek e Kronzek (2010, p. 131-132) identificaram noção semelhante ao termo *Horcrux*, na esfera ficcional, no conto folclórico russo *Koschei the Deathless*, em um conto das *Arabian Nights* e no *role-playing game Dungeons and Dragons*. O conceito de *Horcrux* também foi identificado fora da ficção. Os mesmos autores identificaram esse conceito em sociedades tribais da Sibéria e da América do Sul, nas quais pessoas doentes são tratadas por

¹⁰⁵ No original: *Although the word Horcrux is unique to Harry's wizarding world, the idea behind it – that the soul, or pieces of it, can be stored and protected in material objects – is part of folk tales, myths, and practices from around the world.*

¹⁰⁶ Disponível em: <https://books.google.com/ngrams/graph?content=Horcruxes&year_start=1800&year_end=2008&corpus=15&smoothing=3&share=&direct_url=t1%3B%2CHorcruxes%3B%2Cc0#t1%3B%2CHorcruxes%3B%2Cc0-1>. Acesso em: 25 maio 2016.

xamãs por meio da transferência de suas almas para uma bolsa medicinal até que os pacientes se recuperem. Em certas culturas, também, acredita-se que o pedaço da alma de uma pessoa pode ser accidentalmente aprisionado em um objeto, como para os artesãos Navajo. Também há a crença na prática de vodu no Haiti de que uma pessoa pode ser escravizada ao ter a alma aprisionada em uma garrafa; o uso dessas ‘garrafas de espírito’, por sua vez, remonta ao Congo Africano. Acrescentamos a essas identificações, o fato de que na trilogia ‘O Senhor dos Anéis’, a sobrevivência da personagem Sauron está ligada a um objeto material, o Um Anel. Sua força vital depende da sobrevivência do Anel. Quando o Anel é destruído por Frodo na Montanha da Perdição, o mesmo é acometido a Sauron, e seu reino maléfico é esfacelado.

Essas associações demonstram usos conceptuais semelhantes tanto em manifestações etnoliterárias, quanto no universo de discurso da literatura de fantasia. Atestamos por meio desses exemplos a interdiscursividade do universo de discurso literário de fantasia com outras manifestações discursivas humanas, sugerindo um provável conjunto arquiconceitual.

Em termos formais, Kronzek e Kronzek (2010) sugerem a formação etimológica da unidade lexical *Horcrux* a partir do latim *horreum* que significa ‘estoque ou armazém’ e *crux* no sentido de ‘essência’ como na expressão inglesa *the crux of the matter*. Também há associações relativas à ‘tortura’ na palavra latina *crux* (cruz), que remete ao sofrimento acometido ao criador de *Horcruxes*. Assim, pode-se recuperar o conceito ‘estoque para a essência ou alma’, o que representa o conceito basilar de *Horcrux*. Entendemos, portanto, conforme classificação de Barbosa (2001), que o termo *Horcrux* é uma unidade neológica formada por processo de composição.

No capítulo seguinte, tratamos das informações relativas aos procedimentos terminográficos de elaboração da ficha terminológica e dos verbetes do glossário.

7 O CONJUNTO TERMINOLÓGICO DE HARRY POTTER: ELABORAÇÃO DA FICHA TERMINOLÓGICA E DO VERBETE

Este capítulo tem como objetivo caracterizar nossa proposta de glossário, o público-alvo, a ficha terminológica e o verbete. Detalhamos a constituição da ficha a partir da descrição de cada um dos campos que a constitui. Além disso, neste capítulo consta um exemplo de verbete elaborado com base nas fichas terminológicas apresentadas no apêndice.

7.1 Glossário

Elencamos como um dos objetivos desta pesquisa elaborar uma amostra de glossário com os termos ficcionais que integram as obras da série Harry Potter e os outros três volumes complementares do mundo ficcional criado por J. K. Rowling. O glossário pretende contribuir para o reconhecimento do uso terminológico de unidades lexicais em textos que integram o universo de discurso da literatura de fantasia infantojuvenil dentro do campo temático *Witchcraft and Wizardry* (Magia e Bruxaria). Objetivamos descrever a estrutura e a formação do conceito que, dentre outros aspectos, conferem exclusividade semântica intrauniverso de discurso aos termos ficcionais, estabelecendo o grau de especialização dos termos dentro do *continuum* de especialização de unidades lexicais. Em resumo, o glossário pretende constituir uma amostra, sem pretensão de exaustividade (15 termos apenas), que caracterize o uso de termos ficcionais nas obras que compõem o mundo ficcional de Harry Potter, de modo a explicitar não só a definição *stricto sensu* dos termos, mas também informações enciclopédicas, lexicogramaticais e fraseológicas que possam auxiliar e ser de interesse ao público-alvo caracterizado a seguir.

7.2 PÚBLICO-ALVO

Para determinar o potencial público-alvo de nosso repertório terminológico realizamos algumas pesquisas na *Web*. Ao realizar uma busca na página eletrônica da *American Folklore Society* (<<http://www.afsnet.org/>>), encontramos que a série Harry Potter tem sido objeto de pesquisa de folcloristas, ou seja, estudiosos do folclore, tanto em suas manifestações medievais quanto modernas. Em 2011, Bloomington, Indiana, na seção *Fantasies of Witchcraft and Social Influence*, Kelsey Radigan apresentou o trabalho intitulado *The Magical World: Harry Potter and the Impact of Fantasy on the World*. Carlea Holl-Jensen e Jeffrey Tolbert apresentaram o trabalho *New-Minted from the Brothers Grimm: Fairy-Tales as Metafictional Intertexts in Harry Potter*, em 2009, como parte do encontro anual da

American Folklore Society. Em 2013, no encontro anual da mesma organização, houve uma seção específica para Harry Potter, na qual os seguintes trabalhos foram apresentados: Joseph Patrick Deragische e Lauren Renee Hammond (*California State University*, San Marcos), *Student Culture and Folklore in the Harry Potter Series*; Amanda Lizbeth Mendoza e Diana Orozco (*California State University*, San Marcos), *Harry Potter through the Eyes of the Chicana/o and Mexican Communities: Contrasts and Parallels in Marginalization*; Angelika Walker (*University of Nebraska*, Omaha), "Swish and Flick": *Harry Potter Participatory and Performative Fandom*. A partir dessa pequena amostra, pudemos atestar que folcloristas têm se dedicado ao estudo de manifestações literárias contemporâneas. Ao elencar termos no glossário que apresentam intersecção com discursos etnoliterários provenientes do folclore, acreditamos que este poderá ser útil como obra de referência para folcloristas.

Também há pesquisas no campo da literatura, como a de Pitta (2006) 'A literatura infantil no contexto cultural da pós-modernidade: o caso Harry Potter', dentre tantas outras que tomam a série Harry Potter como objeto de estudo. Nesse sentido, o glossário, ao explicitar nuances de significados referentes à representação simbólica dos termos, pode fornecer subsídios para que pesquisadores de literatura infantojuvenil contem com um recurso lexical que os auxiliem na interpretação do texto literário. E segundo Hunt (2010a, p. 28), a teoria literária pode-se tornar um modo revigorante e estimulante de olhar os textos ao “[...] aplicar ideias tomadas da linguística [...]”, além de outros campos. Por isso, acreditamos que nossa proposta de glossário e o enfoque terminológico dado ao texto literário de fantasia poderão fornecer subsídios para estudiosos de literatura.

O glossário também poderá ser de interesse para produtores de textos de literatura de fantasia, como *fanfiction writers* (escritores fãs de ficção). Há uma comunidade grande desses escritores, dentre outros fãs que constituem o *fandom* da série, que escrevem suas próprias histórias com base nos personagens e elementos do mundo ficcional de Rowling, como verificamos em <www.fanfiction.net/book>. Cerca de 740 mil histórias baseadas em HP estão disponíveis nesse site. O interesse crescente pela fantasia literária nos faz listar os fãs dessa manifestação literária como possíveis consulentes de nosso glossário.

Os fãs da série Harry Potter em geral também são consulentes em potencial de nosso glossário, uma vez que estão constantemente atentos a produtos relacionados à série. Por se tratar de um grupo, fãs, que busca conhecer cada vez mais peculiaridades e expandir seus conhecimentos sobre a série, o glossário poderia lhes interessar do ponto de vista da constituição linguística e criativa no uso dos termos ficcionais, bem como em relação às

informações de natureza enciclopédica que expandem o domínio dos conhecimentos externos à série.

Apesar de prevermos os usuários de nosso glossário, não podemos deixar de considerar que ele possa ser de interesse para outros consulentes. Afinal, conforme destacado por Hunt (2010a, p. 27), “[...] a literatura infantil é estudada com proveito por pedagogos, psicólogos, folcloristas, além de estudiosos da indústria cultural, artes gráficas, psicolinguística, sociolinguística etc.”

7.3 Ficha Terminológica

Antes de prosseguirmos para a descrição do modelo de ficha terminológica adotado nesta pesquisa, cabe um esclarecimento quanto a esse componente essencial da geração de produtos terminológicos. Compartilhamos do entendimento de Krieger e Finatto (2004, p. 136) de que “a ficha terminológica é um elemento de grande importância na organização de repertórios de terminologias e um dos itens fundamentais para a geração de um dicionário. Pode ser definida como um registro completo e organizado de informações referentes a um dado termo.” Tivemos em mente também que, “o modelo de ficha terminológica varia de acordo com a natureza do projeto [...] as necessidades de registro das informações [...] a natureza da unidade linguística estudada e as características particulares da pesquisa em questão” (BARROS, 2004, p. 211). Assim, a elaboração de nossa proposta de ficha terminológica se deu com base em nossos objetivos e nas características linguístico-textuais do *corpus*, a partir do qual as informações dos termos foram obtidas.

A elaboração da ficha terminológica, base para a elaboração do verbete, foi pautada no potencial público-alvo do glossário, ou seja, folcloristas, estudiosos de literatura, profissionais que lidam com a produção de textos de literatura de fantasia, escritores fãs de ficção e fãs em geral. Para estes fins, buscamos explicitar na ficha terminológica quatro seções principais. Informações básicas, descrição semântico-conceptual, padrões colocacionais e expressões idiomáticas e informações enciclopédicas. O modelo de ficha elaborado priorizou informações gramaticais básicas das unidades lexicais, detalhamento de como o conceito dos termos é engendrado por meio da discriminação dos traços semântico-conceptuais que geraram o enunciado definitório final, informações quanto à convencionalidade e à idiomaticeidade do uso das unidades lexicais de modo a explicitar combinatórias lexicogramaticais e indícios de criatividade lexical, e informações de natureza enciclopédica

que complementam e expandem o entendimento do termo em questão, ao acrescentar informações de outras fontes para além do *corpus*.

Para a elaboração de nossa ficha terminológica tivemos como base as propostas de Barbosa (2004), Esperandio (2015) e Fromm (2007). Todas as três propostas inserem-se em uma perspectiva terminológica, de modo que ao contrastá-las, adaptamos e complementamos os campos que viriam a compor a versão final de nossa ficha. Da proposta de Barbosa (2004) fizemos uso, principalmente, dos campos que possibilitam a descrição e análise dos três níveis conceptuais (*conceptus*, *metaconceptus*, *metametaconceptus*) de construção de um conceito, bem como da discriminação do conjunto dos traços semântico-conceptuais distintivos. Da proposta de Esperandio (2015) incorporamos em nossa ficha os campos de indicação das obras em que determinado termo ocorre e o campo que indica as colocações de um termo. Tal campo está ausente nas propostas de Barbosa (2004) e Fromm (2007). Da proposta de Fromm (2007), baseamo-nos no desenho geral da ficha, organização e distribuição dos campos e, principalmente, nos campos relativos à indicação de dicionarização ou não de um termo.

Aliando nossos objetivos com a análise dos modelos de fichas acima citados, chegamos aos seguintes campos constituintes de nossa proposta de ficha terminológica (o desenho da ficha sem preenchimento está disponível no Apêndice B):

1. Basic information

Headword

Grammatical Information (Gram Info)

Singular/Plural

Number of Books (Nº of books)

Other denominations

Ontology

Frequency

2. Contexts of use

Context

Concept

Source

3. Semantic-Conceptual Analysis

Semantic distinctive traces

Conceptus

Metaconceptus

Metametaconceptus

Definition

Notes on definition

Dictionarised term

Dictionarised definition

Isotopy

See also

4. Collocational Patterns and Idiomatic Expressions

Collocations

Notes on collocations

Idioms

Notes on idioms

5. Encyclopaedic Information

Encyclopaedic Information

Revision Date

De modo similar à proposta de preenchimento de Esperandio (2015), os campos destacados em negrito são de preenchimento obrigatório. Aqueles que além do negrito estão sublinhados, também devem ser preenchidos. Contudo, quando da não disponibilidade da informação para seus preenchimentos, eles devem permanecer vazios (\emptyset). Os campos marcados em itálico são de preenchimento opcional; cabe ao terminólogo, dada a sua familiaridade com o domínio em questão determinar os seus preenchimentos ou não.

Nas seções seguintes explicamos cada um dos campos da ficha em detalhes.

7.3.1 Informações básicas sobre o termo

A primeira seção da ficha terminológica apresenta o registro das informações básicas do termo, compreendendo os seguintes campos:

Headword: entrada do verbete composta por um termo simples, complexo ou composto em sua forma mais frequente no *corpus*, com manutenção da forma mais recorrente, seja grafada em itálico, letras maiúsculas ou minúsculas, singular ou plural;

Grammatical Information (Gram. Info.): informações gramaticais acerca do termo-entrada, como classificação gramatical (substantivo, adjetivo, verbo, etc.), masculino, feminino ou neutro;

Singular/Plural (Sing/Plural): indicação da forma singular ou plural do termo-entrada ou parte dele, quando complexo, com respectiva frequência entre parênteses; esta indicação é feita, porque certos termos complexos são às vezes referidos no texto como simples; o termo *Deathly Hallows*, por exemplo, é retomado várias vezes apenas como *Hallows*;

Number of Books (Nº of books): distribuição de uso do termo-entrada de acordo com as 10 obras constituintes do *corpus*. Esse campo indica o número de livros e em quais deles o termo ocorre baseado nas seguintes indicações: HP 1, HP 2, HP 3, HP 4, HP 5, HP 6, HP 7, FB, QA, TB;

Other denominations: indicação de outras denominações para o mesmo conceito do termo-entrada;

Ontology: indicação do código numérico de inserção do termo-entrada no sistema conceptual;

Frequency: indicação da frequência do termo-entrada em todo o *corpus*; no caso de termos complexos, a frequência refere-se ao uso das duas formas coocorrentes, e não separadas, exceto quando indicado entre parênteses o contrário.

7.3.2 Contextos de uso

Essa seção da ficha constitui de uma compilação de contextos linguísticos retirados do *corpus* de estudo em que o termo-entrada é usado; fornece uma dimensão pragmática dos termos, constituindo-se dos seguintes campos:

Context: contextos linguísticos de ocorrência do termo-entrada. Estipulamos uma quantidade mínima de quatro contextos para a extração dos traços semântico-conceptuais. Não há, todavia, uma quantidade máxima de contextos. O terminólogo é responsável por inserir quantos contextos forem necessários para melhor análise do processo de conceptualização dos termos;

Concept: para cada um dos contextos cadastrados, extraímos um conceito, enunciados concisos que sumarizam a noção central do uso do termo em contexto. Esses conceitos são posteriormente decompostos em semas, unidades de significado, formantes dos subconjuntos conceptuais;

Source: campo em que a fonte de extração dos contextos é indicada. A indicação das fontes foi feita com base na seguinte notação: HP 1, HP 2, HP 3, HP 4, HP 5, HP 6, HP 7, FB, QA, TB.

7.3.3 Análise semântico-conceptual

Nesta seção explicitamos o processo de construção do conceito dos termos por meio da decomposição dos semas e formação de subconjuntos conceptuais (*conceptus*, *metaconceptus*, *metametaconceptus*).

Semantic distinctive traces: decomposição conceptual em unidades de significado; por questões de espaço (seriam necessárias muitas outras colunas na ficha para acomodar cada sema individualmente) não especificamos cada sema individualmente, mas sim conceitos que encerram em si uma ideia específica;

Conceptus: subconjunto conceptual dos traços semântico-conceptuais biofísicos, naturais, resultantes da percepção biológica dos indivíduos;

Metaconceptus: subconjunto conceptual dos traços semântico-conceptuais ideológicos, culturais;

Metametaconceptus: subconjunto conceptual dos traços semântico-conceptuais simbólicos, ideológicos, intencionais, modalizadores;

Definition: enunciado definitório do termo-entrada;

Para a elaboração da definição terminológica (DT) partimos do seguinte entendimento:

A definição terminológica estabelecida com base em uma relação de inclusão semântico-conceptual que descreve o termo por meio de traços distintivos (características) é chamada de *definição específica* ou definição *por compreensão*. É considerada como ideal para a elaboração dos vocabulários técnicos, científicos e especializados e segue o modelo clássico *gênero próximo + diferenças específicas* (BARROS, 2004, p. 171).

O tipo de definição acima parte de um hiperônimo imediato ao termo que está sendo definido, e então o particulariza por meio de características específicas que o faz distinto de outros termos. Mesmo sendo uma fórmula ideal para a elaboração de definições, Krieger e Finatto (2004) afirmam ser coerente ultrapassar a apreciação da DT apenas em função da indicação de um gênero próximo e diferenças específicas.

Isso porque, em primeiro lugar, nem sempre fica muito claro onde começaria uma categoria e terminaria a outra num enunciado, de modo que não há margens seguras para uma descrição da definição apenas por tais parâmetros. Em segundo lugar, fica nebulosa a distinção entre o que seria essencial e, portanto, estritamente “definicional” frente ao que se poderia considerar acessório ou acidental quando a tarefa é definir (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 96).

Nesse sentido, “a definição de uma unidade terminológica deve adaptar-se ao domínio da experiência ao qual o conceito descrito pertence” (BARROS, 2004, p. 162), já que diferentes traços semântico-conceptuais são ativados nos discursos manifestados de diferentes domínios. Em outras palavras, por mais que contemos com parâmetros para a formulação de definições, é preciso considerar que uma mesma fórmula pode não ser aplicável a todos os domínios da experiência. Além disso, em certos domínios, como o dos discursos etnoliterários, nuances semântico-conceptuais referentes aos subconjuntos conceptuais culturais e ideológicos são importantes para a compreensão do termo e o seu lugar no sistema de valores de uma cultura, o que muitas vezes não têm espaço na DT. Por isso, é importante contar com campos de notas, por exemplo, e informações enciclopédicas que auxiliem na compreensão da DT.

Notes on definition: registro das informações de cunho cultural, axiológico e simbólico, dentre outras, do termo-entrada que não figuram na DT;

Dictionarised term: indicação de dicionarização do termo-entrada e da fonte de extração da definição. A inserção desse campo se justifica para a identificação de prováveis unidades lexicais neológicas. A não-dicionarização de uma unidade lexical indica que se trata de um neologismo e, por isso, uma marca caracterizadora de um discurso manifestado. Para identificar se dado termo já se encontra dicionarizado ou não, utilizamos o mecanismo de busca *Onelook: Dictionary Search*;¹⁰⁷

Dictionarised definition: registro da definição do termo-entrada dicionarizado. Caso o termo seja dicionarizado, a definição dicionarizada permite a realização de um contraste com a DT para fins de comparação e observação de como uma se difere da outra;

Isotopy: indicação de pertencimento do termo-entrada a uma cadeia isotópica;

Partindo do entendimento de que os termos são elementos da tessitura de um texto, ou seja, eles funcionam dentro de relações textuais, acrescentamos à ficha um campo referente à isotopia. Segundo Hoffman (2015, p. 172), “[...] enfoques semânticos, referenciais ou temáticos de descrição de textos tiveram grande repercussão, principalmente a noção de isotopia.” De modo geral, essa noção refere-se a marcas lexicais indicadoras de conexões textuais. “[...] recorrências de semas em suas variadas formas ou a equivalência semântica dos

¹⁰⁷ Endereço eletrônico: <<http://onelook.com/>>.

elementos da isotopia [...]”, também denominada cadeia de denominações, interdependência nominal, retomada temática, cadeia isotópica, cadeia tópica (HOFFMAN, 2015, p. 172).

Esclarecemos ainda que, a noção de isotopia integrou os horizontes investigativos da Terminologia a partir da Linguística Textual, da qual Hoffman é herdeiro. Inicialmente proposto por A. J. Greimas, o conceito de isotopia foi ampliado para designar a recorrência de categorias sêmicas, quer sejam temáticas (ou abstratas) ou figurativas. Por exemplo, na amostra de termos do glossário, a categoria sêmica *mortalidade/imortalidade* derivada do tema *morte*, é recorrente na análise sêmica de vários termos, de modo que a cadeia figurativa que esses termos perfazem corresponde a uma isotopia temática (morte), que unifica a interpretação do texto. Em outras palavras, na geração do discurso, há uma passagem do nível temático (abstrato) ao nível figurativo (concreto), de maneira que uma isotopia mais profunda gera uma de superfície, respectivamente. Logo, o tema abstrato *morte* é recoberto por figuras concretas de um mundo ficcional que se lexicalizam e terminologizam no discurso-ocorrência da série Harry Potter.¹⁰⁸

Ao inserir esse campo na ficha, objetivamos indicar os termos que integram determinada cadeia isotópica, ou seja, termos que semanticamente fazem parte de uma cadeia de conexões textuais que estabelecem a coerência interna do texto em torno de um tema. Consideramos que os termos relacionam-se a níveis mais altos da estrutura textual, podendo, conforme destacado por Hoffman (2015), integrar a cadeia isotópica do texto. Assim, a partir da identificação da recorrência de determinados semas em termos diferentes, indicamos se tal termo pertence ou não a uma dada isotopia. Essa identificação, quando do preenchimento das fichas terminológicas, foi realizada durante a análise sêmica da ocorrência dos termos em seus contextos linguísticos.

See also: registro de termos que mantêm relações com o termo-entrada, sejam elas de hiponímia, hiperonímia ou co-hiponímia; tais relações são recuperadas por meio dos contextos e do sistema conceptual.

7.3.4 Padrões Colocacionais e Expressões Idiomáticas

Levando em conta o princípio idiomático da produção linguística postulado por Sinclair (1991), acrescentamos campos que contemplam esse princípio, para o registro de colocações e expressões idiomáticas.

¹⁰⁸ Esclarecemos que a identificação da isotopia foi primeiramente identificada no ensaio descritivo, quando ao selecionar alguns termos observamos a recorrência sêmica relacionada ao tema ‘morte’.

Collocations: registro das colocações encontradas no contexto do termo-entrada e suas frequências indicadas entre parênteses.

Por colocação entendemos a “combinacão lexical consagrada de duas ou mais palavras de conteúdo [...]” (TAGNIN, 2005, p. 102), ou seja, combinações entre substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. “O termo *collocation* foi introduzido pelo linguista britânico J. R. Firth para designar casos de co-ocorrência léxico-sintática, ou seja, palavras que usualmente ‘andam juntas’” (TAGNIN, 2005, p. 37).

Para o preenchimento das fichas, conforme Tagnin (2005), consideramos os seguintes tipos de colocações: colocações nominais ($N_{[noun]} + N_{[noun]} = S_{[substantivo]} + S_{[substantivo]}$), e.g.: *wand hand*; colocações adjetivas ($Adj_{[adjective]} + N_{[noun]} = Adj_{[adjetivo]} + S_{[substantivo]}$), e.g.: *Dark wizard*; colocações verbais ($V_{[verb]} + (Part_{[particle]}) + (Prep_{[preposition]}) + N_{[noun]} = V_{[verbo]} + (Part_{[partícula]}) + (Prep_{[preposição]}) + S_{[substantivo]}$) e.g.: *raise your wand*. A ocorrência de outros elementos, como pronomes e artigos entre o verbo e o substantivo também foi considerada, como no último exemplo.

A identificação de colocações é comumente realizada por meio de testes estatísticos, como Informação Mútua (I) e Escore T (T). Os resultados desses testes devem ser $I > 3$, $T > 2$ para que a coocorrência seja não-aleatória, isto é, um padrão colocacional. Preferimos, contudo, adotar outro critério. Com base na pesquisa de Esperandio (2015), o critério de que haja no mínimo duas ocorrências distribuídas em pelo menos dois textos, mostrou-se produtivo na identificação de colocações. Por isso, devido à natureza semelhante entre a pesquisa da referida autora e a nossa, adotamos esse critério também.

Notes on collocations: informações que buscam esclarecer aspectos de frequência e significado de colocações;

Idioms: registro de expressões idiomáticas que contêm o termo-entrada, com sua definição e contexto linguístico de ocorrência.

Segundo Tagnin (2005, p. 105), expressão idiomática é “uma expressão cujo sentido global não resulta da somatória do sentido de seus elementos constituintes.” Para efeito de simplificação no preenchimento da ficha e estruturação do verbete, consideramos a ocorrência de sínimes (expressões de natureza comparativa) como *to work like a house-elf* e provérbios como *wand of elder, never prosper*, como *idioms*. Por serem expressões pouco frequentes em HP, consideramos apenas uma ocorrência como suficiente para que fossem incluídas nas

fichas. Isso porque, mesmo não sendo recorrentes, são marcas caracterizadoras do discurso manifestado no uso criativo da língua inglesa.

Notes on idioms: informações que buscam esclarecer certos aspectos do uso das colocações e expressões idiomáticas, geralmente relacionadas à indicação de uso criativo desses padrões, em que a convencionalidade¹⁰⁹ dessas formas é quebrada.

7.3.5 Informações Enciclopédicas

Em busca de amplitude no registro de informações relacionadas ao termo-entrada, a aba ‘informações enciclopédicas’ busca suprir informações de natureza histórica e de referência a outros contextos.

Encyclopaedic Information: registro de informações retiradas de fontes enciclopédicas, como *Wikipedia* e *Harry Potter Wikia*;

Revision date: indicação da data (dia, mês e ano) da última alteração realizada na ficha.

7.4 Verbete

Antes de prosseguirmos para a apresentação de nossa proposta de verbete, alguns esclarecimentos são necessários quanto à estruturação de repertórios lexicais. Um repertório lexical, seja lexicográfico ou terminográfico, é constituído por componentes básicos. Tais componentes constituem o que se chama de macroestrutura e microestrutura.

Por *macroestrutura* entende-se a organização interna de uma obra lexicográfica ou terminográfica. Esse tipo de organização está relacionado às características gerais do repertório, ou seja, à estrutura das informações em verbetes (que podem se suceder vertical e/ou horizontalmente), à presença ou não de anexos, índices remissivos, ilustrações, setores temáticos, mapa conceptual e outros (BARROS, 2004, p. 151).

Em outras palavras, a macroestrutura de um repertório lexical refere-se à distribuição de diferentes seções e componentes em que se subdivide; é a organização da obra como um todo. Em relação ao nosso protótipo de glossário, quando da sua disponibilização ao público, prevemos que em sua macroestrutura haja uma introdução com informações a respeito do domínio do conhecimento que a obra representa, objetivos da obra, guia de uso,

¹⁰⁹ “[...] aspecto que caracteriza a forma peculiar de uma expressão numa dada língua” (TAGNIN, 2005, p. 103).

especificações do público-alvo e sistema conceptual. Muitos desses elementos constam neste capítulo, os quais, após adaptações necessárias, passariam a integrar de fato a macroestrutura da obra concluída.

A microestrutura, por sua vez, refere-se à organização interna de um verbete. “Entende-se por *microestrutura* a organização dos dados contidos no verbete, ou melhor, o programa de informações sobre a entrada disposto no verbete” (BARROS, 2004, p. 156).

Os verbetes de um repertório lexical

[...] reúnem os dados relativos à unidade lexical ou terminológica descrita e compõem-se de pelo menos dois elementos: *entrada* e o *enunciado lexicográfico/terminográfico*, ou seja, respectivamente unidade lexical ou terminológica que encabeça um verbete e as informações fornecidas sobre ela (BARROS, 2004, p. 152).

Para a estruturação do verbete os seguintes aspectos foram considerados:

- o número de informações transmitidas pelo enunciado lexicográfico/terminográfico;
- a constância do programa de informações em todos os verbetes dentro de uma mesma obra;
- a ordem de sequência dessas informações (BARROS, 2004, p. 156).

Além disso, para a composição das entradas levamos em conta os critérios para obras terminográficas, apresentados no QUADRO 16, conforme Krieger e Finatto (2004, p. 54):

QUADRO 16 – Configuração das entradas de obras lexicográficas e terminográficas

| Entradas | | |
|---------------------|---|--|
| | Obras Lexicográficas | Obras Terminográficas |
| Critério de seleção | Frequência | Pertinência do termo à área de conhecimento/frequência em menor escala |
| Tipologia | Verbal: palavras gramaticais e lexicais | Verbal: termos simples, compostos, siglas e acrônimos Não-verbal: símbolos e fórmulas |
| Tratamento | Lematização, forma canônica | Manutenção da forma plena e recorrente |

Fonte: Adaptado de Krieger e Finatto (2004, p. 54).

Partindo de nossa ficha terminológica anteriormente caracterizada, propomos um modelo de verbete. Quando da consulta ao glossário, o consultente tem acesso apenas ao verbete. A ficha constitui uma etapa anterior à formulação do verbete, o qual foi concebido a

partir do entendimento de que, “[...] com base [...] [na] ficha são extraídas todas as informações para a composição de um verbete, mas nem todas as informações que nela constam precisam, necessariamente, ser repassadas para o usuário no momento da formulação do verbete e geração do glossário [...]” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 136). Por exemplo, o processo de construção do conceito descrito na ficha não faz parte do verbete. Neste, apresentamos a definição do termo diretamente, uma vez que o processo que levou à formulação da definição seria de pouco interesse para o consultante.

Para a composição da microestrutura de um verbete de um repertório lexical é necessário levar em conta alguns componentes básicos, que no caso dos dicionários são denominados paradigmas lexicográficos (HAESNSCH, 1982 *apud* FROMM, 2007). Esses paradigmas são: Informacional (informações ortográficas, fonéticas, etimológicas, cronológicas, gramaticais, etc.), Definicional (definição) e Pragmático (exemplos e abonações). Porém, não há um modo predefinido, nem uma quantidade exata de paradigmas que devam compor uma obra lexicográfica ou terminográfica, desde que a mesma apresente coerência interna.

Como ponto de partida para a estruturação da microestrutura de nosso verbete, partimos da proposta de construção do ‘VoTec: Vocabulário Técnico Online’ de Fromm (2007), segundo o qual os Paradigmas Lexicográficos da microestrutura foram renomeados para Paradigmas Terminográficos e ficaram assim definidos:

- a) Informacional (classe gramatical, número, gênero e possíveis siglas ou acrônimos, entrada por extenso, variações morfossintáticas, o número da acepção, posição no *corpus*);
- b) Definicional (a definição é construída através de uma análise componencial);
- c) Semântico (relações de hiperonímia, hiponímia, co-hiponímia, antonímia e sinonímia com outros termos);
- d) Pragmático (exemplos tirados direto do *corpus*);
- e) Forma Equivalente (o mesmo termo na outra língua);
- f) Enciclopédico (com informações oferecidas pela Wikipédia);
- g) Remissivas.

A partir da microestrutura assim constituída cria-se uma fórmula representativa do Enunciado Terminográfico do termo (FROMM, 2007, p. 106):

Termo = {+ entrada + enunciado terminográfico (+/-PI + PD +/- PS + PFE + PP +/-Remissivas+/- PE)}

Segundo Fromm (2007, p. 106), “o sinal +/- representa a opcionalidade (nem todos os campos podem ser preenchidos em virtude da carência de informações apresentadas pelos exemplos) e o sinal + representa a obrigatoriedade.” Após o preenchimento de todos esses campos, cria-se a definição do termo.

Utilizamos a caracterização acima como base para a elaboração de nossa proposta, que conta com os sete paradigmas seguintes:

- a) PIn: Informacional (classe gramatical, número, gênero, indicação das obras em que o texto ocorre, outras denominações, ontologia, frequência no *corpus*);
- b) PD: Definicional (definição terminológica);
- c) PR: Remissivas (termos semanticamente relacionados ao termo-entrada em relações de hiperonímia, hiponímia, co-hiponímia, dentre outras);
- d) PP: Pragmático (exemplos retirados diretamente do *corpus*);
- e) PId: Idiomático (colocações e expressões idiomáticas);
- f) PE: Enciclopédico (informações provenientes de fontes enciclopédicas);
- g) PN: Notas (notas tanto da definição, quanto das colocações e expressões idiomáticas).

Tendo em vista os paradigmas acima, a fórmula para a composição de nosso verbete ficou assim definida:

$$\text{Verbete} = [+ \text{ entrada} + \text{enunciado terminográfico } (+/- \text{ PIn} + \text{PD} +/ - \text{ PR} + \text{PP} +/ - \text{ PId} +/ - \text{ PE} +/ - \text{ PN})]$$

Em outras palavras, o verbete tem como componentes obrigatórios os paradigmas informacional (obrigatório, porém certas informações podem não ser encontradas no *corpus*), definicional e pragmático. Todos os outros podem ou não constar no verbete, a depender das informações encontradas no *corpus*, disponibilizadas pela ficha terminológica.

Apresentamos na FIGURA 22 um exemplo de como seria um verbete de acordo com os paradigmas apresentados acima. Para essa exemplificação escolhemos o termo que apresentou o maior número de campos preenchidos nas fichas terminológicas, a fim de termos uma noção de como seria o verbete mais completo.

FIGURA 22 – Exemplo de verbete

wand (*less frequent* magic wand; HP 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, FB, QA, TB) 2.7.2.1 **n.n.** magical object made of wood of variable measures and flexibility with a core of a magical substance used by wizards and witches to cast spells **NOTE** used by wizards to perform magic, cast spells, and in duels can cause pain, suffering and death; it has a core of a magical substance such as unicorn hair, phoenix feather, dragon heartstring; often regarded as a symbol of power **SEE ALSO** Charms; Elder Wand; wizard

Examples:

*'Your father, on the other hand, favoured a mahogany **wand**. Eleven inches. Pliable. A little more power and excellent for transfiguration. Well, I say your father favoured it – it's really the **wand** that chooses the wizard, of course.' (HP 1); 'Welcome to the Knight Bus, emergency transport for the stranded witch or wizard. Just stick out your **wand hand** (= the hand with which a wizard or witch uses their wand) step on board and we can take you anywhere you want to go. My name is Stan Shunpike, and I will be your conductor this eve –' (HP 3); Malfoy stared at Dumbledore. 'But I got this far, didn't I?' he said slowly. 'They thought I'd die in the attempt, but I'm here ... and you're in my power ... I'm the one with the **wand** ... you're at my mercy ...' (HP 6)*

COLLOCATIONS raise/ point/ wave/ draw/ flick/ lower/ hold/ pull/ clutch sb's wand

IDIOMS

to yank sb's wand: to play a joke on sb by making them believe sth untrue; to tease sb: *'Arthur and Fred – I'm George,' said the twin at whom Moody was pointing. 'Can't you even tell us apart when we're Harry?' 'Sorry, George – I'm only **yanking your wand**, I'm Fred really –' 'Enough messing around!' snarled Moody. 'The other one – George or Fred or whoever you are – you're with Remus. (HP7)* **NOTE** this idiom is possibly a creative take on the conventionalised idiom 'pull sb's leg' in that the lexical unit 'leg' was replaced by 'wand' and 'pull' replaced by 'yank' so that it could fit in the image of literally taking a wand from sb's hand as a joke.

wand of elder, never prosper (saying): used to mean that wands made out of elder shall bring bad luck to its owner: *'Come to think of it,' Ron added, 'maybe that story's why elder wands are supposed to be unlucky.' 'What are you talking about?' 'One of those superstitions, isn't it? "May-born witches will marry Muggles." "Jinx by twilight, undone by midnight." "**Wand of elder, never prosper.**" You must've heard them. My mum's full of them.' 'Harry and I were raised by Muggles,' Hermione reminded him, 'we were taught different superstitions.'* (HP 7) **NOTE** this idiom is a wizarding superstition commonly used in family circles.

where there's a wand, there's a way (saying): used to mean that in a difficult situation if one has a wand at one's disposal one is likely to succeed: *Harry opened his eyes. He was still in the library; the Invisibility Cloak had slipped off his head as he'd slept, and the side of his face was stuck to the pages of **Where There's a Wand, There's a Way**. He sat up, straightening his glasses, blinking in the bright daylight.* (HP 4) **NOTE** this idiom is possibly a creative take on the conventionalised idiom 'where there's a will, there's a way' in that the lexical unit 'will' was replaced by 'wand' as a reference to the power of wands in helping wizards succeed in their endeavours.

ENCY INFO

A **wand** (sometimes **magic wand**) is a thin, hand-held stick or rod made of wood, stone, ivory, or metals like gold or silver. Generally, in modern language, wands are ceremonial and/or have associations with magic but there have been other uses, all stemming from the original meaning as a synonym of rod and virge, both of which had a similar development. A stick giving length and leverage is perhaps the earliest and simplest of tools. Long versions of the magic wand are usually styled in forms of staves or scepters, often with designs or an orb of a gemstone forged on the top. (Source: <https://en.wikipedia.org/wiki/Wand>).

A **wand** is a quasi-sentient magical instrument through which a witch or wizard channels her or his magical powers to centralise the effects for more complex results. Most spells are done with the aid of wands, but spells can be cast without the use of wands. Wandless magic is, however, very difficult

and requires much concentration and incredible skill; only truly advanced wizards are known to perform such magic. (Source: <http://harrypotter.wikia.com/wiki/Wand>).

Fonte: Elaboração do autor.

Tendo a ficha e o verbete assim caracterizados, sintetizamos no QUADRO 17 os critérios e as características de nossa proposta de glossário. Adaptando a classificação de Rondeau (1984 *apud* KRIEGER; FINATTO, 2004) para bancos de dados, nossa proposta de glossário pode ser assim caracterizada:

QUADRO 17 – Caracterização do glossário

| Critérios | Características |
|-----------------------|--|
| Objetivos | Divulgação de terminologias; reconhecimento do estatuto terminológico; produção textual |
| Público-alvo | Folcloristas; estudiosos de literatura; produtores de textos de literatura de fantasia, como <i>fanfiction writers</i> ; fãs em geral; lexicógrafos; terminógrafos |
| Universo de discurso | Literatura de fantasia infantojuvenil |
| Temática | <i>Witchcraft and Wizardry</i> (Magia e Bruxaria) |
| Atitude linguística | Descriutiva (sem prescrição de usos) |
| Natureza dos dados | Terminológicos; lexicogramaticais; fraseológicos; enciclopédicos |
| Organização dos dados | Direcionada por um <i>corpus</i> textual monolíngue (inglês); baseada em fichas terminológicas |
| Acesso | Impresso ou meio eletrônico |

Fonte: Elaborado pelo autor.

Por se tratar de uma proposta com uma amostra dos termos usados em Harry Potter e não de um produto final da série como um todo, não determinamos uma forma de acesso precisa. Supomos que dada a concretização do glossário, há possibilidades de que possa ser acessado tanto por meios impressos quanto eletrônicos. Dado o crescente uso de recursos tecnológicos e da disponibilização de repertórios lexicais *online*, é possível que as fichas terminológicas sejam informatizadas para a geração do glossário em um ambiente de gestão terminológica *online*.

No próximo capítulo, realizamos uma síntese dos resultados obtidos com a criação do glossário, a fim de avaliar nossa proposta terminográfica.

8 SÍNTSE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, apresentamos uma síntese dos resultados obtidos com o preenchimento das fichas, a fim de consolidar nossa proposta terminográfica no tratamento das informações obtidas a partir de nosso *corpus* de estudo, e apreciar os resultados de modo geral.

No QUADRO 18, apresentamos um resumo dos campos de preenchimento opcional das fichas, a fim de realizar um cotejo de quais campos foram mais e menos utilizados. Utilizamos as letras Y para YES (Sim, o campo foi preenchido) e N para NO (Não, o campo não foi preenchido). Indicamos na última linha o total de fichas terminológicas e a porcentagem referente ao preenchimento de cada campo.

QUADRO 18 – Síntese do preenchimento das fichas terminológicas

| Terms | Notes on definition | Encyclopaedic information | Other denominations | Collocations | Notes on collocations | Idioms | Notes on idioms | Dictionary Term | See also |
|-------------------------|---------------------|---------------------------|---------------------|--------------|-----------------------|------------|-----------------|-----------------|------------|
| <i>Avada Kedavra</i> | Y | Y | N | N | N | N | N | N | Y |
| <i>Deathly Hallows</i> | Y | Y | Y | N | N | N | N | N | Y |
| <i>Dementors</i> | Y | Y | N | Y | N | N | N | N | Y |
| <i>expecto patronum</i> | Y | Y | N | N | N | N | N | N | Y |
| <i>Grim</i> | Y | Y | N | N | N | N | N | N | Y |
| <i>Horcrux</i> | Y | Y | N | N | N | N | N | N | Y |
| <i>house-elf</i> | Y | Y | Y | N | N | Y | Y | N | Y |
| <i>Muggle</i> | Y | Y | N | Y | N | Y | Y | Y | Y |
| <i>Muggle-born</i> | Y | Y | Y | N | N | N | N | N | Y |
| <i>owl</i> | Y | Y | N | Y | Y | Y | Y | Y | Y |
| <i>phoenix</i> | Y | Y | N | Y | Y | Y | Y | Y | Y |
| <i>Sectumsempra</i> | Y | Y | N | N | N | N | N | N | Y |
| <i>Thestral</i> | Y | Y | N | N | N | N | N | N | Y |
| <i>wand</i> | Y | Y | Y | Y | Y | Y | Y | Y | Y |
| <i>wizard</i> | Y | Y | Y | Y | N | N | N | Y | Y |
| TOTAL | 15 100% | 15 100% | 5 33,3% | 6 40% | 3 20% | 5 33,3% | 5 33,3% | 5 33,3% | 15 100% |

Fonte: Elaboração do autor.

Dentre os 15 termos do glossário, 10 são termos simples (*Dementors*, *Grim*, *Horcrux*, *Muggle*, *owl*, *phoenix*, *Sectumsempra*, *Thestral*, *wand*, *wizard*), 3 são complexos (*Avada Kedavra*, *Deathly Hallows*, *expecto patronum*), e 2 compostos (*house-elf*, *Muggle-born*). Em outras palavras, 66,6% da amostra de termos são termos simples. Todos os termos apresentam notas sobre definição, informações enciclopédicas e remissivas. Os outros campos variaram de termo para termo. A menor porcentagem de preenchimento foi do campo *Notes on collocations*. Nesses campos foram adicionadas informações quanto à frequência e ao significado de certas colocações.

No QUADRO 18 não elencamos todos os campos por questão de espaço, nas seções seguintes, porém, tratamos dos campos da ficha que não obtiveram 100% de preenchimento, bem como da discussão do preenchimento de alguns campos que julgamos necessitarem de algumas explicações.

8.1 Outras denominações

Esse campo foi preenchido em apenas 5 fichas, 33,3%. A outra denominação usada para *Muggle-born*, *Mudblood*, é um uso ofensivo, feito principalmente pelos bruxos que pregam a manutenção de bruxos apenas de sangue-puro. O ser mágico *house-elf* também é denominado simplesmente *elf*. O termo *wand* também é denominado *magic wand*; o seu uso, contudo, é muito menos frequente do que o uso do termo simples. Encontramos também o termo simples *warlock* e o termo composto *wand-carriers* para o termo mais frequente *wizard*.

8.2 Análise semântico-conceptual

Na análise semântico-conceptual buscamos evidenciar os diferentes subconjuntos conceptuais que são atualizados nos contextos linguísticos extraídos do *corpus* de estudo. Buscamos demonstrar como semas derivados do mundo real (como [bird], [animal], [object], [person]) em conjunto com semas provenientes de um mundo ficcional (como [rise from the ashes]) geram um semema reconhecível como parte de um mundo ficcional. Este semema, por exemplo, que define o termo *Thestrals*, *[winged horses that have white eyes, black leathery skin, bat-like wings, silky mane and skeletal body]*, apesar de conter semas reconhecíveis no mundo real, biofísico, como [horse],[eyes], [wings], quando em conjunto com outros semas formam um semema específico do universo de discurso literário de fantasia. Esse semema conceitua um particular ficcional, uma entidade possível não-real, cuja existência está condicionada ao texto. É nesse sentido que entendemos que as unidades lexicais específicas do universo de discurso literário de fantasia “[...] têm sememas muito especializados, construídos com semas específicos do universo de discurso em causa, provenientes das narrativas, cristalizados, tornando-se verdadeiros símbolos dos temas envolvidos” (BARBOSA, 2007, p. 434). Além disso, como evidenciado no *metametaconceptus*, certos sememas revelam a axiologização eufórica e/ou disfórica dos termos, o que é recuperado somente a partir de um discurso-ocorrência específico.

8.3 Termos dicionarizados

Dentre os termos selecionados para comporem nossa amostra de glossário, cinco termos, *Muggle*, *owl*, *phoenix*, *wand* e *wizard*, são dicionarizados, porém todos apresentam definições apenas parcialmente coincidentes com as definições criadas para os termos a partir de nosso *corpus* de estudo. A dicionarização do termo *Muggle*, em seu significado

contemporâneo em língua comum (cf. Capítulo 4), ocorreu após o seu uso na série Harry Potter, de modo que apenas os outros quatro já faziam parte do sistema linguístico da língua inglesa. Os outros 10 termos não estão dicionarizados, ou seja, são termos que foram engendrados no discurso-ocorrência da série Harry Potter e não foram incluídos no sistema da língua inglesa.

Destacamos que o termo *Grim* foi encontrado no OED como adjetivo e advérbio. Em HP, contudo, ele é usado como substantivo. Consideramos que se trata de um neologismo semântico.¹¹⁰ Dentro de nossa amostra, esses dados apontam para um uso neológico maior de termos ficcionais (66,6%) do que do aproveitamento de lexemas já existentes no sistema da língua (33,4%). A não-dicionarização desses termos revela que eles foram engendrados no discurso-ocorrência da série e mantêm os seus conceitos específicos em referência a particulares ficcionais de HP.

8.4 Colocações e expressões idiomáticas

Foram encontradas colocações para seis termos, ou seja, 40%, utilizando o critério de pelo menos duas ocorrências em dois textos diferentes. Também utilizamos o critério de ponderação subjetiva.¹¹¹ Por exemplo, a colocação *phoenix tears*, apesar de ter ocorrido apenas três vezes, cada uma em um texto diferente, foi ponderada como uma colocação importante por designar uma propriedade pertinente ao animal *phoenix*, visto que suas lágrimas (*tears*) têm poderes curativos. Assim, mesmo as colocações que não cumpriram o primeiro critério, mas que desempenharam pertinência temática foram incluídas nas fichas. Nas notas sobre colocações, acrescentamos, quando necessário, informações relativas à frequência das colocações e ao significado.

Como visualizado no QUADRO 18, nem todos os termos são usados em colocações e expressões idiomáticas. *House-elf*, *Muggle*, *owl*, *phoenix* e *wand*, 33,3%, são os termos do glossário para os quais foram identificadas expressões idiomáticas. Na maioria dos casos,

¹¹⁰ Segundo Barbosa (2001, p. 41), “[...] o neologismo semântico é gerado a partir de uma grandeza-signo já existente. Conserva-se, neste caso, a expressão do signo-base, ao qual é atribuído novo conteúdo, correspondente a novo recorte cultural.” Dentre os mecanismos que engendram neologismos semânticos, no caso do termo *Grim*, ocorreu tanto conversão categorial, de adjetivo e advérbio para substantivo, quanto transposição de um universo de discurso para outro (do universo de discurso da língua comum para o da linguagem literária) com deslocamento de semas no eixo da especificidade semêmica.

¹¹¹ “Essa ponderação subjetiva significa examinar os dados obtidos e poder aceitar que alguns resultados excluídos através de cálculos estatísticos objetivos possam ser importantes e aproveitados quando for necessário ou válido. Implica, assim, uma ponderação, via leitura de contextos de uso de uma dada palavra, sobre seu papel ao longo dos textos do conjunto em foco. Não se deve, assim, excluir elementos em um ponto de corte absoluto sem antes ponderar o que são e como funcionam nos textos os itens excluídos” (FINATTO, ZILIO, MIGOTTO, 2010, p. 224).

como consta nas notas sobre os *idioms* nas fichas, são unidades fraseológicas des cristalizadas. Toma-se a unidade fraseológica em sua forma convencionalizada e altera-se um de seus componentes como se estivesse em combinatória livre para criar um efeito estilístico e caracterizador da obra e do mundo ficcional engendrado no discurso. Nesses casos, temos a presença de um termo ficcional no lugar de uma unidade lexical comum. Por exemplo, em *don't count your owls before they are delivered*, houve uma troca entre *owls* e *chickens*, e entre *delivered* e *hatched*, em relação à expressão convencionalizada da língua inglesa *don't count your chickens before they are hatched*. Nesses casos, o enunciador fez uso de unidades lexicais que fazem referência ao mundo ficcional e apresentam maior significância ou representatividade dentro desse mundo. Em outras palavras, *owls* têm uma representatividade semântica muito maior no mundo ficcional de HP do que *chickens*.

Também há a criação de unidades paremiológicas como a superstição *wand of elder, never prosper*, em que se nota a aliteração entre *elder, never, prosper* e estrutura bimembre separada por vírgula; características essas, que são comumente encontradas nesse tipo de unidades. Na superstição, *May-born witches will marry Muggles* encontramos também aliteração entre *May-born, marry, Muggles* e entre *witches, will*. Charadas populares também receberam um tratamento ficcional na obra, como no exemplo *which came fist, the phoenix or the flame?* em relação à charada já convencionalizada *which came first, the chicken or the egg?* Essas unidades paremiológicas, ao fazerem uso de termos ficcionais, integram especificidades no interior do universo de discurso. Para compreendermos o significado de *wand of elder, never prosper*, por exemplo, é preciso que tenhamos familiaridade com a história por trás dessa superstição. Assim, consideramos que unidades fraseológicas e paremiológicas, apesar de não serem mencionadas por Barbosa (2004, 2005, 2006, 2007, 2010, 2014), também adquirem especificidades em um universo de discurso, constituindo também objetos de estudo em Enoterminologia.

8.5 Isotopia

No campo *Isotopy*, identificamos positivamente os termos que compartilham determinado sema. Encontramos oito termos que atualizam em seus contextos linguísticos de ocorrência semas em referência à morte (*death*), como *Avada Kedavra, Deathly Hallows, Dementors, expecto patronum, Grim, Horcrux, phoenix, Thestrals e wand*. Assim, 60% dos termos do glossário integram uma cadeia isotópica figurativa. Interpretamos que essa recorrência sêmica ocorre em referência ao percurso temático de ‘aceitação da morte’, pelo

qual passa a personagem Harry. Esses termos corporificam o tema abstrato ‘morte’ em uma cadeia denominativa que recobre o percurso de desenvolvimento da consciência da mortalidade humana, pelo qual Harry passa. Eles evocam o próprio ato de morrer ou assassinato (*Avada Kedavra*); instrumentos que podem provocar a morte (*wand*); a busca pela imortalidade (*Horcrux*); a vida eterna ou eterno renascimento (*phoenix*); os presságios de morte, ou a preocupação excessiva com a morte futura de alguém (*Grim*); as lembranças tristes de entes queridos que já se foram que podem causar depressão (*Dementors*); as boas lembranças que nos auxiliam na superação das lembranças tristes relacionadas à morte (*expecto patronum*); as mudanças sofridas por aqueles que passam pela experiência da morte de um ente querido ou pessoa próxima (*Thestrals*); a aceitação plena da morte ou mortalidade (*Deathly Hallows*). Além desses termos, os termos identificados no ensaio descritivo *Philosopher’s Stone*, *Mirror of Erised*, *unicorn blood*, confirmam a mesma recorrência sêmica. Acreditamos que a realização de um levantamento maior de termos (empreitada além do escopo deste trabalho) possa revelar outros termos que mantêm a mesma isotopia.

Assim, esses termos, enquanto figuras de um mundo ficcional, perfazem um percurso figurativo que mantém ao longo da série o posicionamento do enunciador de que a morte é um fenômeno inerente à vida, à condição humana, a ser acolhido e não evitado. Em outras palavras, os termos ficcionais não designam apenas um conceito, eles participam do encadeamento textual semântico, recobrindo percursos temáticos.

8.6 Comentários finais

Buscamos sintetizar as informações preenchidas nas fichas terminológicas para apresentar uma visão geral de nossa amostra de glossário. Assim, consolidamos nossa proposta, enfatizando a necessidade de notas sobre a definição e informações enciclopédicas, visto que todas as fichas tiveram esses campos preenchidos. O sistema de remissivas também é de grande importância para direcionar o consulente na compreensão do conceito de um termo em relação aos conceitos a ele relacionados. Mesmo os campos que não obtiveram uma porcentagem maior do que a metade, não indica que sejam campos a serem descartados ou menos importantes. Uma vez que cada termo tem um uso diferente, é de se esperar que alguns sejam mais usados em padrões colocacionais e em expressões idiomáticas do que outros.

No capítulo seguinte, apresentamos nossas considerações referentes aos objetivos, questões de pesquisa e hipótese, propostos na introdução deste trabalho, de modo a apreciar o que alcançamos com a conclusão de nossa investigação face aos resultados obtidos.

9 OBJETIVOS, QUESTÕES DE PESQUISA E HIPÓTESE REVISITADOS

Neste capítulo retomamos os objetivos, as questões de pesquisa e a hipótese, propostos na introdução desta dissertação, para avaliarmos nosso percurso investigativo e traçarmos considerações pertinentes à conclusão da pesquisa.

9.1 Objetivos

Iniciamos esta pesquisa com o objetivo de propor uma base teórico-metodológica para a análise e descrição de aspectos lexicogramaticais e conceptuais de textos que integram o universo de discurso literário de fantasia, utilizando como *corpus* de estudo os sete volumes em inglês da série Harry Potter e mais três obras da escritora J. K. Rowling: *Fantastic Beasts and Where to Find Them* (“Animais Fantásticos e Onde Habitam”), *Quidditch Through the Ages* (“Quadribol Através dos Séculos”) e *The Tales of Beedle, the Bard* (“Os Contos de Beedle, o Bardo”).

Cumprimos esse objetivo, como pode ser verificado em nossa consolidação teórico-metodológica, quando apresentamos as convergências entre as diferentes perspectivas que constituem nossa proposta teórico-metodológica. Consideramos que seja teórico-metodológica, porque, apesar de as teorias (ET, TSCT, TC, TT, SF) mobilizadas neste estudo já terem sido formuladas, promovemos articulações teóricas entre elas, de modo a obter uma visão diferente dos fenômenos aqui em estudo, como prevê a transdisciplinaridade, além de contar com procedimentos metodológicos terminográficos direcionados por *corpus*. Ressaltamos que a formação de nosso quadro teórico-metodológico foi viabilizada pelas amostras empíricas obtidas por meio de nosso *corpus* de estudo. Só assim, partindo dos dados, é que tivemos condições de propor as articulações teóricas. Não foram os dados que se adequaram às teorias, foram as teorias que se adequaram aos dados.

Como objetivos específicos propomo-nos a:

- a. analisar e descrever para além das unidades lexicais, a macroestrutura textual, as fraseologias e o engendramento conceptual de termos ficcionais;
- b. propor um desenho terminográfico para a construção de um glossário que leve em conta as especificidades lexicais, fraseológicas e conceptuais características do universo de discurso literário de fantasia infantojuvenil, conforme manifestado na série Harry Potter e nos outros três volumes complementares;

- c. preencher quinze¹¹² fichas terminológicas e elaborar um modelo de verbete para demonstrar a viabilidade de aplicação da proposta terminográfica, utilizando o *corpus* Harry Potter como exemplo.

Como pode ser verificado nos capítulos 6 e 7, e nas fichas terminológicas, cumprimos os objetivos supracitados. Consideramos que as fichas terminológicas constituem um elemento de descrição sistematizado, em que não só informações provenientes do *corpus* são registradas, mas também explicações são inseridas. Não se trata apenas de um espaço de registro mecânico de informações, é um espaço em que o pesquisador-terminólogo elabora definições e propõe um modo sistemático de olhar para os dados de que dispõe, de sorte que as fichas revelam, em certa medida, a descrição do *corpus*. Tendo a ficha como esse espaço de descrição, nela há os campos em que foram descritos o engendramento conceptual, os aspectos lexicogramaticais, fraseológicos, idiomáticos e enciclopédicos dos termos.

Ao propor os objetivos mencionados partimos de questões de pesquisa propostas a partir de observações dos dados. Para essas questões, apresentamos nossas respostas a seguir.

9.2 Questões de pesquisa

1. Quais aspectos condicionam o estatuto terminológico das unidades lexicais, relacionadas ao campo temático *Witchcraft and Wizardry*, no discurso literário de fantasia infantojuvenil da série Harry Potter, de J. K. Rowling?

As unidades lexicais ficcionais atualizam estatuto terminológico no discurso literário de fantasia infantojuvenil da série Harry Potter devido aos seguintes aspectos: elas fazem parte de um sistema conceptual estruturado dentro de uma temática específica, *Witchcraft and Wizardry*; atuam na composição de um mundo ficcional semioticamente construído pela força modelizante da linguagem literária; possuem intertextualidade e interdiscursividade intra e interuniverso de discurso com discursos etnoliterários; atualizam um sistema de valores em investimentos axiológicos positivos e negativos; designam conceitos formados com semas do universo de discurso em que são usadas; referem-se aos particulares de um mundo ficcional; quanto à função simbólica, atuam no plano do imaginário, de maneira que é nas narrativas ficcionais que encontramos as razões para conceber o termo *Horcrux*, por exemplo, como

¹¹² Esclarecemos que o número de fichas foi estabelecido com base no tempo disponível para a conclusão da pesquisa e na quantidade que julgamos suficiente para descrever diferentes termos em diferentes níveis de especialização.

símbolo de imortalidade, ou associar ‘vida eterna, renascimento’ ao termo *phoenix* e ‘poder’ ao termo *wand*.

Dada a temática das obras, os termos ficcionais gozam de proeminência semântica ao acionarem uma rede de inter-relações estabelecidas tanto no interior da obra, quanto com outras manifestações literárias. Assim, reiteramos o posicionamento de Barbosa (2006, p. 51) de que “as unidades lexicais atualizadas nos textos mantêm uma rede de relações semânticas específicas – no interior do universo de discurso – e têm funções particulares, quanto à designação e à referência. Por essa razão, são multifuncionais” (BARBOSA, 2006, p. 51). Além disso, também referendamos as considerações da referida pesquisadora ao concluir que, “é preciso estar familiarizado com as histórias, conhecer o pensamento e o sistema de valores da cultura em questão, para poder comprehendê-los bem. De fato, é outra linguagem, que é preciso aprender, para interpretá-los corretamente” (BARBOSA, 2006, p. 50).

Visto que o folclore é constituído pelo conhecimento de um povo e que esse conhecimento é produzido e transmitido por meio de formas linguísticas, unidades lexicais, sejam elas fruto de ritos folclóricos, artesanato, lendas, mitos, práticas rudimentares da agricultura, discursos etnoliterários, discursos etnoliterários *lato sensu*, dentre outras fontes de conhecimento popular, propomos chamá-las de unidades de significação folclórica. Nesse sentido, os termos ficcionais em estudo neste trabalho, enquanto unidades de significação folclórica, refletem uma dimensão do conhecimento folclórico que integra manifestações literárias contemporâneas e constitui o imaginário coletivo humano. Mais uma vez, Barbosa (2006, p. 51) auxilia-nos a compreender que essas unidades lexicais conservam um valor semântico social e concomitantemente permanecem como documentos do processo de evolução histórica de uma cultura.

2. Em que posição do *continuum* de especialização de unidades lexicais devem ser classificados os termos ficcionais?

De acordo com Barbosa (2007), as unidades lexicais atualizam seu estatuto funcional de acordo com o texto-ocorrência em que se manifestam, a modo de um *continuum* que vai do mais alto grau de banalização ao mais alto grau de científicidade (especialização), ou seja, as unidades lexicais não são dotadas de um estatuto anterior ao seu uso em um texto específico, de modo que é em um *continuum* que se determina o grau de especialização de uma unidade lexical. No nível do sistema, as unidades lexicais são caracterizadas pela potencialidade de serem tanto termos quanto vocábulos, de modo que a determinação precisa de seu estatuto

está condicionada ao seu uso circunscrito a uma norma. Nem sempre essa determinação precisa é possível, uma vez que certas unidades transitam entre as duas posições, vocabulário e termo, conforme conclui Barbosa (2006, 2007, 2010) a respeito dos discursos etnoliterários.

Entendemos que os termos ficcionais são dotados de uma configuração especial, híbrida e fluída, tanto pelo fato de serem multifuncionais, vocabulários-termos, quanto pela sua heterogeneidade semântica a partir da semiotização baseada no mundo real e em um mundo ficcional. Corroboram as considerações de Esperandio (2015) que, ao analisar o estatuto das unidades lexicais usadas em legendas de séries dramáticas com temática sobrenatural, constata que essas unidades estão mais próximas do extremo de mais alto grau de científicidade, ou seja, elas são mais especializadas do que banalizadas, já que fazem parte de uma organização conceptual e transmitem conhecimento especializado de um universo de discurso específico.

Também estamos de acordo com Esperandio (2015) quando afirma que essas unidades lexicais possuem graus de especialização diversos. A referida autora atribui grau zero para as unidades banalizadas e grau dez para as especializadas, classificando os termos usados nas séries entre os graus cinco e oito. Entendemos que as unidades classificadas a partir do grau cinco já apresentam algum nível de especialização, de especificidade do conteúdo. Assim, classificamos como grau cinco e seis, unidades como *owl* e *broom* (*broomstick*) que designam elementos de conceptualização próxima ao seu uso em língua comum, ou com referência ao mundo real, principalmente em relação aos traços biofísicos (independentes da ação do homem) de *owl* e aos manufatos (fatos relativos aos objetos feitos pelo homem) de *broom*. *Wand*, *wizard* e *phoenix*, por exemplo, poderiam ser classificadas no grau sete, por serem unidades lexicais que indicam a intertextualidade com discursos etnoliterários e por apresentarem especificidades conceptuais próprias do discurso-ocorrência de HP. São unidades lexicais cujos conceitos apresentam pouca correspondência com semas do mundo natural, sendo melhores compreendidas em relação aos mentefatos ou psicofatos (fatos relativos à vida interior, psíquica, imaginação) do universo cultural, além de já fazerem parte do sistema da língua inglesa. Como grau oito, classificamos unidades como *Dementor*, *Expecto Patronum*, *Gernumbli gardensi*, *Horcrux*, *Muggle*, *Thestral* e todas as outras caracterizadas como neológicas. Por serem grandezas-signos instauradas no discurso da série sem ocorrências anteriores em outros discursos, consideramos esses termos ficcionais como mais especializados que os outros. O termo *Muggle*, contudo, apesar de ter sido engendrado no discurso de HP passou a integrar o sistema linguístico da língua inglesa e adquiriu um significado em língua comum. No discurso de HP, contudo, preserva-se o seu significado

específico. Reservamos os graus nove e dez para os termos técnico-científicos dos discursos científicos e tecnológicos.

3. Como é engendrado o conceito/significado dessas unidades lexicais no discurso literário?

Conforme explicado por Barbosa (2004), a formação de um conceito está em função do universo de discurso. Em uma relação de dependência discursiva, as unidades lexicais são conceptualizadas de modos diferentes. Em relação ao texto literário, Barbosa (2004) conclui que o *modus operandi* conceptual é sintagmático, podendo ser autossuficiente em uma intertextualidade intradiscursiva e interdiscursiva. Além disso, dentre os subconjuntos conceptuais, o *metaconceptus*, conjunto de traços culturais e ideológicos, sobressai na conceptualização de um termo. Os termos no discurso literário são resultado de um recorte cultural realizado pelo enunciador de modo a estabelecer uma visão de mundo modelizada pela linguagem literária, havendo intenções manipulatórias.

Conforme esta pesquisa evidenciou, a conceptualização de um termo ficcional é engendrada com base em um mundo ficcional, de modo que é feito uso de categorias semânticas que não necessariamente correspondem com a experiência sensorial humana do mundo real, biofísico. No conceito do termo *Quidditch*, por exemplo, o traço [voar em vassouras] não encontra correspondente no mundo real, tanto que o esporte *quidditch*, que tem sido praticado, ocorre com os jogadores firmemente apoiados no solo, ainda que segurem vassouras entre as pernas. Com esse mesmo termo exemplificamos a autossuficiência do discurso de HP em engendrar o conceito desse esporte bruxo que não encontra correspondentes em outras manifestações discursivas anteriores, já que é um termo neológico.

Também identificamos que aos termos ficcionais são atribuídos valores em suas conceptualizações. A categoria semântica tímica, euforia e disforia, é atribuída a alguns termos em investimentos axiológicos, de maneira que certos termos adquirem valores negativos e positivos, a depender do discurso da personagem que faz uso do termo. Observamos com mais detalhes que o termo *Horcrux*, por exemplo, é axilogizado negativamente no todo da série, apesar de que no discurso da personagem Voldemort é axilogizado positivamente. A produção de *Horcruxes* é inserida no campo nocional *Dark Arts*, é resultado da múltipla divisão da alma humana viabilizada por meio de assassinatos, com o objetivo de se tornar imortal. Desde o primeiro livro, como evidenciado no ensaio descritivo (cf. Capítulo 4), os termos em cujos conceitos há o traço [+imortalidade] são

axiologizados negativamente, de modo que a negatividade assumida por *Horcrux* no discurso contribui para a manutenção sintagmática isotópica do sentido, que confere coerência semântica interna ao texto. Interpretamos que na formação da axiologia em HP encontram-se os movimentos manipulatórios do enunciador que se posiciona contra a busca da imortalidade, axiologizando positivamente os termos, como *Deathly Hallows*, que se referem à aceitação da morte, da condição mortal humana e negativizando aqueles que levam à imortalidade. As maldições imperdoáveis (*Unforgivable Curses*), por exemplo, são negativamente axiologizadas, como no caso do encantamento *Avada Kedavra*, que causa morte instantânea. De forma simbólica, o enunciador da obra condena assassinatos. Assim, ao axiologizar os termos, o enunciador em HP engendra, assim como em discursos etnoliterários, “[...] sistemas de valores que, por sua vez, determinam pensamentos e comportamentos, [...] formas de ver o mundo, [...] maneiras de agir recomendáveis ou condenáveis, no fazer social” (BARBOSA, 2007, p. 444).

4. Há semelhanças entre o uso dos termos na literatura e o uso de termos em áreas científicas, como a das ciências da natureza?

Observamos, a partir da análise do *corpus*, que certas unidades lexicais usadas no discurso literário de fantasia infantojuvenil da série Harry Potter apresentam níveis de especialização em um universo de discurso específico, de modo semelhante aos termos usados em áreas científicas. Comparamos, a seguir, em que medida as formações terminológicas do discurso literário assemelham-se com as designações científicas. Para essa comparação levamos em conta os tipos e formas de designações terminológicas apresentados por Barros (2004).

O termo *Golpallot's Third Law*, por exemplo, é um epônimo (termo formado em parte por um nome próprio) usado no campo nocional *Potions* em relação à produção de antídotos para venenos. Essa formação terminológica é comumente encontrada na medicina, como em *doença de Chagas, mal de Hansen, calcanhar de Aquiles* (BARROS, 2004, p. 98). Em outras palavras, o termo contém o nome daquele (cientista ou bruxo) que é creditado com a descoberta de algo ou com a proposição de uma lei. De modo semelhante às três leis de Newton, *Golpallot's Third Law* sugere a existência de outras duas, as quais não são mencionadas nos textos do *corpus*.

Encontramos também, designações como *Gernumbli gardensi* e *Mimbulus mimbletonia*, para uma espécie de gnomo e planta respectivamente. Tais designações nos

remeteram às regras de criação de nomes científicos de animais e plantas da zoologia e da botânica. Segundo Barros (2004, p. 98-99), “a nomenclatura dessas ciências é binomial e organiza-se de modo sistemático, seguindo a proposta do naturalista Lineu.” Nessa proposta, animais e plantas são classificados na sequência: reino, filo/divisão, classe, ordem, família, gênero, espécie e/ou subespécie/variedade. Outras subdivisões podem ser estabelecidas a depender das necessidades de classificação.

Os nomes científicos devem ser escritos em latim, ou melhor, devem ser latinizados. O primeiro nome corresponde ao gênero, sempre um substantivo iniciado por letra maiúscula, a espécie e a subespécie são em geral adjetivos e iniciam com letra minúscula. [...] Os nomes científicos de animais e plantas são, obrigatoriamente, escritos em caracteres diferentes dos do texto em que se inserem, adotando normalmente o itálico. A expressão latinizada pode prestar uma homenagem a grandes naturalistas, como no caso de *vanzolinii* e *pimenti-velosii*, pode fazer referência ao lugar de origem da espécie, como em *blumenavii* e *cayennensis*, ou obedecer a diferentes critérios adotados pelo cientista que a denomina. Este deve, todavia, seguir rigorosamente as orientações do Código Internacional da Nomenclatura Zoológica ou Botânica (BARROS, 2004, p. 99-100).

As duas designações anteriormente citadas, encontradas no *corpus*, seguem o padrão de nomenclatura binomial latinizada, grafadas em itálico, com gênero iniciado em letra maiúscula e espécie em letra minúscula. Entendemos que o enunciador em HP não está buscando a identificação e sistematização de uma nova espécie como faz um cientista. Contudo, ao atribuir um nome a modo de uma designação científica, o enunciador faz uso de um modo de dizer tipicamente encontrado no universo de discurso científico, o que confere certa legitimidade e científicidade para uma espécie própria de um mundo ficcional. Trata-se de uma marca caracterizadora da obra em questão, que a particulariza no universo de discurso de fantasia. Enquanto integrantes de uma linguagem literária especialmente organizada que modeliza uma concepção de mundo semioticamente construído, esses termos contribuem para a eficácia dessa concepção no plano da expressão. O uso desses termos atribui uma dimensão a mais à narrativa, de modo que, para além dos eventos narrados, há um conhecimento específico próprio de um mundo ficcional que fundamenta a narrativa. Em outras palavras, o itálico em HP, tanto nas denominações de espécies quanto nas denominações de feitiços, dentre outras, assim como outros recursos gráficos passíveis de serem utilizados, como sublinhado, negrito e aspas, é um traço suprassegmental¹¹³ importante para a análise-descrição

¹¹³ Esclarecemos que o uso do termo ‘suprassegmental’ para se referir a uma característica da escrita é tomado de acordo com a segunda acepção desse termo encontrada no dicionário Aulete: “2. Situado acima de um segmento” (Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/suprassegmental>>. Acesso em: 26 ago. 2016). Em outras

de termos em textos. Esses recursos agregam uma camada de significação para além do significado das unidades lexicais em si, apontando para usos lexicais que os distinguem dos demais. Portanto, eles são cruciais para um reconhecimento terminológico textual.

Interpretamos que, o discurso literário de fantasia, conforme manifestado em HP, adota um modo de dizer semelhante ao das ciências, como na denominação de espécies de animais e plantas mágicos, buscando a eficácia da concepção de mundo modelizada pela linguagem literária. O enunciador engendra novas grandezas-signos em um novo recorte cultural, singularizando e caracterizando o mundo ficcional ao qual os termos se referem, de modo que os termos ficcionais representam portas de acesso a esse mundo. Conhecer esses termos e compreender os seus significados no texto permitem ao leitor reinterpretar o mundo real por meio de uma visão de mundo distinta.

Chamou a nossa atenção o fato de que, recentemente (2014 e 2015),¹¹⁴ três unidades terminológicas engendradas no discurso literário de HP passaram a integrar a nomenclatura de três espécies zoológicas: *Clevosaurus sectumsemper* (2015), *Thestral incognitus* (2014) e *Ampulex dementor* (2014). Na imprensa internacional, vários jornais (*BBC*, *CNN*, *The Washington Post*, *The Independent*) noticiaram as descobertas das espécies, com destaque para a inspiração das denominações, ou seja, a série HP. Todas essas designações foram devidamente formalizadas de acordo com os padrões de denominações científicas e publicadas em artigos em periódicos científicos internacionais.

A primeira delas, *Clevosaurus sectumsemper* designa uma espécie extinta de lagarto descoberta na forma de fóssil em escavações geológicas. Os pesquisadores apresentaram a seguinte explicação para a escolha do nome em artigo: “*Clevosaurus sectumsemper* sp. nov. *Derivação do nome da espécie*. Do latim ‘sempre cortado’, uma alusão aos dentes auto afiados que permanecem afiados ao se cortarem mutuamente e à mandíbula inferior, ao longo da vida do animal”¹¹⁵ (KLEIN et al., 2015, p. 407). É interessante notar que, no artigo, não há menção ao fato de a escolha de *sectumsemper* ter partido do feitiço *Sectumsempra* usado em HP. Contudo, em uma nota no site de notícias da *University of Bristol (UK)*, a pesquisadora explica a inspiração por trás da denominação: ““O nome da espécie *sectumsemper* significa

palavras, esse termo, que é comumente empregado para se referir a fenômenos fonológicos, é aqui empregado para se referir a uma dimensão da significação de unidades lexicais que está acima da significação segmental dessas unidades, o que contribui para a proeminência semântica dessas unidades.

¹¹⁴ Outras três espécies, *Aname aragog* (HARVEY et al., 2012), *Dracorex hogwartsia* (BAKKER et al., 2006), *Macrocarpaea apparata* (GRANT, STRUWE, 2003), também foram nomeadas tendo como base unidades lexicais usadas na composição do mundo ficcional da série Harry Potter.

¹¹⁵ No original: *Clevosaurus sectumsemper* sp. nov. *Derivation of species name. Latin meaning ‘always cut’, an allusion to the self-sharpening teeth that remain sharp by cutting against each other and the lower jaw throughout the animal’s life.*

‘sempre cortado’, e foi escolhido para refletir isso’, disse Catherine. ‘É também em reconhecimento ao personagem Severus Snape de Harry Potter, que criou o feitiço chamado *Sectumsempra* (que talvez signifique cortar para sempre).’¹¹⁶

No caso de *Thestral incognitus*, em artigo, os pesquisadores apresentam a seguinte explicação etimológica:

Etimologia: *Thestral* (gênero masculino), da criatura ficcional criada por J. K. Rowling na saga Harry Potter. Thestrals referem-se a uma raça de cavalos alados com corpo esquelético. A *carinae* de marfim e os calos no dorso do novo gênero são semelhantes ao corpo esquelético do thestral de Rowling. Adicionalmente, thestrals não podem ser vistos por todos; a espécie desse novo gênero vem de localidades muito bem coletadas, e mesmo assim a escassez de espécimes pode ser devido ao fato de não serem facilmente visualizadas por todos [...] Etimologia: *incognitus* do latim, significa desconhecido, referente às poucas coleções da espécie, que é aparentemente rara entre os pentatomídeos do Chile¹¹⁷ (FAÚNDEZ; RIDER, 2014, p. 395-397).

Pela identificação de uma intersecção de traços semânticos biofísicos, caracterizadores dos *Thestrals*, os pesquisadores ponderaram a adequação da denominação ficcional para a nova espécie de inseto. Além disso, por ser uma espécie aparentemente rara, não é facilmente vista, da mesma forma que os *Thestrals* são vistos apenas por alguns, os cientistas julgaram a denominação adequada.

A nomeação da espécie seguinte também se deu com base em características semânticas em intersecção entre a espécie de vespa e a criatura *Dementor*, em termos comportamentais e dos efeitos gerados de sua aproximação a uma presa.

Etimologia. A nova espécie é denominada a partir de ‘*dementors*’, que são personagens ficcionais do mundo mágico da popular série de livros ‘Harry Potter’ da escritora Joanne K. Rowling. Essas criaturas são conhecidas por sugar todos os sentimentos bons, lembranças felizes e livre arbítrio de qualquer um que delas se aproximar. O comportamento ficcional do *dementor* e seus efeitos nos lembrou do efeito de como a *Ampulex* ataca a sua presa, barata. Depois de ser picada pela vespa, comportamentos específicos da barata são inibidos (e.g. escape), enquanto outros não são

¹¹⁶ No original: *The species name sectumsemper means ‘always cut’, and was chosen to reflect this,’ said Catherine. ‘It is also a nod to the Harry Potter character Severus Snape, who made a spell called sectumsempra (perhaps meaning sever forever).*

¹¹⁷ No original: **Etymology:** *Thestral (Gender masculine), from the fictional creature created by J. K. Rowling in her saga of Harry Potter. Thestrals are a breed of winged horses with a skeletal body. The ivory carinae and calluses on the dorsum of the new genus resemble the skeletal body of Rowling’s thestral. Additionally, thestrals cannot be seen by everyone; the specimens of this new genus come from localities that have been fairly well collected, and yet the scarcity of specimens may be due to their not being easily seen by everyone. [...] Etymology: incognitus from Latin, means unknown, referring to the few collections of this species, which is apparently rare among the Chilean pentatomids (FAÚNDEZ; RIDER, 2014, p. 395-397).*

afetados (e.g. locomoção). A vespa agarra a barata parcialmente paralisada por uma das antenas e a guia para um local de oviposição, e a presa segue a vespa docilmente. Essa é uma estratégia única de modulação comportamental de uma presa por uma picada de vespa¹¹⁸ (OHL et al, 2014, p. 5-6).

A escolha da denominação *Ampulex dementor* resultou de participação popular. Cerca de 272 visitantes do *Museum für Naturkunde* (Berlin), votaram dentre quatro opções (*bicolor*, *mon*, *plagiator* e *dementor*) e escolheram, então, *dementor*. De acordo com os pesquisadores, esse tipo de votação foi organizado para aproximar o público de questões relativas à biodiversidade, ao mesmo tempo em que eles pudessem se envolver emocionalmente na nomeação de uma nova espécie.

Esses três casos, brevemente comentados, ilustram que denominações terminológicas estão sujeitas às pregnâncias subjetivas do pesquisador e às manifestações culturais. Eles revelam que a busca no acervo cultural de um povo por unidades lexicais é produtivo nas denominações terminológicas científicas. O último caso, principalmente, por ter sido resultado do voto popular, revela a força que termos ficcionais exercem na constituição do imaginário humano coletivo. Além disso, esses casos exemplificam a intertextualidade passível de ser estabelecida entre diferentes universos de discurso (nesses casos entre o científico e o literário), constituindo alvos potenciais de interesse para estudos em Terminologia Aplicada (cf. BARBOSA, 2005).

A noção de intertextualidade, introduzida pelo semiótico russo Bakhtin, implica “[...] a existência de semióticas (ou de ‘discursos’) autônomas no interior das quais se sucedem processos de construção, de reprodução ou de transformação de modelos, mais ou menos implícitos” (GREIMAS; COURTÉS, 2016, p. 272). Em outras palavras, tomando os casos anteriores como exemplo, a intertextualidade entre os universos de discurso científico e literário demonstrada ocorre de modo explícito nos artigos científicos, inclusive com explicação etimológica, no nível lexical e semântico-conceptual. O discurso científico incorporou unidades lexicais anteriormente geradas no discurso literário de fantasia, reproduzindo-as, nos casos de *Thestral* e *Dementor*, tal qual se encontram no texto literário,

¹¹⁸ No original: **Etymology.** *The new species is named after the “dementors”, which are fictional characters of the wizarding world in the popular “Harry Potter” book series by the writer Joanne K. Rowling. These creatures are said to suck out every good feeling, every happy memory and the free will of anybody getting too near. The dementor’s fictional behavior and effects reminded us of the effect of the stinging behavior of Ampulex on the behavior of its cockroach prey. After being stung by the wasp, specific behaviors of the cockroach are inhibited (e.g. escape behavior) while others are unaffected (e.g. locomotion). The wasp grabs the partly paralyzed cockroach by one of the antennae and guides it to a suitable oviposition location, the prey following the wasp in a docile manner. This is a unique strategy of behavioral modulation of a prey by a wasp’s sting [23,37]* (OHL et al, 2014, p. 5-6).

mas transformando-as em decorrência da combinatória com outras unidades lexicais, *incognitus* e *Ampulex*, respectivamente, em um ambiente textual diferente de seu ambiente anterior. No nível semântico-conceptual, há um deslocamento de semas nessas passagens de um universo ao outro em um processo de metaterminologização, em que certos traços semântico-conceptuais provenientes de um particular ficcional de um mundo ficcional sofrem uma reelaboração ao serem utilizados na conceptualização de uma entidade do mundo real natural, biofísico. Atestamos assim, exemplos de reprodução e de transformação léxico-semânticas no discurso científico, geradas por meio de trocas intertextuais com o discurso literário de fantasia. Da mesma forma, quando o discurso literário de fantasia adota um modo de dizer semelhante ao científico, observamos a construção de um modelo de denominação equivalente ao que é comumente usado nas ciências biológicas e zoológicas na denominação de espécies.

Esses casos ilustram pressupostos teóricos da TC (cf. Capítulo 3). As unidades lexicais ficcionais usadas em HP foram alvo do *interesse* da ciência moderna e passaram a constituir parte de denominações científicas. Contudo, isso não deixa de significar que anteriormente, no universo de discurso literário de fantasia, essas unidades já não funcionavam como termos, designando um conceito específico de uma organização sistemática conceptual. Tanto que, foi com base na intersecção semântica com os conceitos dos termos *Sectumsempra*, *Thestral* e *Dementor*, atualizados no discurso literário de fantasia, que as espécies foram denominadas. Conceitos provenientes da fantasia foram reelaborados na transposição para o discurso científico na denominação de animais do mundo natural que compartilham das características dos particulares ficcionais.

Com base nesses três casos nos perguntamos: são os termos ficcionais que se parecem com os termos técnico-científicos ou o contrário? Diríamos que parece haver uma bidirecionalidade entre o discurso literário e o discurso científico. O discurso literário adota um modo de dizer semelhante ao discurso científico na denominação de espécies mágicas, dentre outras formações terminológicas, enquanto o discurso científico aproveita tanto os termos ficcionais do discurso literário de fantasia quanto os seus conceitos, para em uma reelaboração semântico-conceptual denominar espécies do mundo natural. Esse fenômeno aponta para uma tendência, consciente ou não, de popularização da ciência.

Acreditamos que a pequena discussão dessa resposta possa demonstrar que não percebemos o mundo objetivamente. Denominações terminológicas atribuídas a elementos do mundo natural sofrem a influência de conceitos anteriormente criados na mente, pela imaginação, atualizados em obras literárias ficcionais. O crivo do sujeito que denomina uma

nova espécie deixa marcas culturais nas denominações, que nos casos anteriores foram providas pelo discurso literário de fantasia.

5. Como deve ser estruturada uma obra de referência que auxilie folcloristas, estudiosos de literatura e produtores de textos de fantasia?

Uma obra de referência que auxilie folcloristas, dentre outros possíveis consulentes que se ocupam do discurso literário de fantasia infantojuvenil, pode ser pautada nos pressupostos teóricos e metodológicos da Terminologia e Terminografia. Visto que essas áreas de estudo do léxico ocupam-se de conjuntos lexicais parciais tematicamente marcados que compõem um conhecimento específico, somos da opinião de que, conforme nosso estudo demonstrou, uma abordagem terminológica-terminográfica pode ser adequada para tratar das especificidades lexicogramaticais, conceptuais e idiomáticas dos discursos literários que fazem uso de unidades lexicais circunscritas em uma temática específica.

Conforme nossa proposta de ficha terminológica, uma obra de referência que auxilie nosso possível público-alvo deve permitir a exploração de informações conceptuais de como o termo é usado em uma obra específica, bem como de informações enciclopédicas. Ao realizar uma análise conceptual explicitando os subconjuntos conceptuais de diferentes naturezas em suas dimensões culturais, simbólicas e ideológicas dos termos e fornecendo essas informações em notas, acreditamos que o consulente terá um perfil dos conceitos atualizados no texto-ocorrência ou no conjunto de textos que o glossário representar.

Consideramos também que informações enciclopédicas são essenciais para folcloristas. Visto que os conhecimentos folclóricos são gerados ao longo da história, dada as inúmeras interpretações culturais que se constroem em torno de uma unidade de compreensão folclórica, é importante que o consulente tenha a oportunidade de realizar uma interpretação hipertextual do termo-entrada. Ao fornecermos links da *Web* no campo ‘Informações enciclopédicas’, o consulente poderá buscar em outras fontes direcionadas pelo glossário, para compreender o funcionamento histórico de dado termo, as diversas simbolizações cristalizadas no percurso de desenvolvimento do conhecimento folclórico.

9.3 Hipótese

Além das questões de pesquisa, também formulamos a seguinte hipótese para nortear nosso percurso investigativo: no discurso literário de fantasia infantojuvenil da série Harry

Potter, determinadas unidades lexicais adquirem estatuto terminológico ao serem usadas nesse universo de discurso específico.

Tendo concluído a pesquisa, verificamos que nossa hipótese foi confirmada. Tendo em vista o universo de discurso específico de que a série faz parte, o cenário comunicativo estabelecido entre enunciador e enunciatário, a função da linguagem literária em criar um mundo ficcional linguístico-sintético, a intertextualidade e interdiscursividade com discursos etnoliterários, o processo de engendramento conceptual dos termos, a axilogização dos termos, a adoção de um modo de dizer na denominação de certos conceitos semelhante às denominações científicas, apontaram para um uso terminológico em HP.

Além disso, a estruturação de um sistema de conceitos da temática da obra *Witchcraft and Wizardry*, procedimento caracteristicamente terminográfico, demonstrou a existência de uma organização conceptual construída ao longo da narrativa, de modo que se tornou possível determinar a pertinência temática dos termos atribuindo-lhes uma posição nesse sistema. Essa identificação terminológica também se dá em função das necessidades dos principais possíveis consulentes de nossa proposta de glossário, folcloristas. Partindo do entendimento de que esses profissionais buscam identificar usos contemporâneos de elementos folclóricos no processo de evolução das culturas, bem como a instauração de outros, tanto termos como *phoenix*, *centaur*, *unicorn*, *wizard*, como *Muggle*, *Dementor*, *Horcrux*, dentre outros, tornam-se termos de busca, verdadeiros representantes de um fazer estético, que tem se tornado comum no universo de discurso literário de fantasia, ou seja, a construção de um detalhado mundo ficcional e de uma série de termos ficcionais para denominar os seus constituintes, particulares ficcionais. Essas unidades lexicais assumem importância para aquele que busca apreendê-las conceptualmente. Entender as simbolizações, a axiologia instaurada por elas, e os papéis que exercem nas culturas das diversas sociedades, faz dessas unidades lexicais ficcionais termos do universo de discurso literário de fantasia, e enquanto manifestações culturais, de interesse para folcloristas.

A seguir, apresentamos nossos comentários finais acerca da conclusão do trabalho em uma apreciação dos resultados obtidos, das contribuições deste estudo para as Ciências do Léxico, de suas limitações e possíveis desdobramentos também.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a conclusão de nosso percurso investigativo, cremos ter contribuído para um melhor entendimento acerca da formação de conjuntos terminológicos no universo de discurso literário de fantasia, que em intertextualidade e interdiscursividade com o universo de discurso etnoliterário, não só faz uso de termos provenientes do folclore, mas também engendra unidades lexicais neológicas, que contribuem para o enriquecimento e expansão da dimensão simbólica imaginária das culturas humanas. Também esperamos ter contribuído para que as teorias terminológicas tornem-se mais acolhedoras e responsivas às mais diversas manifestações discursivo-textuais tematicamente marcadas, no reconhecimento de conjuntos terminológicos.

Em uma apreciação mais ampla de nossa contribuição para as Ciências do Léxico, acreditamos ter colaborado para o entendimento de que o léxico, enquanto conjunto de todas as unidades lexicais de uma língua, não é apenas o produto de atos de cognição da realidade¹¹⁹ ou do mundo real. Há uma porção desse léxico, como a amostra de termos de nosso glossário evidencia, que é formada pela manipulação de relações de elementos do mundo real que resulta em conceitos, modelos mentais, incompatíveis com a experiência humana do real biofísico. Em outras palavras, há uma porção do léxico que é ficcional, específica de textos ficcionais, cujos referentes não estão no mundo real, mas em um mundo ficcional semioticamente construído. Em resumo, o léxico também é produto da atividade de imaginação criativa humana que, por meio da semiose linguística, instaura mundos ficcionais em universos de discurso dotados de conhecimentos específicos. Assim, não só entidades do mundo real são nomeadas, mas entidades de mundos ficcionais também. O léxico não só nomeia as coisas do mundo, como também recria o mundo em mundos ficcionais.

O diálogo promovido nesta pesquisa entre Linguística e Literatura pela via terminológica, revela mais uma possibilidade de abordagem da Literatura por meio das Ciências do Léxico. Abordagens de análise do texto literário pela Lexicologia já são conhecidas, como o estudo léxico-semântico de Baptista (2015) sobre a relação de unidades lexicais e a cultura regional gaúcha na obra *A Casa das Sete Mulheres* de Letícia Wierzchowski. Há também estudos em Lexicologia que exploram formações neológicas usadas por escritores, como em Martins (2004, 2007), além de verbos, como na obra *Vidas*

¹¹⁹ De acordo com Biderman (2001, p. 13-14), “a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos lingüísticos: as palavras. [...] Portanto, os símbolos, ou signos lingüísticos, se reportam ao universo referencial.”

Secas de Graciliano Ramos em Azeredo (2010). Esses estudos abordam o léxico dos textos literários analisados em uma perspectiva geral, em que o léxico é concebido como parte da língua comum. A perspectiva terminológica adotada nesta pesquisa, contudo, concebe o léxico em um recorte semântico-conceptual específico que unifica as unidades lexicais das obras em uma única temática, configurando uma sublinguagem. Em nossa abordagem, as unidades lexicais, enquanto termos ficcionais, são concebidas como elementos fundamentais da composição de um mundo ficcional instaurado por uma linguagem literária especial que assume uma configuração lexical específica em um discurso-ocorrência que congrega especificidades em relações intratextuais e intertextuais. O aspecto referencial dessas unidades aponta que elas fazem referência a particulares ficcionais de um mundo que mantêm pouca relação com o mundo real. Essas características, dentre outras já apontadas, levaram-nos a uma proposta terminológica capaz de fornecer subsídios para estudiosos do universo de discurso literário de fantasia, como folcloristas. Esta abordagem terminológica para unidades lexicais ficcionais de textos literários contribui para o reconhecimento de um fazer linguístico-estético de composição de mundos ficcionais literários que incorpora conhecimentos folclóricos, bem como engendra uma organização conceptual com uma série de termos que atuam na manutenção da eficácia da visão de mundo modelizada pela linguagem literária.

Em uma articulação de saberes transdisciplinar, buscamos explicar como são formadas as especificidades lexicais e semânticas das unidades lexicais que fazem parte de uma linguagem literária especialmente organizada na modelização semiótica de um mundo ficcional. Pressupostos provenientes de diferentes vertentes dos estudos terminológicos, Teoria Sociocognitiva da Terminologia, Terminologia Cultural, Terminologia Textual e, principalmente, Enoterminologia, em conjunto com a semântica de mundos ficcionais e integrados a procedimentos terminográficos direcionados por *corpus*, permitiram a sistematização de um quadro teórico-metodológico capaz de acolher nosso ponto de vista. Por isso, esperamos que, dada não só esta pesquisa, como a de Esperandio (2015) também, o estudo de termos ficcionais e de universos de discurso ficcionais seja reconhecido, ganhe legitimidade e seja mais estudado no âmbito dos estudos terminológicos.

Este estudo corrobora a pesquisa de Esperandio (2015) em relação à produtividade de um enfoque terminológico para obras de ficção. Em relação à pesquisa da referida autora, acreditamos ter expandido no entendimento dos papéis que a linguagem literária e a construção semiótica de um mundo ficcional exercem na atribuição da referência, na dimensão simbólica e axiológica dos termos. Nossa proposta de descrição terminológica

inclui o entendimento de que os termos não são meros rótulos usados na designação de conceitos; eles também são componentes ativos da tessitura textual, atuando na manutenção isotópica do sentido de um texto e podendo construir cadeias figurativas que recobrem percursos temáticos, como o de ‘aceitação da morte’ em HP.

Assim, esta pesquisa buscou contribuir para o estudo de termos ficcionais no discurso literário de fantasia infantojuvenil da série *Harry Potter*. Enquanto contribuição, entendemos que não esgotamos as possibilidades de estudos relacionadas ao tema, de modo que outras contribuições são certamente bem-vindas e necessárias, para que o fenômeno investigado nesta dissertação tenha respaldo em outras obras de ficção, sejam elas literárias, cinematográficas ou televisivas. Acreditamos ter cumprido os objetivos propostos; não podemos deixar de reconhecer, contudo, as limitações de nossa investigação, as quais abrem caminho para investigações futuras.

Uma delas refere-se ao público-alvo de nossa proposta de glossário. Não tivemos a oportunidade, dentro do escopo da pesquisa, de consultar o público-alvo em relação aos tipos de informações que ele julgaria importantes em um glossário que o auxiliasse no entendimento do funcionamento do discurso literário de fantasia infantojuvenil em relação ao uso que este faz de elementos do folclore de uma cultura. A inclusão de informações enciclopédicas, em nosso ponto de vista, é um dos aspectos que permite ao consulente ampliar o seu horizonte de informações sobre o termo no campo maior de suas associações culturais. Assim, no glossário há tanto a forma como dado termo é conceptualizado na obra em que se baseou quanto a sua conceptualização fora da obra.

Também não levamos em conta as traduções de HP. Por isso, pesquisas que analisem a tradução dos termos ficcionais para diferentes línguas são de importância para o entendimento das escolhas lexicogramaticais realizadas, tendo em vista a cultura dos diferentes países. Observar se houve preferência por manter as referências à cultura-fonte, ou se foram adaptados para refletir o próprio folclore da cultura-alvo, é um ponto interessante de investigação.

Outro desdobramento desta pesquisa é o uso de outras manifestações literárias ficcionais (como as séries de fantasia elencadas no Apêndice A) como *corpus*, para replicar a nossa proposta, de modo que possam ser evidenciados usos terminológicos nessas outras manifestações. Decorrente disso, a comparação de diferentes conceptualizações de um mesmo termo usado em manifestações distintas é um ponto de estudo importante, tendo em vista os diferentes recortes conceptuais passíveis de serem estabelecidos pelo enunciador em múltiplas recriações do mundo real em mundos ficcionais semioticamente construídos.

Esclarecemos que nossa proposta de descrição terminológica pode ser mais facilmente replicada a determinadas obras de ficção, sejam elas cinematográficas, literárias ou televisivas. Obras em que seja possível determinar um sistema conceptual engendrado pela narrativa, com categorias distintas de uma mesma temática ou recorte semântico-conceptual, podem ser mais facilmente abordadas terminologicamente. Obras em que seja possível recuperar sistematicamente unidades lexicais que fazem referência a conhecimentos folclóricos, como criaturas mágicas, a elementos do imaginário humano, a elementos característicos de dada cultura, que quando transpostos para o texto literário, filmico ou televisivo, ou gerados pelo próprio texto, adquirem funções axiológicas, simbólicas, referenciais e modelizadoras típicas de um mundo ficcional semioticamente construído. Nesse sentido, as obras indicadas no Apêndice A deste trabalho são alvos em potencial de replicação de nossa proposta.

Peixoto (2014), por exemplo, apresenta alguns direcionamentos em relação à identificação de unidades fraseológicas com valor terminológico no universo de discurso da ficção-científica da série *Star Trek*. Também são passíveis de análises terminológicas obras que incorporam elementos de linguagens especializadas, como no estudo de Delvizio e Almeida (2015) que, em uma perspectiva tradutória, analisam termos gastronômicos nas obras *Gabriela, cravo e canela*, e *Dona Flor e seus dois maridos* do escritor brasileiro Jorge Amado, e no estudo de Murad (2015) que, também em uma perspectiva tradutória, analisa termos da linguagem jurídica e policial no seriado televisivo *Law and Order*. Em suma, obras de ficção de caráter mais realista que buscam, a partir do uso de termos de áreas especializadas transpostos para uma segunda linguagem, atingir maior eficácia na modelização semiótica de um mundo ficcional em relação aos conhecimentos próprios dessas áreas que circulam na sociedade do mundo real.

Como não descrevemos de forma mais sistemática os possíveis percursos temáticos e figurativos da obra, acreditamos que novos estudos possam ser realizados, a fim de identificar o papel que termos ficcionais desempenham no encadeamento de percursos figurativos ficcionais que recobrem percursos temáticos.

Também prevemos a possibilidade de realização de estudos que investiguem denominações de espécies de animais e plantas, dentre outros tipos de denominações, que fazem uso de unidades lexicais provenientes de outros universos de discurso. Em outras palavras, o estudo da formação de conjuntos terminológicos é produtivo no entendimento dos processos da dinâmica lexical entre universos de discurso no processo de circulação do conhecimento. Enquanto parte da cultura, diferentes universos de discurso estabelecem trocas

em relações interdiscursivas e intertextuais. Nas palavras de Barbosa (2005, p. 106), “todos os universos de discurso em operação na comunidade sociocultural sustentam-se em relações interdiscursivas – entre processos – e em relações intertextuais – entre enunciados.” Assim, Barbosa (2005) propõe que a Terminologia Aplicada se ocupe do estudo dos processos de circulação e difusão do conhecimento entre universos de discurso. Nos exemplos que apresentamos na questão quatro do capítulo nove, observamos que o universo de discurso científico, no que tange a designação de espécies zoológicas e botânicas, é passível de utilizar tanto as unidades lexicais quanto os conceitos inicialmente engendrados no universo de discurso literário de fantasia. No universo de discurso científico essas *unidades lexicais* tornam-se inquestionavelmente *termos*. A questão que surge dessas considerações é: visto que no universo de discurso literário de fantasia, elas fazem parte de uma organização conceptual sistemática e são dotadas de conceitos específicos em uma rede de relações semânticas intra- e interdiscursivas, já não funcionariam essas unidades lexicais como *termos* no texto literário, antes mesmo de integrarem o universo de discurso científico? De acordo com o presente estudo realizado, tudo leva a crer que sim.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, G. M. de B.; ALUÍSIO, S. M.; OLIVEIRA, L. H. M. de. O método em Terminologia: revendo alguns procedimentos. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (Org.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 409-420.
- ALMEIDA, G. M. de B. A teoria comunicativa da terminologia e a sua prática. *Alfa*, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 85-101, 2006.
- AUBERT, F. H. *Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilíngue*. São Paulo: Humanitas, 1996.
- AZEREDO, J. C. S. de. *Características do universo lexical de Vidas Secas*: um estudo sobre verbos. Disponível em: <http://www.anpoll.org.br/eventos/enanpoll2010/data/admin/exibe_resumo.php?CodResumo=318>. Acesso em: 15 ago. 2016.
- BAKKER, R.T.; SULLIVAN, R. M.; PORTER, V. LARSON, P.; SAULBURY, S. J. Dracorex hogwartsia, n. gen., n. sp. a pikes, flat-headed pachycephalosaurid dinosaur from the Upper Cretaceous Hell Creek Formation of South Dakota. In: LUCAS, S. G.; SULLIVAN, R. M. (eds.). *Late Cretaceous vertebrates from the Western Interior*. New Mexico Museum of Natural History and Science Bulletin 35, p. 331-345, 2006.
- BAPTISTA, M. M. *Língua e cultura regional*: um estudo léxico-semântico da obra A casa das sete mulheres, de Letícia Wierzchowski. 2015. 156 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade, Caxias do Sul, 2015.
- BARBOSA, M. A. A Fraseologia no percurso gerativo de enunciação de codificação: no sistema, nas normas, no falar concreto. In: ALVAREZ, M. L. O. (Org.). Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em Fraseologia e Paremiologia, *Anais...v. 1*, Campinas: Pontes Editores, 2012. p. 247-254.
- _____. Da neologia à neologia na literatura. In: ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. M. P. P. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 33-51.
- _____. Dos processos de engendramento e manifestação do neologismo nos discursos essencialmente figurativos. In: AZEREDO, J. C. de (Org.). *Língua Portuguesa em Debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 176-1991.
- _____. Estudos em etno-terminologia: as unidades lexicais na literatura de cordel. In: ISQUERDO, A. N.; FINATTO, M. J. B. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS; Porto Alegre: UFRGS, 2010. p. 539-555.
- _____. Estrutura e formação do conceito nas línguas especializadas: tratamento terminológico e lexicográfico. *Rev. bras. linguist. apl.*, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 55-86, 2004. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-63982004000100006>.

- _____. Etno-terminologia e Terminologia Aplicada: objeto de estudo, campo de atuação. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 433-445.
- _____. Formação do conceito em linguagens especiais. In: ISQUERDO, A. N.; DAL CORNO, G. O. M. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2014. p. 413-424.
- _____. Para uma etno-terminologia: recortes epistemológicos. *Cienc. Cult.*, São Paulo, v. 58, n. 2, jun. 2006. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 aug. 2013.
- _____. Terminologia Aplicada: percursos interdisciplinares. *Polifonia*, Cuiabá, n.17, p. 29-44, 2009.
- _____. Terminologia e Lexicologia: plurissignificação e tratamento transdisciplinar das unidades lexicais nos discursos etno-literários. *Revista de Letras*, Ceará, n. 27, v. 1/2, p. 103-107, 2005.
- BARROS, D. L. P. de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2011.
- BARROS, L. A. Aspectos epistemológicos e perspectivas científicas da terminologia. *Cienc. Cult.*, São Paulo, v. 58, n. 2, jun. 2006. Disponível em:<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 jul. 2015.
- _____. *Curso Básico de Terminologia*. São Paulo: EDUSP, 2004.
- BEM-AMOS, D. Toward a Definition of Folklore in Context. In: PAREDES, A.; BAUMAN, R. (eds.). *Toward New Perspectives in Folklore*. Austin: University of Texas Press for the American Folklore Society, 1972.
- BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.
- BERBER SARDINHA, T. *Linguística de Corpus*. Barueri: Manole, 2004.
- _____. MCI, um identificador de candidatos a metáfora em *corpora*. In: SHEPHERD, T. M. G.; BERBER SARDINHA, T.; PINTO, M. V. *Caminhos da linguística de corpus*. Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 87-105.
- _____. *Pesquisa em Linguística de Corpus com WordSmith Tools*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.
- _____. Usando WordSmith Tools na investigação da linguagem. *DIRECT Papers*, n. 40. São Paulo: LAEL/PUC, 1999.

BEVILACQUA, C. R. Por que e para que a linguística de corpus na terminologia. In: TAGNIN, S.; BEVILACQUA, C. (Org.). *Corpora na Terminologia*. São Paulo: Hub Editorial, 2013. p. 11-27.

BIASOLI, B. L. *O leitor brasileiro de literatura infanto-juvenil no período de 1994-2004: perspectiva semiótica*. 2008. Dissertação. 174f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2008.

BOWKER, L.; PEARSON, J. *Working with specialized language: a practical guide to using corpora*. London/New York: Routledge, 2002.

BRISTOL undergraduate identifies Gloucestershire fossil as new species of ancient reptile. Disponível em: <<http://www.bristol.ac.uk/news/2015/june/new-species-of-ancient-reptile.html>>. Acesso em: 03 maio 2015.

CABRÉ, M. T. Hacia una teoría comunicativa de la terminología: aspectos metodológicos. In: CABRÉ, M. T. *La Terminología: representación y comunicación*. Barcelona: IULA, 1999. p. 129-150.

CARDOSO, A. L. M. *A transcodificação de textos científicos em textos etnoliterários, o cordel: o desenvolvimento da cognição com reflexão crítica*. 175 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) Departamento de Linguística, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

CARNEIRO, R. M. O. O vocabulário do horror: uma análise contrastiva bilíngue baseada em *corpus* do léxico especializado da série *Supernatural*. In: DUTRA, D. P.; MELLO, H. (Org.). *Anais do X Encontro de Linguística de Corpus: aspectos metodológicos dos estudos de corpora*. *Anais...* Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2012. p. 255-271.

CARNEIRO, R. M. O.; NOVODVORSKI, A. TAGNIN, S.; BEVILACQUA, C. (org.). *Corpora na Terminologia*. São Paulo: Hub Editorial, 2013. 235p. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 18, n. 1, p. 392-397, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.5433/2237-4876.2015v18n1p392>.

CHACOTO, L. Fraseoparemiologia e tradutologia. In: ORTIZ ALVAREZ, M. L. (Org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. *Anais...* Campinas: Pontes Editores, 2012. p. 2013-235.

CLAS, A. A pesquisa terminológica e a formulação de parâmetros em função das necessidades dos usuários. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. II. Campo Grande: UFMS, 2004. p. 223-238.

COELHO, N. N. A literatura infantil e seus caminhos. In: _____. *Literatura infantil: teoria – análise – didática*. São Paulo: Moderna, 2000. p. 13-61.

COLE, W. D. Descriptive Terminology: some theoretical implications. *Meta: Translators' Journal*, Montreal, v. 36, n. 1, p. 16-22, 1991. DOI: 10.7202/002347ar.

- CRYSTAL, D. *The Story of English in 100 Words*. London: Profile Books, 2011.
- DELVIZIO, I. A.; ALMEIDA, L. de. Análise comparativa entre as traduções de termos gastronômicos em Gabriela, Cravo e Canela e Dona Flor e seus dois maridos. *TradTerm*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 179-192, 2015.
- DIKI-KIDIRI, M. Éléments de terminologie culturelle. *Cahiers du RIFAL*, n. 26, p. 14-25, 2007.
- _____. Un enfoque cultural de la terminología. *Debate Terminológico*, n. 5, 2009.
- DOLEŽEL, L. *Heterocosmica: fiction and possible worlds*. Maryland: The Johns Hopkins University Press, 1998.
- _____. Possible worlds and literary fictions. In: ALLÉN, S. (Org.). *Possible worlds in humanities, arts and sciences*. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1989. p. 221-242.
- DUTRA, D. P.; MELLO, H. (Org.). *Anais do X Encontro de Linguística de Corpus: aspectos metodológicos dos estudos de corpora*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2012.
- ENKVIST, N. E. Connexity, interpretability, universes of discourses, and text worlds. In: ALLÉN, S. (Org.). *Possible worlds in humanities, arts and sciences*. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1989. p. 162-186.
- ESPERANDIO, I. B.; FINATTO, M. J. B. A definição terminológica na legendagem de seriados. *Caderno de Letras*, Pelotas, n. 22, jan./jun., p. 17-38, 2014.
- ESPERANDIO, I. B. *Legendas de seriados de tema sobrenatural: uma abordagem terminológica para tradutores*. 229f. Dissertação (Mestrado em Teorias Linguística do Léxico), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2015.
- EVEN-ZOHAR, I. ‘Reality’ and Realemes in Narrative. *Polysystem Studies, Poetics Today*, v. 11, n. 1, p. 207-218, 1990.
- FALCONER, R. *The crossover novel: contemporary children’s fiction and its adult readership*. New York; London: Routledge, 2009.
- FAÚNDEZ, E. I.; RIDER, D. Thestral incognitus, a new genus and species of Pentatomidae from Chile (Heteroptera: Pentatomidae: Pentatominae: Carpocorini). *Zootaxa*, v. 3884, n. 4, 2014, p. 394-400. doi: <http://dx.doi.org/10.11646/zootaxa.3884.4.9>
- FERGUSON, D. (Org.) *Children’s literature review*. v. 150. United States: Gale, Cengage Learning, 2010.
- FINATTO, M. J. B. Estudos sobre linguagens e textos científicos e técnicos: o que é uma terminologia textual? In: BATTISTI, E.; COLLLISCHONN, G. (Org.). *Língua e Linguagem: perspectivas de investigação*. 1ed. Pelotas - RS: EDUCAT, 2011. p. 153-172.

_____. Exploração terminológica com apoio informatizado: perspectivas, desafios e limites. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007, p. 447-458.

_____. Orientações para a terminografia: das teorias às práticas em busca de amplitude da informação terminológica. In: ISQUERDO, A. N.; DAL CORNO, G. O. M. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. VII. Campo Grande: UFMS, 2014. p. 439-457.

_____. Terminologia e ciência cognitiva. In: KRIEGER, M. da G.; MACIEL, A. M. B. (Org.). *Temas de terminologia*. Porto Alegre: UFRGS; São Paulo: Humanitas, 2001. p. 141-149.

_____. Termos, textos e textos com termos: novos enfoques dos estudos terminológicos de perspectiva linguística. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. da G. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. II. Campo Grande: UFMS, 2004. p. 341-357.

FINATTO, M. J. B.; ZILIO, L. (Org.). *Textos e Termos por Lothar Hoffmann*. Porto Alegre: Pallotti, 2015.

FINATTO, M. J. B.; ZILIO, L. MIGOTTO, E. J. Artigos de cardiologia em português e alemão: contribuições da pesquisa em corpus para o ensino de leitura instrumental. In: VIANA, V.; TAGNIN, S. E. O. *Corpora no ensino de línguas estrangeiras*. São Paulo: Hub Editorial, 2010. p. 205-234.

FIORIN, J. L. Linguagem e interdisciplinaridade. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, Junho 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-106X2008000100003>

FOŘT, B.; SLÁDEK, O. A semiotic profile: Lubomír Doležel. *SemiotiX* XN 9, 2012. Disponível em: <<http://semioticon.com/semitox/2012/12/a-semiotic-profile-lubomir-dolezel/>>. Acesso em: 18 dez. 2014.

FRANKENBERG-GARCIA, A. Compilação e uso de *corpora* paralelos. In: TAGNIN, S. E. O.; VALE, O. A. (Org.). *Avanços da linguística de corpus no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2008. p. 117-136.

FRÍAS, J. Y. Paratextualidade e Tradução: a paratradução da literatura infantil e juvenil. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, n. 34, 2014, p. 9-60.

FROMM, G. Ficção, Tradução, Terminografia e Linguística de *Corpus*: confluências. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA & SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 2011, Uberlândia. *Anais do SILEL*. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011. Disponível em: <<http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/318.pdf>>. Acesso em: 2 set. 2012.

_____. *Proposta para um modelo de glossário de informática para tradutores*. 2002. 82 f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral). Departamento de Linguística, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

_____. *VoTec: a construção de vocabulários técnicos eletrônicos para aprendizes de tradução*. 2007. 215 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês). Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

GAMBLE, N.; YATES, S. *Exploring Children's Literature: teaching the language and reading of fiction*. London: Paul Chapman Publishing, 2002.

GAUDIN, F. Socioterminologia: um itinerário bem-sucedido. In: ISQUERDO, A. N.; DAL CORNO, G. O. M. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2014. p. 293-309.

GENETTE, G. *Paratextos editoriais*. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

GRANT, J. R.; STRUWE, L. De macrocaspaeae grisebach (ex gentianaceis) speciebus novis III: six new species of moon-gentians (macrocaspaea, gentianaceae: helieae) from Parque Nacional Podocarpus, Ecuador. *Harvard Papers in Botany*, v. 8, n. 1, 2003, p. 61-81.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Tradução de Alceu Dias Lima, Diana Luz Pessoa de Barros, e outros. São Paulo: Contexto, 2016

GREIMAS, A. J. *Semiótica e ciências sociais*. São Paulo: Cultrix, 1976.

HALLIDAY, M. A. K. Language as system and language as instance: the corpus as a theoretical construct. In: SVARTVIK, J. (Org.). *Directions in corpus linguistics: proceedings of the Nobel Symposium*. Berlin; Nova York: Mouton de Gruyter, 1992. p. 61-76.

HARVEY, F. S. B.; FRAMENAU, V. W.; WOJCIESZEK, J. M.; RIX, M. G.; HARVEY, M. S. Molecular and morphological characterisation of new species in the trapdoor spider genus Aname (Araneae: Mygalomorphae: Nemesiidae) from the Pilbara bioregion of Western Australia. *Zootaxa*, n. 3383, 2012, p. 15-38.

HOFFMAN, L. Conceitos básicos da linguística das linguagens especializadas. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 17, p. 79-90, 2004.

_____. *Textos e termos por Lothar Hoffman*. Porto Alegre: Palotti, 2015.

HORNBY, A. S. *Oxford Advanced Learner's Dictionary*. 7. ed. Oxford: Oxford University Press, 2005.

HUNT, P. *Crítica, teoria e literatura infantil*. São Paulo: Cosac Naify, 2010a.

_____. Peter Hunt: “o sucesso de Harry Potter será repetido?”. Revista Época, mundo, notícias, 2010b. Disponível em :<<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI187548-15227,00...>> Acesso em: 7 set. 2014.

_____. Peter Hunt visita o IBBY brasileiro/FNLJ. In: *Seção Brasileira do International Board on Books for Young People*, 2010c. p. 4-8.

INSTITUTE FOR HUMAN AND MACHINE COGNITION (IHMC). *Cmap Tools version 5.05.01*. Flórida, Estados Unidos: Institute for Human and Machine Cognition (IHMC). Disponível em: <<http://cmap.ihmc.us/>>.

JEHA, J. A semiose da fantasia literária. *Signótica*, Goiânia, v. 13, jan./dez, p. 117-136, 2001.

_____. Mimese e Mundos Possíveis. *Signótica*, Goiânia, v. 5, jan./dez, p. 79-90, 1993.

KENNEDY, G. D. *An introduction to corpus linguistics*. London: Longman, 1998.

KLEIN, C. G.; WHITESIDE, D. I.; LUCAS, V. S. de; VIEGAS, P. A.; BENTON, M. J. A distinctive Late Triassic microvertebrate fissure fauna and a new species of Clevosaurus (Lepidosauria: Rhynchocephalia) from Woodleaze Quarry, Gloucestershire, UK. *Proceedings of the Geologists' Association*, v. 126, n. 4, 2015, p. 402-416. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.pgeola.2015.05.003>

KNAPP, N. F. In defense of Harry Potter: an apologia. *School Libraries Worldwide*. v. 9, n. 1, p. 78-91, 2003.

KOCOUREK, R. Textes et Termes. *Meta: journal des traducteurs*, Montreal, v. 36, n. 1, p. 71-76, 1991.

KRIEGER, M. da G.; FINATTO, M. J. B. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

KRIEGER, M. da G. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia: impactos necessários. In: ISQUERDO, A. N.; FINATTO, M. J. B. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. p. 161-175.

KRONZEK, A. Z.; KRONZEK, E. *The sorcerer's companion*. 3. ed. New York: Broadway Books, 2010.

LARA, L. F. Término y cultura: hacia una teoría del vocablo especializado. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. III. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 341-369.

LATORRE, V. R. D. *Uma abordagem etnoterminológica de Grande Sertão: Veredas*. 2011. 156f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral). Departamento de Linguística, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

LINO, M. T. R da F. Base de données textuelles et terminographiques. *Meta: journal des traducteurs*, Montreal, v. 39, n. 4, p. 786-789, 1994. DOI: 10.7202/003951ar.

LOTMAN, I. *A Estrutura do Texto Artístico*. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.

MACIEL, A. M. B. Terminologia e corpus. In: TAGNIN, S.; BEVILACQUA, C. (Org.). *Corpora na Terminologia*. São Paulo: Hub Editorial, 2013. p. 29-45.

- MARTINS, E. S. A neologia na literatura: a criação milloriana. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. da G. (Org.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2004. p. 53-64.
- _____. O neologismo cruzesouziano e o simbolismo. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (Org.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2007. p. 65-76.
- MELVILLE, H. *Moby Dick*. London: Penguin Books, 1994.
- MURAD, C. R. R. O. O léxico da série Law and Order: uma análise inicial baseada em corpus paralelo. *TradTerm*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 169-197, 2015.
- NASCIMENTO, A. C. C. de S. *A presença da terminologia na literatura traduzida (francês-português): algumas reflexões*. 126 f. Dissertação (Mestrado em Tradução e Terminologia do Francês). Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- NEVES, M. H. de M. Apresentação. In: NOMURA, M. *Linguagem funcional e literatura: presença do cotidiano no texto literário*. São Paulo: Annablume, 1993. p. 9-10.
- NIKOLAJEVA, M. Harry Potter and the Secrets of Children's Literature. In: HEILMAN, E. E. (Org.). *Critical Perspectives on Harry Potter*. 2. ed. New York: Routledge, 2009. p. 225-241.
- NOMURA, M. Conceitos linguísticos de linguagem literária. *Alfa*, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 189-204, 1996.
- _____. *Linguagem funcional e literatura: presença do cotidiano no texto literário*. São Paulo: Annablume, 1993.
- NOVODVORSKI, A.; FINATTO, M. J. B. Linguística de Corpus no Brasil: uma aventura mais do que adequada. *Letras & Letras*, Uberlândia, v.30, n. 2, p. 7-16, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/LL60-v30n2a2014-1>
- OHL, M.; LOHRMANN, V.; BREITKREUZ, L.; KIRSCHEY, L.; KRAUSE, S. The Soul-Sucking Wasp by Popular Acclaim – Museum Visitor Participation in Biodiversity Discovery and Taxonomy. *PLoS ONE*, v. 9, n. 4, 2014, e95068. doi:10.1371/journal.pone.0095068
- PAIS, C. T.; BARBOSA, M. A. Da análise de aspectos semânticos e lexicais dos discursos etno-literários: a proposição de uma etno-terminologia. *Matraga*, Rio de Janeiro, v.11, n. 16, jan./dez, p. 79-100, 2004.
- PALMER, F. R. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- PARODI, G. *Lingüística de Corpus: de la teoría a la empiria*. Madrid: Iberoamericana/Vervuert, 2010.

PAVEL, S.; NOLET, D. *Manual de terminologia*. Tradução de Enilde Faulstich. Canadá: Departamento de Tradução, 2002.

PEARSON, J. *Terms in Context*. Amsterdam: John Benjamins, 1998.

PEIXOTO, L. M. Identificação de unidades fraseológicas no vocabulário de Star Trek: abordagens corpus-driven e corpus-based. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 8, n. 2, p. 139-163, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/DL16-v8n2a2014-8>

PITTA, P. I. M. *A literatura infantil no contexto cultural da pós-modernidade: o caso Harry Potter*. 2006. 293 f. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2006.

RECTOR, M. *Para ler Greimas*. Rio de Janeiro: F. Alvez, 1978.

ROWLING, J. K. *Living with Harry Potter*. Interviewer: Stephen Fry. BBC Radio 4. 10 dez. 2005.

_____. *The Casual Vacancy*. New York: Little, Brown and Company, 2012.

RYAN, M. L. Mundos impossíveis e ilusão estética. *Revista Contracampo*, Niterói, v. 29, n. 1, p. 4-25, abr./jul. 2014.

SANTOS, A. Complexidade e transdisciplinaridade em educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 71-83, abr. 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782008000100007>.

SCOTT, M. *WordSmith Tools*. Versão 6. Liverpool: Lexical Analysis Software, 2012.

SHEPHERD, T. M. G.; SARDINHA, T. B.; PINTO, M. V. *Caminhos da linguística de corpus*. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

SILVA, M. M. A. da; CHAGURI, J. de P. A etnoterminologia da culinária baiana na obra Dona Flor e seus dois maridos: análise dos aspectos do discurso etnoliterário na versão para o inglês. *Dialogia*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 37-46, 2010.

SINCLAIR, J. *Corpus, concordance, collocation*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

_____. *Trust the Text: Language, Corpus and Discourse*. London: Routledge, 2004.

STABLEFORD, B. *Historical dictionary of fantasy literature*. Maryland: Scarecrow Press, 2005.

STEGER, H. O que é linguagem literária? *Fragmentos*, Florianópolis, n. 3, jan./dez, p. 101-140, 1987.

SVARTVIK, J. Corpus linguistics comes of age. In: SVARTVIK, J. (Org.). *Directions in corpus linguistics: proceedings of the Nobel Symposium*. Berlin; Nova York: Mouton de Gruyter, 1992. p. 7-13.

TAGNIN, S.; BEVILACQUA, C. (Org.). *Corpora na Terminologia*. São Paulo: Hub Editorial, 2013.

TAGNIN, S. E. O. Linguística de *corpus* e fraseologia: uma feita para a outra. In: ALVAREZ, M. L. O.; UNTERNBAUMEN, E. H. (Org.) *Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas*. Campinas: Pontes Editores, 2011. p. 277-302.

TAGNIN, S. E. O. *O jeito que a gente diz*. São Paulo: Disal, 2005.

TAGNIN, S. E. O.; VALE, O. A. *Avanços da linguística de corpus no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2008.

TEIXEIRA, E. D. *A Linguística de Corpus a serviço do tradutor*: proposta de um dicionário de culinária voltado para a produção textual. 439 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

TEMMERMAN, R. Questioning the univocity ideal. The difference between socio-cognitive Terminology and traditional Terminology. *Hermes, Journal of Linguistics*, n. 18, p. 51-90, 1997.

_____. *Towards New Ways of Terminology Description*: the sociocognitive approach. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins, 2000.

TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

_____. *Simbolismo e interpretação*. Trad. Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

TOGNINI-BONELLI, E. *Corpus Linguistics at Work*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

VIANA, V. Linguística de *corpus*: conceitos, técnicas e análises. In: VIANA, V.; TAGNIN, S. E. O. (Org.). *Corpora no ensino de línguas estrangeiras*. São Paulo: Hub Editorial, 2010. p. 25-95.

VIANA, V.; TAGNIN, S. E. O. (Org.). *Corpora na tradução*. São Paulo: Hub Editorial, 2015.

VIANA, V.; TAGNIN, S. E. O. (Org.). *Corpora no ensino de línguas estrangeiras*. São Paulo: Hub Editorial, 2010.

VOLLI, U. *Manual de semiótica*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

WELKER, A. H. *Dicionários*: uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.

WYLER, L. Harry Potter for children, teenagers and adults. *Meta: translator's journal*, v. 48, n. 1-2, p. 5-14, 2003. DOI: 10.7202/006954ar.

ZANINI, C. V.; MAGGIO, S. S. (Org.). *O insólito nas literaturas de língua inglesa*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2015.

Referências do *Corpus de Estudo*

- ROWLING, J. K. *Fantastic Beasts and Where to Find Them*. New York: Scholastic, 2001.
- _____. *Harry Potter and the Chamber of Secrets*. London: Bloomsbury, 2004.
- _____. *Harry Potter and the Deathly Hallows*. London: Bloomsbury, 2007.
- _____. *Harry Potter and the Goblet of Fire*. London: Bloomsbury, 2004.
- _____. *Harry Potter and the Half-Blood Prince*. London: Bloomsbury, 2005.
- _____. *Harry Potter and the Order of the Phoenix*. London: Bloomsbury, 2003.
- _____. *Harry Potter and the Philosopher's Stone*. London: Bloomsbury, 2004.
- _____. *Harry Potter and the Prisoner of Azkaban*. London: Bloomsbury, 2004.
- _____. *Quidditch Through the Ages*. New York: Scholastic, 2001.
- _____. *The Tales of Beedle, the Bard*. London: Bloomsbury, 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Registro de séries literárias de fantasia¹²⁰

| Título da série | Autor | Ano de publicação | Número de volumes |
|---|-------------------------------|-------------------|-------------------|
| <i>Alice</i> | Lewis Carroll | 1865-1871 | 2 |
| <i>Gormenghast Series</i> | Mervyn Peake | 1946-1959 | 3 |
| <i>The Lord of the Rings</i> | J. R. R. Tolkien | 1954-1955 | 3 |
| <i>The Sword of Shannara Trilogy</i> | Terry Brooks | 1977-1985 | 3 |
| <i>Riftwar Saga</i> | Raymond E. Feist | 1982-1986 | 3 |
| <i>Rusalka Trilogy</i> | C. J. Cherryh | 1989-1991 | 3 |
| <i>His Dark Materials</i> | Philip Pullman | 1995-2000 | 3 |
| <i>Wind on Fire</i> | William Nicholson | 2000-2003 | 3 |
| <i>The Prince of Nothing</i> | R. Scott Bakker | 2004-2006 | 3 |
| <i>Inkheart Trilogy</i> | Cornelia Funke | 2003-2007 | 3 |
| <i>Noble Warriors Trilogy</i> | William Nicholson | 2006-2007 | 3 |
| <i>Mistborn Trilogy</i> | Brandon Sanderson | 2006-2008 | 3 |
| <i>The Magicians Trilogy</i> | Lev Grossman | 2009-2014 | 3 |
| <i>The Song of the Lioness</i> | Tamora Pierce | 1983-1988 | 4 |
| <i>Inheritance Cycle</i> | Christopher Paolini | 2002-2011 | 4 |
| <i>The Twilight Saga</i> | Stephenie Myer | 2005-2008 | 4 |
| <i>The Chronicles of Prydian</i> | Lloyd Alexander | 1964-1968 | 5 |
| <i>The Dark is Rising</i> | Susan Cooper | 1965-1977 | 5 |
| <i>Earthsea</i> | Ursula K. Le Guin | 1968-2001 | 5 |
| <i>A Song of Ice and Fire</i> | George R. R. Martin | 1996- | 5 |
| <i>The Spiderwick Chronicles</i> | Tony DiTerlizzi e Holly Black | 2003-2004 | 5 |
| <i>The Underland Chronicles</i> | Suzanne Collins | 2003-2007 | 5 |
| <i>Percy Jackson and the Olympians</i> | Rick Riordan | 2005-2009 | 5 |
| <i>Magic Kingdom of Landover Series</i> | Terry Brooks | 1986- | 6 |

¹²⁰ Esta lista é uma pequena amostra de obras literárias de fantasia (40 séries) de autores de nacionalidades diversas com obras publicadas em língua inglesa (original ou tradução), organizada em ordem crescente de quantidade de volumes. Consideramos a publicação de dois volumes ou mais como constituindo uma série ou sequência. Quando o número de volumes coincidiu, organizamos em ordem cronológica, das publicações mais antigas para as mais recentes. A listagem das obras refere-se à sequência principal de cada série. Eventuais obras complementares, como contos e compêndios, baseados no mesmo mundo ficcional das séries não foram consideradas por questões de extensão. As datas referem-se à publicação do primeiro e último volumes das séries. A ausência do último ano indica que a série está inacabada. Nesses casos o número de volumes indicado corresponde ao número daqueles que já foram publicados até o ano da defesa desta dissertação.

| | | | |
|---------------------------------------|-------------------|-----------|----|
| <i>The Darkness Series</i> | Harry Turtledove | 1999-2004 | 6 |
| <i>The Seventh Tower</i> | Garth Nix | 2000-2001 | 6 |
| <i>Chronicles of Ancient Darkness</i> | Michelle Paver | 2004-2009 | 6 |
| <i>The Mortal Instruments</i> | Cassandra Clare | 2007-2014 | 6 |
| <i>The Chronicles of Narnia</i> | C. S. Lewis | 1950-1956 | 7 |
| <i>Chrestomanci</i> | Diana Wynne Jones | 1977-2006 | 7 |
| <i>The Dark Tower</i> | Stephen King | 1982-2004 | 7 |
| <i>Harry Potter</i> | J. K. Rowling | 1997-2007 | 7 |
| <i>The Keys to the Kingdom</i> | Garth Nix | 2003-2010 | 7 |
| <i>Artemis Fowl</i> | Eoin Colfer | 2001-2012 | 8 |
| <i>Oz</i> | L. Frank Baum | 1900-1920 | 14 |
| <i>The Wheel of Time</i> | Robert Jordan | 1990-2013 | 14 |
| <i>Deverry Cycle</i> | Katherine Kerr | 1986- | 15 |
| <i>Deltora Quest Series</i> | Emily Rodda | 2000-2005 | 15 |
| <i>The Sword of Truth</i> | Terry Goodkind | 1994-2015 | 17 |
| <i>Discworld</i> | Terry Pratchett | 1983-2015 | 41 |

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de fontes diversas da *Web*.

APÊNDICE B – Fichas Terminológicas

Ficha Base

| BASIC INFORMATION | | | | | | | | | | |
|--|-----------------------------|------------------|--|----------------------|-----------|-------|---------------------------|---|---|---------|
| Headword: | Gram Info : | Singular/Plural: | Nº of books: | Other denominations: | Ontology: | Freq: | | | | |
| CONTEXTS OF USE | | | | | | | | | | |
| Context 1: | | | Concept 1: | | | | | | | Source: |
| Context 2: | | | Concept 2: | | | | | | | Source: |
| Context 3: | | | Concept 3: | | | | | | | Source: |
| Context 4: | | | Concept 4: | | | | | | | Source: |
| SEMANTIC-CONCEPTUAL ANALYSIS | | | | | | | | | | |
| Concept | Distinctive semantic traces | | | | | | | | | |
| | A | B | C | D | E | F | G | H | I | J |
| 1 | | | | | | | | | | |
| 2 | | | | | | | | | | |
| 3 | | | | | | | | | | |
| 4 | | | | | | | | | | |
| Conceptus: | | | Metaconceptus: | | | | Metametaconceptus: | | | |
| Definition: | | | Dictionarised term? <input type="checkbox"/> Yes <input type="checkbox"/> No Coincidental definitions? <input type="checkbox"/> Yes <input type="checkbox"/> No <input type="checkbox"/> Partial Source: | | | | Dictionarised definition: | | | |
| Notes on definition: | | | Isotopy? <input type="checkbox"/> Yes <input type="checkbox"/> No Which? | | | | See also: | | | |
| COLLOCATIONAL PATTERNS AND IDIOMATIC EXPRESSIONS | | | | | | | | | | |
| Collocations: | | | Notes on collocations: | | | | | | | |
| Idioms: | | | Notes on idioms: | | | | | | | |
| ENCYCLOPAEDIC INFORMATION | | | | | | | | | | |
| Encyclopaedic Information: | | | | | | | | | | |
| Record nº 0 | | | | | | | | | | |
| Revision Date: D/M/Y | | | | | | | | | | |

Ficha 1

| BASIC INFORMATION | | | | | | |
|---|--|----------------|--------------------------------|------------------------|-------------------------|---------------------|
| Headword: <i>Avada Kedavra</i> | Gram Info: noun, neutral | Sing/Plural: Ø | Nº of books: HP 4, 5, 6, 7, TB | Other denominations: Ø | Position: 2.9.2.1.1.1.1 | Freq: 25/23 |
| CONTEXTS OF USE | | | | | | |
| Context 1: ‘Some lesson, though, eh?’ said Ron to Harry, as they set off for the Great Hall. ‘Fred and George were right, weren’t they? He really knows his stuff, Moody, doesn’t he? When he did Avada Kedavra, the way that spider just died, just snuffed it right –’ | Concept 1: used to kill instantly | | | | | Source: HP 4 |
| Context 2: ‘Ah,’ said Moody, another slight smile twisting his lop-sided mouth. ‘Yes, the last and worst. Avada Kedavra ... the killing curse.’ | Concept 2: the killing curse | | | | | Source: HP 4 |
| Context 3: ‘Avada Kedavra!’ Moody roared. There was a flash of blinding green light and a rushing sound, as though a vast, invisible something was soaring through the air – instantaneously the spider rolled over onto its back, unmarked, but unmistakably dead. Several of the girls stifled cries; Ron had thrown himself backwards and almost toppled off his seat as the spider skidded towards him. Moody swept the dead spider off the desk onto the floor. | Concept 3: characterised by a flash of green light; the attacked does not show physical damage | | | | | Source: HP 4 |
| Context 4: ‘Avada Kedavra’s a curse that needs a powerful bit of magic behind it – you could all get your wands out now and point them at me and say the words, and I doubt I’d get so much as a nose-bleed. But that doesn’t matter. I’m not here to teach you how to do it. Now, if there’s no counter-curse, why am I showing you? Because you’ve got to know. You’ve got to appreciate what the worst is. You don’t want to find yourself in a situation where you’re facing it. CONSTANT VIGILANCE!’ he roared, and the whole class jumped again. ‘Now ... those three curses – Avada Kedavra, Imperius and Cruciatus – are known as the Unforgivable Curses. The use of any one of them on a fellow human being is enough to earn a life sentence in Azkaban. That’s what you’re up against. That’s what I’ve got to teach you to fight. You need preparing. You need arming. But most of all, you need to practise constant, never-ceasing vigilance. Get out your quills ... copy this down ...’ | Concept 4: one of the Unforgivable Curses whose use on a human being earns the attacker a life sentence in Azkaban prison | | | | | Source: HP 4 |
| Context 5: The Cruciatus, Imperius and Avada Kedavra Curses were first classified as Unforgivable in 1717, with the strictest penalties attached to their use. | Concept 5: if used the wizard might suffer severe penalties | | | | | Source: TB |
| SEMANTIC-CONCEPTUAL ANALYSIS | | | | | | |
| Concept | Distinctive semantic traces | | | | | |

| | A | B | C | D | E | F | G | H | I | J | | | | |
|--|--------------|---------------|--|--|--|---|---|---|---|---|--|--|--|--|
| 1 | used to kill | | | | | | | | | | | | | |
| 2 | | killing curse | | | | | | | | | | | | |
| 3 | | | characterised by a flash of green light | the attacked does not show physical damage | | | | | | | | | | |
| 4 | | | | | one of the Unforgivable Curses whose use on a human being earns the attacker a life sentence in Azkaban prison | | | | | | | | | |
| 5 | | | | | if used the wizard might suffer severe penalties | | | | | | | | | |
| Conceptus: used to kill | | | Metaconceptus: incantation characterised by a flash of green light; the attacked does not show physical damage | | | | Metametaconceptus: the wizard who uses it on a human being suffers severe penalties such as being sent to the Azkaban prison | | | | | | | |
| Definition: incantation used to kill instantly | | | Dictionarised Term? () Yes (X) No Coincidental Definitions? () Yes (X) No () Partial Source: Ø | | | | Dictionarised Definition: Ø | | | | | | | |
| Notes on definition: characterised by a flash of green light; the attacked does not show physical damage; the wizard who uses it on a human being suffers severe penalties such as being sent to the Azkaban prison; only Harry Potter is known to have survived the use of this incantation without the use of any magical artifice; his survival was owing to the protection of his mother's love | | | Isotopy? (X) Yes () No Which? Death | | | | See also: Unforgivable Curses; Avada Kedavra Curse | | | | | | | |
| COLLOCATIONAL PATTERNS AND IDIOMATIC EXPRESSIONS | | | | | | | | | | | | | | |
| Collocations: Ø | | | | | Notes on collocations: Ø | | | | | | | | | |

| | |
|--|--------------------|
| Idioms: Ø | Notes on idioms: Ø |
| ENCYCLOPAEDIC INFORMATION | |
| Encyclopaedic Information: | |
| <p>Causes instant, painless death to whomever the curse hits. There is no countercurse or method of blocking this spell; however, if someone sacrifices their life for someone else, the person who was saved will not encounter any adverse effects of any curses by the specific attacker (e.g. when Lily Potter sacrificed her life for Harry Potter at Voldemort's hands, Harry became immune to curses cast by Voldemort). One of the three Unforgivable Curses. Survivors: Only two people in the history of the magical world are known to have survived the killing curse – Harry Potter and Voldemort; the latter was only saved by his horcruxes. Harry was hit twice directly. Phoenixes can also survive a killing curse. They burst into flame as they would do in old age and are reborn from the ashes. This occurred in <i>Harry Potter and the Order of the Phoenix</i>. Suggested etymology: During an audience interview at the Edinburgh Book Festival (15 April 2004) Rowling said: "Does anyone know where <i>Avada Kedavra</i> came from? It is an ancient spell in Aramaic, and it is the original of <i>Abracadabra</i>, which means 'let the thing be destroyed'. Originally, it was used to cure illness and the 'thing' was the illness, but I decided to make it the 'thing' as in the person standing in front of me. I take a lot of liberties with things like that. I twist them round and make them mine." (Source: <https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_spells_in_Harry_Potter>)</p> | |
| <p>The Killing Curse (<i>Avada Kedavra</i>) is a tool of the Dark Arts and one of the three Unforgivable Curses. It is one of the most powerful and sinister spells known to wizardkind. When cast successfully on a living person or creature, the curse causes instantaneous death. The only known counter-spell is sacrificial protection, which uses the magic of love. However, one may dodge the green bolt, block it with a physical barrier or by the use of Priori Incantatem. The Killing Curse is an "unblockable" curse, thus Shield Charms won't defend against it. An explosion or green fire may result if the spell hits something other than a living target. (Source: <http://harrypotter.wikia.com/wiki/Killing_Curse>)</p> | |
| Record n° 1 | |
| Revision date: 08/06/2016 | |

Ficha 2

| BASIC INFORMATION | | | | | | |
|--|---|---|--------------------------|-------------------------------------|----------------------|-----------------|
| Headword: Deathly Hallows | Gram Info: noun, neutral | Sing/Plural: Hallow (9), Hallows (36) | Nº of books: HP 7 | Other denominations: Hallows | Position: 3.1 | Freq: 32 |
| CONTEXTS OF USE | | | | | | |
| <p>Context 1: 'Those are the Deathly Hallows,' said Xenophilius. He picked up a quill from a packed table at his elbow, and pulled a torn piece of parchment from between more books. 'The Elder Wand,' he said, and he drew a straight vertical line upon the parchment. 'The Resurrection Stone,' he said, and he added a circle on top of the line. 'The Cloak of Invisibility,' he finished, enclosing both line and circle in a triangle, to make the symbol that so intrigued Hermione. 'Together,' he said, 'the Deathly Hallows.'</p> | <p>Concept 1: the Elder Wand, the Resurrection Stone, the Cloak of Invisibility are together the Deathly Hallows</p> | Source: HP 7 | | | | |
| Context 2: 'But there's no mention of the words "Deathly Hallows" in the story,' | Concept 2: three objects that if united make the possessor master of Death | Source: | | | | |

| | | |
|---|--|------------------------|
| <p>said Hermione. 'Well, of course not,' said Xenophilius, maddeningly smug. 'That is a children's tale, told to amuse rather than to instruct. Those of us who understand these matters, however, recognise that the ancient story refers to three objects, or Hallows, which, if united, will make the possessor master of Death.'</p> | | HP 7 |
| <p>Context 3: Voldemort had been raised in a Muggle orphanage. Nobody could have told him The Tales of Beedle the Bard when he was a child, any more than Harry had heard them. Hardly any wizards believed in the Deathly Hallows. Was it likely that Voldemort knew about them? Harry gazed into the darkness ... if Voldemort had known about the Deathly Hallows, surely he would have sought them, done anything to possess them: three objects that made the possessor master of Death? If he had known about the Deathly Hallows, he might not have needed Horcruxes in the first place. Didn't the simple fact that he had taken a Hallow, and turned it into a Horcrux, demonstrate that he did not know this last great wizarding secret?</p> | <p>Concept 3: most wizards do not believe in them; with them a wizard might not need Horcruxes to be immortal</p> | Source: HP 7 |
| <p>Context 4: 'I am afraid I counted on Miss Granger to slow you up, Harry. I was afraid that your hot head might dominate your good heart. I was scared that, if presented outright with the facts about those tempting objects, you might seize the Hallows as I did, at the wrong time, for the wrong reasons. If you laid hands on them, I wanted you to possess them safely. You are the true master of death, because the true master does not seek to run away from Death. He accepts that he must die, and understands that there are far, far worse things in the living world than dying.' 'And Voldemort never knew about the Hallows?' 'I do not think so, because he did not recognise the Resurrection Stone he turned into a Horcrux. But even if he had known about them, Harry, I doubt that he would have been interested in any except the first. He would not think that he needed the Cloak, and, as for the stone, whom would he want to bring back from the dead? He fears the dead. He does not love.'</p> | <p>Concept 4: the true master of Death does not run away from it; he accepts that he must die</p> | Source: HP 7 |

SEMANTIC-CONCEPTUAL ANALYSIS

| | | | | | | | | | | | | |
|--|---|-------------------------------------|--|---|---------------------------------|--|---|--|--|--|--|--|
| 2 | three objects that if united make the possessor master of Death | | | | | | | | | | | |
| 3 | | most wizards do not believe in them | with them a wizard might not need Horcruxes to be immortal | | | | | | | | | |
| 4 | | | | the true master of death accepts that he must die | | | | | | | | |
| Conceptus: three objects | | | Metaconceptus: most wizards do not believe in these magical objects; with them a wizard might not need Horcruxes to be immortal | | | | Metametaconceptus: the true master of death accepts that he must die | | | | | |
| Definition: three magical objects that if united make the possessor master of Death | | | Dictionarised term? () Yes (X) No Coincidental definitions? () Yes (X) No () Partial Source: Ø | | | | Dictionarised definition: Ø | | | | | |
| Notes on definition: the three Deathly Hallows are the Elder Wand, the Resurrection Stone and the Cloak of Invisibility; most wizards do not believe in them; with them a wizard might not need Horcruxes to be immortal; the true master of death accepts that he must die | | | Isotopy? (X) Yes () No Which? Death | | | | See also: Cloak of Invisibility, Elder Wand, Resurrection Stone | | | | | |
| COLLOCATIONAL PATTERNS AND IDIOMATIC EXPRESSIONS | | | | | | | | | | | | |
| Collocations: Ø | | | | | Notes on collocations: Ø | | | | | | | |
| Idioms: Ø | | | | | Notes on idioms: Ø | | | | | | | |

EncyclopaedicInformation:

The Deathly Hallows are three magical objects that are the focus of *Harry Potter and the Deathly Hallows* - a unbeatable wand, a stone to bring the dead to life, and a cloak of invisibility. When owned by one person, they are said to give mastery over death. The objects are generally remembered only as part of a wizard's fairy tale called *The Tale of the Three Brothers*, and have become mythological over time, but a small number of wizards including Dumbledore still believe in their existence and seek them. According to Rowling, the story about how these objects came into existence is based upon Geoffrey Chaucer's *The Pardoner's Tale*. (Source: <https://en.wikipedia.org/wiki/Magical_objects_in_Harry_Potter#Deathly_Hallows>)

The **Deathly Hallows** are three highly powerful magical objects supposedly created by Death and given to each of three brothers in the Peverell family. They consisted of the **Elder Wand**, an immensely powerful wand that was considered unbeatable; the **Resurrection Stone**, a stone which could summon the spirits of the dead, and the **Cloak of Invisibility**, which, as its name suggests, renders the user completely invisible. According to the story, both Antioch Peverell (owner of the Wand) and Cadmus Peverell (owner of the Stone) came to bad ends. However, Ignotus Peverell's wisdom in requesting the Cloak was rewarded. (Source: <http://harrypotter.wikia.com/wiki/Deathly_Hallows>)

Record n° 2

Revision Date: 08/06/2016

Ficha 3

| BASIC INFORMATION | | | | | | |
|--|--|----------------------------|----------------------------------|---------------------------|----------------------|--------------|
| Headword: Dementors | Gram Info: noun, neutral | Singular: Dementor (81) | Nº of books: HP 3, 4, 5, 6, 7 | Other denominations: Ø | Position: 2.9.3.2 | Freq: 276 |
| CONTEXTS OF USE | | | | | | |
| Context 1: 'Dementors are among the foulest creatures that walk this earth. They infest the darkest, filthiest places, they glory in decay and despair, they drain peace, hope and happiness out of the air around them. Even Muggles feel their presence, though they can't see them. Get too near a Dementor and every good feeling, every happy memory, will be sucked out of you. If it can, the Dementor will feed on you long enough to reduce you to something like itself – soulless and evil. You'll be left with nothing but the worst experiences of your life. And the worst that has happened to you, Harry, is enough to make anyone fall off their broom. You have nothing to feel ashamed of.' 'When they get near me –' Harry stared at Lupin's desk, his throat tight, 'I can hear Voldemort murdering my mum.' | Concept 1: foul creatures that drain hope and happiness out of people; they feed on people's good feelings and happy memories leaving them with the worst experiences of their lives; Muggles feel a Dementor's presence but can't see them | Source: HP 3 | | | | |
| Context 2: He shook his head, and dived out of sight, along another path. Keen to put plenty of distance between himself and the Skrewts, Harry hurried off again. Then, as he turned a corner, he saw – A Dementor was gliding towards him. Twelve feet tall, its face hidden by its hood, its rotting, scabbed hands outstretched, it advanced, sensing its way blindly towards him. Harry could hear its rattling breath; he felt clammy coldness stealing over him, but knew what he had to do ... He | Concept 2: twelve feet tall cloaked creatures with scabbed rotting hands, rattling breath; they're repelled with the incantation <i>Expecto Patronum</i> | Source: HP 4 | | | | |

| | | |
|--|---|--------------------------------|
| <p>summoned the happiest thought he could, concentrated with all his might on the thought of getting out of the maze and celebrating with Ron and Hermione, raised his wand and cried, 'Expecto Patronum!'</p> | | |
| <p>Context 3: Harry felt a chill in his stomach, as Professor McGonagall struggled to find words to describe what had happened. He did not need her to finish her sentence. He knew what the Dementor must have done. It had administered its fatal kiss to Barty Crouch. It had sucked his soul out through his mouth. He was worse than dead.</p> | <p>Concept 3: they administer a kiss to their victims, sucking their soul through their mouths</p> | <p>Source: HP 4</p> |
| <p>Context 4: 'What's under a Dementor's hood?' Professor Lupin lowered his bottle thoughtfully. 'Hmmm ... well, the only people who really know are in no condition to tell us. You see, the Dementor only lowers its hood to use its last and worst weapon.' 'What's that?' 'They call it the Dementors' Kiss,' said Lupin, with a slightly twisted smile. 'It's what Dementors do to those they wish to destroy utterly. I suppose there must be some kind of mouth under there, because they clamp their jaws upon the mouth of the victim and – and suck out his soul.' Harry accidentally spat out a bit of Butterbeer. 'What – they kill –?' 'Oh, no,' said Lupin. 'Much worse than that. You can exist without your soul, you know, as long as your brain and heart are still working. But you'll have no sense of self any more, no memory, no ... anything. There's no chance at all of recovery. You'll just – exist. As an empty shell. And your soul is gone for ever ... lost.'</p> | <p>Concept 4: they suck out the soul of their victims by clamping their jaws upon their mouths; this act is termed Dementor's Kiss</p> | <p>Source: HP 3</p> |
| <p>Context 5: 'So ...' Professor Lupin had taken out his own wand, and indicated that Harry should do the same. 'The spell I am going to try and teach you is highly advanced magic, Harry – well beyond Ordinary Wizarding Level. It is called the Patronus Charm.' 'How does it work?' said Harry nervously. 'Well, when it works correctly, it conjures up a Patronus,' said Lupin, 'which is a kind of Anti-Dementor – a guardian which acts as a shield between you and the Dementor.'</p> | <p>Concept 5: they are repelled by a Patronus Charm; Patronus is the effect of the charm</p> | <p>Source: HP 3</p> |
| <p>Context 6: 'De – men – tors,' said Harry slowly and clearly. 'Two of them.' 'And what the ruddy hell are Dementors?' 'They guard the wizard prison, Azkaban,' said Aunt Petunia.</p> | <p>Concept 6: guards of the wizard prison Azkaban</p> | <p>Source: HP 5</p> |
| <p>Context 7: It had taken all Harry's will power to uproot himself from the spot and run, leaving the eyeless Dementors to glide amongst the Muggles who might not be able to see them, but would assuredly feel the despair they cast wherever they went.</p> | <p>Concept 7: eyeless creatures; cast despair wherever they are</p> | <p>Source: HP 7</p> |
| <p>Context 8: 'D'you know what I see and hear every time a Dementor gets too near me?' Ron and Hermione shook their heads, looking apprehensive. 'I can hear my</p> | <p>Concept 8: when a Dementor gets near Harry his worst memory is of the day his mother died</p> | <p>Source: HP 3</p> |

| | | |
|--|--|--|
| <p>mum screaming and pleading with Voldemort. And if you'd heard your mum screaming like that, just about to be killed, you wouldn't forget it in a hurry. And if you found out someone who was supposed to be a friend of hers betrayed her and sent Voldemort after her –'</p> | | |
|--|--|--|

SEMANTIC-CONCEPTUAL ANALYSIS

| Concept | Distinctive semantic traces | | | | | | | | | |
|---------|--|---|---|--|---|--|---|---|---|---|
| | A | B | C | D | E | F | G | H | I | J |
| 1 | foul creatures that drain hope and happiness out of people | they feed on people's good feelings and happy memories leaving them with the worst experiences of their lives | Muggles feel a Dementor's presence but can't see them | | | | | | | |
| 2 | | | | twelve feet tall cloaked creatures with scabbed rotting hands, rattling breath | they're repelled with the incantation <i>Expecto Patronum</i> | | | | | |
| 3 | | | | | | they administer a kiss to their victims, sucking their soul through their mouths | | | | |
| 4 | | | | | | they suck out the soul of their victims by clamping their jaws upon their mouths; this act is termed Dementor's Kiss | | | | |

| | | | | | | | | | | | | |
|---|--|--|--|------------------|---------------------------------------|--|---|--|--|--|--|--|
| 5 | | | | | they are repelled by a Patronus Charm | | | | | | | |
| 6 | | | | | guards of the wizard prison Azkaban | | | | | | | |
| 7 | | | | eyelesscreatures | | | | | | | | |
| 8 | | when a Dementor gets near Harry his worst memory is of the day his mother died | | | | | | | | | | |
| Conceptus: twelve feet tall cloaked and eyeless creatures with scabbed rotting hands, rattling breath | | | Metaconceptus: guard the wizarding prison called Azkaban; foul creatures that drain hope and happiness out of people; they feed on people's good feelings and happy memories leaving them with the worst experiences of their lives; they suck out the soul of their victims by clamping their jaws upon their mouths; this act is termed Dementor's Kiss | | | | Metametaconceptus: symbol of depression and unhappiness, despair | | | | | |
| Definition: dark creatures that are twelve feet tall, cloaked and eyeless, with scabbed rotting hands and rattling breath that drain hope and happiness out of people | | | Dictionary Term? () Yes (X) No Coincidental Definitions? () Yes (X) No () Partial Source: Ø | | | | Dictionary Definition: Ø | | | | | |
| Notes on definition: foul creatures that guard the wizarding prison called Azkaban; they feed on people's good feelings and happy memories leaving them with the worst experiences of their lives; they suck out the soul of their victims by clamping their jaws upon their mouths; this act is termed Dementor's Kiss; when a Dementor gets near Harry his worst memory is of the day his mother died; symbol of depression and unhappiness, despair | | | Isotopy? (X) Yes () No Which? Death | | | | See also: <i>expecto patronum</i> | | | | | |
| COLLOCATIONAL PATTERNS AND IDIOMATIC EXPRESSIONS | | | | | | | | | | | | |
| Collocations: | | | | | Notes on collocations: Ø | | | | | | | |

| | |
|---|--------------------|
| a. [N-N]: Dementor attack (4), Dementor attacks (3); Dementor's Kiss (3), Dementors' Kiss (2) | |
| Idioms: Ø | Notes on idioms: Ø |
| ENCYCLOPAEDIC INFORMATION | |
| Encyclopaedic Information: | |
| <p>The dementors are "soulless creatures... among the foulest beings on Earth": a phantom species who, as their name suggests, gradually deprive human minds of happiness and intelligence. They are the guards of the wizard prison, Azkaban, until after the return of antagonist Lord Voldemort. (Source: <https://en.wikipedia.org/wiki/Magical_creatures_in_Harry_Potter#Dementors>)</p> <p>A Dementor is a non-being and Dark creature, considered one of the foulest to inhabit the world. Dementors feed upon human happiness, and thus cause depression and despair to anyone near them. They can also consume a person's soul, leaving their victims in a permanent vegetative state, and thus are often referred to as "<i>soul-sucking fiends</i>". They are known to leave a person as an 'empty-shell'. The Ministry of Magic employed Dementors as the guards of Azkaban prison, until mid-1996, when Lord Voldemort was sighted in the Ministry, and their defection to his side was realised. The Dementors supposedly led the Death Eaters and Voldemort into the Ministry of Magic. After the end of the Second Wizarding War in 1998, the Ministry was reformed, and Minister for Magic Kingsley Shacklebolt ensured that they were not used by the government again. (Source: <http://harrypotter.wikia.com/wiki/Dementor#cite_note-Pottermore-0>)</p> | |
| Record nº 3 | |
| Revision date: 26/05/2016 | |

Ficha 4

| BASIC INFORMATION | | | | | | |
|---|---|----------------|----------------------------|------------------------|---------------------------|------------------------|
| Headword: <i>expecto patronum</i> | Gram Info: noun, neutral | Sing/Plural: Ø | Nº of books: HP 3, 4, 5, 7 | Other denominations: Ø | Position: 2.9.3.2.1.1.1.1 | Freq: 36 |
| CONTEXTS OF USE | | | | | | |
| Context 1: Plunging a hand down the neck of his robes, he whipped out his wand and roared, 'Expecto patronum!' Something silver white, something enormous, erupted from the end of his wand. He knew it had shot directly at the Dementors but didn't pause to watch; his mind still miraculously clear, he looked ahead – he was nearly there. He stretched out the hand still grasping his wand and just managed to close his fingers over the small, struggling Snitch. | Concept 1: a silver white form emerges of a wand's tip when the words are uttered by a wizard | | | | | Source: HP 3 |
| Context 2: He summoned the happiest thought he could, concentrated with all his might on the thought of getting out of the maze and celebrating with Ron and Hermione, raised his wand and cried, 'Expecto Patronum!' A silver stag erupted from the end of Harry's wand and galloped towards the Dementor, which fell back, and tripped over the hem of its robes ... Harry had never seen a Dementor stumble. | Concept 2: in order to cast 'expecto patronum', one needs to summon the happiest possible thoughts; Harry thinks of his friends while conjuring his Patronus | | | | | Source: HP 4 |

| | | | | | | | | | | |
|--|--|--|--|---|---|---|---|---|---|---|
| <p>Context 3: 'What does a Patronus look like?' said Harry curiously. 'Each one is unique to the wizard who conjures it.' 'And how do you conjure it?' 'With an incantation, which will work only if you are concentrating, with all your might, on a single, very happy memory.' Harry cast about for a happy memory. Certainly, nothing that had happened to him at the Dursleys' was going to do. Finally, he settled on the moment when he had first ridden a broomstick. 'Right,' he said, trying to recall as exactly as possible the wonderful, soaring sensation in his stomach. 'The incantation is this —' Lupin cleared his throat, 'expecto patronum!' 'Expecto patronum,' Harry repeated under his breath, 'expecto patronum.' 'Concentrating hard on your happy memory?' 'Oh — yeah —' said Harry, quickly forcing his thoughts back to that first broom-ride. 'Expecto patronum — no, patronum — sorry — expecto patronum, expecto patronum —'</p> | <p>Concept 3: incantation that works if one concentrates on a very happy memory</p> | <p>Source: HP 3</p> | | | | | | | | |
| <p>Context 4: But there was no happiness in him ... the Dementor's icy fingers were closing on his throat — the high-pitched laughter was growing louder and louder, and a voice spoke inside his head: 'Bow to death, Harry ... it might even be painless ... I would not know ... I have never died ...' He was never going to see Ron and Hermione again — And their faces burst clearly into his mind as he fought for breath. 'EXPECTO PATRONUM!' An enormous silver stag erupted from the tip of Harry's wand; its antlers caught the Dementor in the place where the heart should have been; it was thrown backwards, weightless as darkness, and as the stag charged, the Dementor swooped away, bat-like and defeated.</p> | <p>Concept 4: Harry often thinks of his friends while conjuring his Patronus, which is a stag</p> | <p>Source: HP 5</p> | | | | | | | | |
| SEMANTIC-CONCEPTUAL ANALYSIS | | | | | | | | | | |
| Concept | Distinctive semantic traces | | | | | | | | | |
| | A | B | C | D | E | F | G | H | I | J |
| 1 | a silver white form emerges of a wand's tip when the words are uttered by a wizard | | | | | | | | | |
| 2 | | in order to cast 'expecto patronum', one needs to summon the | Harry thinks of his friends while conjuring his Patronus | | | | | | | |

| | | | | | | | | | |
|---|--|---|---|--|--|--|--|---|--|
| | | happiest possible thoughts | | | | | | | |
| 3 | | incantation that works if one concentrates on a very happy memory | | | | | | | |
| 4 | | Harry often thinks of his friends while conjuring his Patronus, which is a stag | | | | | | | |
| Conceptus: repel | | | Metaconceptus: incantation used to repel Dementors; a silver white form emerges of a wand's tip when the words are uttered by a wizard; incantation that works if one concentrates on a very happy memory; Harry often thinks of his friends while conjuring his Patronus, which is a stag | | | | | Metametaconceptus: symbol of happiness, protection | |
| Definition: incantation used to repel Dementors | | | Dictionarised term? () Yes (X) No Coincidental definitions? () Yes (X) No () Partial Source: Ø | | | | | Dictionarised Definition: Ø | |
| Notes on definition: a silver white form emerges of a wand's tip when the words are uttered by a wizard; incantation that works if one concentrates on a very happy memory; Harry often thinks of his friends while conjuring his Patronus, which is a stag; symbol of happiness, protection | | | Isotopy? (X) Yes () No Which? Death | | | | | See also: Defence Against the Dark Arts; Dementors; Patronus; wand | |

COLLOCATIONAL PATTERNS AND IDIOMATIC EXPRESSIONS

| | |
|------------------------|---------------------------------|
| Collocations: Ø | Notes on collocations: Ø |
| Idioms: Ø | Notes on idioms: Ø |

ENCYCLOPAEDIC INFORMATION

EncyclopaedicInformation:

Conjures an incarnation of the caster's innermost positive feelings, such as joy or hope, known as a Patronus. A Patronus is conjured as a *protector*, and is a weapon rather than a predator of souls: Patronuses shield their conjurors from Dementors or Lethifolds, and can even drive them away. They are also used amongst the Order of the Phoenix to send messages. According to *Fantastic Beasts and Where to Find Them*, the Charm is the only known defensive spell against Lethifolds. (Source: <https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_spells_in_Harry_Potter>)

The **Patronus Charm** (*Expecto Patronum*) is the most famous and one of the most powerful defensive charms known to wizardkind. It is an immensely complicated and extremely difficult spell that evokes a partially-tangible positive energy force known as a **Patronus** (pl. **Patronuses**) or **spirit guardian**. It is the primary protection against Dementors and Lethifolds, against which there is no other defense. (Source: <http://harrypotter.wikia.com/wiki/Patronus_Charm>)

Record nº 4

Revision Date: 08/06/2016

Ficha 5

| BASIC INFORMATION | | | | | | |
|---|--|-----------------|----------------------|------------------------|--------------------|------------------------|
| Headword: Grim | Gram Info: noun, neutral | Sing./Plural: Ø | Nº of books: HP 3, 7 | Other denominations: Ø | Position: 2.10.2.1 | Freq: 19 |
| CONTEXTS OF USE | | | | | | |
| Context 1: 'My dear,' Professor Trelawney's huge eyes opened dramatically, 'you have the Grim.' 'The what?' said Harry. He could tell that he wasn't the only one who didn't understand; Dean Thomas shrugged at him and Lavender Brown looked puzzled, but nearly everybody else clapped their hands to their mouths in horror. 'The Grim, my dear, the Grim!' cried Professor Trelawney, who looked shocked that Harry hadn't understood. 'The giant, spectral dog that haunts churchyards! My dear boy, it is an omen – the worst omen – of death!' Harry's stomach lurched. That dog on the cover of Death Omens in Flourish and Blotts – the dog in the shadows of Magnolia Crescent ... Lavender Brown clapped her hands to her mouth, too. Everyone was looking at Harry; everyone except Hermione, who had got up and moved around to the back of Professor Trelawney's chair. | Concept 1: omen of death in the form of a giant, spectral dog | | | | | Source: HP 3 |
| Context 2: 'Hermione, if Harry's seen a Grim, that's – that's bad,' he said. 'My – my Uncle Bilious saw one and – and he died twenty-four hours later!' 'Coincidence,' said Hermione airily, pouring herself some pumpkin juice. 'You don't know what you're talking about!' said Ron, starting to get angry. 'Grims scare the living daylights out of most wizards!' 'There you are, then,' said Hermione in a superior tone. 'They see the Grim and die of fright. The Grim's not an omen, it's the cause of death! And Harry's still with us because he's not stupid enough to see one and think, | Concept 2: there are those who believe that if somebody sees a Grim, they will die, and those who do not believe it; it is believed that Ron's uncle died after seeing a Grim | | | | | Source: HP 3 |

| | | | | | | | | | | |
|---|---|--------------------------------|--|--|---|---|---|---|---|---|
| <p>right, well, I'd better pop my clogs then!' Ron mouthed wordlessly at Hermione, who opened her bag, took out her new Arithmancy book and propped it open against the juice jug. 'I think Divination seems very woolly,' she said, searching for her page. 'A lot of guesswork, if you ask me.' 'There was nothing woolly about the Grim in that cup!' said Ron hotly.</p> | | | | | | | | | | |
| <p>Context 3: 'Talking about Muriel?' enquired George, re-emerging from the marquee with Fred. 'Yeah, she's just told me my ears are lopsided. Old bat. I wish old Uncle Bilius was still with us, though; he was a right laugh at weddings.' 'Wasn't he the one who saw a Grim and died twenty-four hours later?' asked Hermione. 'Well, yeah, he went a bit odd towards the end,' conceded George.</p> | <p>Concept 3: one once saw a Grim and died twenty-four hours later</p> | <p>Source: HP 7</p> | | | | | | | | |
| <p>Context 4: 'There was a big black thing,' said Harry, pointing uncertainly into the gap. 'Like a dog ... but massive ...'</p> | <p>Concept 4: big, black dog</p> | <p>Source: HP 3</p> | | | | | | | | |
| SEMANTIC-CONCEPTUAL ANALYSIS | | | | | | | | | | |
| Concept | Distinctive semantic traces | | | | | | | | | |
| | A | B | C | D | E | F | G | H | I | J |
| 1 | omen of death | giant, spectral dog | | | | | | | | |
| 2 | | | it is believed that Ron's uncle died after seeing a Grim | there are those who believe that if somebody sees a Grim, they will die, and those who do not believe it | | | | | | |
| 3 | | | one once saw a Grim and died twenty-four hours later | | | | | | | |
| 4 | | big, black dog | | | | | | | | |
| <p>Conceptus: giant, black, spectral dog</p> | | | <p>Metaconceptus: omen of death</p> | | | | <p>Metametaconceptus: there are those who believe that if somebody sees a Grim, they will die, and those who do not believe it</p> | | | |

| | | |
|---|---|--|
| <p>Definition: omen of death in the form of a giant, black, spectral dog</p> | <p>Dictionarised term? (X) Yes () No Coincidental definitions? () Yes (X) No () Partial Source: http://www.oxforddictionaries.com/us/definition/american_english/grim</p> | <p>Dictionarised definition: forbidding or uninviting</p> |
| <p>Notes on definition: there are those who believe that if somebody sees a Grim, they will die, and those who do not believe it; it turns out that the black dog that Harry sees in HP 3 was Sirius Black in animal form rather than a Grim; however, in HP 7, Harry does need to choose death in order to save the wizarding world</p> | <p>Isotopy?(X) Yes () No Which? Death</p> | <p>See also: Divination</p> |

COLLOCATIONAL PATTERNS AND IDIOMATIC EXPRESSIONS

| | |
|-------------------------------|--|
| <p>Collocations: Ø</p> | <p>Notes on collocations: Ø</p> |
| <p>Idioms: Ø</p> | <p>Notes on idioms: Ø</p> |

ENCYCLOPAEDIC INFORMATION

Encyclopaedic Information:

A **black dog** is the name given to a being found primarily in the folklores of the British Isles. The black dog is essentially a nocturnal apparition, often said to be associated with the Devil or a Hellhound. Its appearance was regarded as a portent of death. It is generally supposed to be larger than a normal dog, and often has large, glowing eyes. It is often associated with electrical storms (such as Black Shuck's appearance at Bungay, Suffolk), and also with crossroads, places of execution and ancient pathways. The origins of the black dog are difficult to discern. It is impossible to ascertain whether the creature originated in the Celtic or Germanic elements in British culture. Throughout European mythology, dogs have been associated with death. Examples of this are the Cŵn Annwn, Garmr and Cerberus, all of whom were in some way guardians of the underworld. This association seems to be due to the scavenging habits of dogs. It is possible that the black dog is a survival of these beliefs. Black dogs are almost universally regarded as malevolent, and a few (such as the Barghest) are said to be directly harmful. Some, however, like the Gurt Dog in Somerset and the Black Dog of the Hanging Hills in Connecticut, are said to behave benevolently. (Source: <https://en.wikipedia.org/wiki/Black_dog_%28ghost%29>)

The **Grim** is an omen of death, which is reputed to bring about the demise of the person who encounters it. The Grim takes the shape of a large, black, spectral dog. Perhaps the most well-known of omens, the Grim has earned infamy throughout the Wizarding world and is considered to be one of the worst, if not the worst, omens around. It is based on a Hellhound, known as a Bearer of Death. Folklore says if you see one, you will die. (Source: <<http://harrypotter.wikia.com/wiki/Grim>>)

Record nº 5

Revision Date: 08/06/2016

Ficha 6

BASIC INFORMATION

| Headword: Horcrux | Gram Info: noun, neutral | Plural: Horcruxes (90) | Nº of books: HP 6, 7, TB | Other denominations: Ø | Position: 2.8.3.1 | Freq: 138 |
|---|-----------------------------|---------------------------|---|------------------------|----------------------|------------------------|
| CONTEXTS OF USE | | | | | | |
| Context 1: ‘Well,’ said Slughorn, not looking at Riddle, but fiddling with the ribbon on top of his box of crystallised pineapple, ‘well, it can’t hurt to give you an overview, of course. Just so that you understand the term. A Horcrux is the word used for an object in which a person has concealed part of their soul.’ | | | Concept 1: an object which conceals part of a person’s soul | | | Source: HP6 |
| Context 2: ‘Well,’ said Slughorn uncomfortably, ‘you must understand that the soul is supposed to remain intact and whole. Splitting it is an act of violation, it is against nature.’ ‘But how do you do it?’ ‘By an act of evil – the supreme act of evil. By committing murder. Killing rips the soul apart. The wizard intent upon creating a Horcrux would use the damage to his advantage: he would encase the torn portion –’ ‘Encase? But how –?’ ‘There is a spell, do not ask me, I don’t know!’ said Slughorn, shaking his head like an old elephant bothered by mosquitoes. ‘Do I look as though I have tried it – do I look like a killer?’ | | | Concept 2: splitting the soul is deemed a vile act; one splits the soul by committing murder which is regarded as the supreme act of evil; part of the soul is hidden in an object by means of a spell | | | Source: HP6 |
| Context 3: ‘As we know, he failed. After an interval of some years, however, he used Nagini to kill an old Muggle man, and it might then have occurred to him to turn her into his last Horcrux. She underlines the Slytherin connection, which enhances Lord Voldemort’s mystique. I think he is perhaps as fond of her as he can be of anything; he certainly likes to keep her close and he seems to have an unusual amount of control over her, even for a Parselmouth.’ | | | Concept 3: an animal can be a Horcrux such as a snake | | | Source: HP 6 |
| Context 4: ‘So if all of his Horcruxes are destroyed, Voldemort could be killed?’ ‘Yes, I think so,’ said Dumbledore. ‘Without his Horcruxes, Voldemort will be a mortal man with a maimed and diminished soul. Never forget, though, that while his soul may be damaged beyond repair, his brain and his magical power remain intact. It will take uncommon skill and power to kill a wizard like Voldemort, even without his Horcruxes.’ | | | Concept 4: a wizard becomes mortal again once his Horcruxes are destroyed | | | Source: HP 6 |
| Context 5: ‘Yes,’ said Hermione, now turning the fragile pages as if examining rotting entrails, ‘because it warns Dark wizards how strong they have to make the enchantments on them. From all that I’ve read, what Harry did to Riddle’s diary was one of the few really foolproof ways of destroying a Horcrux.’ ‘What, stabbing it with a Basilisk fang?’ asked Harry. ‘Oh, well, lucky we’ve got such a large supply of Basilisk fangs, then,’ said Ron. ‘I was wondering what we were going to do with them.’ ‘It doesn’t have to be a Basilisk fang,’ said Hermione patiently. ‘It has to be something so destructive that the Horcrux can’t repair itself. Basilisk venom only has | | | Concept 5: ripping, smashing or crushing cannot destroy a Horcrux; it has to be put beyond magical repair; Basilisk venom is one of the most destructive substances that can destroy a Horcrux | | | Source: HP 7 |

| | | |
|--|---|--------------------------------|
| <p>one antidote, and it's incredibly rare – ‘– phoenix tears,’ said Harry, nodding. ‘Exactly,’ said Hermione. ‘Our problem is that there are very few substances as destructive as Basilisk venom, and they’re all dangerous to carry around with you. That’s a problem we’re going to have to solve, though, because ripping, smashing or crushing a Horcrux won’t do the trick. You’ve got to put it beyond magical repair.’</p> | | |
| <p>Context 6: ‘Well, it worked as a Horcrux is supposed to work – in other words, the fragment of soul concealed inside it was kept safe and had undoubtedly played its part in preventing the death of its owner. But there could be no doubt that Riddle really wanted that diary read, wanted the piece of his soul to inhabit or possess somebody else, so that Slytherin’s monster would be unleashed again.’</p> | <p>Concept 6: the Horcrux’s owner does not die once the fragments of his soul are kept safe encased in a Horcrux; the piece of the soul can possess other people</p> | <p>Source: HP 6</p> |
| <p>Context 7: ‘You were the seventh Horcrux, Harry, the Horcrux he never meant to make. He had rendered his soul so unstable that it broke apart when he committed those acts of unspeakable evil, the murder of your parents, the attempted killing of a child. But what escaped from that room was even less than he knew. He left more than his body behind. He left part of himself latched to you, the would-be victim who had survived.</p> | <p>Concept 7: a person can be a Horcrux such as Harry</p> | <p>Source: HP 7</p> |
| <p>Context 8: ‘But all the same, Tom ... keep it quiet, what I’ve told – that’s to say, what we’ve discussed. People wouldn’t like to think we’ve been chatting about Horcruxes. It’s a banned subject at Hogwarts, you know ... Dumbledore’s particularly fierce about it ...’</p> | <p>Concept 8: it’s a banned subject at Hogwarts</p> | <p>Source: HP 6</p> |
| <p>Context 9: ‘I haven’t found one single explanation of what Horcruxes do!’ she told him. ‘Not a single one! I’ve been right through the restricted section and even in the most horrible books, where they tell you how to brew the most gruesome potions – nothing! All I could find was this, in the introduction to <i>Magick Moste Evile</i> – listen – “of the Horcrux, wickedest of magical inventions, we shall not speak nor give direction” ... I mean, why mention it, then?’ she said impatiently, slamming the old book shut; it let out a ghostly wail. ‘Oh, shut up,’ she snapped, stuffing it back into her bag.</p> | <p>Concept 9: wickedest of magical inventions; nothing should be said about it</p> | <p>Source: HP 6</p> |
| <p>Context 10: The hero in this tale, however, is not even interested in a simulacrum of love that he can create or destroy at will. He wants to remain for ever uninfected by what he regards as a kind of sickness, and therefore performs a piece of Dark Magic that would not be possible outside a storybook: he locks away his own heart. The resemblance of this action to the creation of a Horcrux has been noted by many writers. Although Beedle’s hero is not seeking to avoid death, he is dividing what was clearly not meant to be divided – body and heart, rather than soul – and in doing</p> | <p>Concept 10: tampering with the essence of self leads to consequences of the most extreme and dangerous kind</p> | <p>Source: TB</p> |

so, he is falling foul of the first of Adalbert Waffling's Fundamental Laws of Magic: Tamper with the deepest mysteries – the source of life, the essence of self – only if prepared for consequences of the most extreme and dangerous kind. And sure enough, in seeking to become superhuman this foolhardy young man renders himself inhuman. The heart he has locked away slowly shrivels and grows hair, symbolising his own descent to beasthood. He is finally reduced to a violent animal who takes what he wants by force, and he dies in a futile attempt to regain what is now for ever beyond his reach – a human heart.

SEMANTIC-CONCEPTUAL ANALYSIS

| Concept | Distinctive semantic traces | | | | | | | | | |
|---------|-----------------------------|----------------------------------|--|--------------------------------------|--|----------------------------|--|---------------------------------|---------------------------------|---|
| | A | B | C | D | E | F | G | H | I | J |
| 1 | object | conceals part of a person's soul | | | | | | | | |
| 2 | | | by means of a spell part of the soul is hidden | by means of murder the soul is split | | | | supreme act of evil | | |
| 3 | animal | | | | | | | | | |
| 4 | | | | | a wizard becomes mortal again once his Horcruxes are destroyed | | | | | |
| 5 | | | | | to be destroyed it needs to be put beyond magical repair | | | | | |
| 6 | | | | | | its owner becomes immortal | the piece of the soul can possess other people | | | |
| 7 | person | | | | | | | | | |
| 8 | | | | | | | | | a banned subject | |
| 9 | | | | | | | | wickedest of magical inventions | nothing should be said about it | |

Record nº 6
Revision Date: 26/05/2016

Ficha 7

| BASIC INFORMATION | | | | | | | |
|---|--|---------------------------------|---|---|------------------------|------------------|------------------------|
| Headword: house-elf | Gram Info: noun, neutral | Plural: house-elves (66) | Nº of books: HP 2, 3, 4, 5, 6, 7, FB | Other denominations: elf (singular/179); elves (plural/23) | Position: 1.2.2 | Freq: 106 | |
| CONTEXTS OF USE | | | | | | | |
| Context 1: Harry managed not to shout out, but it was a close thing. The little creature on the bed had large, bat-like ears and bulging green eyes the size of tennis balls. Harry knew instantly that this was what had been watching him out of the garden hedge that morning. As they stared at each other, Harry heard Dudley's voice from the hall. 'May I take your coats, Mr and Mrs Mason?' The creature slipped off the bed and bowed so low that the end of its long thin nose touched the carpet. Harry noticed that it was wearing what looked like an old pillowcase, with rips for arm and leg holes. 'Er – hello,' said Harry nervously. 'Harry Potter!' said the creature, in a high-pitched voice Harry was sure would carry down the stairs. 'So long has Dobby wanted to meet you, sir ... Such an honour it is ...' 'Th-thank you,' said Harry, edging along the wall and sinking into his desk chair, next to Hedwig, who was asleep in her large cage. He wanted to ask, 'What are you?' but thought it would sound too rude, so instead he said, 'Who are you?' 'Dobby, sir. Just Dobby. Dobby the house-elf,' said the creature. 'Oh – really?' said Harry. 'Er – I don't want to be rude or anything, but – this isn't a great time for me to have a house-elf in my bedroom.' | Concept 1: little creature with large eyes, thin nose, and bat-like ears; wears old, tattered clothes | | | | | | Source: HP 2 |
| Context 2: 'Dobby is used to death threats, sir. Dobby gets them five times a day at home.' He blew his nose on a corner of the filthy pillowcase he wore, looking so pathetic that Harry felt his anger ebb away in spite of himself. 'Why d'you wear that thing, Dobby?' he asked curiously. 'This, sir?' said Dobby, plucking at the pillowcase. "'Tis a mark of the house-elf's enslavement, sir. Dobby can only be freed if his masters present him with clothes, sir. The family is careful not to pass Dobby even a sock, sir, for then he would be free to leave their house for ever.' | Concept 2: serves a wizard family as a slave; it can be freed only if presented with clothes | | | | | | Source: HP 2 |
| Context 3: 'Ah, if Harry Potter only knew!' Dobby groaned, more tears dripping onto his ragged pillowcase. 'If he knew what he means to us, to the lowly, the enslaved, us dregs of the magical world! Dobby remembers how it was when He Who Must Not Be Named was at the height of his powers, sir! We house-elves were | Concept 3: dregs of the magical world; treated like vermin | | | | | | Source: HP 2 |

| | | |
|---|---|--------------------------------|
| <p>treated like vermin, sir! Of course, Dobby is still treated like that, sir,’ he admitted, drying his face on the pillowcase. ‘But mostly, sir, life has improved for my kind since you triumphed over He Who Must Not Be Named. Harry Potter survived, and the Dark Lord’s power was broken, and it was a new dawn, sir, and Harry Potter shone like a beacon of hope for those of us who thought the dark days would never end, sir... And now, at Hogwarts, terrible things are to happen, are perhaps happening already, and Dobby cannot let Harry Potter stay here now that history is to repeat itself, now that the Chamber of Secrets is open once more –’</p> | | |
| <p>Context 4: ‘Would Harry Potter like a cup of tea?’ he squeaked loudly, over Winky’s sobs. ‘Er – yeah, OK,’ said Harry. Instantly, about six house-elves came trotting up behind him, bearing a large silver tray laden with a teapot, cups for Harry, Ron and Hermione, a milk jug and a large plate of biscuits. ‘Good service!’ Ron said, in an impressed voice. Hermione frowned at him, but the elves all looked delighted; they bowed very low and retreated. ‘How long have you been here, Dobby?’ Harry asked, as Dobby handed round the tea. ‘Only a week, Harry Potter, sir!’ said Dobby happily. ‘Dobby came to see Professor Dumbledore, sir. You see, sir, it is very difficult for a house-elf who has been dismissed to get a new position, sir, very difficult indeed –’</p> | <p>Concept 4: rejoices in serving wizards; serves institutions</p> | <p>Source: HP 4</p> |
| <p>Context 5: ‘Elf magic isn’t like wizard’s magic, is it?’ said Ron. ‘I mean, they can Apparate and Disapparate in and out of Hogwarts when we can’t.’ There was silence as Harry digested this. How could Voldemort have made such a mistake? But even as he thought this, Hermione spoke, and her voice was icy. ‘Of course, Voldemort would have considered the ways of house-elves far beneath his notice, just like all the pure-bloods who treat them like animals ... it would never have occurred to him that they might have magic that he didn’t.’ ‘The house-elf’s highest law is his master’s bidding,’ intoned Kreacher. ‘Kreacher was told to come home, so Kreacher came home ...’</p> | <p>Concept 5: capable of doing magic wizards can’t; usually underestimated by pure-blood wizards who treat them like animals</p> | <p>Source: HP 7</p> |

SEMANTIC-CONCEPTUAL ANALYSIS

| Concept | Distinctive semantic traces | | | | | | | | | |
|---------|-----------------------------|------------|-----------|---------------|------------------------|-----------------------------------|--------------------------------------|---|---|---|
| | A | B | C | D | E | F | G | H | I | J |
| 1 | little creature | large eyes | thin nose | bat-like ears | wears tattered clothes | | | | | |
| 2 | | | | | | serves a wizard family as a slave | freed only if presented with clothes | | | |
| 3 | | | | | | dregs of the magical world | treated like vermin | | | |

| | | | | | | | | | | |
|---|--|--|--|--|--|---|--|--------------------------------------|--|--|
| 4 | | | | | | serves institutions | | | | |
| 5 | | | | | | | usually underestimated by pure-blood wizards who treat them like animals | capable of doing magic wizards can't | | |
| Conceptus: little creature with large eyes, thin nose, bat-like ears that often wears tattered clothes | | | Metaconceptus: magical being that serves wizarding families and institutions as a slave; freed only if presented with clothes; capable of doing magic wizards can't | | | Metametaconceptus: of low social status in the wizarding community; usually underestimated by pure-blood wizards who treat them like animals | | | | |
| Definition: magical being of little stature with large eyes, thin nose, bat-like ears that often wears tattered clothes and serves wizarding families and institutions as a slave | | | Dictionarised term? () Yes (X) No Coincidental definitions? () Yes (X) No () Partial Source: Ø | | | Dictionarised definition: Ø | | | | |
| Notes on definition: house-elves are freed only if presented with clothes; capable of doing magic wizards can't; usually underestimated by pure-blood wizards who treat them like animals; represents the lowest social class in the wizarding community | | | Isotopy? () Yes (X) No Which? | | | See also: Apparate; Disapparate; goblin; pure-blood | | | | |

COLLOCATIONAL PATTERNS AND IDIOMATIC EXPRESSIONS

| | |
|---|---|
| Collocations: Ø | Notes on collocations: Ø |
| Idioms: a. to work like a house-elf: to work very hard: 'Hello,' she said, 'I've just finished!' 'So have I!' said Ron triumphantly, throwing down his quill. Hermione sat down, laid the things she was carrying in an empty armchair and pulled Ron's predictions towards her. 'Not going to have a very good month, are you?' she said sardonically, as Crookshanks curled up in her lap. 'Ah well, at least I'm forewarned,' Ron yawned. 'You seem to be drowning twice,' said Hermione. 'Oh, am I?' said Ron, peering down at his predictions. 'I'd better change one of them to getting trampled by a rampaging Hippogriff.' 'Don't you think it's a bit obvious you've made these up?' said Hermione. 'How dare you!' said Ron, in mock outrage. 'We've been working like house-elves here!' Hermione raised her eyebrows. 'It's just an expression,' said Ron hastily. (HP 4) | Notes on idioms: a. this idiom is possibly a creative take on the conventionalised idioms 'work like a Trojan' or 'work like a dog' in that the lexical units 'Trojan' and 'dog' were replaced by 'house-elf' |

ENCYCLOPAEDIC INFORMATION

Encyclopaedic Information:

House-elves are small elves used by wizards as slaves. They are 2–3 feet tall, with spindly limbs and oversized heads and eyes. They have pointed, bat-like ears and high, squeaky voices. Their names are usually pet-like diminutives, and they do not appear to have surnames. They habitually refer to themselves in the third person. House-elves are generally obedient, pliant, and obsequious; and when enslaved, wear discarded items such as pillowcases and tea-towels. House-elves' masters can free them by giving them an item of clothing, much like the Hob of English Folklore. House-elves can become intoxicated by drinking Butterbeer. (Source: <https://en.wikipedia.org/wiki/Magical_creatures_in_Harry_Potter#House-elves>)

A house-elf (sometimes also referred to as just elves) is a magical creature which is immensely devoted and loyal to the one designated as their master. House-elves serve wizards and witches and are usually found under the employment of old wizarding families taking residence in elaborate establishments, like mansions, and must do everything that their masters command unless they are freed. A house-elf can only be freed when their master presents them with clothes. House-Elves also have their very own brand of Wandless House-elf magic that only they can use, much like many magical creatures. Despite being small in stature, a House Elves magic is not to be overlooked or underestimated. (Source: <<http://harrypotter.wikia.com/wiki/House-elf>>)

Record n° 7

Revision Date: 09/06/2016

Ficha 8

| BASIC INFORMATION | | | | | | |
|--|---|------------------------------|--|-------------------------------|--------------------------|------------------------|
| Headword: Muggle | Gram Info: noun, neutral | Plural: Muggles (235) | Nº of books: HP 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, FB, QA, TB | Other denominations: Ø | Position: 1.1.2.1 | Freq: 311 |
| CONTEXTS OF USE | | | | | | |
| Context 1: 'He's not going,' he said. Hagrid grunted. 'I'd like ter see a great Muggle like you stop him,' he said. 'A what?' said Harry, interested. 'A Muggle,' said Hagrid. 'It's what we call non-magic folk like them. An' it's your bad luck you grew up in a family o' the biggest Muggles I ever laid eyes on.' | Concept 1: non-magic folk; depreciative use of the word 'Muggle' | | | | | Source: HP 1 |
| Context 2: 'It's – all – my – ruddy – fault!' he sobbed, his face in his hands. 'I told the evil git how ter get past Fluffy! I told him! It was the only thing he didn't know an' I told him! Yeh could've died! All fer a dragon egg! I'll never drink again! I should be chucked out an' made ter live as a Muggle!' | Concept 2: depreciative use of the word 'Muggle'; | | | | | Source: HP 1 |
| Context 3: The Dursleys were what wizards called Muggles (not a drop of magical blood in their veins) and as far as they were concerned, having a wizard in the family was a matter of deepest shame. Uncle Vernon had even padlocked Harry's owl, Hedwig, inside her cage, to stop her carrying messages to anyone in the wizarding world. | Concept 3: not a drop of magical blood | | | | | Source: HP 2 |
| Context 4: We would also ask you to remember that any magical activity which | Concept 4: member of the non-magical community | | | | | Source: |

| | | |
|---|---|------------------------|
| <p>risks notice by members of the non-magical community (Muggles) is a serious offence, under section 13 of the International Confederation of Warlocks' Statute of Secrecy.</p> | | HP 2 |
| <p>Context 5: 'How come the Muggles don't hear the bus?' said Harry. 'Them!' said Stan contemptuously. 'Don' listen properly, do they? Don' look properly either. Never notice nuffink, they don'.</p> | <p>Concept 5: ignorant to the wizarding world</p> | Source: HP 3 |
| <p>Context 6: 'Alecto, Amycus's sister, teaches Muggle Studies, which is compulsory for everyone. We've all got to listen to her explain how Muggles are like animals, stupid and dirty, and how they drove wizards into hiding by being vicious towards them, and how the natural order is being re-established. I got this one,' he indicated another slash to his face, 'for asking her how much Muggle blood she and her brother have got.'</p> | <p>Concept 6: likened to animals; said to be stupid, dirty and cruel</p> | Source: HP 7 |
| <p>Context 7: 'Muggles remaining ignorant of the source of their suffering as they continue to sustain heavy casualties,' said Kingsley. 'However, we continue to hear truly inspirational stories of wizards and witches risking their own safety to protect Muggle friends and neighbours, often without the Muggles' knowledge. I'd like to appeal to all our listeners to emulate their example, perhaps by casting a protective charm over any Muggle dwellings in your street. Many lives could be saved if such simple measures are taken.' 'And what would you say, Royal, to those listeners who reply that in these dangerous times, it should be "wizards first"?' asked Lee. 'I'd say that it's one short step from "wizards first" to "pure-bloods first", and then to "Death Eaters",' replied Kingsley. 'We're all human, aren't we? Every human life is worth the same, and worth saving.'</p> | <p>Concept 7: Muggles should be protected; they are worth saving just like any human being</p> | Source: HP 7 |
| <p>Context 8: Gellert – Your point about wizard dominance being FOR THE MUGGLES' OWN GOOD – this, I think, is the crucial point. Yes, we have been given power and, yes, that power gives us the right to rule, but it also gives us responsibilities over the ruled. We must stress this point, it will be the foundation stone upon which we build. Where we are opposed, as we surely will be, this must be the basis of all our counter-arguments. We seize control FOR THE GREATER GOOD. And from this it follows that where we meet resistance, we must use only the force that is necessary and no more. (This was your mistake at Durmstrang! But I do not complain, because if you had not been expelled, we would never have met.) Albus</p> | <p>Concept 8: Muggles should be ruled over by wizards</p> | Source: HP 7 |
| <p>Context 9: Ron's eyes strayed to the pile of Chocolate Frogs waiting to be unwrapped. 'Help yourself,' said Harry. 'But in, you know, the Muggle world,</p> | <p>Concept 9: in the Muggle world people do not move in photographs</p> | Source: HP 1 |

| | | | | | | | | | | |
|--|-------------------------------------|---------------------------------------|--|----------------------------|---------------------------------|--|---|---|---|---|
| people just stay put in photos.' 'Do they? What, they don't move at all?' Ron sounded amazed. 'Weird!' | | | | | | | | | | |
| SEMANTIC-CONCEPTUAL ANALYSIS | | | | | | | | | | |
| Concept | Distinctive semantic traces | | | | | | | | | |
| | A | B | C | D | E | F | G | H | I | J |
| 1 | non-magic folk | depreciative use of the word 'Muggle' | | | | | | | | |
| 2 | | depreciative use of the word 'Muggle' | | | | | | | | |
| 3 | not a drop of magical blood | | | | | | | | | |
| 4 | member of the non-magical community | | | | | | | | | |
| 5 | | | | | ignorant to the wizarding world | | | | | |
| 6 | | | likened to animals; said to be stupid, dirty and cruel | | | | | | | |
| 7 | | | | | | Muggles should be protected; they are worth saving just like any human being | | | | |
| 8 | | | Muggles should be ruled over by wizards | | | | | | | |
| 9 | | | | in the Muggle world people | | | | | | |

| | | | | | | | | |
|--|--|---|--|---|---|--|--|--|
| | | do not move in photographs | | | | | | |
| Conceptus: human being | | Metaconceptus: member of the non-magical community; ignorant to the wizarding world | | | Metametaconceptus: likened to animals; said to be stupid, dirty and cruel; Muggles should be protected; they are worth saving just like any human being | | | |
| Definition: human being who is a member of the non-magical community | | DictionarisedTerm? (X) Yes () No CoincidentalDefinitions? () Yes () No (X) Partial Source: http://www.oed.com/view/Entry/254297 | | Dictionarized Definition: a person who lacks a particular skill or skills, or who is regarded as inferior in some way | | | | |
| Notes on definition: ignorant to the wizarding world; Muggles are likened to animals by some wizards; they are said to be stupid, dirty and cruel; to other wizards Muggles should be protected; they are worth saving just like any other human being | | Isotopy? () Yes (X) No Which? | | See also: Muggle-born; wizard; witch | | | | |

COLLOCATIONAL PATTERNS AND IDIOMATIC EXPRESSIONS

| | |
|---|--------------------------|
| Collocations: a. [N-N]: Muggle Studies (15); Muggle world (10) | Notes on collocations: Ø |
| Idioms: a. May-born witches will marry Muggles (superstition): if a witch is born in May she is likely to marry a Muggle: ‘One of those superstitions, isn’t it? “ May-born witches will marry Muggles. ” “Jinx by twilight, undone by midnight.” “Wand of elder, never prosper.” You must’ve heard them. My mum’s full of them.’ Harry and I were raised by Muggles,’ Hermione reminded him, ‘we were taught different superstitions.’ She sighed deeply as a rather pungent smell drifted up from the kitchen. The one good thing about her exasperation with Xenophilius was that it seemed to have made her forget that she was annoyed with Ron. ‘I think you’re right,’ she told him. ‘It’s just a morality tale, it’s obvious which gift is best, which one you’d choose –’ | Notes on idioms: Ø |

ENCYCLOPAEDIC INFORMATION

| |
|--|
| Encyclopaedic Information: In the <i>Harry Potter</i> book series, a Muggle is a person who lacks any sort of magical ability and was not born into the magical world. Muggles also do not have any magical blood. It differs from the term <i>Squib</i> , which refers to a person with one or more magical parents yet without any magical ability, and from the term Muggle-born (or the derogatory and offensive <i>mudblood</i>), which refers to a person with magical abilities but without magical parents. (Source: < https://en.wikipedia.org/wiki/Muggle >) |
|--|

A **Muggle** (called a **No-Maj** in the United States) is a person who is born to two non-magical parents and is incapable of performing magic. Although, most muggles are the offspring of two muggles, the offspring of two squibs or of a squib and a muggle would be, by definition, a muggle. Muggles are not to be confused with Squibs, who also lack magic but are born to at least one magical parent. (Source: <<http://harrypotter.wikia.com/wiki/Muggle>>)

Record nº8

Revision Date: 09/06/2016

Ficha 9

| BASIC INFORMATION | | | | | | |
|--|---|------------------------------|--|---|--------------------------|----------|
| Headword: Muggle-born | Gram Info: adjective/ noun, neutral | Plural: Muggle-borns (34) | Nº of books: HP 2, 3, 4, 5, 6, 7, TB | Other denominations: Mudblood (48), Mudbloods (25); (offensive) | Position: 1.1.1.1.1.3 | Freq: 38 |
| CONTEXTS OF USE | | | | | | |
| Context 1: ‘Malfoy called Hermione something. It must’ve been really bad, because everyone went mad.’ ‘It was bad,’ said Ron hoarsely, emerging over the table top, looking pale and sweaty. ‘Malfoy called her “Mudblood”, Hagrid –’ Ron dived out of sight again as a fresh wave of slugs made their appearance. Hagrid looked outraged. ‘He didn’t!’ he growled at Hermione. ‘He did,’ she said. ‘But I don’t know what it means. I could tell it was really rude, of course ...’ ‘It’s about the most insulting thing he could think of,’ gasped Ron, coming back up. ‘Mudblood’s a really foul name for someone who was Muggle-born – you know, non-magic parents. There are some wizards – like Malfoy’s family – who think they’re better than everyone else because they’re what people call pure-blood.’ He gave a small burp, and a single slug fell into his outstretched hand. He threw it into the basin and continued, ‘I mean, the rest of us know it doesn’t make any difference at all. Look at Neville Longbottom – he’s pure-blood and he can hardly stand a cauldron the right way up.’ ‘An’ they haven’t invented a spell our Hermione can’t do,’ said Hagrid proudly, making Hermione go a brilliant shade of magenta. ‘It’s a disgusting thing to call someone,’ said Ron, wiping his sweaty brow with a shaking hand. ‘Dirty blood, see. Common blood. It’s mad. Most wizards these days are half-blood anyway. If we hadn’t married Muggles we’d’ve died out.’ | Concept 1: wizard and witch who have non-magic parents; for some wizards it doesn’t make any difference being Muggle-born; a Muggle-born is as capable as any other wizard | Source: HP 2 | | | | |
| Context 2: ‘Muggle-born Register’, she read aloud. ‘The Ministry of Magic is undertaking a survey of so-called ‘Muggle-borns’, the better to understand how they came to possess magical secrets. ‘Recent research undertaken by the Department of Mysteries reveals that magic can only be passed from person to person when wizards reproduce. Where no proven wizarding ancestry exists, therefore, the so-called | Concept 2: there are those who believe Muggle-borns obtain magical power by theft or force | Source: HP 7 | | | | |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|--|---|--|---|--|---|---|---|--|
| <p>Muggle-born is likely to have obtained magical power by theft or force. ‘‘The Ministry is determined to root out such usurpers of magical power, and to this end has issued an invitation to every so-called Muggle-born to present themselves for interview by the newly appointed Muggle-born Registration Commission.’’ ‘People won’t let this happen,’ said Ron.</p> | | | | | | | | | | | |
| <p>Context 3: ‘What are you doing Muggle Studies for?’ said Ron, rolling his eyes at Harry. ‘You’re Muggle-born! Your mum and dad are Muggles! You already know all about Muggles!’</p> | <p>Concept 3: witch whose parents are Muggles</p> | <p>Source: HP 3</p> | | | | | | | | | |
| <p>Context 4: 2 [A Squib is a person born to magical parents, but who has no magical powers. Such an occurrence is rare. Muggle-born witches and wizards are much more common. JKR]</p> | <p>Concept 4: Muggle-borns are more common than Squibs</p> | <p>Source: TB</p> | | | | | | | | | |
| SEMANTIC-CONCEPTUAL ANALYSIS | | | | | | | | | | | |
| Concept | Distinctive semantic traces | | | | | | | | | | |
| | A | B | C | D | E | F | G | H | I | J | |
| 1 | wizard and witch who have non- magic parents | for some wizards it doesn’t make any difference being Muggle-born | a Muggle-born is as capable as any other wizard | | | | | | | | |
| 2 | | | | | there are those who believe Muggle-borns obtain magical power by theft or force | | | | | | |
| 3 | witch whose parents are Muggles | | | | | | | | | | |
| 4 | | | | Muggle-borns are more common than Squibs | | | | | | | |
| Conceptus: human being | | | Metaconceptus: wizard and witch who have non-magic parents; Muggle-borns are more common than Squibs | | | | Metametaconceptus: there are those who believe Muggle-borns obtain magical power by theft or force; for some wizards it doesn’t make any difference being | | | | |

| | | | | |
|--|--|--|--|--|
| | | Muggle-born; a Muggle-born is as capable as any other wizard | | |
| Definition: blood status of wizards and witches who have non-magic parents | Dictionarised term? () Yes (X) No Coincidental definitions? () Yes (X) No () Partial Source: Ø | Dictionarised definition: Ø | | |
| Notes on definition: Muggle-born witches and wizards are more common than Squibs; for some wizards it doesn't make any difference being Muggle-born; a Muggle-born is as capable as any other wizard | Isotopy? () Yes (X) No Which? | See also: half-blood; half-breed; Muggle; pure-blood; Squib | | |
| COLLOCATIONAL PATTERNS AND IDIOMATIC EXPRESSIONS | | | | |
| Collocations: Ø | Notes on collocations: Ø | | | |
| Idioms: Ø | Notes on idioms: Ø | | | |
| ENCYCLOPAEDIC INFORMATION | | | | |
| Encyclopaedic Information: | | | | |
| <p>Muggle-born is the term applied to wizards and witches who come from non-magical families. According to Rowling, the average Hogwarts annual intake for Muggle-borns is 25%. Supremacists typically believe Muggle-borns to be magically deficient, despite examples to the contrary, such as Hermione Granger and Lily Evans, who are exceptionally skilled in their abilities. Pure-blood supremacists refer to Muggle-borns with the offensive derogatory term Mudblood. Hagrid was shocked to find out that Draco Malfoy uttered the term to Hermione in order to insult and provoke her, since the slur is never used in proper conversations. Hermione decided to reclaim and use the term "Mudblood" with pride instead of shame in an effort to defuse its value as a slur. During Voldemort's rule, Muggle-borns were legally required to register with the Muggle-Born Registration Commission. During this time, the Department of Mysteries "discovered" that Muggle-borns acquired their magic by "stealing" magic and wands from real wizards. Other wizards and witches rejected this notion, such as Ron Weasley, who asks how it is even possible to steal magic. After the fall of the regime, Dolores Umbridge (head of the Commission) and the supporters of this ideology are imprisoned for crimes against Muggle-borns. (Source: <https://en.wikipedia.org/wiki/Fictional_universe_of_Harry_Potter#Muggle-born>).</p> | | | | |
| <p>Muggle-born (No-Maj-born in the United States) is the term given to a witch or wizard who is born to two non-magical parents. Their magical abilities do not seem to be at all affected by their Muggle parentage. In fact, many Muggle-borns have been among the most talented witches and wizards of their age, such as Lily Evans and Hermione Granger. The proportion of the wizarding population that is Muggle-born is on the rise as the pure-blood families shrink in size and number. (Source: <http://harrypotter.wikia.com/wiki/Muggle-born>).</p> | | | | |
| Record nº 9 | | | | |
| Revision Date: 07/06/2016 | | | | |

| BASIC INFORMATION | | | | | | |
|--|---|--------------------|--|------------------------|------------------------|--------------|
| Headword: owl | Gram Info : noun, neutral | Plural: owls (121) | Nº of books: HP 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, QA | Other denominations: Ø | Position: 5.1.1.1 | Freq: 261 |
| CONTEXTS OF USE | | | | | | |
| Context 1: He sat up and Hagrid's heavy coat fell off him. The hut was full of sunlight, the storm was over, Hagrid himself was asleep on the collapsed sofa and there was an owl rapping its claw on the window, a newspaper held in its beak. Harry scrambled to his feet, so happy he felt as though a large balloon was swelling inside him. He went straight to the window and jerked it open. The owl swooped in and dropped the newspaper on top of Hagrid, who didn't wake up. The owl then fluttered on to the floor and began to attack Hagrid's coat. 'Don't do that.' Harry tried to wave the owl out of the way, but it snapped its beak fiercely at him and carried on savaging the coat. 'Hagrid!' said Harry loudly. 'There's an owl –' 'Pay him,' Hagrid grunted into the sofa. 'What?' 'He wants payin' fer deliverin' the paper. Look in the pockets.' | Concept 1: bird that delivers newspaper and receives payment for it | | | | Source: HP 1 | |
| Context 2: 'I know I don't have to. Tell yeh what, I'll get yer animal. Not a toad, toads went outta fashion years ago, yeh'd be laughed at – an' I don' like cats, they make me sneeze. I'll get yer an owl. All the kids want owls, they're dead useful, carry yer post an' everythin'.' | Concept 2: carries post | | | | Source: HP 1 | |
| Context 3: 'Yer ticket fer Hogwarts,' he said. 'First o' September – King's Cross – it's all on yer ticket. Any problems with the Dursleys, send me a letter with yer owl, she'll know where to find me ... See yeh soon, Harry.' | Concept 3: used by wizards to send letters; able to deliver the post without a specified address | | | | Source: HP 1 | |
| Context 4: Harry swung round. The speaker was a plump woman who was talking to four boys, all with flaming red hair. Each of them was pushing a trunk like Harry's in front of him – and they had an owl. | Concept 4: sign that can indicate that people are wizards/witches | | | | Source: HP 1 | |
| Context 5: 'Because he's a Prefect,' said their mother fondly. 'All right, dear, well, have a good term – send me an owl when you get there.' She kissed Percy on the cheek and he left. Then she turned to the twins. 'Now, you two – this year, you behave yourselves. If I get one more owl telling me you've – you've blown up a toilet or –' | Concept 5: wizards and witches get and send news by means of owls | | | | Source: HP 1 | |
| Context 6: Malfoy's eagle owl was always bringing him packages of sweets from home, which he opened gloatingly at the Slytherin table. | Concept 6: brings packages to students at Hogwarts | | | | Source: HP 1 | |
| Context 7: 'Normal for us,' said Harry, and before his uncle could stop him, he | Concept 7: usual means of wizarding communication | | | | Source: | |

| | |
|---|--|
| added, 'you know, owl post. That's what's normal for wizards.' | HP 4 |
| Context 8: 'And finally, bird-watchers everywhere have reported that the nation's owls have been behaving very unusually today. Although owls normally hunt at night and are hardly ever seen in daylight, there have been hundreds of sightings of these birds flying in every direction since sunrise. Experts are unable to explain why the owls have suddenly changed their sleeping pattern.' The news reader allowed himself a grin. 'Most mysterious. And now, over to Jim McGuffin with the weather. Going to be any more showers of owls tonight, Jim?' | Concept 8: nocturnal habits Source: HP 1 |

SEMANTIC-CONCEPTUAL ANALYSIS

| Concept | Distinctive semantic traces | | | | | | | | | |
|---------|-----------------------------|---|--|--|--|---|--|---|---|---|
| | A | B | C | D | E | F | G | H | I | J |
| 1 | bird | it delivers newspaper and receives payment for it | | | | | | | | |
| 2 | | carries post | | | | | | | | |
| 3 | | | used by wizards to send letters | able to deliver the post without a specified address | | | | | | |
| 4 | | | | | sign that can indicate that people are wizards/witches | | | | | |
| 5 | | | | | | | wizards and witches get and send news by means of owls | | | |
| 6 | | | | | | brings packages to students at Hogwarts | | | | |
| 7 | | | usual means of wizarding communication | | | | | | | |

| | | | | | | | | | | |
|---|--|--|--|--|--|--|--|------------------|--|--|
| 8 | | | | | | | | nocturnal habits | | |
| Conceptus: bird | | | Metaconceptus: means of communication used by witches and wizards; able to deliver the post without a specified address; | | | | Metametaconceptus: sign that can indicate that people are wizards/witches | | | |
| Definition: bird used as a means of communication by witches and wizards | | | Dictionarised Term? (X) Yes () No Coincidental Definitions? () Yes () No (X) Partial Source: http://www.oxforddictionaries.com/pt/defini%C3%A7%C3%A7%C3%A3o/ingl%C3%AAs-americano/owl | | | | Dictionarised Definition: A nocturnal bird of prey with large forward-facing eyes surrounded by facial disks, a hooked beak, and typically a loud call. | | | |
| Notes on definition: despite their nocturnal habits the owls may deliver letters at any time; able to deliver the post without a specified address; sign that can indicate that people are wizards/witches | | | Isotopy? () Yes (X) No Which? | | | | See also: Floo network | | | |

COLLOCATIONAL PATTERNS AND IDIOMATIC EXPRESSIONS

| | |
|--|--|
| Collocations: a. [N-N]:post owls (9); owl post (5) b. [Adj-N]:barn owl (16); snowy owl (11); brown owl (7); tiny owl (7); screech owl (6); c. [V-N]: send (an) owl (13) | Notes on collocations: a.collocations ordered from the most frequent to the least frequent b. collocations ordered from the most frequent to the least frequent c. Ø |
| Idioms: a. Don't count your owls before they are delivered (poverb): don't expect something before it actually happens because you might be disappointed: 'Well, that means I won't see much of Professor Snape from now on,' he said, 'because he won't let me carry on Potions unless I get "Outstanding" in my O.W.L., which I know I haven't.' 'Don't count your owls before they are delivered,' said Dumbledore gravely. 'Which, now I think of it, ought to be some time later today. Now, two more things, Harry, before we part. 'Firstly, I wish you to keep your Invisibility Cloak with you at all times from this moment onwards. Even within Hogwarts itself. Just in case, you understand me?' (HP 6) | Notes on idioms: a.This idiom is possibly a creative take on the conventionalised idiom 'don't count your chickens before they're hatched', in which 'chickens' was replaced by 'owls' and 'hatched' by 'delivered' as a reference to the most common wizarding means of communication, that is, owl post. |

ENCYCLOPAEDIC INFORMATION

| |
|--|
| Encyclopaedic Information: The modern West generally associates owls with wisdom. This link goes back at least as far as Ancient Greece, where Athens, noted for art and scholarship, and Athena, Athens' patron goddess and the goddess of wisdom, had the owl as a symbol. Marija Gimbutas traces veneration of the owl as a goddess, among other birds, to the culture of Old Europe, long pre-dating Indo-European |
|--|

cultures. (Source: <https://en.wikipedia.org/wiki/Owl#Symbolism_and_mythology>)

Owls are birds of prey. They belong to the families of Strigidae (typical owls) and Tytonidae (Barn Owls), and there are at least 200 species. They normally feed on small mammals, insects, fish, and other birds. They do not make nests, instead sheltering inside trees, ground burrows, caves, and barns, or using other birds' old nests. Owls do not live in flocks, but the term for a group of owls is a parliament. The study of owls is a branch of ornithology. Owls also appear to understand English and are able to communicate with wizards. Normally, most owls are nocturnal, and owls generally keep to themselves, but in the wizarding world they serve many needed functions and have many sorts of personalities. (Source: <<http://harrypotter.wikia.com/wiki/Owl>>)

Record nº 10

Revision Date: 08/06/2016

Ficha 11

| BASIC INFORMATION | | | | | | |
|---|--|------------------------------|--|-------------------------------|-----------------------------|------------------------|
| Headword: phoenix | Gram Info: noun, neutral | Plural: phoenixes (4) | Nº of books: HP 1, 2, 4, 5, 6, 7, FB, QA, TB | Other denominations: Ø | Position: 2.6.1.1.53 | Freq: 117 |
| CONTEXTS OF USE | | | | | | |
| Context 1: 'Every Ollivander wand has a core of a powerful magical substance, Mr Potter. We use unicorn hairs, phoenix tail feathers and the heartstrings of dragons. No two Ollivander wands are the same, just as no two unicorns, dragons or phoenixes are quite the same. And of course, you will never get such good results with another wizard's wand.' | Concept 1: its feathers are used in wand-making as part of a wand's core | | | | | Source: HP 1 |
| Context 2: 'Fawkes is a phoenix, Harry. Phoenixes burst into flame when it is time for them to die and are reborn from the ashes. Watch him ...' Harry looked down in time to see a tiny, wrinkled, new-born bird poke its head out of the ashes. It was quite as ugly as the old one. 'It's a shame you had to see him on a Burning Day,' said Dumbledore, seating himself behind his desk. 'He's really very handsome most of the time: wonderful red and gold plumage. Fascinating creatures, phoenixes. They can carry immensely heavy loads, their tears have healing powers and they make highly faithful pets.' | Concept 2: bird that bursts into flame when it dies and is reborn from the ashes; the day it burns is called Burning Day; it has red and gold plumage, is able to carry heavy loads; its tears have healing powers; it is a loyal pet | | | | | Source: HP 2 |
| Context 3: And then an unearthly and beautiful sound filled the air ... it was coming from every thread of the light-spun web vibrating around Harry and Voldemort. It was a sound Harry recognised, though he had heard it only once before in his life ... phoenix song ... It was the sound of hope to Harry ... the most beautiful and welcome thing he had ever heard in his life ... he felt as though the song was inside him instead of just around him ... it was the sound he connected with Dumbledore, and it was almost as though a friend was speaking in his ear ... | Concept 3: phoenix song as a sign of hope | | | | | Source: HP 4 |

| | | | | | | | | | | | |
|---|------------------------------------|---|------------------|---|--------|---------------------------------------|--|---|---|---------------------------|--|
| <p>Context 4: The phoenix is a magnificent, swan-sized, scarlet bird with a long golden tail, beak, and talons. It nests on mountain peaks and is found in Egypt, India, and China. The phoenix lives to an immense age as it can regenerate, bursting into flames when its body begins to fail and rising again from the ashes as a chick. The phoenix is a gentle creature that has never been known to kill and eats only herbs. Like the Diricawl (see page 9), it can disappear and reappear at will. Phoenix song is magical; it is reputed to increase the courage of the pure of heart and to strike fear into the hearts of the impure. Phoenix tears have powerful healing properties.</p> | | | | | | | | | | | |
| SEMANTIC-CONCEPTUAL ANALYSIS | | | | | | | | | | | |
| Concept | Distinctive Semantic Traces | | | | | | | | | | |
| | A | B | C | D | E | F | G | H | I | J | |
| 1 | | its feathers are used in wand-making as part of a wand's core | | | | | | | | | |
| 2 | | it has red and gold plumage | | | | | | its tears have healing powers | bird that bursts into flame when it dies and is reborn from the ashes; the day it burns is called Burning Day | able to carry heavy loads | |
| 3 | | | | | | | phoenix song as a sign of hope | | | | |
| 4 | swan-sized bird | scarlet feathers | long golden tail | beak | talons | it can disappear and reappear at will | phoenix song can encourage the pure of heart and dishearten the impure | phoenix tears have healing properties | | | |
| Conceptus: swan-sized bird with scarlet feathers and long golden tail, beak and talons | | | | Metaconceptus: bird that bursts into flame when it dies and is reborn from the ashes; the day it burns is called Burning Day; it has red and gold plumage, is able to carry heavy loads; its tears have healing powers; it is a loyal pet; its feathers are used in wand-making as part of a wand's core | | | | Metametaconceptus: symbol of hope, good and eternity | | | |

| | | |
|---|--|---|
| <p>Definition: magical beast that is swan-sized and has scarlet feathers, long golden tail, beak and talons</p> | <p>Dictionarised Term? (X) Yes () No Coincidental Definitions? () Yes () No (X) Partial Source: http://www.oxforddictionaries.com/us/definition/american_english/phoenix</p> | <p>Dictionarised Definition: (In classical mythology) a unique bird that lived for five or six centuries in the Arabian desert, after this time burning itself on a funeral pyre and rising from the ashes with renewed youth to live through another cycle.</p> |
| <p>Notes on definition: bird that bursts into flame when it dies and is reborn from the ashes; the day it burns is called Burning Day; it has red and gold plumage, is able to carry heavy loads; its tears have healing powers; it is a loyal pet; its feathers are used in wand-making as part of a wand's core; symbol of hope, good and eternity</p> | <p>Isotopy? (X) Yes () No Which? Death</p> | <p>See also: Magizoology</p> |

COLLOCATIONAL PATTERNS AND IDIOMATIC EXPRESSIONS

| | |
|--|---|
| <p>Collocations:</p> <p>a. [N-N] phoenix feather(9); phoenix song (8); phoenix tears (3)</p> | <p>Notes on collocations:</p> <p>a. the collocations were ordered from the most frequent to the least frequent</p> |
| <p>Idioms:</p> <p>a. which came first, the phoenix or the flame?: Luna reached out a pale hand, which looked eerie floating in mid-air, unconnected to arm or body. She knocked once, and in the silence it sounded to Harry like a cannon blast. At once the beak of the eagle opened, but instead of a bird's call, a soft, musical voice said, 'Which came first, the phoenix or the flame?' 'Hmm ... what do you think, Harry?' said Luna, looking thoughtful. 'What? Isn't there just a password?' 'Oh, no, you've got to answer a question,' said Luna. 'What if you get it wrong?' 'Well, you have to wait for somebody who gets it right,' said Luna. 'That way you learn, you see?' 'Yeah ... trouble is, we can't really afford to wait for anyone else, Luna.' 'No, I see what you mean,' said Luna seriously. 'Well then, I think the answer is that a circle has no beginning.' 'Well reasoned,' said the voice, and the door swung open.</p> | <p>Notes on idioms:</p> <p>a. this conundrum is possibly a creative take on the conventionalised conundrum 'which came first, the chicken or the egg?'; 'phoenix' and 'chicken' share a semantic field in that they are both 'birds'; 'flame' and 'egg' also share a semantic field in that they are the elements that generate both birds respectively.</p> |

ENCYCLOPAEDIC INFORMATION

| |
|--|
| <p>Encyclopaedic Information:</p> <p>In Greek mythology, a phoenix or phenix (Greek: φοῖνιξ <i>phoinix</i>; Latin: <i>phoenix</i>, <i>phœnix</i>, <i>fenix</i>) is a long-lived bird that is cyclically regenerated or reborn. Associated with the sun, a phoenix obtains new life by arising from the ashes of its predecessor. According to some sources, the phoenix dies in a show of flames and combustion, although there are other sources that claim that the legendary bird dies and simply decomposes before being born again. According to some texts, the phoenix could live over 1,400 years before rebirth. Herodotus, Lucan, Pliny the Elder, Pope Clement I, Lactantius, Ovid, and Isidore of Seville are among those who have contributed to the retelling and transmission of the phoenix motif. In the historical record, the phoenix "could</p> |
|--|

symbolize renewal in general as well as the sun, time, the Empire, metempsychosis, consecration, resurrection, life in the heavenly Paradise, Christ, Mary, virginity, the exceptional man, and certain aspects of Christian life". (Source: <https://en.wikipedia.org/wiki/Phoenix_%28mythology%29>)

The **phoenix** is a large swan-sized scarlet bird with red and gold plumage, along with a golden beak and talons, black eyes, and a tail as long as a peacock's. Its scarlet feathers glow faintly in darkness, while its golden tail feathers are hot to the touch. Phoenixes will usually nest on mountain peaks and are gentle herbivores that are not known for fighting. As phoenixes approach their Burning Day they resemble a half-plucked turkey. Also, their eyes become dull, their feathers start to fall out, and it begins to make gagging noises. Then the bird suddenly bursts into flames only to rise from the ashes shortly after. In a number of days, they grow back to full size. Thanks to this ability, phoenixes live to an immense age. The most startling of the phoenix's abilities is its ability to regenerate itself. It periodically bursts into flames when its body becomes old, and rises from the ashes as a newborn chick. This event is called *Burning Day*, and gives these birds a great life span, as well as the ability to take the full force of a Killing Curse and still be reborn. Phoenixes are immune to the gaze of a basilisk, which would normally kill anyone who has direct eye to eye contact, or petrify through indirect eye contact. (Source: <<http://harrypotter.wikia.com/wiki/Phoenix>>)

Record nº 11

Revision Date: 18/04/2016

Ficha 12

| BASIC INFORMATION | | | | | | |
|--|---|----------------|----------------------|------------------------|-----------------------|------------------------|
| Headword: <i>Sectumsempra</i> | Gram Info: noun, neutral | Sing/Plural: Ø | Nº of books: HP 6, 7 | Other denominations: Ø | Position: 2.8.5.1.1.1 | Freq: 11 |
| CONTEXTS OF USE | | | | | | |
| Context 1: He had just found an incantation (<i>Sectumsempra!</i>) scrawled in a margin above the intriguing words 'For Enemies', and was itching to try it out, but thought it best not to in front of Hermione. Instead, he surreptitiously folded down the corner of the page. | Concept 1: incantation used for enemies | | | | | Source: HP 6 |
| Context 2: Still slashing at the air with his wand, Harry yelled, 'Sectumsempra! SECTUMSEMPRA!' But though gashes appeared in their sodden rags and their icy skin, they had no blood to spill: they walked on, unfeeling, their shrunken hands outstretched towards him, and as he backed away still further he felt arms enclose him from behind, thin, fleshless arms cold as death, and his feet left the ground as they lifted him and began to carry him, slowly and surely, back to the water, and he knew there would be no release, that he would be drowned, and become one more dead guardian of a fragment of Voldemort's shattered soul... | Concept 2: performed with slashing wand movements; results in gashes on the skin of the attacked | | | | | Source: HP 6 |
| Context 3: 'Well, of course I'm glad Harry wasn't cursed!' said Hermione, clearly stung, 'but you can't call that <i>Sectumsempra</i> spell good, Ginny, look where it's landed him! And I'd have thought, seeing what this has done to your chances in the match –' | Concept 3: it is considered to be an evil spell | | | | | Source: HP 6 |

| | | | | | | | | | | | |
|--|------------------------------------|--|--|--------------------------------------|---|---|---|--|---|---|--|
| <p>Context 4: 'SECTUMSEMPRA!' bellowed Harry from the floor, waving his wand wildly. Blood spurted from Malfoy's face and chest as though he had been slashed with an invisible sword. He staggered backwards and collapsed on to the waterlogged floor with a great splash, his wand falling from his limp right hand.</p> | | | | | | | | | | <p>Concept 4: its effect on the attacked is likened to being slashed with an invisible sword causing physical wounds</p> | |
| SEMANTIC-CONCEPTUAL ANALYSIS | | | | | | | | | | | |
| Concept | Distinctive semantic traces | | | | | | | | | | |
| | A | B | C | D | E | F | G | H | I | J | |
| 1 | incantation used for enemies | | | | | | | | | | |
| 2 | | performed with slashing wand movements | results in gashes on the skin of the attacked | | | | | | | | |
| 3 | | | | it is considered to be an evil spell | | | | | | | |
| 4 | | | its effect on the attacked is likened to being slashed with an invisible sword causing physical wounds | | | | | | | | |
| Conceptus: used to physically wound enemies | | | Metaconceptus: incantation performed with slashing wand movements; results in gashes on the skin of the attacked; its effect on the attacked is likened to being slashed with an invisible sword; | | | | | Metametaconceptus: considered to be an evil spell | | | |
| Definition: incantation used to physically wound enemies | | | <p>Dictionarised term? () Yes (X) No Coincidental definitions? () Yes (X) No () Partial Source: Ø</p> | | | | | Dictionarised definition: Ø | | | |

| | | | | |
|--|---|----------------------------------|--|--|
| <p>Notes on definition: it is performed with slashing wand movements; it results in gashes on the skin of the attacked; its effect on the attacked is likened to being slashed with an invisible sword; considered to be an evil spell</p> | <p>Isotopy? () Yes (X) No Which?</p> | <p>See also:Dark Arts</p> | | |
| COLLOCATIONAL PATTERNS AND IDIOMATIC EXPRESSIONS | | | | |
| <p>Collocations: Ø</p> | <p>Notes on collocations: Ø</p> | | | |
| <p>Idioms: Ø</p> | <p>Notes on idioms: Ø</p> | | | |
| ENCYCLOPAEDIC INFORMATION | | | | |
| <p>Encyclopaedic Information:</p> | | | | |
| <p>Description: Violently wounds the target; described as being as though the subject had been "slashed by a sword". Created by Severus Snape.Seen/mentioned: First seen in <i>Order of the Phoenix</i> when Snape uses it in his memory against James, but misses and only lightly cuts his cheek. Used successfully by Harry in <i>Half-Blood Prince</i> against Draco, and then later against the Inferi in Voldemort's Hrcrux chamber, and Snape during his flight from Hogwarts. In the opening chapters of <i>Deathly Hallows</i>, Snape accidentally casts this curse against George Weasley in the Order's flight from Privet Drive, though George was not his intended target. It is known as a speciality of Snape's. Notes: Though Snape was able to mend the wounds inflicted on Draco by this curse with ease, with "an incantation that sounded almost like song", Mrs Weasley was unable to heal her son George when his ear was severed by the curse. It was discovered in an old copy of <i>Advanced Potion Making</i> by Harry; <i>Sectumsempra</i> was invented by Snape with the words "For enemies" written next to it.(Source: <https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_spells_in_Harry_Potter#Sectumsempra>)</p> | | | | |
| <p>Sectumsempra is a curse invented by Professor Severus Snape, during his childhood, when he was known as "The Half-Blood Prince".He created it with the intention of using it against his enemies, and it soon became one of his specialties. The curse was invented by Severus Snape during his time as a student at Hogwarts, in retaliation against his enemies (the Marauders).He recorded it in his N.E.W.T.-level Potions textbook and used it enough to make Remus Lupin recognise it as one of his signature spells. He used it against James Potter during their fifth year at Hogwarts after the Marauders publicly humiliated him. The effects of the curse he casted at James wasn't as extreme as it could have been as he did not have a clear shot. [...] A rather dangerous curse, when the incantation is uttered its effect is the equivalent of an invisible sword; it is used to slash the victim from a distance, causing rather deep wounds. The slash follows the user's wand movements.Due to the depths of the cut, the victims run the risk of dying from blood loss if treatment is not applied in time, if the wounds are not instantly fatal.(Source: <http://harrypotter.wikia.com/wiki/Sectumsempra>)</p> | | | | |

Ficha 13

| Basic Information | | | | | | |
|-------------------------------|---------------------------------|--------------------------------|---------------------------------|-------------------------------|---------------------------------|--------------------|
| Headword: Thestrals | Gram Info: noun, neutral | Singular: Thestral (25) | Nº of books: HP 5, 7, FB | Other denominations: Ø | Position: 2.6.1.1.74.1.4 | Freq: 32 |

| | | |
|--|--|--------------------------------|
| <p>Context 1: Winged horses exist worldwide. There are many different breeds, including the Abraxan (immensely powerful giant palominos), the Aethonan (chestnut, popular in Britain and Ireland), the Granian (grey and particularly fast) and the rare Thestral (black, possessed of the power of invisibility, and considered unlucky by many wizards). As with the Hippogriff, the owner of a winged horse is required to perform a Disillusionment Charm upon it at regular intervals (see Introduction).</p> | <p>Concept 1: breed of winged horse; black, possessed with the power of invisibility; considered unlucky by many wizards</p> | <p>Source: FB</p> |
| <p>Context 2: ‘Excuse me,’ said Malfoy in a sneering voice, ‘but what exactly are we supposed to be seeing?’ For an answer, Hagrid pointed at the cow carcass on the ground. The whole class stared at it for a few seconds, then several people gasped and Parvati squealed. Harry understood why: bits of flesh stripping themselves away from the bones and vanishing into thin air had to look very odd indeed. ‘What’s doing it?’ Parvati demanded in a terrified voice, retreating behind the nearest tree. ‘What’s eating it?’ ‘Thestrals,’ said Hagrid proudly and Hermione gave a soft ‘Oh!’ of comprehension at Harry’s shoulder. ‘Hogwarts has got a whole herd of ‘em in here. Now, who knows –?’ ‘But they’re really, really unlucky!’ interrupted Parvati, looking alarmed. ‘They’re supposed to bring all sorts of horrible misfortune on people who see them. Professor Trelawney told me once –’ ‘No, no, no,’ said Hagrid, chuckling, ‘tha’s jus’ superstition, that is, they aren’ unlucky, they’re dead clever an’ useful! Course, this lot don’ get a lot o’ work, it’s mainly jus’ pullin’ the school carriages unless Dumbledore’s takin’ a long journey an’ don’ want ter Apparate – an’ here’s another couple, look –’</p> | <p>Concept 2: some think it to be unlucky; brings all sort of horrible misfortune on people who see it; some think it’s only superstition; rather than unlucky they are very useful</p> | <p>Source: HP 5</p> |
| <p>Context 3: ‘I think I felt something, I think it’s near me!’ ‘Don’ worry, it won’ hurt yeh,’ said Hagrid patiently. ‘Righ’, now, who can tell me why some o’ yeh can see ‘em an’ some can’t?’ Hermione raised her hand. ‘Go on then,’ said Hagrid, beaming at her. ‘The only people who can see Thestrals,’ she said, ‘are people who have seen death.’ ‘Tha’s exactly right,’ said Hagrid solemnly, ‘ten points ter Gryffindor. Now, Thestrals –’</p> | <p>Concept 3: it can only be seen by people who have seen death</p> | <p>Source: HP 5</p> |
| <p>Context 4: ‘Er – Thestrals! he said loudly. ‘Big – er – winged horses, yeh know?’</p> | <p>Concept 4: big, winged horse</p> | <p>Source: HP 5</p> |
| <p>Context 5: ‘Are you aware,’ Umbridge said loudly, interrupting him, ‘that the Ministry of Magic has classified Thestrals as “dangerous”?’ Harry’s heart sank like a stone, but Hagrid merely chuckled. ‘Thestrals aren’ dangerous! All righ’, they might take a bite outta yeh if yeh really annoy them –’ ‘Shows ... signs ... of ... pleasure ... at ... idea ... of ... violence,’ muttered Umbridge, scribbling on her clipboard again. ‘No – come on!’ said Hagrid, looking a little anxious now. ‘I mean, a dog’ll</p> | <p>Concept 5: the Ministry of Magic considers it to be dangerous; not actually dangerous; it has a bad reputation owing to its association with death and bad omens</p> | <p>Source: HP 5</p> |

| | | |
|---|---|--------------------------------|
| <p>bite if yeh bait it, won' it – but Thestrals have jus' got a bad reputation because o' the death thing – people used ter think they were bad omens, didn' they? Jus' didn' understand, did they?' Umbridge did not answer; she finished writing her last note, then looked up at Hagrid and said, again very loudly and slowly, 'Please continue teaching as usual. I am going to walk,' she mimed walking (Malfoy and Pansy Parkinson were having silent fits of laughter) 'among the students' (she pointed around at individual members of the class) 'and ask them questions.' She pointed at her mouth to indicate talking. Hagrid stared at her, clearly at a complete loss to understand why she was acting as though he did not understand normal English. Hermione had tears of fury in her eyes now.</p> | | |
| <p>Context 6: 'Er ... yeah ... good stuff abou' Thestrals. Well, once they're tamed, like this lot, yeh'll never be lost again. 'Mazin' sense o' direction, jus' tell 'em where yeh want ter go –'</p> | <p>Concept 6: it has a good sense of direction; when tamed it can take people anywhere by telling it where to go</p> | <p>Source: HP 5</p> |
| <p>Context 7: 'Umbridge said they're dangerous,' said Ron. 'Well, it's like Hagrid said, they can look after themselves,' said Hermione impatiently, 'and I suppose a teacher like Grubbly-Plank wouldn't usually show them to us before NEWT level, but, well, they are very interesting, aren't they? The way some people can see them and some can't! I wish I could.' 'Do you?' Harry asked her quietly. She looked suddenly horrorstruck. 'Oh, Harry – I'm sorry – no, of course I don't – that was a really stupid thing to say.' 'It's OK,' he said quickly, 'don't worry.'</p> | <p>Concept 7: some people can see it while others cannot</p> | <p>Source: HP 5</p> |
| <p>Context 8: 'Hmm,' said Professor Grubbly-Plank, her pipe wagging slightly as she talked. 'Looks like something's attacked her. Can't think what would have done it, though. Thestrals will sometimes go for birds, of course, but Hagrid's got the Hogwarts Thestrals well-trained not to touch owls.'</p> | <p>Concept 8: it sometimes eats birds, although it can be trained not to</p> | <p>Source: HP 5</p> |
| <p>Context 9: Harry whirled round. Standing between two trees, their white eyes gleaming eerily, were two Thestrals, watching the whispered conversation as though they understood every word.</p> | <p>Concept 9: it has white eyes</p> | <p>Source: HP 5</p> |
| <p>Context 10: 'You can see the Thestrals, Longbottom, can you?' she said. Neville nodded. 'Who did you see die?' she asked, her tone indifferent. 'My ... my grandad,' said Neville.</p> | <p>Concept 10: it can be seen by people who have seen somebody die</p> | <p>Source: HP 5</p> |
| <p>Context 11: For a moment Harry's Thestral did nothing at all; then, with a sweeping movement that nearly unseated him, the wings on either side extended; the horse crouched slowly, then rocketed upwards so fast and so steeply that Harry had to</p> | <p>Concept 11: it has silky mane</p> | <p>Source: HP 5</p> |

| | | |
|---|--|------------------------|
| clench his arms and legs tightly around the horse to avoid sliding backwards over its bony rump. He closed his eyes and pressed his face down into the horse's silky mane as they burst through the topmost branches of the trees and soared out into a blood-red sunset. | | |
| Context 12: As he crossed the dark yard, the great, skeletal Thestral looked up, rustled its enormous bat-like wings, then resumed its grazing. | Concept 12: it has skeletal appearance and bat-like wings | Source: HP 7 |
| Context 13: 'Because, in case you hadn't noticed, you and Hermione are both covered in blood,' she said coolly, 'and we know Hagrid lures Thestrals with raw meat. That's probably why these two turned up in the first place.' | Concept 13: it is carnivorous | Source: HP 5 |
| Context 14: Harry turned: no fewer than six or seven Thestrals were picking their way through the trees, their great leathery wings folded tight to their bodies, their eyes gleaming through the darkness. He had no excuse now. | Concept 14: leathery skin | Source: HP 5 |

SEMANTIC-CONCEPTUAL ANALYSIS

| Concept | Distinctive semantic traces | | | | | | | | | |
|---------|-----------------------------|-------|--|--|---|---|---|---|-------------------------|---|
| | A | B | C | D | E | F | G | H | I | J |
| 1 | breed of winged horse | black | possessed with the power of invisibility | considered unlucky by many wizards | | | | | | |
| 2 | | | | some think it to be unlucky; brings all sort of horrible misfortune on people who see it | some think it's only superstition; rather than unlucky they are very useful | | | | | |
| 3 | | | | | | it can only be seen by people who have seen death | | | | |
| 4 | big, winged horse | | | | | | | | | |
| 5 | | | | it has a bad reputation owing to its association with death and | | | | the Ministry of Magic considers it to be dangerous; | not actually dangerous; | |

| | | | | | | | | | | |
|---|--|---|--|---|--|---|-------------------------|---|--|--|
| | | | | bad omens | | | | | | |
| 6 | | | | | | | | it has a good sense of direction; when tamed it can take people anywhere by telling it where to go | | |
| 7 | | | | | | some people can see it while others cannot | | | | |
| 8 | | | | | | | sometimes it eats birds | it can be trained not to eat birds | | |
| 9 | | it has white eyes | | | | | | | | |
| 10 | | | | | | it can be seen by people who have seen somebody die | | | | |
| 11 | | it has silky mane | | | | | | | | |
| 12 | | it has skeletal appearance and bat-like wings | | | | | | | | |
| 13 | | | | | | | it is carnivorous | | | |
| 14 | | leathery skin | | | | | | | | |
| Conceptus: they have white eyes, black leathery skin, bat-like wings, silky mane and skeletal body; they are carnivorous | | | | Metaconceptus: winged horses that have the power of invisibility; they are seen only by those who have seen somebody die | | | | Metametaconceptus: some wizards believe they bring misfortune; some consider them to be unlucky and dangerous while others believe they are not so | | |

| | | |
|--|---|--|
| <p>Definition: winged horses that have white eyes, black leathery skin, bat-like wings, silky mane and skeletal body</p> | <p>Dictionarised term? () Yes (X) No Coincidental definitions? () Yes (X) No () Partial Source: Ø</p> | <p>Dictionarised Definition: Ø</p> |
| <p>Notes on definition: Thestrals are carnivorous and have the power of invisibility; they are seen only by those who have seen somebody die; some wizards believe they bring misfortune; some consider them to be unlucky and dangerous while others believe they are not so</p> | <p>Isotopy? (X) Yes () No Which? Death</p> | <p>See also: Care of Magical Creatures; Disillusionment Charm; Magizoology; Winged horses</p> |
| COLLOCATIONAL PATTERNS AND IDIOMATIC EXPRESSIONS | | |
| <p>Collocations: Ø</p> | <p>Notes on collocations: Ø</p> | |
| <p>Idioms: Ø</p> | <p>Notes on idioms: Ø</p> | |
| ENCYCLOPAEDIC INFORMATION | | |
| <p>Encyclopaedic Information:</p> <p>Thestrals are an elusive, carnivorous species of winged horse, visible only to those who have witnessed and embraced a death, and described as having "blank, white, shining eyes," a "dragonish face," "long, black manes," "great leathery wings," and the "skeletal body of a great, black, winged horse"; also described by Hagrid as "dead clever an' useful". They have acquired an undeserved reputation as omens of evil. The High Inquisitor from the ministry of magic, Dolores Umbridge, asserted that Thestrals are considered "dangerous creatures" by the Ministry of Magic, although this might enforce her prejudice against 'half-breeds', as Hagrid is half-giant and is showing thestrals in class. Thestrals have fangs and possess a well-developed sense of smell, which will lead them to carrion and fresh blood. According to Hagrid, they will not attack a human-sized target without provocation. Their wings are capable of very fast flight for several hours at a time, though they usually spend their time on the ground; and they have an excellent sense of direction. The breed is domesticable, given a willing trainer (Hagrid suspects that he has the only domesticated herd in Britain), after which they may pull loads, and make a serviceable if uncomfortable mode of transportation (Harry rides to the Ministry of Magic by thestral in the fifth book). [...] <i>Thestral incognitus</i>, a species of insect, is named after Rowling's Thestrals. (Source: <https://en.wikipedia.org/wiki/Magical_creatures_in_Harry_Potter#Thestrals>)</p> | | |
| <p>A Thestral is a breed of winged horses with a skeletal body, face with reptilian features, and wide, leathery wings that resemble a bat's. They are very rare, and are considered dangerous by the Ministry of Magic. Thestrals are, undeservedly, known as omens of misfortune and aggression by many wizards because they are visible only to those who have witnessed death at least once (and fully accepted the concept) or due to their somewhat grim, gaunt and ghostly appearance. Due to Thestrals' classification as XXXX, only experienced wizards (or Hagrid) should try to handle Thestrals. Breeding as well as owning these beasts may be discouraged or even illegal without Ministry consent; in fact, wizards that live in areas not protected against Muggles are forced by law to perform Disillusionment Charms on their Thestrals regularly. (Source: <http://harrypotter.wikia.com/wiki/Thestral>)</p> | | |
| Record nº 13 | | |
| Revision Date: 31/05/2016 | | |

Ficha 14

| BASIC INFORMATION | | | | | | |
|---|---|---------------------|---|-------------------------------------|-------------------|------------|
| Headword: wand | Gram Info : noun, neutral | Plural:wands (214) | Nº of books: HP 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, FB, QA, TB | Other denominations: magic wand (3) | Position: 2.7.2.1 | Freq: 1693 |
| CONTEXTS OF USE | | | | | | |
| Context 1: 'Every Ollivander wand has a core of a powerful magical substance, Mr Potter. We use unicorn hairs, phoenix tail feathers and the heartstrings of dragons. No two Ollivander wands are the same, just as no two unicorns, dragons or phoenixes are quite the same. And of course, you will never get such good results with another wizard's wand.' | Concept 1: has a core of a magical substance such as unicorn hair, phoenix feather, dragon heartstring; used by wizards; | Source: HP1 | | | | |
| Context 2: 'Your father, on the other hand, favoured a mahogany wand. Eleven inches. Pliable. A little more power and excellent for transfiguration. Well, I say your father favoured it – it's really the wand that chooses the wizard, of course.' | Concept 2: made of wood of variable measures and flexibility; power-related; the wand chooses the wizard | Source: HP1 | | | | |
| Context 3: Voldemort moved slowly forward, and turned to face Harry. He raised his wand. 'Crucio!' It was pain beyond anything Harry had ever experienced; his very bones were on fire; his head was surely splitting along his scar; his eyes were rolling madly in his head; he wanted it to end ... to black out ... to die ... | Concept 3: used to perform magic, cast spells; can cause pain, suffering | Source: HP4 | | | | |
| Context 4: So the oldest brother, who was a combative man, asked for a wand more powerful than any in existence: a wand that must always win duels for its owner, a wand worthy of a wizard who had conquered Death! So Death crossed to an elder tree on the banks of the river, fashioned a wand from a branch that hung there, and gave it to the oldest brother. | Concept 4: used in duels as a weapon; symbol of the power of wizards; made of wood | Source: HP10 | | | | |
| Context 5: Moody raised his wand, and Harry felt a sudden thrill of foreboding. 'Avada Kedavra!' Moody roared. There was a flash of blinding green light and a rushing sound, as though a vast, invisible something was soaring through the air – instantaneously the spider rolled over onto its back, unmarked, but unmistakably dead. | Concept 5: can cause death by way of casting a curse | Source: HP4 | | | | |
| Context 6: Malfoy stared at Dumbledore. 'But I got this far, didn't I?' he said slowly. 'They thought I'd die in the attempt, but I'm here ... and you're in my power ... I'm the one with the wand ... you're at my mercy ...' | Concept 6: power-related instrument | Source: HP6 | | | | |
| SEMANTIC-CONCEPTUAL ANALYSIS | | | | | | |
| Concept | Distinctive semantic traces | | | | | |

| | A | B | C | D | E | F | G | H | I | J |
|---|---|-----------------|---|------------------------------------|---------------------------|--------------------------------|---|---|---|---|
| 1 | has a core of a magical substance such as unicorn hair, phoenix feather, dragon heartstring | used by wizards | | | | | | | | |
| 2 | made of wood of variable measures and flexibility | | chooses the wizard | | | | | | | |
| 3 | | | | used to perform magic, cast spells | can cause pain, suffering | | | | | |
| 4 | made of wood | | | used in duels | | symbol of the power of wizards | | | | |
| 5 | | | | | can cause death | | | | | |
| 6 | | | | | | power-related instrument | | | | |
| Conceptus: made of wood of variable measures and flexibility | | | Metaconceptus: magical object used by wizards to perform magic, cast spells, and in duels can cause pain, suffering and death; it has a core of a magical substance such as unicorn hair, phoenix feather, dragon heartstring | | | | Metametaconceptus: symbol of power | | | |
| Definition: magical object made of wood of variable measures and flexibility with a core of a magical substance used by wizards and witches to cast spells | | | Dictionarised Term? (X) Yes () No Coincidental Definitions? () Yes () No (X) Partially Source: http://www.oxforddictionaries.com/us/definition/american_english/wand | | | | Dictionarised definition: A stick or rod thought to have magic properties, held by a magician, fairy, or conjuror and used in casting spells or performing tricks. | | | |

| | | |
|--|--|--|
| <p>Notes on definition: used by wizards to perform magic, cast spells, and in duels can cause pain, suffering and death; often regarded as a symbol of power; it has a core of a magical substance such as unicorn hair, phoenix feather, dragon heartstring</p> | <p>Isotopy? (X) Yes () No Which? Death</p> | <p>See also: Charms; Elder Wand; wizard</p> |
| COLLOCATIONAL PATTERNS AND IDIOMATIC EXPRESSIONS | | |
| <p>Collocations:</p> <p>a. [V-N]: raise/ point/ wave/ draw/ flick/ lower/ hold/ pull/ clutch sb's wand b. [N-N]: wand hand</p> | <p>Notes on collocations:</p> | <p>a. the V-N collocations are ordered from the most frequent to the least frequent b. 'wand hand' (9) refers to the hand with which a wizard or witch uses their wand</p> |
| <p>Idioms:</p> <p>a. yank sb's wand: to play a joke on sb by making them believe sth untrue; to tease sb: 'Arthur and Fred –' 'I'm George,' said the twin at whom Moody was pointing. 'Can't you even tell us apart when we're Harry?' 'Sorry, George –' 'I'm only yanking your wand, I'm Fred really –' 'Enough messing around!' snarled Moody. 'The other one – George or Fred or whoever you are – you're with Remus. (HP 7)</p> <p>b. wand of elder, never prosper (saying): used to mean that wands made out of elder shall bring bad luck to its owner: 'Come to think of it,' Ron added, 'maybe that story's why elder wands are supposed to be unlucky.' 'What are you talking about?' 'One of those superstitions, isn't it? "May-born witches will marry Muggles." "Jinx by twilight, undone by midnight." "Wand of elder, never prosper." You must've heard them. My mum's full of them.' 'Harry and I were raised by Muggles,' Hermione reminded him, 'we were taught different superstitions.' (HP 7)</p> <p>c. where there's a wand, there's a way(saying): used to mean that in a difficult situation if one has a wand at one's disposal one is likely to succeed: Harry opened his eyes. He was still in the library; the Invisibility Cloak had slipped off his head as he'd slept, and the side of his face was stuck to the pages of Where There's a Wand, There's a Way. He sat up, straightening his glasses, blinking in the bright daylight. (HP 4)</p> | <p>Notes on idioms:</p> | <p>a. this idiom is possibly a creative take on the conventionalised idioms 'yank sb's chain' or 'pull sb's leg' in that the lexical unit 'leg' was replaced by 'wand' and 'pull' replaced by 'yank' so that it could fit in the image of literally taking a wand from sb's hand as a joke.</p> <p>b. this idiom is a wizarding superstition commonly used in family circles.</p> <p>c. this idiom is possibly a creative take on the conventionalised idiom 'where there's a will, there's a way' in that the lexical unit 'will' was replaced by 'wand' as a reference to the power of wands in helping wizards succeed in their endeavours.</p> |
| ENCYCLOPAEDIC INFORMATION | | |
| <p>Encyclopaedic information:</p> <p>A wand (sometimes magic wand) is a thin, hand-held stick or rod made of wood, stone, ivory, or metals like gold or silver. Generally, in modern language, wands are ceremonial and/or have associations with magic but there have been other uses, all stemming from the original meaning as a synonym of rod and virge, both of which had a similar development. A stick giving length</p> | | |

and leverage is perhaps the earliest and simplest of tools. Long versions of the magic wand are usually styled in forms of staves or scepters, often with designs or an orb of a gemstone forged on the top. (Source: <<https://en.wikipedia.org/wiki/Wand>>)

A **wand** is a quasi-sentient magical instrument through which a witch or wizard channels her or his magical powers to centralise the effects for more complex results. Most spells are done with the aid of wands, but spells can be cast without the use of wands. Wandless magic is, however, very difficult and requires much concentration and incredible skill; only truly advanced wizards are known to perform such magic. (Source: <<http://harrypotter.wikia.com/wiki/Wand>>)

“The right to carry a wand at all times was established by the International Confederation of Wizards in 1692, when Muggle persecution was at its height and the wizards were planning their retreat into hiding.” (QA)

Record nº 14

Revision Date: 02/06/2016

Ficha 15

| BASIC INFORMATION | | | | | | |
|--|---|------------------------------|--|--|--------------------------|---------------------|
| Headword: wizard | Gram Info: noun, male | Plural: wizards (479) | Nº of books: HP 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, FB, QA, TB | Other denominations: wand-carriers (3); warlock (53), warlocks (20) | Position: 1.1.1.1 | Freq: 598 |
| CONTEXTS OF USE | | | | | | |
| Context 1: 4 As intensive studies in the Department of Mysteries demonstrated as far back as 1672, wizards and witches are born, not created. While the “rogue” ability to perform magic sometimes appears in those of apparent non-magical descent (though several later studies have suggested that there will have been a witch or wizard somewhere on the family tree), Muggles cannot perform magic. The best - or worst - they could hope for are random and uncontrollable effects generated by a genuine magical wand, which, as an instrument through which magic is supposed to be channelled, sometimes holds residual power that it may discharge at odd moments see also the notes on wandlore for “The Tale of the Three Brothers”. | Concept 1: wizards and witches are born, not created | | | | | |
| Context 2: Upon the signature of the International Statute of Secrecy in 1689, wizards went into hiding for good. It was natural, perhaps, that they formed their own small communities within a community. Many small villages and hamlets attracted several magical families, who banded together for mutual support and protection. | Concept 2: wizards are hidden in small communities | | | | | |
| Context 3: He was about to go back upstairs when Uncle Vernon actually spoke. ‘Funny way to get to a wizards’ school, the train. Magic carpets all got punctures, have they?’ Harry didn’t say anything. ‘Where is this school, anyway?’ ‘I don’t | Concept 3: wizards attend a school of magic | | | | | |

| | | |
|---|---|--------------------------------|
| <p>know,’ said Harry, realising this for the first time. He pulled the ticket Hagrid had given him out of his pocket. ‘I just take the train from platform nine and three-quarters at eleven o’clock,’ he read.</p> | | |
| <p>Context 4: ‘If there was a wizard of whom I would believe that they did not seek personal gain,’ said Griphook finally, ‘it would be you, Harry Potter. Goblins and elves are not used to the protection, or the respect, that you have shown this night. Not from wand-carriers.’</p> | <p>Concept 4: there is a social distinction between goblins, house-elves and wizards; wizards are also called wand-carriers</p> | <p>Source: HP 7</p> |
| <p>Context 5: Peruvian warlocks are believed to have had their first exposure to Quidditch from European wizards sent by the International Confederation to monitor the numbers of Vipertoths (Peru’s native dragon). Quidditch has become a veritable obsession of the wizard community there since that time, and their most famous team, the Tarapoto Tree-Skimmers, recently toured Europe to great acclaim.</p> | <p>Concept 5: wizards are also known as warlocks; wizards like playing Quidditch</p> | <p>Source: QA</p> |
| <p>Context 6: Halfway down the hall was a fountain. A group of golden statues, larger than life-size, stood in the middle of a circular pool. Tallest of them all was a noble-looking wizard with his wand pointing straight up in the air. Grouped around him were a beautiful witch, a centaur, a goblin and a house-elf. The last three were all looking adoringly up at the witch and wizard.</p> | <p>Concept 6: wizards and witches are part of a dominant social class in the wizarding world; other classes are represented by centaurs, goblins and house-elves</p> | <p>Source: HP 5</p> |
| <p>Context 7: ‘The Death Eaters can’t all be pure-blood, there aren’t enough pure-blood wizards left,’ said Hermione stubbornly. ‘I expect most of them are half-bloods pretending to be pure. It’s only Muggle-borns they hate, they’d be quite happy to let you and Ron join up.’</p> | <p>Concept 7: pure-blood wizards are rare; there are half-blood wizards and Muggle-borns</p> | <p>Source: HP 6</p> |
| <p>Context 8: ‘Yes, thirteen and a half inches. Yew. Curious indeed how these things happen. The wand chooses the wizard, remember ... I think we must expect great things from you, Mr Potter ... After all, He Who Must Not Be Named did great things – terrible, yes, but great.’</p> | <p>Concept 8: a wizard uses a wand</p> | <p>Source: HP 1</p> |
| <p>Context 9: The wizard lit his wand and opened the door, and there, to his amazement, he saw his father’s old cooking pot: it had sprouted a single foot of brass, and was hopping on the spot, in the middle of the floor, making a fearful noise upon the flagstones.</p> | <p>Concept 9: performs magic by means of a wand</p> | <p>Source: TB</p> |
| <p>Context 10: ‘But for heaven’s sake – you’re wizards! You can do magic! Surely you can sort out – well – anything!’</p> | <p>Concept 10: wizards can do magic</p> | <p>Source: HP 6</p> |

| Concept | Distinctive semantic traces | | | | | | | | | |
|---------|---|---|----------------------------------|--|---------------------------|------------------------|---|-------------------------------|-----------------------------|---|
| | A | B | C | D | E | F | G | H | I | J |
| 1 | wizards and witches are born, not created | | | | | | | | | |
| 2 | | wizards are hidden in small communities | | | | | | | | |
| 3 | | | wizards attend a school of magic | | | | | | | |
| 4 | | | | there is a social distinction between goblins, house-elves and wizards | also called wand-carriers | | | | | |
| 5 | | | | | also known as warlocks | like playing Quidditch | | | | |
| 6 | | | | part of a dominant social class in the wizarding world; other classes are represented by centaurs, goblins and house-elves | | | | | | |
| 7 | | | | | | | there are half-blood wizards and Muggle-borns | | pure-blood wizards are rare | |
| 8 | | | | | | | | uses a wand | | |
| 9 | | | | | | | | does magic by means of a wand | | |

Encyclopaedic Information:

In medieval chivalric romance, the wizard often appears as a wise old man and acts as a mentor, with Merlin from the King Arthur stories representing a prime example. Other magicians, such as Saruman, from *Lord of the Rings* series, can appear as villains who are hostile to the heroes. Both of these roles have been used in fantasy. Wizards such as Gandalf in *The Lord of the Rings* and Albus Dumbledore from the *Harry Potter* books are featured as mentors, and Merlin remains prominent as both an educative force and mentor in modern works of Arthuriana. Evil sorcerers, acting as villains, were so crucial to pulp fantasy that the genre in which they appeared was dubbed "sword and sorcery". Ursula K. Le Guin's *A Wizard of Earthsea* explored the question of how wizards learned their art, introducing to modern fantasy the role of the wizard as protagonist. This theme has been further developed in modern fantasy, often leading to wizards as heroes on their own quests. A work with a wizard hero may give him a wizard mentor as well, as in *Earthsea*. Wizards can act the part of the absent-minded professor, being foolish, prone to misconjuring, and generally less than dangerous. Molly Weasley from the *Harry Potter* series is a prime example. They can also be terrible forces, capable of great magic, both good or evil. Even comical wizards are often capable of great feats, such as those of Miracle Max in *The Princess Bride*; although a washed-up wizard fired by the villain, he saves the dying hero. [...]. People who work magic are called by several names in fantasy works, and the terminology differs widely from one fantasy world to another. While derived from real world vocabulary, the terms "wizard," "witch," "warlock," "enchanter," "enchantress," "sorcerer," "sorceress," "druid," "druidess," "magician," "mage," and "magus" have different meanings depending upon context and the story in question. The term *archmage*, with "arch" (from the Greek *arché*, "first") indicating "preeminent," is used in fantasy works as a title for a powerful magician or a leader of magicians. (Source: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Magician_\(fantasy\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Magician_(fantasy))>).

Wizardkind are humans that are born with the ability to perform magic. An individual male human with magical ability is known as a **wizard** (plural: **wizards**), and an individual female human with magical ability is known as a **witch** (plural: **witches**), though "wizard" is sometimes used as a gender-neutral singular noun like "man". In childhood, wizards and witches may exhibit random bursts of magic, called accidental magic, which are honed and controlled as they progress in maturity. To perform controlled magic, almost all wizards/witches need to use a wand, although the skill of wandless Magic may be mastered in later life. A few highly advanced wizards can do controlled magical acts without a wand, such as Albus Dumbledore, who demonstrated the ability at the close of Harry Potter's first year at Hogwarts School of Witchcraft and Wizardry, and Lord Voldemort, who once demonstrated this ability during the Battle of the Seven Potters in 1997. (Source: <<http://harrypotter.wikia.com/wiki/Wizardkind>>).

Record nº 15

Revision Date: 10/06/2016

ANEXOS

ANEXO A – Capa das edições das obras que compõem o *corpus* de estudo

